

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti  
Mestrado em Intervenção Comunitária

## **Clube Ubuntu enquanto mecanismo de participação comunitária de jovens – Estudo de caso**

Relatório de trabalho de projeto apresentado à Escola Superior de Educação  
de Paula Frassinetti para obtenção de grau de Mestre em Intervenção Comunitária

Orientador: Doutor Luís Miguel Prata Alves Gomes

Coorientador: Dr. José Luís Gonçalves

Discente: Cármen Dulce Pinhal Carvalho | N°2015131

Porto, julho 2022

## Agradecimentos

*“Se queres ir depressa, vai sozinho.  
Se queres ir longe, vai acompanhado.”*

Provérbio Africano

Na finitude desta etapa de forte enriquecimento pessoal e profissional, reconheço que foram muitos os que tornaram possível a concretização do presente trabalho de projeto. Contudo, existem agradecimentos particulares que carecem de ser realizados, pelo constante apoio, disponibilidade e confiança.

Ao Professor Miguel Prata, agradeço a confiança depositada em mim, toda a motivação, alento e orientação. Obrigada por realizar este caminho conjunto.

Ao Professor José Luís Gonçalves, agradeço a disponibilidade, o cuidado e a atenção.

A todos os docentes do presente mestrado, agradeço o caminho de aprendizagens e desafios propostos, que contribuíram para o meu crescimento.

Às colegas de Mestrado, agradeço o companheirismo e os debates sempre tão ricos.

Uma palavra de apreço para com a direção do Agrupamento de Escolas Júlio Dinis que rapidamente abriu as portas da Escola sede, tornando possível toda a investigação.

Um agradecimento muito especial aos elementos do Clube Ubuntu da Escola Básica Júlio Dinis, jovens e educadoras, por toda a disponibilidade, pelo apoio prestado e pela forma agradável com que sempre fui recebida.

Aos meus pais, por serem porto de abrigo, confiança e esperança. Agradeço-vos todas as oportunidades para crescer e o exemplo de resiliência e dedicação que sempre me transmitem. Este trabalho foi realizado à luz dos valores que sempre me transmitiram.

À minha família e amigos, por todo o alento e apoio.

Ao Humberto, pela paciência, compreensão e carinho.

## Resumo

O presente trabalho de projeto, intitulado “Clube Ubuntu enquanto mecanismo de participação comunitária de jovens – Estudo de Caso”, procura, inspirado pela questão “Em que medida o Clube Ubuntu promove um estilo particular de participação dos jovens na comunidade?”, envolver o conceito de participação, na ótica de vários autores, e o conceito Ubuntu, sustentado nos três eixos estruturantes – a ética do cuidado, a construção de pontes e a liderança servidora - materializado no projeto Academia de Líderes Ubuntu (ALU), neste caso, especificamente em contexto escolar, com o programa ALU – Escolas.

A investigação científica em torno do conceito Ubuntu tem sido desenvolvida em diferentes perspetivas e a investigação relativa ao projeto Academia de Líderes Ubuntu está em crescente, não obstante, ainda existir pouca pesquisa em torno do impacto e do desenvolvimento de uma das vertentes do projeto em contexto escolar – o Clube Ubuntu. Deste modo, pretende-se, na presente investigação, situar o projeto Academia de Líderes Ubuntu – Escolas no âmbito da participação e cidadania ativa e do desenvolvimento socioemocional dos jovens, percecionado como pertinente, estudar o Clube Ubuntu como ferramenta de promoção de participação comunitária dos jovens.

O estudo empírico é de natureza qualitativa, usando como técnicas a observação participante, a aplicação de entrevistas individuais e *focus group*, permitindo compreender as motivações dos jovens, o que entendem por participação e de que modo materializam a liderança servidora, a construção de pontes e a ética do cuidado, na participação comunitária, através do Clube Ubuntu.

Este estudo conclui que existe um estilo particular de participação, um pouco difuso, contudo, com aspetos em comum, como a conduta impulsionada pelo “Ser Ubuntu”. Os jovens assumem que deverão descentrar-se do seu egocentrismo, procurando servir e ajudar a sua comunidade, fazendo, segundo eles, os outros felizes, como refere a jovem J I, “(...) fazer o outro feliz, acho eu. Acho que ver as pessoas felizes, também nos torna mais ou menos felizes, mesmo que estejamos com problemas” (J I).

**Palavras-Chave:** participação; Ubuntu; ética do cuidado; liderança servidora; construção de pontes; Academia de Líderes Ubuntu

## **Abstract**

The present work project, entitled “Ubuntu Club as a youth community participation mechanism – Case Study”, seeks, inspired by the question “To what extent does Ubuntu Club promote a particular style of youth participation in the community?”, to involve the concept of participation, from the perspective of several authors, and the Ubuntu concept, supported by the three structuring pillars - the ethics of care, the construction of bridges and servant leadership - materialized in the Ubuntu Leaders Academy (ALU) project, in this case, specifically in school context, with the ALU – Schools program.

Scientific research on the Ubuntu concept has been developed from different perspectives and research on the Ubuntu Leaders Academy project is growing, however, there is still little research on the impact and development of one of the aspects of the project in schools – the Ubuntu Club. In this way, it is intended, in the present investigation, to situate the Ubuntu Leaders Academy – Schools project within the scope of participation and active citizenship and the socio-emotional development of young people, perceived as relevant, to study the Ubuntu Club as a tool to promote community participation of young people.

The empirical study is of a qualitative nature, using participant observation, the application of individual interviews and focus groups as techniques, allowing us to understand the motivations of young people, what they understand by participation and how they materialize servant leadership, the construction of bridges and the ethics of care, in community participation, through the Ubuntu Club.

This study concludes that there is a particular style of participation, a little diffuse, but with aspects in common, such as the behavior driven by “Being Ubuntu”. Young people assume that they should decenter themselves from their egocentrism, trying to serve and help their community, making others happy, according to them, as young J I says, “(...) make the other happy, I think. I think that seeing people happy also makes us more or less happy, even if we are in trouble” (J I).

**Keywords:** participation; Ubuntu; ethics of care; servant leadership; bridge construction; Ubuntu Leaders Academy

# Índice

<b>Introdução</b> .....	6
<b>Parte I. Fundamentação Teórica</b> .....	9
<b>1. Intervenção Comunitária &amp; Academia de Líderes Ubuntu</b> .....	9
<b>2. Participação de Jovens &amp; o Papel da Escola</b> .....	11
2.1 Participação – conceitos, definição e análises .....	11
2.2 A Escola como contexto privilegiado .....	14
<b>3. Academia de Líderes Ubuntu</b> .....	16
3.1 Ubuntu – Conceito & Projeto .....	16
3.2 Conceito Ubuntu e os Três Eixos Estruturantes .....	17
3.3 O Projeto Academia de Líderes Ubuntu – Escolas.....	20
3.3.1 Pilares do Método Ubuntu.....	21
3.3.2 Enquadramento Prático do Projeto.....	22
3.4 O Sistema Simbólico .....	25
<b>4. Clube Ubuntu enquanto mecanismo de participação</b> .....	27
<b>Parte II. Investigação</b> .....	30
<b>5. Enquadramento Metodológico</b> .....	30
5.1 Caracterização da Amostra de Estudo .....	31
5.2 Instrumentos e Técnicas de Recolha de dados.....	34
<b>6. Apresentação, Análise e Discussão dos Dados</b> .....	37
6.1 Análise   Entrevistas com Jovens .....	37
6.2 Análise   Entrevista com Educadoras.....	48
6.3 Síntese da Análise .....	57
<b>Parte III. Proposta de Intervenção</b> .....	64
<b>7. Introdução às linhas de ação – Pontapé de Saída &amp; Recomeço do Jogo</b> .....	64
7.1 Diagnóstico .....	65
7.2 Planificação.....	67
7.3 Implementação e Avaliação do Projeto .....	73
<b>Considerações Finais</b> .....	75
<b>Bibliografia</b> .....	78
<b>Anexos</b> .....	81

## Índice de Figuras

Figura 1 Cronograma do Projeto de Investigação .....	36
Figura 2 Exemplo de Grelha de Plano de Ação.....	73

## Índice de Tabelas

Tabela 1 Categorias e Subcategorias - Entrevista Jovens.....	39
Tabela 2 Categorias e Subcategorias - Focus Group.....	40
Tabela 3 Categorias e Subcategorias - Entrevista Educadoras.....	49
Tabela 4 Sessões para a proposta de intervenção .....	71

## Índice de Anexos

Anexo 1 – Guião de Entrevista Individual - Jovens	
Anexo 2 – Guião de <i>Focus Group</i> – Jovens	
Anexo 3 – Guião de Entrevista Educadoras	
Anexo 4 – Transcrições de Entrevistas Individuais Jovens	
Anexo 5 – Transcrições de <i>Focus Group</i> Jovens	
Anexo 6 – Transcrição Entrevista Educadoras	
Anexo 7 – Grelha de Análise de Conteúdo das Entrevistas Individuais - Jovens	
Anexo 8 – Grelha de Análise de Conteúdo de <i>Focus Group</i> - Jovens	
Anexo 9 – Grelha de Análise de Conteúdo da Entrevista Educadoras	
Anexo 10 – Consentimento de Participação no Estudo - Jovens	
Anexo 11- Diário de Bordo	
Anexo 12 – Relatório de Atividades do Projeto na Escola 2020/2021	

## Introdução

O presente trabalho de projeto, intitulado “Clube Ubuntu enquanto mecanismo de participação comunitária de jovens – um Estudo de Caso”, desenvolveu-se no âmbito do Mestrado em Intervenção Comunitária, da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, com a orientação do Professor Doutor Miguel Prata Gomes e coorientação do Dr. José Luís Gonçalves.

Inspirado pela questão “Em que medida o Clube Ubuntu promove um estilo particular de participação dos jovens na comunidade?”, o trabalho de projeto pretende mobilizar o conceito de participação, na ótica de vários autores, articulando-o com o conceito Ubuntu, este sustentado nos três eixos estruturantes – a ética do cuidado, a construção de pontes e a liderança servidora - materializado no projeto Academia de Líderes Ubuntu (ALU), neste caso, especificamente em contexto escolar, com o programa ALU – Escolas, aliado aos princípios da Intervenção Comunitária.

Hart (1992) indica que o termo “participação” é geralmente referido como “the process of sharing decisions which affect one’s life and the life of the community in which one lives”<sup>1</sup> (p. 5), não obstante, o presente conceito acarreta uma certa dificuldade de concetualização, dado os múltiplos significados, debates e perspetivas. Como mencionado anteriormente, no presente trabalho intenciona-se envolver o conceito de participação, especificando na esfera da participação comunitária, como mobilização da comunidade para promover a melhoria das condições de vida na comunidade, no conceito Ubuntu, como filosofia que se centra no singular, mas, também, nos propõe um caminho de nos “tornarmos pessoas”, através das relações. Através do Instituto Padre António Vieira e o projeto Academia de Líderes Ubuntu, a filosofia Ubuntu concretizou-se num método com o intuito de ajudar cada um a descobrir-se como líder Ubuntu, tendo como referência líderes mundiais, como Nelson Mandela, Malala Yousafzai e Desmond Tutu.

No âmbito escolar, o programa ALU – Escolas é um projeto de educação não-formal, com um modelo pedagógico centrado nos participantes, recorrendo a uma abordagem participativa e experiencial e profundamente relacional, orientado para a capacitação de jovens entre os 13 e os 18 anos, valorizando os três eixos estruturantes– a ética do cuidado; a liderança servidora; e a capacidade de construir pontes – e promovendo competências humanas e técnicas relevantes para o seu percurso de vida, nomeadamente,

---

<sup>1</sup> O termo “participação” é “o processo de partilhar decisões que afetam a vida de uma pessoa e a vida da comunidade em que vive.” (Hart, 1992, p. 5)

centrando-se no desenvolvimento de cinco competências – Autoconhecimento, Autoconfiança, Resiliência, Empatia e Serviço. Em termos práticos, o projeto inicia-se formando os educadores das escolas para o método Ubuntu que, após a capacitação, dinamizam a Semana Ubuntu junto dos seus jovens estudantes e, posteriormente, é ativado o Clube Ubuntu, com o objetivo de colocar em prática o pilar do serviço e continuar a manter vivo o espírito Ubuntu na comunidade. O Clube Ubuntu, à luz da Intervenção Comunitária, procura, através de ações na comunidade, gerar mudança. (Nunes, 2017)

Portanto, com a elaboração do presente trabalho de investigação pretende-se enquadrar o conceito de “participação” no trabalho que tem sido desenvolvido no projeto ALU-Escolas, nomeadamente no Clube Ubuntu, enquanto espaço promotor de participação comunitária. A seleção do presente tema – o Clube Ubuntu - prende-se com a proximidade ao contexto e projeto, dado que, enquanto Educadora Social, desenvolvi projetos de educação não-formal, inspirados pelo conceito e método Ubuntu, em Vila Nova de Gaia, na organização promotora do projeto Academia de Líderes Ubuntu.

Em termos de estrutura, o trabalho é constituído por três capítulos, sendo que o primeiro se foca no enquadramento teórico, procurando fundamentar o segundo capítulo, da investigação, que apresenta o caminho metodológico que balizou a forma como a investigação se desenvolveu, centrada no Clube Ubuntu enquanto mecanismo de participação comunitária de jovens. Por último, o terceiro incide na vertente interventiva do trabalho, procurando propor uma intervenção, fundamentada no projeto em desenvolvimento, da Academia de Líderes Ubuntu, na teoria e nos dados empíricos recolhidos. Importa salientar que todo o processo foi colaborativo, alinhado com os princípios da intervenção comunitária, procurou ter o contributo de todos, jovens e educadoras, seja através de entrevistas, como no fornecimento, no caso das educadoras, de relatórios e outros documentos institucionais.

O primeiro capítulo inicia-se por uma abordagem introdutória sobre a intervenção comunitária associada ao projeto da Academia de Líderes Ubuntu. Passando, de seguida, a serem explorados, sobre diferentes perspetivas, os conceitos de participação, o papel da escola, o conceito Ubuntu, apresentando o projeto Academia de Líderes Ubuntu e os conceitos a si associados.

O segundo capítulo foca-se na vertente prática deste trabalho, nomeadamente o procedimento metodológico, alicerçado na metodologia qualitativa, apoiado no Estudo de Caso como estratégia de investigação e nas técnicas de investigação de observação



participante, entrevistas individuais e *focus group*. O capítulo referencia os objetivos gerais e específicos da investigação, método e técnicas utilizadas na recolha de dados, caracterizando o contexto em estudo e da amostra em análise. Posteriormente, são apresentados os dados, realizando uma articulação com a fundamentação teórica, objetivos de estudo e pergunta de partida. As técnicas referidas foram tanto usadas junto dos jovens pertencentes ao Clube, identificando os mais proativos no mesmo, como junto, também, das educadoras, dado que são adultos que gerem o Clube juntamente com os jovens, revelaram-se como interlocutores privilegiados do tema em análise.

No terceiro e último ponto, procurou-se elaborar uma proposta de intervenção comunitária, estruturada tendo em conta os resultados obtidos no decorrer do estudo empírico, tendo o cuidado de estruturar linhas orientadoras de intervenção para um projeto já em decurso.

As conclusões finais remetem-se para uma visão global do contexto analisado, as categorias em evidência e contributos dados, apresentando limitações do estudo, contributos e indicações para o futuro do projeto em contexto escolar.

## Parte I. Fundamentação Teórica

### 1. Intervenção Comunitária & Academia de Líderes Ubuntu

A Intervenção Comunitária, como o nome indica, destina-se a trabalhar com as comunidades, em estreita colaboração e parceria, procurando colmatar as suas necessidades, preocupações, e possui “como objetivo específico provocar uma mudança na comunidade.” (Carvalhosa, 2010, p. 479) Segundo Nunes (2017), a intervenção comunitária pode ser definida como uma ação na comunidade, gerando mudança e “à luz dos princípios do Desenvolvimento Comunitário” (Nunes, 2017, p. 95), tais como o empowerment, a integração, a flexibilidade, a sustentabilidade, a participação. Sendo que, segundo a autora, o princípio da participação é entendido “como um processo aberto, com um envolvimento ativo das populações e das organizações do tecido institucional local em todas as suas fases, desde o diagnóstico e identificação de necessidades e problemas até à conceção de respostas, sua implementação e avaliação.” (Nunes, 2017, p. 98)

Neste âmbito, importa referir que a Academia de Líderes Ubuntu é um projeto que, inspirado pelo conceito Ubuntu – Eu sou porque tu és - passa pelo aprofundamento do conhecimento de si, das suas capacidades e forças, seguindo em direção ao outro, e progressivamente passou a ser uma resposta de capacitação de jovens, para que pudessem ser agentes de transformação, em prol de um mundo mais justo e mais humano. Tendo como alicerces do conceito, três eixos conceptuais, caracterizados como pontos cardiais que orientam a sua ação, nomeadamente, a ética do cuidado, a construção de pontes e a liderança servidora, os jovens são desafiados a serem líderes ao serviço das suas comunidades. Em contexto escolar, o projeto inicia por capacitar os educadores para o método Ubuntu e, posteriormente, forma e empodera os jovens para o conceito. Após a semana de formação com os jovens, os mesmos são estimulados a ativar o Clube Ubuntu na sua escola para que possam iniciar a sua intervenção como agentes de mudança na sua comunidade.

Segundo Fairweather, Sanders, Cresslar e Maynard (cit. por Carvalhosa, Domingos & Sequeira, 2010) a Intervenção Comunitária divide-se em fases, começando, por exemplo, por se caracterizar a comunidade em que se vai intervir, passando por identificar os pontos de concordância entre o programa proposto e os interesses e expectativas da comunidade, envolvendo os membros da comunidade no processo de intervenção. Os jovens do Clube Ubuntu iniciam a sua atividade com o apoio de uma metodologia de

diagnóstico participativo - *World Café* – procurando, após a semana de capacitação, identificar as necessidades da sua comunidade e de que forma podem servir a sua comunidade, inspirados pelo conceito Ubuntu, de forma mais adequada à realidade em que estão inseridos. Deste modo, partilhando decisões que afetam a vida de todos os envolvidos (Hart, 1992), os jovens participam na vida da sua comunidade e são criadas, segundo Ferreira, Ribeiro e Menezes (2003) “opportunities for real and meaningful action, giving students the possibility of being involved in the solving o actual social and political problems (...)” (p. 342).<sup>2</sup>

Deste modo, o trabalho desenvolvido no Clube Ubuntu deverá ser uma intervenção participativa na comunidade, efetiva e planeada, em articulação com a rede local e de parceiros, dado que se espera que os jovens, segundo o Manual dos Clubes Ubuntu, “possam projetar na comunidade escolar as aprendizagens de serviço com que foram inspirados e que se propuseram a desenvolver.” (IPAV, s/d)

---

<sup>2</sup> “(...) oportunidades para uma ação real e significativa, dando aos alunos a possibilidade de se envolverem na resolução de problemas sociais e políticos reais (...)” (Ferreira, Ribeiro, & Menezes, 2003, p. 342)

## 2. Participação de Jovens & o Papel da Escola

### 2.1 Participação – conceitos, definição e análises

Segundo Gama e Tomás (2011, p. 3), o “conceito de participação, deriva da palavra latina *participare* que significa “fazer saber””, e, deste modo, está alinhado com experiências práticas de envolvimento na comunidade. Não obstante, o presente conceito acarreta diversos debates e diferentes perspetivas, contudo, Hart (1992) indica que o termo “participação” é geralmente referido como “the process of sharing decisions which affect one’s life and the life of the community in which one lives”<sup>3</sup> (p. 5) e, alinhado, a meu ver, com esta perspetiva, Menezes (2003) acrescenta que a participação é uma dimensão crucial da cidadania e “experiences within civil society are viewed as a relevant opportunity for developing personal and social resources essential for the survival and expansion of democracy”<sup>4</sup>. (p. 430) O dicionário português remete-nos para a seguinte definição de “participação”:

par.ti.ci.pa.ção | pãrtisipø'sẽw

nome feminino

1. ato ou efeito de participar
2. envolvimento em determinada atividade
3. aviso; comunicação
4. parte<sup>5</sup>

Os autores e perspetivas referidas remetem-nos para a ação, para o envolvimento e o processo partilhado de criar mudança nas comunidades em que os indivíduos estão inseridos, não obstante surgem algumas questões, tais como:

- “Qual o nível de participação de cada indivíduo?”;
- “Crianças, jovens e adultos podem participar de igual forma?”;
- “Como promover a participação e quais os seus benefícios?”

Gama e Tomás (2011) referem que a participação quer-se como um processo gradual, mas seguro, realizado através da experiência e da aprendizagem da participação das crianças, sendo este um direito fundamental das crianças e jovens, como reforço dos seus

---

<sup>3</sup> O termo “participação” é “o processo de partilhar decisões que afetam a vida de uma pessoa e a vida da comunidade em que vive.” (Hart, 1992, p. 5)

<sup>4</sup> Segundo Menezes (2003, p. 430) “as experiências na sociedade civil são vistas como uma oportunidade relevante para o desenvolvimento de recursos pessoais e sociais essenciais para a sobrevivência e expansão da democracia.”

<sup>5</sup> Informação disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/participar>

valores democráticos, pois, segundo as autoras, não se pode esperar que os jovens aos 18 anos estejam prontos para serem participantes ativos de uma sociedade democrática, se não forem, ao longo dos anos, trabalhadas certas competências neles. Este é um facto que Hart (1992) igualmente refere, reforçando que as competências e responsabilidades inerentes à participação devem ser adquiridas progressivamente, através da prática e, dado que a Convenção dos Direitos das Crianças tornou mais claro que todas as crianças têm direitos, contudo, as crianças precisam de aprender que com direitos vêm, também, responsabilidades. “In order to learn these responsibilities children need to engage in collaborative activities with other persons including those who are older and more experienced than themselves.” (Hart, 1992, p. 7)<sup>6</sup> Vários autores destacam a urgência de uma educação para a participação, promovendo sociedades mais justas, solidária, inclusivas e democráticas, respeitando a diversidade e a defesa dos Direitos Humanos. Menezes (2003) sublinha que:

Participation allows for citizens to develop personal and social competencies essential for political action (Battistoni, 1997; Stewart & Weinstein, 1997), to become empowered by exerting control over their lives and the life of their communities (Zimmerman, 1995), to improve their sense of community (De Piccoli et al, 2002), to get involved in the process of public deliberation over citizenship definition and expansion (Habermas, 1999) and to experience face-to-face interactions with other citizens who might have different perspectives on the common good, thus increasing both social pluralism (Arendt, 1958), interpersonal trust and tolerance (...)”<sup>7</sup> (p. 432)

Na ótica de Hart (1992), promover a participação das crianças leva a jovens mais responsáveis, cooperativos e psicologicamente mais saudáveis. Arnstein (citado por Hart, 1992) descreveu uma “escada de participação” que demonstra os graus de participação, do mais alto para o mais baixo, sendo que a escada é um guia para ver quem tem poder quando decisões importantes estão sendo tomadas, estando dividida nos seguintes graus:

---

<sup>6</sup> “Para aprender essas responsabilidades, as crianças precisam se envolver em atividades colaborativas com outras pessoas, incluindo aquelas que são mais velhas e mais experientes do que elas.” (Hart, 1992, p. 7)

<sup>7</sup> “A participação permite que os cidadãos desenvolvam competências pessoais e sociais essenciais para a ação política (Battistoni, 1997; Stewart & Weinstein, 1997), para se sentirem empoderados ao exercer controle sobre suas vidas e a vida de suas comunidades (Zimmerman, 1995), para melhorar o seu sentido de comunidade (De Piccoli et al, 2002), para se envolver no processo de deliberação pública sobre a definição de cidadania e expansão (Habermas, 1999) e para vivenciar interações face a face com outros cidadãos que podem ter diferentes perspetivas sobre o bem comum, aumentando assim tanto o pluralismo social (Arendt, 1958), a confiança interpessoal e a tolerância.” (Menezes, 2003, p. 432)

- I. Manipulação (modelo de não participação) – segundo Hart (1992), um exemplo deste grau é quando “pre-school children carrying political placards concerning the impact of social policies on children. If children have no understanding of the issues and hence do not understand their actions, then this is manipulation.”<sup>8</sup> (p. 9);
- II. Decoração (modelo de não participação) – os adultos usam as crianças como reforço das suas causas, sem as crianças estarem informadas ou com possibilidade de dar a sua opinião;
- III. Tokenismo (modelo de não participação) – neste grau as crianças aparentemente encontram-se em situações em que lhes é dada voz, contudo, possuem pouca escolha sobre o assunto e nenhuma oportunidade de estruturar uma opinião;
- IV. Criança Mobilizada para a Participação Informada;
- V. Criança Mobilizada para a Participação, Consultada e Informada;
- VI. Criança autora de projetos geridos pelos adultos. (Hart, 1992)

O conceito de “participação”, como foi referido inicialmente, é concetualizado sob diferentes perspetivas, não obstante, segundo a Divulgação Dinâmica (2019) “a participação entende-se como a associação do indivíduo com outro/s em situações e processos mais ou menos estruturados e em que o indivíduo ganha o maior exercício de poder em relação a determinados objetivos finais que podem ser conscientes para o indivíduo ou significativos a partir da perspetiva do sistema social” e as diferentes perspetivas têm em conta diferentes tipos de participação, na esfera pública e privada, como a participação cívica, política, comunitária, social. No desenvolvimento do presente trabalho interessa focar na participação comunitária, sendo esta entendida como:

(...) o conjunto de ações desenvolvidas por diferentes sectores da comunidade, dirigidas à procura de soluções para as suas necessidades específicas. Está unida ao desenvolvimento comunitário de um sector ou um grupo comunitário e tem como eixo central a melhoria das condições de vida na comunidade. (Dinâmica, 2019)

---

<sup>8</sup>“(...) crianças em idade pré-escolar carregando cartazes políticos sobre o impacto das políticas sociais na infância. Se as crianças não entendem os problemas e, portanto, não entendem suas ações, isso é manipulação.” (Hart, 1992, p. 9)

Todavia, Hart (1992) salienta “Young people’s community participation is a complex issue which varies not only with a child’s developing motivations and capacities, but also to the particular family and cultural context.”<sup>9</sup> (p. 5)

## 2.2 A Escola como contexto privilegiado

Segundo Bronfenbrenner (1996), na sua abordagem ecológica, o desenvolvimento de um indivíduo, é condicionado tanto por si mesmo, como por todos os contextos em que esteja inserido, portanto o desenvolvimento é uma consequência das diversas interações presentes na vida do indivíduo, nos diferentes sistemas e contextos. Devido à função que a família e a escola compartilham de educação e socialização da criança/jovem, são contextos fundamentais para o desenvolvimento humano, contribuindo para a promoção de competências socioemocionais. A Escola, na minha opinião, é um agente primordial no desenvolvimento integral e crianças e jovens, criadora de oportunidades reais na vida delas, representando um espaço de convívio e aprendizagens, que não são somente as do currículo formal, dado que a missão da escola, segundo a DGE (2016), se compromete com o desenvolvimento integral dos seus alunos, como cidadãos ativos na sociedade. Hart (1992) reforça que “Schools, as an integral part of the community, should be an obvious venue for fostering young people’s understanding and experience of democratic participation.” (p. 37)<sup>10</sup>

A escola representa um espaço de convívio e aprendizagens, através da interação com os pares e com os professores. A interação e a relação que a criança e/ou jovem mantém com os agentes referidos tem uma enorme relevância para o seu desenvolvimento socioemocional e quando este é positivo, associa-se à melhoria no desempenho escolar e à redução de comportamentos considerados problemáticos e, por vezes, violentos. (Borsa, Koller & Petrucci, 2016) O desenvolvimento e a aprendizagem de competências socioemocionais “correspondendo aos conhecimentos, atitudes e competências que cada um/a precisa consolidar para fazer escolhas coerentes consigo próprio/a, ter relações interpessoais gratificantes e um comportamento socialmente responsável e ético. Estas

---

<sup>9</sup> “A participação dos jovens na comunidade é uma questão complexa que varia não só com o desenvolvimento das motivações e capacidades de uma criança, mas também com a família particular e o contexto cultural.” (Hart, 1992, p. 5)

<sup>10</sup> “As escolas, como parte integrante da comunidade, devem ser um local óbvio para promover a compreensão e a experiência dos jovens de participação democrática.” (Hart, 1992, p. 37)

aprendizagens podem ser aprofundadas através de programas de competências socioemocionais.” (DGS & DGE, 2016). Segundo a DGS – Direção-Geral da Saúde - & DGE – Direção-Geral da Educação - (2016, p.19), “os programas de Aprendizagem Socioemocional (SEL) em contexto escolar surgem como um dos quadros de referência para a promoção da saúde mental.” O modelo SEL – *Social and Emotional Learning* -, explora 5 competências – autoconhecimento, autogestão, consciência social, relação interpessoal, tomada de decisões responsável – que promovem a adaptação a diversas situações e atividades do quotidiano, a sentirem-se bem-sucedidas no seu projeto de vida e na relação com os outros. Investigações realçam “que o Modelo SEL tem um impacto positivo no ambiente escolar e promove uma série de benefícios académicos, sociais e emocionais para os/as alunos/as” (DGS & DGE, 2016, p.23), tais como, melhor desempenho académico, maior motivação para aprender e compromisso com a escola, menos atos de agressão, ansiedade e pressão. É neste âmbito que o projeto Academia de Líderes Ubuntu – Escolas tem sido desenvolvido, na formação e inspiração de lideranças servidoras em contextos comunitários.



### 3. Academia de Líderes Ubuntu

#### 3.1 Ubuntu – Conceito & Projeto

Ubuntu is a way of life. It is a word that condenses the true essence of what it is to be Human. My humanity is intrinsically linked to yours and, therefore, I am human because I belong, I participate, I share a sense of community. You and I are made for interdependence and complementarity.<sup>11</sup>

(Desmond Tutu citado por Neves, 2019, p. 185)

“Ubuntu” é uma filosofia de vida, de tradição comunitária da África subsaariana, e ética social, com raízes africanas, mas com elevado potencial de tocar toda a humanidade. A palavra “Ubuntu” é uma combinação de dois termos: “Ntu” que significa pessoa e “Ubu” que significa “Tornar-se”; e traduz-se na expressão “Eu sou porque tu és”, valorizando a interdependência, a solidariedade e a complementaridade. Esta filosofia centra-se no singular, mas, também, propõe-nos um caminho de nos “tornarmos pessoas”, através das relações. Segundo Volmink (2019, p. 52), “devemos ouvir as vozes daqueles que, corretamente, entendem o Ubuntu como uma força orientadora para abraçar a nossa humanidade coletiva. Uma dessas vozes é do arcebispo Desmond Tutu, que nos diz que o Ubuntu é a essência do ser humano: não ser sul-africano, não ser português, mas ser humano. A essência do Ubuntu é ser Humano!”

Este caminho “Ubuntu”, tão relacional, que se inicia no “eu” e se completa no “nós” inspirou o Instituto Padre António Vieira (IPAV)<sup>12</sup> a desenvolver a Academia de Líderes Ubuntu, concretizando esta filosofia num método que possa ajudar cada um a descobrir-se como líder Ubuntu, tendo como referência líderes mundiais, como Nelson Mandela, Malala Yousafzai e Desmond Tutu. Segundo Marques (2019) “a transferência do conceito filosófico do Ubuntu para uma ética social e uma liderança servidora” (p. 80) encontra-se concretizada no projeto da Academia de Líderes Ubuntu. Como método passa pelo

---

<sup>11</sup> “Ubuntu é um estilo de vida. É uma palavra que condensa a verdadeira essência do que é ser humano. A minha humanidade está intrinsecamente ligada à sua e, portanto, sou humano porque pertenço, participo, compartilho um sentido de comunidade. Tu e eu somos feitos para a interdependência e a complementaridade.” (Desmond Tutu citado por Neves, 2019, p. 185)

<sup>12</sup> O IPAV é uma Associação sem Fins Lucrativos, reconhecida, atualmente, como organização de utilidade pública (IPSS) e Organização Não-Governamental para o Desenvolvimento (ONGD), que tem por missão a promoção da dignidade humana, estando, em Portugal e no mundo, entre os líderes em inovação social.

aprofundamento do conhecimento de si, das suas capacidades e forças, seguindo em direção ao outro. Segundo Hailey, (2008) um dos atributos mais frequentemente citados sobre o Ubuntu é a maneira como ele ajuda indivíduos valorizam sua própria identidade, através da relação com a comunidade. “Ubuntu is about developing your “fullness of being” through your relatedness and relationship with others.”<sup>13</sup> (Hailey, 2008, p. 7)

### 3.2 Conceito Ubuntu e os Três Eixos Estruturantes

Atualmente, o projeto Academia de Líderes Ubuntu (ALU) conta com onze anos no terreno, sendo que começou através de um desafio lançado pela Fundação Calouste Gulbenkian, que procurava uma iniciativa que capacitasse jovens descendentes de imigrantes africanos e originários de contextos vulneráveis. O projeto progressivamente passou a ser uma resposta de capacitação de jovens, em particular dos provenientes de contextos mais vulneráveis ou que neles trabalham, para que pudessem ser agentes de transformação, em prol de um mundo mais justo e mais humano. Na Academia de Líderes Ubuntu, os seus participantes são chamados a serem líderes ao serviço das suas comunidades e, como Líderes Ubuntu, segundo Marques (2019):

(..) seremos chamados a cuidar do outro, da comunidade, do planeta e de nós próprios, para que cada um possa ser em plenitude, num ecossistema equilibrado e que legaremos em bom estado aos vindouros. Seremos chamados a ligar o que está distante, a construir pontes onde existam muros ou abismos, com a paciência e a determinação de quem não desiste facilmente. Seremos chamados a servir, liderando. (p. 101)

Como método, a ALU assenta do desenvolvimento de competências socioemocionais, valorizando os três eixos estruturantes do Ubuntu referidos anteriormente por Marques (2019): a **ética do cuidado** (saber cuidar de si, dos outros, da comunidade e do planeta), a **liderança servidora** (associado ao serviço e bem comum) e a capacidade de **construir pontes** entre pessoas, comunidades, culturas e religiões.

A essência Ubuntu é cuidar. Conscientes da nossa interdependência, de que só estamos completos na relação com o outro “impulsiona-nos para cuidar não só do outro enquanto parte integrante do meu “eu estendido” através das minhas relações, como também a cuidar de mim.” (Marques R. , 2019, p. 84) O cuidar Ubuntu é um cuidado que

---

<sup>13</sup> “Ubuntu é sobre o desenvolvimento da sua “plenitude de ser” através do seu próprio relacionamento e o relacionamento com os outros.” (Hailey, 2008, p. 7)

expressa empatia, solidariedade, respeito pelo outro e a sua autonomia, é ser porto de abrigo. Ubuntu é criar e reforçar laços, é estabelecer redes e criar pontes, e, deste modo, os Ubuntu são chamados a serem, como líderes, pontífices, que “vem do latim pontifex, e remete-nos para o contexto sagrado na antiga Roma, mas também para o sentido estrito dos que cuidavam das pontes. (...) há um desafio grande para um tempo em que se erguem muros e se cavam fossos, que muitos possam, ao invés, assumir uma missão de pontífice entre os seres humanos.” (Marques R. , 2019, p. 92) Nelson Mandela, um dos líderes de referência da ALU, foi um exímio construtor de pontes, tendo assumido o cargo de Presidente num momento em que África do Sul se encontrava profundamente fragmentada e procurou construir um nação arco-íris, (re)conhecendo todas as margens, inspirado pelo conceito Ubuntu.

“(...) o desígnio de cuidar e de ligar pode conduzir-nos à dimensão de servir, liderando.” (Marques R. , 2019, p. 95)

Se queres ser importante, fantástico. Se queres ser reconhecido, fantástico. Se queres ser grande, fantástico. Mas reconhece que aquele que é o maior entre vós deve ser o vosso servo. (..) Todos podem ser grandes, porque todos podem servir. Não tens de ter um grau académico para poder servir. Não tens de saber conjugar os verbos para servir. Não tens de conhecer Platão e Aristóteles para servir. Não tens de saber a segunda teoria da termodinâmica para servir (...).

Martin Luther King, 1968<sup>14</sup>

Na sociedade contemporânea, termos como “líder” e “servidor” são vistos como opostos, deste modo, a “liderança servidora” é vista como uma expressão paradoxal. “Contudo, é importante juntar as duas dimensões porque não pode liderar uma comunidade a menos que cuide dela; não pode servir a comunidade se, se olhar para esta.” (Volmink, 2019, p. 66) Distante do conceito de liderança hierárquica, vertical e centrada somente num indivíduo, a liderança servidora é focada no bem comum, gerindo consensos e, em registo interdependente, colaborativo e relacional, potenciar as capacidades de todos os envolvidos em prol do bem comum. A ALU acredita que todos podem ser chamados a serem líderes nos seus contextos, nas suas realidades, porque todos podem servir, tal como Martin Luther King nos refere. “O líder servidor é aquele que

---

<sup>14</sup> Martin Luther King, a 4 de fevereiro de 1968, no seu sermão “The drum major instinct”, disponível em <https://kinginstitute.stanford.edu/king-papers/documents/drum-major-ins-tinct-sermon-delivered-ebenezer-baptist-church>

converte as experiências de compaixão por pessoas feridas na sua dignidade num apelo ético que o convoca à responsabilidade e, deixando que este apelo se erija em fonte de um chamamento-missão, põe-se ao serviço do reconhecimento da comum humanidade daquelas pessoas feridas, inspirando-as a serem protagonistas da restauração da sua própria dignidade” (Gonçalves, 2019, p. 107), portanto a dignidade humana é o pilar que sustenta a liderança servidora. Segundo Gonçalves (2019), de forma a responder aos desafios de um líder servidor, devem ser desenvolvidas três tipos de relações preferenciais:

- a) “Na relação consigo próprio, cuidar do seu processo de maturação. (...) Um líder servidor cuida de si e dos outros, mas não confunde nem projeta as necessidades que vai sentindo em cada ciclo vital seu com as necessidades daqueles ao serviço de quem decidiu estar.” (Gonçalves, 2019, p. 108)
- b) “Na relação com os outros, cultivar a hospitalidade-cuidado incondicional. (...). Impregnar a relação mútua de uma ética do cuidado faz-se com gestos de empatia, de solicitude e de dádiva e requer competências de escuta e de diálogo para estabelecer pontes entre margens. (...)
- c) Na ação, inspirar outros a discernir juntos o bem comum. (...) Centrar a aprendizagem de servir na ação convida ao discernimento, isto é, à capacidade de separar, distinguir e avaliar o curso de ação e os seus resultados.” (p. 109)

Hailey (2008) menciona que “In practical terms ubuntu represents a particular worldview, an ethos, a philosophy that draws on crucial community values and ideals.” (p. 23)<sup>15</sup> Sustentado nesta visão do Ubuntu, como conceito capaz de inspirar jovens líderes a serem, como Mahatma Gandhi nos referiu, a mudança que querem ver no mundo, o projeto Academia de Líderes Ubuntu, com o patrocínio do secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, na versão Ubuntu United Nations, levou a metodologia criada em Portugal a 190 países, de forma digital, criando a oportunidade de ouvir vários prémios Nobel da Paz falar sobre as suas experiências de vida. Em Portugal, na versão ALU Escolas, o projeto, com o apoio da Direção Geral de Educação (DGE), chega a 380 escolas espalhadas por 170 concelhos, procurando que cada um dos jovens encontre o

---

<sup>15</sup> “Em termos práticos, o Ubuntu representa uma visão de mundo particular, um ethos, uma filosofia que se baseia em valores e ideais comunitários cruciais.” (Hailey, 2008, p. 23)

sentido para servir a sua comunidade escolar e envolvente, procurando ser construtores de pontes.

### 3.3 O Projeto Academia de Líderes Ubuntu – Escolas

A Academia de Líderes Ubuntu (ALU) - Escolas é um projeto de educação não-formal, sendo um programa flexível, contudo com uma intencionalidade e, segundo Gohn (2014) a educação não-formal “é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas (...) volta-se para a formação de cidadãos livres, emancipados, portadores de um leque diversificado de direitos, assim como deveres para com o(s) outro(s).” (p. 35) A ALU – Escolas possui um modelo pedagógico centrado nos participantes, recorrendo a uma abordagem participativa e experiencial e profundamente relacional, orientado para a capacitação de jovens entre os 13 e os 18 anos, com elevado potencial de liderança. Pretende-se acompanhar, facilitar, enriquecer e consolidar o desenvolvimento de cada participante enquanto líder ao serviço da comunidade, valorizando os três eixos estruturantes referidos anteriormente – a ética do cuidado; a liderança servidora; e a capacidade de construir pontes -, promovendo competências humanas e técnicas relevantes para o seu percurso de vida.

Segundo Garcia (2015), a educação não-formal “É um acontecimento que busca responder a diferentes preocupações como a formação integral do ser humano (...)” (p. 39) e , neste âmbito, a ALU situa-se na aprendizagem de capacidades para a vida, procurando capacitar para uma cidadania ativa, sendo um projeto voluntário, acessível a todos, participativo, com uma abordagem holística e orientada para o processo, com base na experiência e na ação. Comparativamente à educação formal, a educação não-formal é menos hierárquica, adota expressões abertas e promotoras de criatividade, embora voluntária, possui uma intencionalidade e os objetivos de aprendizagem podem ser adaptados ao grupo específico.

Como método, o projeto centra-se no desenvolvimento de cinco competências – Autoconhecimento, Autoconfiança, Resiliência, Empatia e Serviço -; as três primeiras referidas competências numa vertente mais pessoal e individual e as restantes duas no âmbito social e relacional. Não obstante, ALU – Escolas é um espaço de desenvolvimento integral dos seus participantes, promovendo, deste modo, outras competências como o pensamento crítico, o trabalho de equipa, a comunicação, a resolução de problemas, entre outras. “Efetivamente, a jornada do “eu” para o “nós” procura promover, dentro da sua

esfera de valores específicos e relacionados com a filosofia Ubuntu, competências de cooperação, participação, criatividade, responsabilidade e comunicação, sendo estes aspetos essenciais para o crescimento pessoal.” (Neves, 2019, p. 186) O projeto compromete-se a contribuir para a transformação dos seus participantes em agentes de mudança ao serviço da comunidade, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

### 3.3.1 Pilares do Método Ubuntu

Os primeiros passos na Academia de Líderes Ubuntu impulsiona-nos para uma viagem interior, de Autoconhecimento, associado à autoconsciência e o reconhecimento internos de dinâmicas afetivas e psicológicas. Segundo Gonçalves, Fernandes e Rogowski (2020) o “autoconhecimento desafia cada um de nós a conjugar “conhece-te a ti mesmo”, “dá-te a conhecer ao outro” e “conhece o outro”, num processo permanente, numa caminhada a ser feita e refeita.” (p. 34) Na ótica Ubuntu, esta viagem de autoconhecimento, é feita com o outro, numa sequência de diversos encontros, visto que só estamos completos na relação com o outro. No âmbito do projeto, são propostas diversas dinâmicas de reflexão individual, usadas técnicas de *storytelling*, de modo a facilitar um revistar a sua história de vida, as transformações e percurso pessoal, num prisma positivo. “O autoconhecimento, a consciência apurada de quem somos naquilo que fazemos e na nossa relação com os outros, a par do como melhor agir nos contextos humanos específicos que nos são dados a viver e nos quais nos propomos, de algum modo “fazer a diferença”, torna-se vital para compreender a autoconfiança.” (Oliveira, 2020, p. 62) Uma das consequências de um processo de autoconhecimento, é o reconhecimento das suas potencialidades, forças, virtudes, com humildade. A Autoconfiança é fortalecida na medida em que cada participante reconhece o seu valor e capacidade para atingir os seus objetivos e metas, cumprindo, no olhar o Ubuntu, o desígnio de serviço ao outro e, segundo Oliveira (2020), “implica um processo contínuo de descoberta, de reflexão, de construção e de ação.” (p. 68)

O pilar da Resiliência relembra-nos de que, independentemente de qual seja o nosso contexto, o nosso background, vamos encontrar obstáculos e a superação de obstáculos é um desafio inevitável e diário. Anzini, Forte e Santos (2020) destacam que “a resiliência refere-se sempre a uma adaptação positiva em resposta a uma adversidade” (p. 90) e, na ótica Ubuntu, vê-se a resiliência como a capacidade de transformar as

adversidades em oportunidades, desafiando, cada um, a vencer, a superar e crescer. Hart (1992) refere que “The ability to truly participate depends on a basic competence in taking the perspective of other persons.” (p. 32)<sup>16</sup> A Empatia, uma competência tão urgente nos nossos dias, desafia-nos a calçar os sapatos dos outros, a procurar compreender a perspectiva e os sentimentos dos outros e, segundo Alarcão e Fonseca (2020), “é a capacidade de um indivíduo entender e responder de forma adequada às emoções dos outros, de comunicar emocionalmente e promover um comportamento pró-social.” (p. 116) O pilar do serviço engloba tudo. No âmbito da ALU, um participante procurando se conhecer, acreditando nos seus talentos e capacidade de vencer obstáculos, e sendo capaz de se colocar no lugar do outro, encontra-se empoderado para servir liderando, em prol da dignidade humana. “Todos os pilares do método Ubuntu apontam para a consciência de que o ser humano não se constrói a si próprio, isoladamente, nem muito menos constrói o mundo sozinho.” (Montenegro & Gaspar, 2020, p. 140)

### 3.3.2 Enquadramento Prático do Projeto

Em termos práticos, o projeto inicia-se após manifestação de interesse das escolas em ingressar, formando os educadores<sup>17</sup> para o método Ubuntu, avançando para a dinamização das Semanas Ubuntu junto dos jovens e, posteriormente, são ativados os Clubes Ubuntu, nos quais os jovens colocam o seu serviço em ação. As Semanas Ubuntu são cinco dias - nos quais os jovens das escolas são dispensados das aulas, e se trabalham os pilares intensivamente -, em que através de uma variedade de recursos lúdico-pedagógicos como dinâmicas de ação-reflexão, filmes, documentários, contos, músicas, textos e experiências/atividades se exploram os temas formativos e pilares; durante a semana são convidados líderes comunitários que, ao partilharem as suas histórias de vida, demonstram como é possível ser veículo de mudança nos dias de hoje, tornando-se fonte de inspiração e testemunho de resiliência, superação e liderança; igualmente, é dada especial relevância ao contributo de cada participante, pela partilha da sua experiência e história de vida, através da metodologia do *Personal Storytelling*. Através deste exercício,

---

<sup>16</sup> “A capacidade de participar verdadeiramente depende de uma competência básica de assumir a perspectiva de outras pessoas.” (Hart, 1992, p. 32)

<sup>17</sup> Entende-se educadores como todos os envolvidos na missão de educar os jovens, em contexto escolar, como, por exemplo, diretores, professores, psicólogos, educadores sociais, assistentes sociais, assistentes operacionais, entre outros profissionais.



os participantes ganham uma maior compreensão da sua identidade e dos valores que guiam os seus relacionamentos com os outros.

A Semana Ubuntu, em regime imersivo, sendo esta constituída por cinco dias (segunda a sexta-feira), idealmente em período letivo, em que educadores e alunos são dispensados das suas aulas e vivem intensamente os cinco seminários temáticos - Liderar como Mandela, Construir Pontes, Vencer Obstáculos, Vidas Ubuntu e I Have a Dream. Os cinco seminários temáticos referidos possuem um trajeto lógico e sequencial, inspirado na Teoria de U de Otto Scharmer (2020), em que a descida do U é um trajeto que impulsiona a procura para compreender os modelos mentais da realidade em que está inserido, no caso da ALU assume-se como o primeiro contacto com a experiência, no seminário “Liderar como Mandela”, e no Seminário de “Construir Pontes” o participante começa a experienciar as primeiras reflexões pessoais; o fundo do U (Seminários “Vencer Obstáculos” e “Vidas Ubuntu”) é um local de reflexão, de procura de conexão com o “eu”, buscando iniciar um processo de inovação associado à subida do U; a subida do U já é um local que se pode colocar em prática novas ideias, não obstante, se necessário o processo pode iniciar-se novamente, no âmbito da ALU, vive-se o seminário “I Have a Dream” como um momento de celebração e de impulso para a ação, para a mudança, para o serviço. A presente teoria é utilizada em contextos de liderança, empreendedorismo e inovação social. Neste processo da Academia de Líderes Ubuntu – Escolas, segundo evidências de avaliações e investigações desenvolvidas, os alunos descobrem-se e descobrem os outros, tomando consciência de que é muito mais o que os une do que o que os separa.

No documento disponibilizado pela DGE (2017) “O Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória”, definem-se as aprendizagens essenciais a serem alcançadas durante o percurso formativo dos jovens e afirma-se que

(...) os alunos desta geração global constroem e sedimentam uma cultura científica e artística de base humanista. Para tal, mobilizam valores e competências que lhes permitem intervir na vida e na história dos indivíduos e das sociedades, tomar decisões livres e fundamentadas sobre questões naturais, sociais e éticas, e dispor de uma capacidade de participação cívica, ativa, consciente e responsável” (p.10).

Para o desenvolvimento da capacidade de participação cívica, para o despertar da consciência e que inspire os jovens a serem capazes de se comprometerem e realizarem-se num mundo complexo, é essencial. Tal como sugere o projeto de Educação para a Cidadania proposto pela DGE, é por isso crucial investir na promoção de “(...) pessoas



responsáveis, autónomas, solidárias, que conhecem e exercem os seus direitos e deveres em diálogo e no respeito pelos outros, com espírito democrático, pluralista, crítico e criativo, tendo como referência os valores dos direitos humanos.” Devido ao contexto pandémico e às repercussões que já se estão a fazer sentir na saúde socioemocional dos jovens, a DGE, no âmbito da recuperação das aprendizagens aprovado no Plano 21/23 Escola+ , instituiu, como política pública de educação, o projeto Escolas Ubuntu, que decorrerá nos anos letivos 21/22 e 22/23 em cerca de 400 escolas nacionais, através da Ação Específica 1.6.2 – Programa para competências sociais e emocionais.<sup>18</sup>

A ALU – Escolas é entendida como um “espaço seguro” onde cada um se sente respeitado e valorizado e tem um poder transformador nestes alunos, desenvolvendo-os como cidadãos ativos, envolvidos e participativos, convidando-os a encontrarem-se com as suas emoções, com as suas histórias de vida e com os seus valores, mas, simultaneamente, chamando-os a descentrarem-se do seu egocentrismo e criar pontes relacionais entre os seus colegas, amigos, comunidades. Os ecos dos alunos participantes refletem isso mesmo:

Esta experiência foi algo completamente diferente do que estou habituada normalmente eu não falo dos meus sentimentos, mas esta semana eu conheci lados dos meus colegas que nunca vi mas o principal foi eu conhecer-me melhor. (Aluno Participante I)

Gostei muito mais do que estava à espera, desejava poder repetir alguma vez. Uniu-me muito mais à minha turma e sinto-me segura entre eles. (Aluno Participante II)

Foi uma das melhores formações que já participei. Ajudou-me imenso a perceber o lado da história das outras e a unir-me com pessoas que nunca pensei em dar-me realmente bem. (Aluno Participante III)<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> Informação disponível em <https://escolamais.dge.mec.pt/acoes-especificas/programa-para-competencias-sociais-e-emocionais>

<sup>19</sup> Dados recolhidos através dos questionários de Avaliação de Impacto e Avaliação Qualitativa do desenvolvimento do Projeto Academia de Líderes Ubuntu Escolas.

### 3.4 O Sistema Simbólico

Segundo Bourdieu “Os símbolos são os instrumentos por excelência da “integração social”: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação (...)” (2014, p. 4), e estes podem ser estruturados, na medida que são intencionais, possuem uma lógica interna; e estruturantes, dado que permitem criar pertença, identidade e impulsionar para a ação. Ao longo dos últimos anos de projeto, a Academia de Líderes Ubuntu tem constituído o seu sistema simbólico, passando a elencar alguns dos seus elementos:

- i. *Ser Ubuntu* – Ubuntu, para além de um conceito de filosofia e ética social, tornou-se uma identidade para muitos dos seus participantes, tendo como base os valores trabalhados ao longo da Semana Ubuntu. É, também, pertencer a uma comunidade global, de tantos Ubuntu que vão abraçando o projeto pelos diversos países.
- ii. *466/64* – A presente sequência de números presente na camisola envergada pelos participantes do projeto, remete-nos para um dos líderes de referência da ALU, Nelson Mandela. 466/64 foi o número de Nelson Mandela enquanto prisioneiro, em Robben Island. No 4º dia da semana, os participantes possuem um momento de solene em que recebem a camisola com o símbolo “466/64” e este gesto significa passar a carregar o legado de Mandela, inspirados pelo seu exemplo, são chamados a serem agentes ativos dos valores do Ubuntu.
- iii. *Modelos de Referência* – Um das estratégias pedagógicas é a aprendizagem por modelos de referência (*role models*), sendo que se concretiza, no âmbito da ALU, por três tipos de modelos – Líderes de projeção mundial, como Nelson Mandela, Malala, Desmond Tutu; Líderes comunitários que se disponibilizam para partilharem as suas histórias de vida e inspirar os jovens a serem também eles veículos de mudança; e os próprios participantes que, ao longo da semana, trabalham a consciência de que o seu próprio caminho pode ser fonte de inspiração, através de dinâmicas de reflexão e do Personal Storytelling.
- iv. *Mão aberta/Cinco Pilares* – A mão aberta procura sinalizar, através dos cinco dedos, os cinco pilares do método Ubuntu – Autoconhecimento, Autoconfiança, Resiliência, Empatia e Serviço -, procurando ser um símbolo de ação.

- v. *Frases Inspiradores* – Através de excertos de filmes, de citações de líderes ou versos de poemas, a comunidade Ubuntu vai reconhecendo algumas frases que gerem inspiração, pertença e identidade, tais como - “Eu sou porque tu és.”; “Eu sou o senhor do meu destino, capitão da minha alma.” (Poema Invictus); “Tudo parece impossível até que seja feito.” (Nelson Mandela)

#### 4. Clube Ubuntu enquanto mecanismo de participação

Shutte (1993, citado por Hailey, 2008) refere, no âmbito da concetualização de “Ubuntu”, ““I think, therefore I am” is substituted for “I participate, therefore I am””<sup>20</sup>. (p. 7) O conceito Ubuntu – Eu sou porque tu és – orienta para a comunidade e leva-nos a um caminho relacional, que se inicia no “eu” e se completa no “nós”, chamando-nos a envolver, a cuidar e a participar. No decorrer do projeto ALU Escolas, os jovens, inspirados pelo conceito Ubuntu, são desafiados a cuidar do outro, da comunidade, do planeta e de eles próprios, são chamados a ligar o que está distante, a construir pontes e são chamados a servir, liderando.

No âmbito do projeto ALU Escolas e, após a vivência da Semana Ubuntu – uma semana impactante em termos emocionais e sociais -, são ativados os Clubes Ubuntu, nos quais os jovens colocam o seu serviço em ação, são espaços promotores da participação e envolvimento comunitário, onde os jovens aprofundam as vivências experienciadas na Semana Ubuntu, havendo uma continuidade da capacitação iniciada, mas, também, projetam na comunidade as aprendizagens de serviço com que foram inspirados e que se propuseram a desenvolver e, segundo Ornelas (2008) é importante a “criação de contextos sociais onde os adolescentes possam desenvolver competências e ter oportunidades efetivas de influência e participação” (p.66). Gama e Tomás (Tomás & Gama, 2011) salientam que “As crianças e os jovens possuem capacidades e competências para darem um contributo inovador para melhorar os espaços sociais em que vivem e por isso necessitam ser ouvidos.” (p. 2), e os Clubes Ubuntu nas Escolas são desenvolvidos alinhados com a ideia de Gama e Tomás (2011), dado que se acredita que os jovens não são os líderes do futuro, são os líderes de hoje e podem, agora, começar a ser a agir conforme isso, sendo trabalhados neles competências para começar a transformar, nos seus contextos, a sociedade. Porém, Hart (1992) alude a exemplos de crianças e jovens que se organizam sem adultos, todavia, nem sempre por boas causas, como é o caso dos gangs de rua. O referido autor saliente que não se deve subestimar a importância do envolvimento dos adultos, que podem apoiar através da orientação, mas, também, pelas lições que inevitavelmente precisam de aprender. Portanto, é pertinente que o Clube Ubuntu, no âmbito do presente projeto, seja constituído pelos jovens Ubuntu – estudantes

---

<sup>20</sup>“” Eu penso, logo existo” é substituída por “ Participo, logo existo.”” (Shutte citado por Hailey, 2008)

das escolas e participantes das Semanas Ubuntu – e pelos educadores Ubuntu – educadores das escolas que frequentaram a formação inicial e dinamizaram as Semanas.

Os presentes Clubes possuem um Manual para apoio na sua dinamização que pode passar pela celebração de efemérides Ubuntu, atividades como ações de voluntariado na escola ou na comunidade, intercâmbios com outros clubes com o objetivo de colocar em prática o pilar do serviço e continuar a manter vivo o espírito Ubuntu durante o ano letivo. Os Clubes Ubuntu desenvolvem-se em torno de quatro categorias:

- Dias Ubuntu – Organização de eventos que celebrem efemérides, como o Dia Internacional de Nelson Mandela.
- Mãos na massa – Iniciativas de serviço e voluntariado, tanto na comunidade escolar como envolvente.
- Multiplicando – Replicação de dinâmicas da formação Ubuntu com outros estudantes e/ou grupos.
- Em campanha - Criação de campanhas de sensibilização por uma determinada causa eleita.

Contudo, cada Clube Ubuntu, de cada Escola possui a liberdade de criar o seu projeto, o seu caminho a seguir, deste modo, há uma panóplia de experiências de serviço a decorrer em diferentes escolas. Importa referir que, tendo em conta as fases de desenvolvimento de projetos de intervenção comunitária, os Clubes Ubuntu iniciam a sua atividade com o apoio de uma metodologia de diagnóstico participativo - *World Café* – procurando, após a semana de capacitação, identificar as necessidades da sua comunidade e de que forma podem servir a sua comunidade, inspirados pelo conceito. Hart (1992) salienta que são vários os exemplos de projetos de sucesso desenvolvidos por crianças e jovens e acrescenta que os pontos-chave para que isso acontece são a motivação e o sentimento de pertença. “The principle behind such involvement is motivation; young people can design and manage complex projects together if they feel some sense of ownership in them.”<sup>21</sup> (Hart, 1992, p. 5)

De salientar alguns exemplos do desenvolvimento destes clubes em contexto escolar, no município de Vila Nova de Gaia, como, por exemplo, com foco nos pequenos comércio, que são parte da história coletiva da comunidade e que devido à pandemia viveram (e alguns ainda vivem) tempos desafiantes, e os jovens Ubuntu de três escolas secundárias, procuraram colocar-se ao serviço e, com muita criatividade, construíram

---

<sup>21</sup> “O princípio por trás desse envolvimento é a motivação; os jovens podem projetar e gerir projetos complexos juntos, se sentirem algum sentido de propriedade sobre eles.” (Hart, 1992, p. 5)

slogans que sustentaram toda uma campanha de sensibilização para o apoio ao comércio local.<sup>22</sup>

Por outro lado, os jovens de um Clube Ubuntu de uma Escola Básica passaram, primeiramente, pela capacitação na Semana Ubuntu, sendo que durante esta semana foram partilhando as suas histórias e constatando a difícil realidade que partilham. Esta partilha despertou neles um sentimento de empatia e identificação, assim como a perceção da necessidade e benefícios do acompanhamento profissional. A Escola destes jovens não possuía um gabinete de atendimento para o serviço de psicologia e orientação (Gabinete SPO), onde as técnicas pudessem estar em privacidade, e no conforto necessário, com os alunos da escola. Após o diagnóstico desta necessidade, os jovens participantes no projeto mobilizaram vários atores da comunidade escolar, desde a direção, aos professores, técnicos, funcionários, como mesmo as suas próprias famílias e comunidade envolvente, para, com toda esta ajuda e colaboração, transformar uma antiga arrecadação num gabinete para consultas individuais.<sup>23</sup> Este tipo de intervenções, segundo Van Driel, Darmody, & Kerzil (2016), promovem o sentimento de pertença e “can be a key in the social emotional development of students in schools” (p.29). Gohn (2014) salienta que “a participação tende a aumentar à medida que o indivíduo participa, ela se constitui num processo de socialização e faz com que, quanto mais as pessoas participam, mais tendam a continuar neste caminho.”, deste modo, prende-se, assim, a intenção de analisar o Clube Ubuntu enquanto uma estratégia para promover este caminho de participação dos jovens na comunidade.

---

<sup>22</sup> A Campanha de Sensibilização poderá ser encontrada nos espaços comerciais de Vila Nova de Gaia e na página de Instagram do projeto “Ubuntu no Bairro”: <https://www.instagram.com/ubuntunobairro/>

<sup>23</sup> A inauguração poderá ser visualizada através do seguinte link: <https://www.instagram.com/p/CQjVGOpKsIK/>

## Parte II. Investigação

### 5. Enquadramento Metodológico

Após a apresentação dos conceitos teóricos, que sustentam o presente trabalho de investigação, importa, de momento, apresentar o caminho metodológico que balizou a forma como a investigação se desenvolveu centrada no Clube Ubuntu enquanto mecanismo de participação comunitária de jovens.

O presente estudo empírico é de natureza qualitativa, “com vista ao conhecimento do social (Bogdan e Biklen, 1994), procurando compreender os sujeitos com base nos seus pontos de vista e nas perspectivas integrantes do paradigma interpretativo.” (Tomás & Gama, 2011, p. 6) A escolha de enveredar por uma metodologia qualitativa é justificada pela necessidade de compreender um fenómeno social a partir da perspectiva dos próprios intervenientes. Gama e Tomás (2011) salientam que numa investigação qualitativa, os sujeitos da investigação “podem e devem narrar por si próprios, sendo um direito que lhes assiste, visões e ações sobre os mundos que habitam (...)”. (p. 6)

Detendo como objetivo de descrever o fenómeno dentro do seu contexto, adotou-se, como estratégia de investigação, o Estudo de Caso, sendo este considerado uma estratégia de investigação que tem como objetivo estudar fenómenos com toda a sua complexidade em contexto natural (Meirinhos & Osório, 2010). Segundo Pardal e Lopes (2011), “o estudo de caso permite compreender naquela o particular na sua complexidade, ao mesmo tempo que pode abrir caminho, sob condições muito limitadas, a algumas generalizações empíricas, de validade transitória.” (p. 32)

De modo a perceber em que medida o Clube Ubuntu, com base nos três eixos estruturantes do conceito Ubuntu – Ética do Cuidado; Construção de Pontes; Liderança Servidora - promove um estilo particular de participação dos jovens, na comunidade, desenvolveu-se uma análise qualitativa do Clube Ubuntu de uma Escola Básica de Vila Nova de Gaia. O estudo qualitativo junto dos referidos sujeitos, teve, como objetivos gerais, os seguintes pontos:

- Percecionar se a participação dos jovens Ubuntu no Clube materializa os três eixos estruturantes: a ética do cuidado, a liderança servidora e a capacidade de construir pontes;
- Conhecer os indicadores de eficácia e eficiência do Clube Ubuntu, caso existam;

- Explorar o impacto do Clube Ubuntu em termos de conceitos comunitários, participativos, atitudes e compromisso.

Os referidos objetivos desdobram-se nos seguintes objetivos específicos da investigação:

- Narrar a história e desenvolvimento de um Clube Ubuntu;
- Identificar ações dos jovens que materializam os três eixos estruturantes do conceito Ubuntu: a ética do cuidado, a liderança servidora e a capacidade de construir pontes;
- Identificar os indicadores de eficácia e eficiência do Clube Ubuntu;
- Reconhecer as perspetivas dos jovens em termos de conceitos comunitários, participativos, atitudes e compromisso.

### 5.1 Caracterização da Amostra de Estudo

Neste caso, a análise centrou-se no Clube Ubuntu da Escola Básica Júlio Dinis, em Grijó, Vila Nova de Gaia, no presente ano letivo de 2021/2022, sendo que esta é considerada uma amostra por conveniência, tendo em conta a relação já estabelecida com o grupo e a direção da escola, na minha ação laboral prévia, no contexto educativo de Vila Nova de Gaia. O Agrupamento de Escolas Júlio Dinis, em Grijó, Vila Nova de Gaia, situa-se numa freguesia com características muito específicas de Vila Nova de Gaia. Do ponto de vista sociocultural e económico as famílias, que integram os núcleos populacionais do agrupamento, enquadram-se na classe social média e média baixa, verificando-se também, alguns casos de pobreza extrema. Existe uma percentagem significativa de famílias que vivem em bairros sociais e existem quatro acampamentos ciganos, habitados por 40 famílias (cerca de 165 pessoas). Estes acampamentos são compostos por estruturas degradadas sem quaisquer infraestruturas adequadas. Frequentam a presente escola cerca de 50 crianças de etnia cigana. (Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Júlio Dinis, 2012/2015).<sup>24</sup>

No dia 5 de maio de 2021 decorreu a primeira sessão do Clube Ubuntu do AE Júlio Dinis, na escola sede, em Grijó. No ano letivo 2020/2021, e após a primeira referida

---

<sup>24</sup> Os dados do contexto em que a escola está inserida, remetem-se a 2012/2015, dado que os documentos da escola, como o Projeto Educativo, ainda se encontram a ser atualizados.



sessão, o presente Clube Ubuntu, desenvolveu-se em três projetos, após a auscultação dos jovens sobre as suas propostas para melhoria do espaço escola:

- i. a criação de um espaço novo de atendimento, confidencial e confortável, em que os alunos pudessem conversar, colocar dúvidas e ter apoio com os técnicos do Serviço de Psicologia e Orientação;
- ii. a pintura de um mural representativo dos cinco pilares da metodologia Ubuntu: Autoconhecimento, Autoconfiança, Empatia, Resiliência e Serviço
- iii. a realização de uma exposição demonstrativa do envolvimento dos alunos nas Semanas Ubuntu e que apresentasse a Academia de Líderes Ubuntu aos restantes membros da comunidade educativa.

A par das referidas atividades, o Clube desenvolveu as seguintes atividades dirigidas à comunidade educativa, integradas no projeto educativo da escola:

- i. "O Carrinho + cheio";
- ii. Mega-Evento Ubuntu";
- iii. "Abraço numa carta";
- iv. Animação de Recreios Ubuntu – atividades dinamizadas pelos jovens Ubuntu, nos intervalos, para os alunos do 2º ciclo -. <sup>25</sup>

Para efetuar o fecho do ano letivo 2020/2021 no Clube Ubuntu, decorreu o campo de férias nas manhãs da segunda semana de julho de 2021, em que, nos cinco dias da semana, procuraram continuar a exploração dos cinco pilares Ubuntu – Autoconhecimento; Autoconfiança; Resiliência, Empatia e Serviço -. As atividades centraram-se na pintura do mural que contou com o apoio dos alunos de 2º ciclo, que também foram presenteados com os Recreios Ubuntu. O pilar da Empatia foi particularmente trabalhado na entrevista que os jovens Ubuntu prepararam e realizaram a um professor de Educação Tecnológica que se reformou no referido ano letivo. A semana culminou com o término da pintura do mural e um piquenique comunitário.

No ano letivo 2021/2022, após a dinamização de quatro Semanas Ubuntu<sup>26</sup>, o Clube Ubuntu arrancou novamente, e com novos membros, contando com cerca de 12 participantes maioritariamente do sexo feminino, a novembro de 2021. Este arranque foi

---

<sup>25</sup> No Anexo 12 encontra-se o relatório das atividades do Clube, redigidos pelas educadoras responsáveis pelo Clube Ubuntu do AE Júlio Dinis.

<sup>26</sup> Informação recolhida através da observação participante ao longo das sessões e durante as entrevistas.

marcado pela ida até Lisboa, mais concretamente, à Fundação Calouste Gulbenkian, para celebrar o Encontro Nacional de Escolas Ubuntu, contando com mais de 1200 pessoas.

No seguimento deste reencontro, o Clube Ubuntu regressou a Grijó e começou a delinear os seus projetos para o presente ano letivo, sendo que as sessões contaram com dinâmicas de desenvolvimento individual e grupal, tais como jogos, discussões e reflexões individuais e em grupo, e atividades associadas ao ponto de “Mãos à Obra”. Dado o sucesso de atividades com os Recreios Ubuntu e o Carrinho +cheio, optaram por continuar a fazer parte do projeto do Clube, sendo que a segunda atividade, no presente ano letivo, foi aberta a todo o agrupamento, desta forma englobou, também, as escolas de primeiro ciclo e jardim de infância.

No âmbito de atividades “Mãos à Obra” pode-se salientar a dinamização do Bazar de Natal, as “Cartas de Agradecimento” que envolveu todos os alunos e consistiu na criação de uma carta de agradecimento a todo o Pessoal Não Docente de todas as escolas do Agrupamento, a recolha de kits de higiene pessoal para a comunidade envolvente mais desfavorecida, 21 a 25 de fevereiro, e em parceria com o Programa Dove “Eu confiante”, o Clube participou na Semana da Empatia Ubuntu, criando mensagens de autoestima e valorização pessoal que foram expostas nos espelhos das casas-de-banho e outros espaços da escola. Após o início da guerra na Ucrânia, o Clube abraçou várias iniciativas no sentido de apoiar e promover a paz, tais como, a atividade: “1 minuto pela Paz na Ucrânia”, promovida pelo Instituto Padre António Vieira – organização promotora da ALU -, iniciaram uma campanha de angariação de bens alimentares, roupa e artigos de aquecimento para os refugiados ucranianos em colaboração com a Câmara Municipal de Gaia e a Junta de Freguesia de Grijó e iniciaram a pintura do Símbolo da Paz, na entrada da escola. Para finalizar o ano letivo, os jovens decidiram abraçar a ideia de reestruturar o espaço exterior, de recreio da escola, prepararam a exposição final com fotografias das Semanas Ubuntu e atividades desenvolvidas no âmbito do Clube e dinamizaram, novamente, recreios Ubuntu, no Dia Mundial da Criança.

Como foi referido anteriormente, o Clube Ubuntu, no presente ano letivo, é composto por 12 jovens, não obstante apenas 9 jovens estão ativamente no Clube e nas várias sessões. Deste modo, a amostra de estudo é composta por 9 jovens estudantes na Escola Básica Júlio Dinis no 8º e 9º anos de escolaridade, e participantes no Clube Ubuntu, com idades compreendidas entre os 13 e os 15 anos, sendo que 3 são do sexo masculino e os restantes do feminino. A estes jovens, na presente amostra, igualmente se

juntam as duas educadoras que acompanham e orientam o grupo, uma psicóloga escolar, com 44 anos, e uma animadora sociocultural de 49 anos.

## 5.2 Instrumentos e Técnicas de Recolha de dados

Selecionada a escola, o primeiro passo foi estabelecer um contacto inicial com a direção do agrupamento, na pessoa do Diretor Eduardo Fonseca, que rapidamente deu uma resposta positiva e realizou a ponte para as duas educadoras responsáveis pelo projeto Academia de Líderes Ubuntu na referida escola, que procuraram agilizar todos os passos necessários.

O grupo de estudo foi informado sobre o projeto, os seus objetivos, foi solicitado aos Encarregados de Educação a participação dos jovens e só, tal como Gama e Tomás, “após o consentimento<sup>27</sup> se deu início à “entrada no terreno”” (2011, p. 7). Como técnicas de investigação foram utilizadas a observação participante, o diário de bordo, entrevistas semidiretivas junto do público-alvo e *focus group*, com o objetivo de aferir as suas motivações, o que entendem por participação e de que modo materializam a liderança servidora, a construção de pontes e a ética do cuidado, na participação comunitária, através do Clube Ubuntu.

Tendo como base o cronograma presente na Figura 1 e, com o sustento das leituras e reflexões prévias, iniciou-se a ida ao terreno, através da Observação Participante, sendo que segundo Correia (2009) este é considerado um processo sistemático de detalhe, observação, descrição e análise de padrões de uma dada cultura, de modo a compreendê-la, e a presente observação contará com o acompanhamento do diário de bordo. A Observação Participante “É uma técnica de eleição para o investigador que visa compreender as pessoas e as suas atividades no contexto de ação, podendo reunir na Observação Participantes, uma técnica de excelência que lhe permite uma análise indutiva e compreensiva.” (Correia, 2009, p. 31) Seguindo o raciocínio de Correia (2009), as notas retiradas dos momentos de observação, incluem “descrições físicas, descrições de situação, detalhes de conversação e relatos de acontecimentos.” (p. 35)

Na ótica de vários autores, a entrevista é considerada uma técnica bidirecional, na medida em que permite uma troca de informações e ideias e, segundo Quivy (1998) a entrevista semidiretiva é a mais utilizada em investigação social sendo que “não é inteiramente aberta nem encaminhada por um grande número de perguntas precisas.”

---

<sup>27</sup> Encontra-se no Anexo 10 os Consentimentos de Participação.

Igualmente, Pardal e Lopes (2011) sublinham que este tipo de entrevista permite que o entrevistado ““ (...) exprimindo-se com abertura, informa sobre as suas percepções e interpretações que faz de um acontecimento; sobre as suas experiências e memórias; sobre o sentido que dá às suas práticas; revela as suas representações e referências normativas; fornece indícios sobre o seu sistema de valores, emotividade e atitudes; reconstitui processos de ação ou mudança e denuncia os elementos em jogo e as suas relações, ajudando à compreensão dos fenómenos.” (p. 87) E deste modo, crê-se que a entrevista semidiretiva é uma importante técnica de recolha de dados no âmbito do presente estudo de caso, permitindo criar a abertura para conhecer e compreender as motivações e percepções dos jovens da sua participação no Clube Ubuntu.

Vários autores salientam que estas duas técnicas – Observação participante e entrevista semidiretiva – se complementam. Ao longo da investigação pretende-se desenvolver entrevistas semidiretivas individuais e grupais, não obstante Quivy (1998) salienta que “o investigador não pode, regra geral, dar-se ao luxo de entrevistar muito mais do que umas dezenas de pessoas. Neste caso, o critério de seleção dessas pessoas é geralmente a diversidade máxima dos perfis relativamente ao problema estudado.” (p. 163) Segundo Pardal e Lopes (2011) “o entrevistador possui um referencial de perguntas guia, suficientemente abertas, que serão lançadas à medida do desenrolar da conversa, não necessariamente pela ordem estabelecida no guião, mas antes, à medida da oportunidade (...).” (p. 87) Para a concretização do presente estudo empírico, foram concretizados dois guiões de entrevista – um para a entrevista com as educadoras e outro para a entrevista individual com os jovens.

Segundo Keating, Silva & Veloso (2014), considera-se o *focus group* como “uma técnica de investigação de recolha de dados através da interacção do grupo sobre um tópico apresentado pelo investigador.” (p. 177) Na presente técnica, o guião deverá privilegiar questões abertas e é importante o papel do moderador, que deverá questionar, ouvir, manter a conversa e assegurar que cada participante está a ter a oportunidade de participar. De salientar que “a análise efectuada com base nos estudos empíricos resultantes da pesquisa na Sociological Abstracts revelou que mais de 60% da investigação realizada na última década do século passado e que recorreu ao *focus group*, utilizou este método em combinação com outros métodos de investigação, sobretudo com entrevistas individuais e inquéritos.” (Keating, Silva, & Veloso, 2014, p. 178) A dinamização do *focus group* com os jovens da presente amostra envolveu o uso de

cartolina para conseguirem exprimir as suas ideias.<sup>28</sup> Dado que pude observar o *focus group* dinamizado por outro projeto de investigação<sup>29</sup> e denotei algumas dificuldades dos jovens em refletir e manter um diálogo sobre os temas, demonstrando-se nervosos e inibidos, optei por uma estratégia que os desinibissem e em que os jovens pudessem debater entre eles e escrever/desenhar numa cartolina as atividades desenvolvidas, as suas representações das mesmas e o impacto.

Posteriormente à recolha empírica, através das referidas técnicas de investigação, foi concebida uma análise de conteúdos referentes ao material empírico recolhido, dado que, segundo Quivy (1998) “oferece a possibilidade de tratar de forma metódica informações e testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e complexidade.” (p. 227) Segundo Quivy e Campenhout,

(...) pretende-se que a escolha dos termos utilizados pelo locutor, a sua frequência e o seu modo de disposição, a construção do discurso e o seu desenvolvimento sejam fontes de informação a partir das quais o investigador tenta construir um conhecimento sobre o próprio locutor ou sobre as condições sociais em que este discurso é produzido. (citado por Lourenço, 2013)

Figura 1 Cronograma do Projeto de Investigação

Denominação	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO
Pesquisa Bibliográfica										
Preparação do trabalho de campo										
Avançar com o Estudo de Caso [Observação-participante]										
Avançar entrevistas Individuais										
Avançar entrevistas de grupo										
Análise de Dados										
Escrita da análise provisória										
Trabalho Final										

<sup>28</sup> O resultado desta dinamização do *focus group* encontra-se no Diário de Bordo, no Anexo 11.

<sup>29</sup> Observação referenciada no Diário de Bordo que se encontra no anexo 11.

## 6. Apresentação, Análise e Discussão dos Dados

Após a recolha de dados, urge a necessidade de analisar o conteúdo recolhido, sendo que, segundo Guerra (2008), “a análise de conteúdo tem uma *dimensão descritiva* que visa dar conta do que nos foi narrado e uma *dimensão interpretativa* que decorre das interrogações do analista face a um objeto de estudo, com recurso a um sistema de conceitos teórico-analíticos (...)” (p. 62). Portanto, recolhido o material, efetuou-se a transcrição integral<sup>30</sup> de cada entrevista realizada, individual e coletiva, e, de seguida, realizou-se a leitura das entrevistas transcritas, sublinhando ideias e anotando análises temáticas, passando para a construção das sinopses numa grelha, com análise e excertos de entrevista, que verte no presente relatório do trabalho de projeto.

### 6.1 Análise | Entrevistas com Jovens

No que respeita à amostra de estudo, a investigação envolveu 9 jovens que acompanhei ao longo das suas sessões de Clube Ubuntu, às quartas-feiras, entre as 14h30 e as 16h00. Não obstante, destes 9 jovens, 7 estiveram envolvidos nas técnicas de recolha de informação de entrevistas individuais e *focus group*. Dado que o principal foco é procurar compreender em que medida o Clube Ubuntu promove um estilo particular de participação dos jovens na comunidade, denotou-se como pertinente desenvolver entrevistas individuais (cerca de 4) e entrevistas coletivas (2 *focus group* realizados), de modo a aferir as suas motivações, interesses, o que entendem por participação e pelas atividades desenvolvidas, e de que modo materializam o conceito Ubuntu na sua participação na comunidade, através do Clube Ubuntu.

A seleção dos jovens para as entrevistas individuais teve como critérios a postura de liderança ao longo das sessões, a proatividade e o tempo de projeto, dado que dois dos jovens já se encontram a frequentar o Clube Ubuntu desde o ano letivo passado. Como o número dos jovens a frequentar assiduamente o Clube, é reduzido, era pretendido, através do *focus group*, procurar ouvir todos os jovens, contudo, dois dos jovens optaram por não integrar a referida técnica de investigação. E, dado que, nos *focus group* era pretendido ir mais a fundo nas representações dos próprios jovens relativamente às atividades, duas das jovens que realizaram as entrevistas individuais, aceitaram participar, igualmente, no *focus group*.

---

<sup>30</sup> As transcrições integrais encontram-se nos Anexos 5,6 e 7.

As entrevistas semidiretivas individuais efetuadas aos jovens participantes do Clube possuíram as seguintes características:

- i. **J I** – decorreu no dia 5 de maio de 2022, às 17h30, via plataforma zoom e teve a duração de cerca de 60 minutos. A referida jovem é do sexo feminino, tem 15 anos, reside na freguesia de Grijó, encontra-se no 9º ano de escolaridade e possui cerca de um ano de projeto, tendo ingressado no ano letivo de 2020/2021.
- ii. **J II** – decorreu no dia 10 de maio de 2022, pelas 14h30, no Gabinete de SPO da Escola Básica Júlio Dinis, com a duração de cerca de 20 minutos. A jovem J II é do sexo feminino, tem 13 anos, reside em Grijó, frequenta o 8º ano de escolaridade e ingressou no projeto no presente ano letivo.
- iii. **J III** – decorreu no dia 11 de maio de 2022, pelas 16h00, na sala do Clube Ubuntu na Escola Básica Júlio Dinis, com a duração de cerca de 15 minutos. O jovem J III é do sexo masculino, tem 14 anos, reside em Grijó, frequenta o 8º ano de escolaridade e ingressou no projeto no presente ano letivo.
- iv. **J IV** – decorreu no dia 19 de maio de 2022, pelas 16h00, no Gabinete de SPO da Escola Básica Júlio Dinis, com a duração de cerca de 30 minutos. O jovem J IV é do sexo masculino, tem 15 anos, reside em Perosinho, encontra-se no 9º ano de escolaridade e possui cerca de um ano de projeto, tendo ingressado no ano letivo de 2020/2021.

As entrevistas coletivas ou *focus group* efetuadas aos jovens participantes do Clube possuíram as seguintes características:

- v. **J I & J V** – decorreu no dia 18 de maio, pelas 16h00, no Gabinete de SPO da Escola Básica Júlio Dinis, com a duração de cerca de 1 hora e 30 minutos. A jovem J I foi apresentada no ponto anterior. A jovem J V é do sexo feminino, tem 14 anos, reside em Grijó, frequenta o 8º ano de escolaridade e ingressou no projeto no presente ano letivo. Neste focus group iríamos contar com o contributo da jovem J IX, contudo no dia de entrevista, a jovem regrediu na sua resposta e informou não querer participar.
- vi. **J II, J VI & J VII** - decorreu no dia 25 de maio, pelas 16h00, na sala do Clube Ubuntu na Escola Básica Júlio Dinis, com a duração de cerca de 1 hora e 18 minutos. A jovem J II foi apresentada no ponto anterior. As jovens J VI e J

VII são do sexo feminino, têm 13 anos, residem em Grijó, frequentam o 8º ano de escolaridade e ingressaram no projeto no presente ano letivo.

Importa salientar que os espaços utilizados para realização das entrevistas, foram solicitados às educadoras responsáveis pelo Clube, e as mesmas de uma forma célere dispuseram para que a investigação decorresse.

Da análise de conteúdo das entrevistas individuais realizadas junto dos jovens, emergiram as seguintes categorias e subcategorias:

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>
Legitimar a entrevista	Dados de Caraterização
Representação do projeto e da sua participação	Mudanças ocorridas nos jovens
Clube Ubuntu enquanto espaço de participação	Assiduidade
	Referência de situações em que os jovens emitem opinião, são escutados, informados e incidem nas decisões
Eixo da Construção de Pontes	Atividades e referências que demonstrem empatia e ligação ao outro
Eixo da Liderança Servidora	Atividades que jovens lideraram ao serviço do bem-comum da sua comunidade
Eixo da Ética do Cuidado	Atividades que demonstrem cuidado ao outro

*Tabela 1 Categorias e Subcategorias - Entrevista Jovens*

Da análise de conteúdo das entrevistas coletivas/*focus group* realizados junto dos jovens, emergiram as seguintes categorias e subcategorias:

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>
Legitimar a entrevista	Dados de Caraterização
Representação do projeto e da sua participação	Razões de Ingresso no Clube
	Opinião e Representação do Clube
	Mudanças Ocorridas nos Jovens
	Impacto da Participação



Clube Ubuntu enquanto espaço de participação	Referência de situações em que os jovens emitem opinião, são escutados, informados e incidem nas decisões
Eixo da Construção de Pontes	Atividades e referências que demonstrem empatia e ligação ao outro
Eixo da Liderança Servidora	Atividades que jovens lideraram ao serviço do bem-comum da sua comunidade
Eixo da Ética do Cuidado	Atividades que demonstrem cuidado ao outro

Tabela 2 Categorias e Subcategorias - Focus Group

Relativamente à subcategoria *Dados de Caracterização*, a informação recolhida encontra-se espelhada na caracterização supra dos jovens participantes, sendo que a mesma consistiu no género, idade, proveniência, ano de escolaridade e tempo de projeto.

No que concerne à categoria *Representação do projeto e da sua participação*, importa salientar que a passagem dos jovens pelo projeto iniciou-se com a participação nas Semanas Ubuntu juntamente com as suas turmas e que os jovens entrevistados, por opção, escolheram continuar no projeto, ingressando no Clube Ubuntu. A Semana Ubuntu, em regime imersivo, poderá ser impactante em termos pessoais e emocionais, e transformadora, sendo que a jovem J I salienta que:

Mudou porque sei lá, conheci melhor a minha turma, eu vi lados deles... Que nem sequer sabia que eles eram sensíveis, exato, eu vi o JR que era uma pessoa que nunca tinha visto a chorar – a chorar mesmo! Foi aí que eu percebi ok, isto aqui é incrível porque nos deu aqui, aquela intimidade mesmo. Foi aí. (J I)

Neste mesmo âmbito, focado na Semana Ubuntu, a jovem J II refere que “(...) alguns alunos não se abriam tanto, já se abrem mais, alguns alunos não tinham tanta empatia, e têm, e com a Semana Ubuntu conseguiram trabalhar isso.” (J II) Porém, no *focus group*, a jovem J V evidenciou que “Na altura, nos primeiros tempos funcionou depois disso voltou tudo ao normal.” (J V), referindo-se aos comportamentos e hábitos da sua turma após a Semana Ubuntu, sendo que apenas mais duas jovens da sua turma ingressaram no Clube e deram continuidade ao projeto.

A jovem J I, enquanto numa primeira estância salientou o impacto no todo, no desenvolvimento de intimidade junto da sua turma, a mesma, num âmbito mais individual, refere:

Porque antes eu era daquelas pessoas que não saía do quarto, eu vivia no quarto super isolada e ficava sempre no telemóvel e agora eu vou comer com eles; ya que eu não comia com eles, eu vejo filmes com eles, eu vou correr com o meu pai eu faço desporto com eles o que eu antes não fazia (...) (J I)

Já a jovem J II revela que “Em termos de desenvolvimento pessoal, eu antes não exprimia tanto as minhas ideias, não valorizava tanto as minhas ideias e hoje em dia já consigo debater sobre alguns assuntos, que antes tinha ou medo ou vergonha (...)” (J II)

Numa perspetiva de descentramento do seu egocentrismo e na procura de criar pontes relacionais, a jovem J I acrescentou:

Ah, também comecei a pensar que ... Os outros poderão ter mais problemas que eu, e que os meus problemas nem sempre são a prioridade, e agora, consigo preocupar-me mais com os outros do que comigo, o que é... Eu nunca pensei fazer isso. (J I)

Neste âmbito e colocando a tónica na liderança e no seu desenvolvimento enquanto líder ao serviço, o jovem J IV que ingressou no projeto no ano letivo 2020/21 e que desde então participa no Clube, refere o seguinte:

Tenho-me controlado mais a mim mesmo, ou seja, sinto-me mais um líder...tenho-me sentido mais confiante, acho que tenho-me conseguido controlar, ou seja, sou mais líder, e tenho conseguido até, quando é necessário, liderar numa situação de grupo. Que eu antes sinto que não era. (...) agora, por exemplo, sou delegado de turma, da minha turma. Quando é preciso estou sempre lá para ser o porta-voz, para ser o líder, quem precisa eu estou lá...e eu acho que antes, antes da Semana Ubuntu e antes de participar neste Clube, não era capaz de o fazer tão bem como faço agora. (J IV)

Debruçado na temática da liderança, o jovem J IV reforça que espera com o projeto “(...) ser um bom líder, conseguir comandar tanto as minhas emoções quanto as minhas ações – acho que isso é super importante – e deixar uma marca na sociedade quando fizer alguma coisa. Fazer as coisas sempre a pensar nos outros e não tanto em mim.” (J IV). Não obstante, o jovem J IV sublinha que participar no projeto serviu de reforço para os pilares que ele próprio já procurava colocar em prática. “Gostei bastante das ideias do Ubuntu, dos conceitos. Acho que já estava a pô-los em prática antes de sabê-los, sequer, e acho que a semana só serviu para eu colocá-los ainda mais em prática no meu dia-a-dia.” (J IV) E o jovem J III refere “Acho que não mudou muita coisa, não sei.” (J III)

Como foi referido anteriormente, o ingresso no Clube Ubuntu, após a Semana Ubuntu, é voluntário, e as razões desta tomada de decisão por parte dos jovens dividem-se entre o social, por vir com amigos, e o impacto que sentiram da semana realizada. Como, por exemplo, em contexto de *focus group*, refere a Jovem J V “Porque eu gostei da semana e queria fazer mais.” (J V), enquanto que a jovem J I referiu “O convívio entre as pessoas.”, e partilha que:

O J IV foi e eu naquela altura, podia ir para casa com ele. Pronto, o J IV veio e eu também decidi vir... e também porque aproximei-me, pode-se dizer assim, de uma pessoa lá da semana, e pronto, eu pensei assim se eu estiver no Clube Ubuntu, ela vem mais vezes. Então, pronto, entrei. E, depois, passado algum tempo, deixei-me ficar. (J I)

Neste ponto, a jovem J VI salienta que foram “A atividades. (...) Da semana.”, que a aliciaram a continuar no projeto, não obstante, refere como um obstáculo que sente no clube “Eu acho que ter de ‘tar, tipo, com outras pessoas que não são iguais a nós e ter de ‘tar com eles a fazer atividades, às vezes pode ser um bocado difícil.” (J VI). Na linha de obstáculos sentidos no Clube, a jovem I salienta a necessidade de mais tempo de Clube Ubuntu, sugerindo aumentar o horário da sessão ou que houvesse mais sessões por semana, e a jovem J VII sugere:

Eu acho que, no Clube, devemos ter mais organização sobre as ideias, ou seja, estamos a fazer uma ideia e não começar a fazer logo outra porque devemos terminar primeiro essa e, depois, sim, começar outra. Para não deixar tudo ao monte e deixar uma por acabar... (J VII)

Importa salientar uma atividade que não foi terminada pelo Clube Ubuntu no presente ano letivo, que foi a Pintura do Símbolo da Paz<sup>31</sup>, que poderá estar relacionada com o nível de envolvimento dos jovens, visto que Hart (1992) salienta que um sentimento de posse de um projeto e/ou atividade pode ser um ponto-chave para o sucesso ou insucesso do mesmo. Neste sentido, a jovem J VI refere que:

Foi só a Edu I e a Edu II que chegaram e disseram que nós tínhamos que pintar aquilo, num determinado tempo e...pronto, elas só disseram que era...fizeram uma breve explicação sobre o que era e mandaram-nos fazer aquilo e nós fomos. (J VI)

---

<sup>31</sup> Contudo, como foi acordado, no final do ano letivo, que o grupo em meados de julho participará no evento Ubuntu Fest, em Tomar, estipularam continuar a realizar os encontros semanais de Clube para terminar este trabalho, no período de férias escolares.

Por último e dadas as conversas paralelas que os jovens vão tendo nas sessões do Clube, a jovem J I refere “Se calhar se a gente colaborasse mais e fechasse a matraca, se calhar dava para, pelo menos, adiantar algumas coisas...” (J I).

Relativamente à categoria *Clube Ubuntu enquanto espaço de participação*, nomeadamente na subcategoria *Assiduidade*, a jovem J I partilha “Ah, eu nunca faltei, nem penso faltar, só se me acontecesse alguma coisa mesmo grave e que não possa ir, tenho contribuído com tudo, ajudar em tudo o que posso...” e acrescenta:

(Participar mesmo) A mesma coisa que eu ter uma consulta super importante, que ia ter uma cirurgia, a mesma coisa que eu ter a consulta antes da cirurgia e dizer – Não, eu não vou. Eu tenho Clube, não vou. . Pronto. E tive de desmarcar a cirurgia. Ao menos fui ao Clube. Exato. (J I)

Na subcategoria *Referência de situações em que os jovens emitem opinião, são escutados, informados e incidem nas decisões*, os jovens foram escutados no que diz respeito à sua participação no Clube e, na perspetiva deles, nos modos em que surgem os projetos e atividades do Clube. Neste âmbito o jovem J III referiu que participar no Clube “É dar a sua opinião. Dar ideias, comentar, é isso ...” (J III). E o Clube Ubuntu enquanto espaço onde os jovens podem dar ideias e opinar, foi sublinhado por outros jovens de igual modo, como é o caso da jovem J II que partilhou “E acho que o Clube Ubuntu conseguiu trazer mais espaço para ajudar e para ter as minhas ideias, exprimir-me mais, em relação às ideias que eu tinha, aquilo que eu sentia mais ou menos em relação a alguns assuntos.”, acrescentado ainda o papel das educadoras responsáveis pelo Clube e projeto, “(...) E, acho que, também, se nós precisarmos de alguma coisa eles ajudam-nos, a Edu I, a Edu II (...)” (J II). Na questão do papel das educadoras a jovem J I reforça que “(...) mesmo elas (educadoras) quando estão lá, organizam-nos e a gente faz as coisas, com o apoio delas.”, não obstante quando questionada sobre o surgimento de uma atividade em concreto a jovem salientou que “Foi a Edu I que chegou um dia – Olhem, e se a gente fizesse isso? E fizemos.”. Quando questionado sobre o seu nível e estilo de participação, o jovem J IV afirmou “Sou ativo...tento, ou melhor, tento não, ajudo no que é necessário (...) Acho que participo, faço trabalho nas coisas que são precisas, dou ideias, partilho histórias, faço com que o Clube mexa também.” (J IV).

Não obstante, em contexto de *focus group*, a jovem J VI partilhou sentir que as suas ideias e opiniões não são tão escutadas como as dos restantes colegas:

Acho que, talvez, ouvir mais as outras pessoas, porque dá para perceber que muitas vezes, no Clube, talvez por eu ser diferente,

preferem ouvir outras pessoas, do que realmente me ouvir. Ou, por exemplo, mandar-me fazer coisas e deixar as outras pessoas fazerem o que elas quiserem. E muitas vezes fazem isso, talvez por eu ser diferente, não sei. (J VI)

Igualmente, refere ter dado ideias de projetos, mas que os mesmos não avançaram:

Não fizemos atividades que eu esperava que fizéssemos. (...) Por exemplo, ajudar mais os necessitados. (...) Eu dei duas ideias de... uma de servir comida aos pobres e isso, no Porto, durante a época de natal e a outra de irmos limpar as praias. (...) Para a da comida, disseram-me que estava muito perto, mas ainda tínhamos algum tempo e a... da praia só... meio que ignoraram. (J VI)

Neste âmbito, e no mesmo *focus group*, no seguimento da partilha supra, a jovem J II partilhou a sua experiência referindo “(...) Dou ideias. São muitas ideias, então nem sempre acho que podem ser ouvidas, mas... são faladas um pouco, pelo menos, acho eu. E... Sinto-me bem no grupo.” (J II). Porém, a jovem J VI vê impacto nas atividades desenvolvidas, referindo:

Porque as atividades que nós fazemos é, por exemplo, eu acho que os outros alunos gostam das atividades que fazemos e é meio como uma forma de... por exemplo, alunos desta escola não são muito de ajudar os outros e isso, e eu acho que o Clube é uma forma de incentivá-los, encaminhá-los para poderem ajudar um pouco as outras pessoas. (J VI)

Neste âmbito, e analisando a subcategoria emergida do *focus group* - *Impacto da Participação* -, importa salientar o exemplo dado pela J I, que nos traz a ideia que o impacto do projeto e da participação dos jovens é sentida fora das paredes da escola, nomeadamente pelos Encarregados de Educação:

Eles disseram (pais) que se não houvesse coisa para Lisboa, eles levavam-me a Lisboa, sendo que no outro dia era escola, para mim, e era trabalho para eles. Eu acho que isso também é o impacto que eles tiveram e que notaram que eu queria aquilo e era aquilo, (...). (J I)

Ainda neste sentido, a jovem deu o exemplo concreto do seu pai que pode vivenciar uma atividade da metodologia Ubuntu, no âmbito do projeto Ubuntu no Bairro, em Vila Nova de Gaia, escutando uma história numa Biblioteca Humana:

Ele (Pai) não é daquelas pessoas que fala muito, mas ele disse que, quando chegamos ao carro (...) - É nisto que tu andas? - e eu - Exato, isso é um exemplo daquilo que eu ando -. E ele - Ah, então vou começar a ir contigo ao Clube -. E, pronto, foi aí que ele agora gosta que eu ande e me leva para todo o lado. (J I)

Os jovens ao longo da entrevista foram desafiados a analisar a representação e o impacto que sentiram das atividades e projetos desenvolvidos e/ou em desenvolvimento no Clube, procurando compreender se os 3 eixos estruturantes – Construção de Pontes, Liderança Servidora e Ética do Cuidado – foram motores dessas atividades. Na subcategoria *Atividades e referências que demonstrem empatia e ligação ao outro* – no âmbito da categoria *Eixo Construção de Pontes* -, a jovem J II sublinhou que “Ubuntu é empatia e então nós vamos ajudar sempre que pudermos... Mas, nas ações finais que fazemos nós sempre ajudamos.” Não obstante, na linha do criar laços e ligações, os jovens dividiram-se entre o trabalho que é realizado neste âmbito de forma interna, com o trabalho realizado com e para a comunidade.

De um modo mais interno, a jovem J I partilhou que “Oh pá, eu acho que criar laços, a gente criou até demais. Sim, eu acho que criamos imensos e construímos uma meia comunidade, um meio grupinho, uma meia família, pode-se dizer assim.” (J I). Sendo que a jovem J II referiu aproveitar os momentos de trabalho em equipa para procurar conhecer os seus colegas, criando laços:

Não sou de pintar, mas eu, quando estava a pintar, acabei por conhecer, por exemplo, estava à conversa com o J IV, com a J I, e deu para conhecer um pouco mais eles os dois, deu para fazer algumas... deu para ter algumas conversas com a J X e ter alguns momentos engraçados, quando nós pintávamos sem querer o cabelo. (J II)

No contexto de *focus group*, a jovem J V referiu que “Acho que em todas as sessões contem um pouco de empatia. Entre nós, no caso.” (J V), sendo que, neste mesmo contexto, as restantes jovens sublinharam atividades e jogos propostos pelas educadoras para explorar certos pilares no grupo constituinte do Clube Ubuntu, como, por exemplo:

Nós tínhamos feito um jogo que era nós partilharmos algo da nossa vida que tinha a ver com o jogo e tirar cartas. E acho que isso deu para nos inteirarmos mais um pouco uns aos outros, mas não deu para perceber tudo. (...) Construir pontes, porque é ligar, ver se há ligações entre nós. (J II)

Ou, no caso da partilha da jovem J VI, as cartas que endereçaram aos membros do Clube, como um amigo secreto, “Trocamos aquelas cartas no Clube, acho que foi uma forma de construir pontes uns com os outros... (...) Além de não ter corrido tão fácil. Eu não senti isso, mas, de qualquer forma, acho que foi uma boa atividade.” (J IV). O jovem J III deu como exemplo um conflito que decorreu no grupo de Whatsapp dos membros do Clube Ubuntu, em que o mesmo procurou mediar, referindo “Tentei fazer com que não

discutissem ali no grupo e que... Ou que parassem de discutir, ou que se quisessem discutir, que discutissem em privado, que não envolvessem as outras pessoas.” (J III)

Numa perspetiva de procurar construir pontes com e para a comunidade, o jovem IV partilhou:

(...) nós fizemos agora uma campanha de bens para a Ucrânia e uma das coisas que nós fizemos foi colocar uma caixinha em todas as escolas do primeiro ciclo para não ser só as pessoas desta escola e os pais desta escola, serem os pais das outras escolas a saberem o que é o Clube – porque nós fomos lá e explicamos o que era o Clube – e a participarem nas atividades do Clube. **Acho que esse é um dos grandes impactos, é pegar na comunidade envolvente e trazê-la a participar.** (J IV)

A jovem J I relembrou uma atividade realizada no ano letivo 2020/21 em que pintaram, nos muros que envolvem a escola, o Mural Ubuntu, um mural alusivo aos cinco pilares do Ubuntu, referindo:

O SA limpou aquilo, a parede, depois, a gente começou a fazer o desenho com as fita-colas (...). Aham... Começamos a fazer aquilo com as fita-colas, fizemos meio como um projeto e, depois, a gente começou a trazer as tintas, coisa que o meu pai também deu um coisa de tinta. Incrível. Obriguei-o a sair do trabalho para ir buscar a tinta, mas pronto. Aham... E, depois, até os professores ajudaram, por exemplo, o professor de EV que deu-nos pinceis e isso e... é engraçado que a escola também contribui, o que é fantástico. (J I)

O jovem IV à semelhança da jovem J I, procurou resgatar a pintura do mural, salientando:

(...) por exemplo, vou dar um exemplo muito concreto em que eu acho que trabalhamos muitos pilares...no mural Ubuntu, que nós pintamos lá fora. Acho que Construir Pontes – vou começar por este. Nós conseguimos fazer com que os meninos mais pequenos do quinto e sexto ano participassem! E, só aí, já criou uma ligação entre nós. Porque eles participaram. (J IV)

No que concerne à subcategoria *Atividades que jovens lideraram ao serviço do bem-comum da sua comunidade* – na categoria *Eixo da Liderança Servidora* – os jovens J I e J IV, nas suas entrevistas individuais, rapidamente partilharam um projeto desenvolvido no ano letivo 2020/21, a criação de um Gabinete de SPO na presente escola:

Foi assim a primeira grande ação. As outras coisas que eu fiz antes, que eu fazia, eu considero pequenas ações porque não foram coisas muito grandes. Esta aqui foi a primeira coisa que realmente trouxe um impacto significativo para as pessoas em redor. Então, acho que impactou e eu não vou esquecer esta sala que nós fizemos. (J IV)

A jovem J I refere que “Este novo gabinete que deu assim um bocadinho de trabalhinho a mais (...). Empatia e Serviço.”, partilhando como surgiu a ideia e se iniciou o projeto:



Pelo que eu me lembro, acho que foi a Edu II que me tinha dito que o espaço de Psicologia era horrível e eu não sei o que é que foi, acho que foi o JVI, acho que tenho uma noção que foi ele, vira-se – Ah, nós temos um rode de arrecadações que não usamos, podemos pedir ao Edu E. E a gente começou a dar graxa ao Edu E e ele deu-nos aquele espaço. Simples. (J I)

Relativamente à atividade da pintura do Mural Ubuntu, referida como uma atividade de construção de pontes, o jovem J IV, identificou a liderança servidora com um traço desta atividade, pois “fez com que os... nós, do Clube, liderássemos e conseguíssemos orientar os pequenos sobre o que fazer...” (J IV).

No contexto de *focus group*, a jovem J VI partilhou a sua ideia sobre o Bazar de Natal desenvolvido no presente ano letivo, “No fundo, (o bazar de natal) foi uma forma de ajudar tanto o Clube, quanto a comunidade, porque o dinheiro que angariamos seria para ajudar os outros.” (J VI). Sendo que o jovem J IV, na entrevista individual, igualmente fez referência a esta atividade, sublinhando:

(...) nós logo no início do ano fizemos um bazar de Natal, uma compra e venda de coisas para, eventualmente, fazer a – e sempre com a marca do Ubuntu, isso eu acho muito importante, sempre lá com a marca. (...) É um bazar de Natal a pensar nos outros. As coisas que nós vendemos não é só - Ah, vamos angariar dinheiro, o dinheiro é só nosso. -. O dinheiro é nosso porque nós o vamos utilizar outra vez para a comunidade, em prol dos outros. (J IV)

A jovem J II refletindo sobre as atividades realizadas refere que as atividades associadas à recolha de bens para apoiar a Ucrânia, é um exemplo “Da liderança servidora. Porque nós servimos quem precisava de ajuda.” (J II) e sublinhando o “Serviço à comunidade, quando estivemos a fazer a contagem, no átrio, das coisas que iam para a Ucrânia.” (J II). No fundo, a jovem J II salienta que “Eu acho que nós todos somos líderes porque nós ajudamos, damos ideias, tentamos ir cada vez mais longe, superar-nos e isso... É muito importante.” E a jovem J I sublinha “Eu acho que, basicamente, o lema que é ser pessoa... (...) É ajudar os outros e...pronto. É beneficiar a comunidade.”

Relativamente à subcategoria *Atividades que demonstrem cuidado ao outro* – no âmbito da categoria *Eixo da Ética do Cuidado* – a jovem J I, em contexto de *focus group*, rapidamente foi identificando várias atividades imbuídas pela ética do cuidado, como, por exemplo, “Ética do cuidado. (...) Porque a gente fez isto (Gabinete SPO) para tentar cuidar das pessoas, dar um espaço mais reservado para poderem falar.”, ou “Ética do cuidado. (...) Porque a gente tentou cuidar de quem cuida de nós. Literalmente.” (Cartas de São Valentim – auxiliares da ação educativa) (J I). A atividade das cartas de São



Valentim, de agradecimento aos auxiliares, foi reforçada, igualmente, pela jovem J VII “Quando nós distribuímos cartas para os funcionários. Acho que foi uma forma de, de... de eles entenderem que fazem falta se saírem daqui.” (J VII). Para além das atividades, a jovem J II salienta a importância de cuidar com pequenos gestos e ações diárias, “Até pequenos gestos que nós fazemos às vezes, por exemplo já saber os nomes deles (funcionários) e dizer e chegar lá, eles já ficam felizes.” (J II).

Gonçalves (2019) refere que “Um líder servidor cuida de si e dos outros (...)” (p. 108) e que a essência do Ubuntu é cuidar. O jovem J IV, neste âmbito, sublinha que “(...) acho que esses são os conceitos principais assim do Ubuntu, seria ajudar o outro, o cuidado.” (J IV).

## 6.2 Análise | Entrevista com Educadoras

No que concerne à amostra de estudo, para além dos jovens acima referenciados, as educadoras envolvidas no projeto também fizeram parte da investigação e, as mesmas, foram auscultadas, através de uma entrevista realizada a ambas. Dado que o principal foco é procurar compreender em que medida o Clube Ubuntu promove um estilo particular de participação dos jovens na comunidade, denotou-se como pertinente escutar as duas educadoras responsáveis pelo projeto e Clube Ubuntu na escola, através de uma entrevista semidiretiva, de modo a aferir as suas motivações, o seu papel no Clube, o que entendem por participação e pelas atividades desenvolvidas, e de que modo os jovens materializam o conceito Ubuntu na sua participação na comunidade, através do Clube Ubuntu.

A entrevista semidiretiva junto das educadoras decorreu no dia 4 de maio de 2022, pelas 16h00, na sala Centro de Recursos da Escola Básica Júlio Dinis, e teve a duração de cerca de 56 minutos. A primeira estância da entrevista centrou-se na recolha de dados de caracterização, nomeadamente:

- i. **Edu I** – A Edu I é do sexo feminino, tem 49 anos, cumpre na presente escola a função da animadora sociocultural e encontra-se no segundo ano letivo no projeto da Academia de Líderes Ubuntu, na Escola Básica Júlio Dinis.
- ii. **Edu II** - A Edu II é do sexo feminino, tem 44 anos, cumpre na presente escola a função de psicóloga escolar e encontra-se no terceiro ano letivo no projeto da Academia de Líderes Ubuntu, na Escola Básica Júlio Dinis.

Da análise de conteúdo da entrevista realizada junto das educadoras, emergiram as seguintes categorias e subcategorias:

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>
Legitimar a Entrevista	Dados de caracterização
Representação do projeto e da participação	Entradas e Saídas de Jovens
	Imagem do Clube na Escola
	Mudanças Ocorridas nos Jovens
Clube Ubuntu enquanto espaço de participação	Assiduidade
	Referência de situações em que os jovens emitem opinião, são escutados, informados e incidem nas decisões
Eixo da Construção de Pontes	Atividades que demonstrem empatia e ligação ao outro
Eixo da Liderança Servidora	Atividades que os jovens lideraram ao serviço do bem-comum da sua comunidade
Eixo da Ética do Cuidado	Atividades que demonstrem cuidado ao outro

Tabela 3 Categorias e Subcategorias - Entrevista Educadoras

No que concerne à subcategoria *Entradas e Saídas de Jovens* – na categoria *Representação do projeto e da sua participação* -, importa realçar novamente que antes dos jovens ingressarem no Clube Ubuntu, são dinamizadas as Semanas Ubuntu e, neste caso, “Realizamos 6 semanas Ubuntu no 1º ano e envolvemos 2 turmas de 7º e 4 (turmas) do 8ºano.” (Edu I), e, no presente ano letivo, realizaram mais 4 semanas envolvendo turmas de 8º ano. A Edu I salientou que:

Digamos assim, houve esta continuidade, os alunos quiseram... continuaram com... no Clube, não é? Que participaram nas semanas, continuaram a participar nas atividades do Ubuntu, no Clube. E houve outros tantos que não participaram, não é? Mas muito mais os que não participaram. Mas pronto, aqueles que participaram, sentimos que se envolveram ao ponto de mostrar aqui, na escola, o que é o Ubuntu. (Edu I)

E, de facto, as Semanas Ubuntu envolveram muitos jovens, não obstante, somente 12 jovens ingressaram no Clube Ubuntu. Neste sentido, a Edu II sublinhou que:

Eles à quarta-feira têm uma série de Clubes, aqui, na escola, com muita tradição. Acho que isso também é um aspeto importante, porque são Clubes que já têm aqui uma história diferente e, aqui, uma consistência diferente. Depois, isto sendo novo... eu acho que há, aqui, um fenómeno, assim pensando... a questão da semana ubuntu mexe, ali, com muitas dimensões psicológicas e emocionais e, acho que, às vezes, pode haver esta ideia de que no Clube, também, vamos só mexer nesta parte, ou... e que isso, às vezes, pode criar aqui alguma resistência. (Edu II)

E a esta ideia, a Edu II acrescenta as diferenças existentes entre a Semana Ubuntu e o Clube Ubuntu, pois embora o Clube seja uma continuidade do trabalho iniciado na Semana, é realizado numa outra forma:

Não é na linha da semana, porque nós temos 4 áreas de atuação no Clube, que não são as mesmas... (...) naqueles 4 parâmetros que são usados no Clube Ubuntu, que não tem nada a ver com as semanas ubuntu, apesar de trabalharmos sempre os pilares, só que de uma forma diferente, mais prática, não é? E, também, de uma forma mais lúdica. E, se calhar, há miúdos que vieram, o ano passado, que preferiam uma coisa mais, não sei, diferente. (Edu I)

Não obstante, as educadoras, aquando a entrevista, referiram que sentiam que o grupo não estava muito aberto à possibilidade de novos jovens ingressarem no Clube, “Estão mais família, não é? É um bocado difícil agora vir outra pessoa que entra ali e tipo.” (Edu I), sendo que as educadoras abordam a questão da confidencialidade e confiança, dado que há dinâmicas internas que pode levar a partilhar intimas.

Eles querem no grupo quem tenham a certeza que, a seguir, não vá dizer coisas lá fora, ou pronto, coisas que, às vezes, eles partilham. Eles podem até não se dar muito bem uns com os outros, em algum momento, mas acho que sabem que... Têm que ter essa garantia! Vá ou confiança... (Edu II)

O facto de terem participado na semana e terem esta vivência partilhada, apoia na promoção de um forte sentimento de pertença ao grupo, ao Clube, ou, como é referido pelas educadoras, a esta família. Todavia, o sistema simbólico da ALU também tem um forte peso:

Acho que esse é um ponto de partida muito importante, porque se... a intensidade inicial faz com que eles também, há toda uma imagem também construída pelo Ubuntu, até a cor, a t-shirt, símbolos, não é? E isso cria este sentimento de pertença ao Clube, o facto de partilharem aqui símbolos e, e... e quase o... terem participado na semana, de terem feito um ritual final, do brinde, por exemplo, esta coisa. Eles partilharam coisas comuns e, a partir daí, estão no Clube, que já experienciaram coisas idênticas e percebem, também, que não são os únicos. (Edu II)

Na linha do tópico das Semanas Ubuntu, as educadoras partilharam que, especialmente no primeiro ano, foi desafiante a comunidade educativa compreender o que iria ser o projeto e o porquê de retirarem os jovens durante uma semana das aulas. Todavia, os professores “(...) também começaram a perceber a ... os resultados, mais ou menos efetivos em cada turma e também começaram a entender um pouco que era isto. O clube Ubuntu também veio reforçar um pouco esta ideia do Ubuntu, do que é Ubuntu (...)” (Edu I) E, de momento, já há uma *Imagem do Clube na Escola* – subcategoria - a ser construída pela comunidade, surgindo solicitações de atividades e projetos que creem estar alinhados com o valor do Clube, como é o caso da Pintura do Símbolo da Paz. A Edu I salienta que “O Clube Ubuntu aqui (escola) é visto como o Clube que, pronto, trabalha mais a empatia pelos outros, o cuidado... a ética do cuidado, etc. Portanto, somos mais solicitados nesse aspeto.” (Edu I).

A esta imagem do Clube surge um elemento do sistema simbólico da ALU que é o “Ser Ubuntu”, associado à promoção de uma identidade, de sentimento de pertença (Bourdieu, 2014) e à própria conduta dos jovens dentro e fora do Clube. Sendo que a Edu II sublinha:

Isto tem a ver com o que fomos trabalhando nas semanas e a questão da identidade deles, não é? Que será alguém que é mais cuidadoso com o outro, que será alguém mais atento ao outro, não só próprio umbigo, não é? Na consequência que o seu próprio comportamento tem no outro e ter aqui... lá está. É a ética do cuidado, não é? Que isto congrega estas coisas todas, mas é alguém que está, que... que tem de ser um exemplo para os outros, em termos de conduta, de integridade, enfim. E eles percebem. (Edu II)

A respeito da subcategoria *Mudanças ocorridas nos Jovens*, as educadoras salientam que os jovens estão em permanente desenvolvimento e evolução e que, pelas experiências que vivenciam no Clube, vão desenvolvendo novas competências:

(...) vão desenvolvendo competências de uma forma muito sequenciada, mas estas coisas vão acontecendo, pelas experiências que eles têm no Clube. E vão tendo algumas atitudes, ou verbalizando algumas coisas que nos permitem perceber que eles estão em evolução. Se pensarmos neles há um ano atrás, eles não diriam a mesma coisa na mesma forma, estão em desenvolvimento. (...). (Edu II)

De um modo mais detalhado, as educadoras evidenciaram a nível de personalidade, postura, liderança e à vontade a falar em público, a evolução dos jovens J I e J IV que acreditam estar associada à participação no Clube Ubuntu:

(...) Às vezes, nós sentimos uma certa diferença mesmo ao nível da personalidade. Por exemplo, a J I, no ano passado, não foi capaz, sentiu-se bastante mal, nervosa e com muitos problemas, quando foi apresentar lá, no... (...) Ubuntu Fest. Este ano, nós tivemos uma participação, na semana passada, não foi? (...) E ela partilhou com toda a gente, adultos e etc, responsáveis, o que é que nós precisávamos para o Clube. Apresentou as atividades que nós fizemos, apresentou na maior das calmas, e muito assertivamente. (Edu I)

E, por exemplo, eu que estive com eles, depois, na orientação, na turma deles, eles foram motores de outros para participarem no processo para decidirem o que iam fazer da vida, digamos assim. Portanto, eles próprios adotaram na turma, tanto o J IV, como a J I, este papel, de convencer os outros, num determinado momento em que eles acharam que não estavam a pensar tanto nisso, em convencer alunos que, se calhar, estariam numa situação mais frágil, a estar e a ir. E foram eles que o fizeram. Se calhar, não sei se não tivessem passado pelo Clube, ou pelo processo se iriam ser iguais. Se calhar, iam eles e pronto. Portanto, acho que este olhar para o outro depois reflete quase... eles transferem o que aprendem... (Edu II)

No âmbito da categoria *Clube Ubuntu Enquanto Espaço de Participação*, as educadoras debateram-se com conceitos como “participação”, “assiduidade” e “compromisso”, concluindo que os jovens se encontram em níveis diferentes de compromisso e com razões distintas de participação no Clube:

Mas, acho que de uma forma geral, comprometidos, eu sinto que estão, porque eles, as presenças indicam isto, não é? E a regularidade. (...) Comprometidos no sentido de pertença, da regularidade, se calhar temos 2 elementos que (...) são mais instáveis, mas, que são instáveis no seu dia-a-dia, portanto, aqui também, a frequência é mais instável. Ahmm... Ao nível da participação, acho que temos os que estão motivados intrinsecamente mais pelas atividades, tarefas, e teremos outros que têm uma coisa mais social, digamos assim, por quem vem, por quem está, e isso é motor, e... Por exemplo, estávamos, agora, a falar de uma aluna, que não vindo as outras duas alunas, ou não estando uma das amigas, porque estão com covid, a participação já é completamente diferente. (Edu II)

Embora os jovens possuam motivações diferentes para participar, seja intrinsecamente pelas atividades, ou algo mais social, a educadora também procurou refletir sobre diferentes degraus de uma escada de participação:

É ir, pronto, um nível mais básico de participação. Depois, um nível mais ativo será eles próprios tomarem decisões sobre o que ali acontece, sobre... Por um lado, esta coisa que nós vamos treinando com eles, do treinarem a participação para a escolha das coisas e para decidirem coisas. E, depois, eventualmente, tomarem decisões, participando já a um nível mais exigente, que é, por exemplo, o que eles fazem quando escolhem ou direcionam as suas atividades, ou para o que, se são para coisas que valem a pena, ou não. (...) nós partilhamos esta visão da participação que não é só o vir, o estar, é representar, é também decidir, tomar decisões, neste sentido, é representar perante os outros alunos, é terem um papel. Pronto, nós vamos reforçando sempre isto. (Edu II)

Neste âmbito da visão partilhada das educadoras de “participação”, como procurar promover nos jovens a tomada de decisões no Clube Ubuntu, as mesmas foram questionadas de que forma se efetua esta promoção e qual é o impacto que as opiniões dos jovens têm no desenho do plano de intervenção do Clube, na escolha dos projetos e atividades. Sendo que a Edu I referiu que:

Várias coisas são do World Café, mas, depois, outras tantas, são... Por exemplo, a saída também é organizada em função daquilo que eles também necessitam ou gostariam de fazer, não é? Daquilo que eles gostariam de fazer... (...) E outras coisas também vão surgindo... pronto, da nossa parte, da nossa planificação semanal, daquilo que nós gostávamos, o que é que é importante, por exemplo, imagina que esta semana houve muitos problemas de comportamento, etc, etc, então, se calhar, agora, tínhamos uma atividade planeada de construção dos bancos para o recreio exterior, mas temos que resolver problemas internos. (Edu I)

Procurando analisar na ótica da Escada de Participação de Arnstein (citado por Hart, 1992), que demonstra os graus de participação, do mais alto para o mais baixo, creio que este regime se situa no ponto em que o jovem é mobilizado para a participação, consultado e informado. Esta evidência é corroborada pelo papel das educadoras para orientar e a dar a conhecer outras possibilidades e, até, outras necessidades do grupo:

(...) Até porque, às vezes, eles, também, não conhecem o que é que existe também... (...) Temos de ter às vezes, porque eles não têm este nível de conhecimento das coisas que existem e que possam também fazer, e nós temos também esse papel. (Edu II)

Não obstante, a Edu I sublinha que “temos que ter sempre este cuidado de, ok, vamos fazer isto, e agora vamos fazer aquilo, que é para todos sentirem que têm o seu espaço e que têm os seus interesses correspondidos” (Edu I). A educadora salientou, também, o cuidado que procuram ter a explicar aos jovens as solicitações externas que

chegam ao Clube, referindo “E vamos conversando com eles e eles vão todos participando nas atividades” (Edu I).

Importa, contudo, salientar que as educadoras procuram criar momentos de tomada de decisão, em que os jovens são chamados a ganhar autonomia e responsabilidade, como foi o caso da sessão em que debaterem o que iriam fazer com o dinheiro angariado no Bazar de Natal:

Nós reunimos no bazar de natal X dinheiro, não é? Se vamos gastá-lo agora, portanto, não vamos ter tempo para angariar mais dinheiro, em nenhuma atividade. Logo, eles próprios também se sentiram autónomos, digamos assim, e responsáveis por tomar decisões do próprio Clube. Portanto, não somos nós, os adultos, que vamos tomar decisões por eles. E é esta questão... E eu acho que isto também é muito importante para eles, dar-lhes autonomia e dar-lhes responsabilidade, não é? Portanto, há esta responsabilização um bocado democrática, digamos assim, do Clube, do próprio Clube, de tomarem decisões. (Edu I)

As educadoras sublinharam que possuem este hábito de os confrontar com tomadas de decisão da gestão do Clube Ubuntu, que nem sempre são unânimes:

(...) às vezes ficam a discutir, por acaso hoje foi por unanimidade, às vezes ficam a discutir os prós e os contras, e nós como, também, a observar como é que eles gerem as coisas, não é? Como é que gerem as decisões e eu acho interessante. E, nem sempre, por exemplo, são aqueles elementos mais responsáveis que nós temos no Clube, que até tomam as decisões mais acertadas, às vezes até são aqueles que são mais malcomportados que pensam noutras coisas, que... (...) E que contribuem muito para a decisão final, não é? (Edu I)

Relativamente à subcategoria *Atividades que demonstrem empatia e ligação ao outro*, as educadoras sublinharam as pontes que têm procurado construir na comunidade educativa, com atividades como, por exemplo, as cartas de agradecimento ao pessoal não-docente e as atividades e contacto desenvolvidos com o 1º e 2º ciclo de escolaridade:

Quando os... o pessoal não docente recebeu as cartas, ficaram emocionados, os miúdos tiveram aquele gesto, ect. E eles já começam a sentir - Ah, isto aqui é que é ser ubuntu! É pensar no outro. - E os mais pequeninos também já começam a perceber, porque vai um elemento do Clube Ubuntu, um jovem, uma jovem, falar sobre a atividade às escolas primárias, ect, escolas básicas de 1º ciclo. (Edu I)

No âmbito da subcategoria *Atividades que os jovens lideraram ao serviço do bem-comum da comunidade*, foi referenciado o trabalho árduo dos jovens, e um dos primeiros



projetos desenvolvidos pelo Clube, no qual os jovens mantêm um grande orgulho, que consistiu na criação do Gabinete de SPO:

E, pronto, conseguimos conquistar esse espaço para o SPO que, com alguns patrocínios e com muito esforço dos próprios alunos do Clube, foi reformulado para um espaço de atendimento, que é utilizado diariamente, por vários técnicos, não é? (...) Para atendimentos, dos pais, dos encarregados de educação, dos próprios alunos. Portanto, é um espaço multidisciplinar, multifuncional, digamos assim, que é utilizado e que foi obra do Clube. (Edu I)

Este projeto surgiu após, na dinâmica *World Café*, os jovens evidenciarem esta necessidade de um espaço físico mais intimista para dialogar e partilhar certos assuntos com técnicos especializados.

Relativamente à subcategoria Atividades que demonstrem cuidado ao outro, as partilhas dividiram-se entre a importância do cuidar internamente do Clube e o cuidar da comunidade. Nomeadamente as educadoras salientam a relação que procuram manter com os jovens, promovendo a confiança e mantendo-se disponíveis para os escutar quando necessitam, procurando ser figuras de referência:

Acho que é pela relação, pela consistência, pela... regularidade, sobretudo. Das figuras de segurança e de referência. Pronto, e isso é o cuidar, não é? É saberem que estão ali, ou que temos uma resposta, ou que... eles... como também estamos associados ao Nasce e que, por sua vez, à psicologia, e esta parte, eles usam isto como um canal, já o fizeram. (Edu II)

Importa realçar que o Clube procura servir e cuidar da sua comunidade educativa, sendo que as educadoras salientam que a escola possui poucos recursos e vêm como pertinente cuidar da sua escola e comunidade, mas:

(...) também, pela motivação que nos foi dada inicialmente, pelos nossos alunos do Clube, não é? Quando fizeram aquela primeira revisão do espaço físico da escola... (...) do *World Café*. Nós também partimos desse trabalho, portanto, sentimos que eles não têm... têm mais vontade de atuar junto da escola, não é? (Edu I)

A Educadora ainda salienta que procuram não ceder a atividades de assistencialismo, e explica o contexto da escola e a pertinência do trabalho desenvolvido internamente:

Quando nós, a nossa escola já é uma escola pobre. Percebes? Um agrupamento de escolas pobre, por si só já é um espaço necessitado, não é? Portanto...(...) Exato, e a própria escola não tem assim muitos recursos, é uma escola antiga. Uma escola que não sofreu intervenção, não é? Portanto, intervenção física. Nós próprios temos, aqui, muita coisa para fazer que nos temos que debruçar, não precisamos de ir lá para fora apanhar beatas, nós temos, aqui, tanto lixo na escola. Temos que educar primeiro os nossos para



depois irmos para fora. É um bocado isso que temos sentido. (Edu I)

Neste sentido, a Edu II reforça que:

Porque também sentimos, a uma certa altura, que este, pronto, é um meio pequeno, mais isolado, e, se calhar, até será um dos poucos agrupamentos que não teve intervenção no espaço físico, e pronto. E seria importante, também, este olhar para dentro e valorizar quem somos, o que fazemos enquanto comunidade educativa, e temos sensibilizado um bocado para isto, não é? (...) Portanto, temos cuidado mais da comunidade educativa, do que da comunidade em termos local... (Edu II)

No que concerne a atividades que promovem o cuidado à sua comunidade educativa, salientaram as cartas de agradecimento ao pessoal não-docente:

Uma atividade que também acho que... que, para mim, foi muito importante, foi as cartas de agradecimento. Acho que colocá-los, não só os nossos, alunos do Clube, mas outros miúdos pequenos, a pensarem a importância que o pessoal não-docente tem para uma escola, para uma comunidade educativa... acho que foi uma atividade, assim, bastante importante para... porque, de repente, a escola percebeu - Ah, espera aí, estão aqui pessoas.- (Edu I)

Em suma, as educadoras acreditam no potencial transformador do projeto nestes jovens, nas suas ações e nas relações que vão construindo e mantendo, trazendo, através do Clube Ubuntu, um lado mais humano à escola, associando ao documento do Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória (2016) e ao perfil humanista pretendido. A Edu I detalha que:

Primeiro, a da confiança no adulto e na relação com os adultos, porque eles vivenciam aqui, portanto levam isto; depois, o seu papel ativo na comunidade, que coisas pequenas se calhar podem ter este papel, no seu dia-a-dia, nas ações no seu todo; e, depois, que sejam mais conscientes, responsáveis, empáticos e que se lembrem que passaram por uma determinada experiência e por umas sessões em que falavam sobre estas coisas, que estejam mais sensíveis. (Edu II)

Hailey (2008) refere que o Ubuntu “It is a concept that has particular resonance with those concerned about building civil society, enhancing community relations and promoting social cohesion.”<sup>32</sup> (p. 10) A presente definição parece-me encaixar na visão da Edu II sobre o que pretendem que os jovens retirem do projeto e da sua participação no Clube, “Agora pensando, basicamente é isso. Serem melhores cidadãos.” (Edu II).

---

<sup>32</sup> “É um conceito que tem particular ressonância com aqueles que se preocupam com a construção da sociedade civil, a valorização das relações comunitárias e a promoção da coesão social.” (Hailey, 2008, p. 10)

### 6.3 Síntese da Análise

#### *Em que medida o Clube Ubuntu promove um estilo particular de participação dos jovens na comunidade?*

O presente processo de análise e compreensão dos dados permitiu-nos investigar e conhecer o fenómeno do Clube Ubuntu dentro do seu contexto específico, neste caso na Escola Básica Júlio Dinis. “Os estudos de caso correspondem, em síntese, a um modelo de análise intensiva de uma situação particular (caso).” (Pardal & Lopes, 2011, p. 33)

O projeto ALU – Escolas, na Escola Básica Júlio Dinis, iniciou-se no ano letivo 2019/2020, com a apresentação do projeto, seleção do primeiro grupo de educadores que realizou a formação. Não obstante, dadas as contingências impostas pela pandemia, nomeadamente com os confinamentos impostos, o projeto apenas voltou a avançar no ano letivo 2020/2021, inicialmente com sessões on-line, porém, não foram do total agrado dos jovens, “porque foi um bocadinho secante, ninguém sabia muito do que era. Mas depois, quando cheguei ao fim da semana, acho que foi exatamente o contrário. Gostei bastante das ideias do Ubuntu, dos conceitos” (J IV). As Semanas Ubuntu iniciaram-se a abril de 2021 e a 5 de maio de 2021 decorreu a primeira sessão do Clube Ubuntu.

De momento, o Clube Ubuntu da Escola Básica Júlio Dinis é constituído por 12 jovens, entre os 13 e os 15 anos, contudo, somente 9 jovens estão mais assiduamente presentes nas sessões e projetos, e contam com o apoio e orientação de duas educadoras da escola, uma animadora sociocultural e psicóloga. Neste ponto, importa referir que Hart (1992) salientou a importância do envolvimento de adultos neste tipo de projetos e Clubes, pelas orientação e pelas lições que podem passar aos jovens.

O referido grupo de jovens é heterógeno em termos características, de participação, de comportamento e aproveitamento escolar, em que, como em qualquer grupo de adolescentes, uns dão-se melhor com uns do que com outros, mas que, segundo as educadoras, já são uma "família", sabem as histórias e o contexto uns dos outros, sendo que as educadoras procuraram, ao longo das sessões, realizar dinâmicas para que se pudessem constituir como grupo, dado que são de turmas diferentes. Segundo a Edu I, “(...) temos miúdos que são completamente exemplares, bons alunos, etc, como temos miúdos que são rufias, que não sabemos como é que eles vieram parar ao Clube Ubuntu, mas achamos extraordinário.” De facto, um grupo com perfis diferentes pode ser desafiante para trabalhar em conjunto, como é o caso da jovem J VI que salienta o

obstáculo que é trabalhar “com outras pessoas que não são iguais a nós e ter de ‘tar com eles a fazer atividades, às vezes pode ser um bocado difícil” (J VI).

Todavia, há jovens que olham para a heterogeneidade do grupo de um outro modo, como é o caso do jovem J IV que prevê que cada diferença equivale a um contributo diferente e importante para o trabalho em equipa no Clube, “É divisão de tarefas, como em todas as coisas. Cada coisa precisa do seu... da sua habilidade, da habilidade de cada pessoa. E, então, vamos juntando as habilidades e fazendo isso acontecer.” (J IV). E a jovem J II reforça que o Clube é um grupo em que aceita todas as diferenças e no qual se sente bem, “Porque é um grupo que aceita toda a gente, pessoas diferentes, aceita a sua diferença e que, foram sempre simpáticos e que, desde que entrei nunca, nunca tive com o que me queixar.” (J II). De salientar que Hart (1992) reforça que a diversidade poderá ser uma chave de sucesso de um projeto/Clube, dado que os projetos devem ser concebidos para permitir diferentes graus e diferentes tipos de envolvimento por diferentes pessoas e em diferentes fases do processo, podendo a heterogeneidade ser um indicador de eficácia e eficiência do Clube.

Apesar da existência de diferenças entre eles em distintos parâmetros, há algo que os une – as experiências associadas à Semana Ubuntu e um forte sentido de identidade e pertença, promovidos pelos simbolismos associados ao projeto, como o "Ser Ubuntu" e a t-shirt Ubuntu "466/64", como a Edu II refere “esse é um ponto de partida muito importante, porque se... (...) há toda uma imagem também construída pelo Ubuntu, até a cor, a t-shirt, símbolos, não é? E isso cria este sentimento de pertença ao Clube, o facto de partilharem aqui símbolos (...)” (Edu II). Ao longo das sessões, as educadoras referem terem o cuidado de utilizar algo alusivo ao projeto, como a T-shirt, e foi evidente o uso da mesma pelos jovens, como é o caso das jovens J II e J I, sendo que esta última jovem refere usá-la quase todos os dias, ““(...) acho que isto me vai dar uma facilidade de conhecer pessoas novas e eles me perguntarem um dia o que era esta camisola e porque é que eu andava tanto com ela. Sim, porque onde quase todos os dias” (J I), partilhando que, após a semana, chegou a dormir com a t-shirt. Um dos elementos do quadro simbólico da ALU são as frases que gerem inspiração, pertença e identidade, tendo sido proferidas em algumas sessões, mas, igualmente, em contexto de entrevista, pelo jovem J IV, quando questionado sobre os obstáculos e desafios que vai enfrentando no Clube, “Sempre disse Mandela “Nada é impossível até que seja feito.” (risos), por isso... Acho que, por muitos obstáculos que tivermos, é continuar a tentar” (J IV).

No que se refere ao “Ser Ubuntu”, foi algo referido, com regularidade, pelos jovens ao longo das sessões, procurando trazer para as mesmas, situações que decorreram fora do Clube, abrindo um debate sobre o que é ou não é ser Ubuntu. O “Ser Ubuntu” é uma identidade, é uma bússola para a conduta dos jovens dentro e fora do Clube, sendo que, segundo a Edu II, consiste em ser:

(...) alguém que é mais cuidadoso com o outro, que será alguém mais atento ao outro, não só próprio umbigo, não é? Na consequência que o seu próprio comportamento tem no outro e ter aqui... lá está. É a ética do cuidado, não é? Que isto congrega estas coisas todas, mas é alguém que está, que... que tem de ser um exemplo para os outros, em termos de conduta, de integridade (...).  
(Edu II)

Neste sentido, a identidade de “Ser Ubuntu” encontra-se associada aos três eixos e cinco pilares do conceito Ubuntu, na medida em que se procura descentrar do seu egocentrismo e ir ao encontro do outro, sendo empático e cuidadoso. Esta perspetiva é sublinhada por jovens, como é o caso da J II que refere “Ser Ubuntu é ter empatia, prestar serviço à comunidade, (...) E ser... Saber ajudar o outro” (J II), e a jovem J V reforça os mesmos aspetos “Eu acho que ser Ubuntu é ser empático, querer ajudar os outros” (J V). O pilar da empatia foi referido concomitantemente ao longo do projeto, tanto pelas educadoras, como pelos jovens, sendo um pilar que os move nos projetos que desenvolvem no Clube, e que é trabalhado ao longo das sessões no grupo. Importa reforçar que segundo Hart (1992) “The ability to truly participate depends on a basic competence in taking the perspective of other persons.”<sup>33</sup> (p. 32). Deste modo, promover jovens mais empáticos pode ser uma chave para promover jovens mais participativos, com progressivamente mais experiências práticas de envolvimento na comunidade, procurando ser agentes de mudança nas suas comunidades.

Segundo o Instituto Interamericano da Criança e do Adolescente (2010), “Um processo é participativo, na medida em que se faz efetivo o direito de meninos, meninas e adolescentes de serem informados, emitirem opinião, serem ouvidos e incidirem nas decisões que se tomam (...)” (p. 20). Importava, ao longo da presente investigação, procurar compreender qual o nível de participação dos jovens no Clube e desenvolvimento dos seus projetos, e as próprias representações em torno deste conceito. Segundo as educadoras, a participação dos jovens varia entre dois parâmetros,

---

<sup>33</sup> “A capacidade de participar verdadeiramente depende de uma competência básica de procurar compreender a perspetiva de outras pessoas.” (Hart, 1992, p. 32)

nomeadamente, os jovens que participam pelas atividades em si, pelos projetos, e os jovens que participam por uma questão mais social, porque quem está presente no Clube. De facto, alguns jovens evidenciaram que ingressaram no clube por vir com amigos, como refere a jovem J VII “Então, no início eu tinha entrado por causa da J VI e por causa da J V e por causa que eu tinha gostado da semana (...)” (J VII). Não obstante, e embora a possibilidade de virem com amigos ter sido chamativo, os jovens evidenciam que participam no Clube, visto que dão a sua opinião, partilham ideias e, na sua vasta maioria sentem-se escutados. O jovem J III evidencia que o Clube Ubuntu é um espaço para “dar a sua opinião. Dar ideias, comentar (...)” e o jovem J IV acrescenta que “faço com que o Clube se mexa também” (J IV). De salientar que, no decorrer da avaliação final de ano letivo, efetuada pelas educadoras aos jovens participantes, os jovens avaliaram a sua participação, de uma escala de 1 (nada participativo/a) a 10 (muito participativo), entre 6 a 10, dando uma média de 8,5 de nível de participação do grupo. A técnica utilizada pelas educadoras foi o inquérito por questionário on-line.

De acordo com a análise efetuada, o Clube Ubuntu tem avançado em três eixos, nomeadamente, os projetos que surgem dos diagnósticos realizados pelos jovens através da metodologia de diagnóstico participativo – *World Café* -, como foi o caso do Gabinete de SPO, ou as Cartas de Agradecimento; as orientações que vão surgindo das educadoras, incluindo, aqui, as sessões que as educadoras preparam para trabalhar os pilares internamente, como a dinâmica “Calçar os sapatos do outro” ou o jogo de cartas que os jovens assumiram estar ligado aos seguintes pilares e eixos, de Autoconhecimento, Empatia e Construção de Pontes; e as solicitações que vão surgindo externamente ao Clube, seja pela parte da direção da escola, como a Pintura do Símbolo da Paz, seja pela entidade promotora do projeto, o Instituto Padre António Vieira.

Várias coisas são do *World Café*, mas, depois, outras tantas, são... Por exemplo, a saída também é organizada em função daquilo que eles também necessitam ou gostariam de fazer, não é? Daquilo que eles gostariam de fazer... (...) E outras coisas também vão surgindo... pronto, da nossa parte, da nossa planificação semanal, daquilo que nós gostávamos, o que é que é importante, por exemplo, imagina que esta semana houve muitos problemas de comportamento, etc, etc, então, se calhar, agora, tínhamos uma atividade planeada de construção dos bancos para o recreio exterior, mas temos que resolver problemas internos. (Edu I)

As educadoras evidenciam adaptar o plano tendo em conta as necessidades do grupo, o seu comportamento e interesses, e, os jovens afirmam sentirem-se bem no Clube Ubuntu, como refere a jovem J I:

Se eu tiver um dia mau ou me correrem mal as aulas eu vou para lá e sinto-me bem, exato, estou com pessoas que gosto, ah... Traz tipo uhm... Aquele vibe mesmo... Assim pacífica, tranquilidade, sem problemas e a gente está a fazer coisas que ajudam a escola (...) (J I)

Não obstante, importa sublinhar que as jovens, em contexto de *focus group*, partilharam não ter sido possível, no presente ano letivo, avançar de forma estruturada com o diagnóstico, através da dinâmica *World Café*, “A gente tentou fazer aquilo que fizemos nas semanas, mas só que ninguém... não resultou” (J I).

Relativamente à questão de os jovens serem ouvidos e incidirem na tomada de decisão, as educadoras salientam que possuem o hábito de os confrontar com momento de tomada de decisão, trabalhando a autonomia e responsabilidade (Hart, 1992). Como foi referido anteriormente, os jovens referem sentir que podem dar sua opinião e que se sentem escutados nas suas partilhas de ideias, somente uma jovem indicou que por sentir que é mais diferente dos restantes membros, não sente que as suas ideias e partilhas são tão ouvidas pelos educadores e colegas. Não obstante, refere não ter abordado o tema com o grupo. A mesma jovem detalha duas atividades que propôs, mas que o Clube não avançou, nomeadamente, “uma de servir comida aos pobres e isso, no Porto, durante a época de natal e a outra de irmos limpar as praias (...)” (J VI). Relativamente as suas ideias partilhadas, creio que o facto de não terem avançado poderá estar relacionado com a intenção das educadoras de não cair na tentação do assistencialismo:

(...) nós temos tido sempre muito cuidado em fugir das questões, ou das iniciativas das que têm a ver com o assistencialismo. (...) Portanto, as nossas dinâmicas são muito mais no sentido de construção de uma... de uma educação para os valores, do que propriamente do assistencialismo ao sem-abrigo, ou assistencialismo ao cigano, (...). (Edu I)

No que concerne às solicitações externas, estas podem ser consideradas um perigo aos projetos que os jovens gostavam de desenvolver:

Nós, agora, temos um problema do tempo e falta de... neste caso, da falta de tempo para concretizarmos todas as tarefas que tínhamos pensado, por motivos de... lá esta, de terem entrado outras tantas, não é? Também muito promovidas pelo próprio IPAV, pela Academia, ainda agora temos outra... outra atividade que é dia 16 de maio e que vamos necessitar de fazer também uma intervenção, aqui, no espaço, e não sabemos bem se os recreios vão ficar estabilizados este ano, se calhar não vão ser realizados. (Edu I)

A falta de tempo é um obstáculo e uma preocupação constatada pelos jovens, tanto em contexto de entrevista, como ao longo das sessões. E, importa salientar, que terminado

o ano letivo, não foi possível terminar algumas atividades, nomeadamente a Pintura do Símbolo da Paz (atividade solicitada)<sup>34</sup> e a reestruturação do Recreio Exterior (atividade solicitada pelos jovens), que acordaram terminar no início do próximo ano letivo para receber os alunos. Interessa sublinhar que o comportamento dos jovens foi identificado pelos próprios jovens como um obstáculo, nomeadamente a jovem J V refere “Porque depois temos aquelas partes em que a gente não está calma, então não estamos atentos ao que elas dizem, então não se trabalha muito” (J V). Este ponto foi reforçado pela jovem J I que sugeriu que o grupo falasse menos e trabalhasse mais. Porém, ao longo da observação realizada, foi possível perceber que, de facto, é notório em muitas das sessões as brincadeiras, a falta de atenção, mas, em sessões e projetos de mãos à obra, há uma mudança de postura e participação dos jovens, muito mais proativos e focados. Importa salientar que, como pode ser constatado no Diário de Bordo em anexo<sup>35</sup>, os jovens, no *focus group* realizado no âmbito do Projeto de Investigação liderado pelo Instituto Superior de Serviço Social do Porto, referenciaram como sugestões de melhoria do Clube Ubuntu, que deveriam realizar mais atividades externas, portanto, abertas à comunidade envolvente, e não somente escolar, e a jovem J I sublinhou que atividades abertas ao exterior apoiam na obtenção de feedback.

Em suma, mantém-se a questão, em que medida o Clube Ubuntu promove um estilo particular de participação dos jovens na comunidade? Resgatando Gama e Tomás (2011) que referem que a participação quer-se como um processo gradual, mas seguro, realizado através da experiência e da aprendizagem da participação, pontos que também Hart (1992) reforça, parece-me que o Clube Ubuntu é um espaço, em contexto escolar, promotor de uma gradual participação dos jovens na comunidade, mais especificamente, neste caso, na comunidade educativa.

Portanto, e após a presente extensa investigação, pode-se concluir que existe um estilo particular de participação, um pouco difuso, contudo com aspetos em comum, como a conduta impulsionada pelo “Ser Ubuntu”. Os jovens pertencentes ao Clube ingressaram após uma experiência partilhada de formação, onde retiraram os valores que sustentam a missão que abraçam no Clube, sendo os mais referidos por eles a empatia, o serviço, a ética do cuidado e a construção de pontes. Eles assumem que deverão descentrar-se do seu egocentrismo natural da idade e do ser humano, procurando servir e ajudar a sua

---

<sup>34</sup> Grupo aceitou terminar a atividade durante a época de férias, estando no mês de julho a decorrer sessões.

<sup>35</sup> O Diário de Bordo encontra-se no Anexo 11.



comunidade, fazendo, segundo eles, os outros felizes, como refere a jovem J I, “(...) fazer o outro feliz, acho eu. Acho que ver as pessoas felizes, também nos torna mais ou menos felizes, mesmo que estejamos com problemas” (J I). Importa salientar que os jovens vão vivendo e sentindo orgulho no impacto que vão gerando à sua volta, como, por exemplo, na criação do Gabinete de SPO, que foi uma atividade importante para os jovens, sendo que a Edu I sublinhou que “Eles, ainda hoje, se gabam disso. (Risos) - Um espaço que fomos nós que fizemos! -”

O lema “Eu sou porque tu és” que promove um olhar mais empático e cuidadoso perante o outro parece mover os jovens na sua conduta e na mudança que gostavam de trazer à comunidade, sendo que, por exemplo, o jovem J IV, no caso da recolha de bens essenciais, refere um dos impactos sentidos é “Acho que esse é um dos grandes impactos, é pegar na comunidade envolvente e trazê-la a participar” (J IV). Nesta linha, a jovem J I reforço que Ubuntu é isso mesmo, é “Construir comunidade” (J I).



### Parte III. Proposta de Intervenção

#### 7. Introdução às linhas de ação – *Pontapé de Saída & Recomeço do Jogo*

A Intervenção Comunitária centra-se num processo de mudança, numa lógica de trabalho em parceria e gestão de recursos, procurando, primeiramente, mobilizar os recursos locais para colmatar as necessidades da comunidade, criando uma diversidade de soluções e caminhos a seguir. (Marques & Palminha, 2007) Como futuros interventores comunitários, no âmbito do presente mestrado, somos desafiados a desenhar uma proposta de intervenção comunitária, olhando para o tema em questão, para as balizas conceptuais estruturadas e a realidade que se esteve a investigar e analisar. Deste modo, a presente proposta crê-se que poderá ser útil para dar continuidade ao projeto já em decurso, agregando as conclusões retiradas da investigação e perspetiva crítica, sendo passível de ser aplicado.

Segundo Guerra, “Um projeto é, sobretudo, a resposta ao desejo de mobilizar as energias disponíveis com o objetivo de maximizar as potencialidades endógenas de um sistema de ação garantindo o máximo de bem-estar para o máximo de pessoas.” (2002, p. 126) Desta forma, a proposta de intervenção que se segue terá em consideração o projeto em desenvolvimento, a Academia de Líderes Ubuntu – Escolas, é resultante de uma concessão de uma intervenção comunitária e terá como base o estudo realizado, propondo linhas de ação concretas para a continuidade profícua do Clube Ubuntu, tendo em consideração a voz dos jovens e uma maior abertura à comunidade.

A presente proposta intitula-se *Pontapé de Saída & Recomeço do Jogo*. Resgatando a autoria dos próprios jovens no que concerne a estruturação do projeto do Clube, na ótica de promoção da sua participação, portanto, numa lógica de experiências práticas de envolvimento na comunidade, que se verte na promoção da cidadania destes jovens. Como Menezes sublinha “The most relevant implication for the development of citizenship education projects is that ‘action’ can be a powerful learning tool (...)” (Menezes, 2003, p. 431)<sup>36</sup>. O projeto da Academia de Líderes Ubuntu visa capacitar jovens para serem agentes de transformação, em prol de um mundo mais justo e mais humano e, em contexto escolar, encontra-se alinhado com o Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória, estruturado pela DGE (2016), comprometendo-se com o

---

<sup>36</sup> “A implicação mais relevante para o desenvolvimento de projetos de educação para a cidadania é que a “ação” pode ser uma poderosa ferramenta de aprendizagem (...)” (Menezes, 2003, p. 431)

desenvolvimento integral dos seus alunos, como cidadãos ativos na sociedade, tal como a Edu II sublinha que o principal foco do trabalho realizado com os jovens no Clube Ubuntu é que se tornem “melhores cidadãos.” (Edu II). Assim sendo, a proposta que será exposta resulta dos princípios da intervenção comunitária, tais como, dar protagonismos aos próprios jovens e comunidade, chamando-os a participarem, a se envolver desde a fase de diagnóstico, empoderando-os, beneficiando os recursos da própria comunidade e, numa lógica de cidadania, formar cidadãos ativos e participativos, inspirados pelo conceito Ubuntu, visando fornecer ferramentas aos jovens para a estruturação de um diagnóstico e, posteriormente, Trabalho de Projeto consistente.

“O trabalho por projetos é, cada vez mais, uma forma de condução de ações que parece adaptada à intervenção na complexidade e na escassez constante de recursos. (...) a metodologia participativa de projeto emerge como uma forma eficaz e ativa de o fazer.” (Guerra I. , 2002, p. 125) Posto isto, surgem as etapas necessárias para a elaboração de projeto, nomeadamente, o diagnóstico, a planificação ou “desenho do plano de ação” (Guerra I. , 2002, p. 127) e a implementação do projeto e avaliação do mesmo.

## 7.1 Diagnóstico

O diagnóstico refere-se a um conhecimento alargado do meio social, nomeadamente das questões que se referem à intervenção (...). Pressupõe uma relação de interação entre as variáveis em presença e a identificação não apenas das vulnerabilidades, mas também das potencialidades/recursos do meio de intervenção, nomeadamente dos disponíveis para a operação em causa. (Guerra I. , 2002, p. 132)

Quanto mais preciso e profundo for o nosso conhecimento sobre a realidade em que queremos trabalhar, tornar-se-á mais fácil determinar o efeito e impacto que se alcançaram com o projeto. A construção de projetos é, progressivamente, uma maneira de orientação de ações adaptada à intervenção na complexidade e na escassez de recursos, sendo que, um dos pressupostos da metodologia de projeto é que qualquer vontade de criar uma intervenção social deverá ser sustentada num conhecimento real, portanto, é crucial a concretização de um diagnóstico. E, segundo Guerra (Guerra I. , 2002), elaboração do diagnóstico, deve-se recorrer a diversas metodologias e técnicas de recolha de informação.

O enquadramento teórico realizado no âmbito do presente trabalho é de extrema importância para o desenho do diagnóstico e futura intervenção, não obstante, não é

possível idealizar uma intervenção sem recolha empírica, procurando escutar a própria comunidade. Portanto, na elaboração do presente trabalho, recorrendo à observação participante e ao diário de bordo, foi efetuado um acompanhamento no terreno do Clube Ubuntu da Escola Básica Júlio Dinis e foram realizadas entrevistas individuais junto dos jovens e educadoras, e *focus group*. As técnicas de recolha de informação utilizadas, permitiram compreender a dinâmica do Clube Ubuntu e dos seus intervenientes, as suas características e circunstâncias. Aferindo, assim, quais os pontos que necessitam de ser limados, buscando, deste modo estruturar e propor linhas orientadoras para colmatar esses mesmos pontos.

Na construção dos guiões de entrevistas, houve o cuidado de elaborar questões não só para compreender as motivações e representações da sua própria participação no Clube, mas, também, para aferir dificuldades ou obstáculos vividos. Posto isto, foi possível identificar alguns pontos que se poderão salientar como necessidades ou perigos, tais como, o risco das solicitações externas que, conseqüentemente, leva ao desafio da gestão de tempo para concretizar os projetos idealizados, a necessidade levantada pelos jovens de uma maior abertura à comunidade no seu todo, a necessidade de realizar um diagnóstico forte para estruturar o plano de ação, dado que os jovens afirmaram que, no presente ano letivo, não foi possível terminar a atividade de diagnóstico, sustentada na dinâmica *World Café*. Importa sublinhar que continua a ser necessário trabalhar com os jovens do Clube as suas competências socioemocionais, todavia, as educadoras têm-no feito com regularidade, intercalando sessões de “mãos à obra”, realizando trabalhos de projeto, com sessões de aprofundamento dos Pilares Ubuntu.

A Escola, na ótica de vários autores e evidenciado, também, pelas educadoras entrevistadas, é um agente primordial no desenvolvimento integral e crianças e jovens, criadora de oportunidades reais na vida delas, representando um espaço de convívio e aprendizagens, que não são somente as do currículo formal, dado que a missão da escola, segundo a DGE (2016) se compromete com o desenvolvimento integral dos seus alunos, como cidadãos ativos na sociedade. Importa sublinhar que Hart (1992) reforça que as escolas deveriam ser uma espaço em que se promovesse nos jovens a compreensão e experiência prática de agentes ativos nas suas comunidades, participando, gerando mudança, dado que as escolas são uma forte parte das comunidades em que estão inseridas. Esta experiência de participação ativa na comunidade, pode decorrer através de um Trabalho de Projeto do Clube Ubuntu, estando, primeiramente, sustentado num

robusto diagnóstico das suas próprias necessidades e recursos, escutando, observando, compreendendo.

Portanto, a via que denotou ser mais adequada para dar resposta às prioridades enunciadas, visando criar um espaço potenciador de maior autonomia, responsabilização e participação dos jovens, é a criação de um plano de diagnóstico inicial que sustentará o Trabalho de Projeto que os jovens identificarem. “Um bom diagnóstico é garante da adequabilidade das respostas às necessidades locais e é fundamental para garantir a eficácia de qualquer projeto de intervenção.” (Guerra I. , 2002, p. 131) Este conjunto de linhas de ação propostas, será para o Clube Ubuntu (jovens e educadoras) e atores-chave comunitários selecionados pelo grupo. Em termos de recursos humanos, serão necessários os jovens participantes e as educadoras, tendo aqui o papel crucial de orientar. No que concerne aos recursos materiais, será necessário um espaço na escola, para que possam realizar as sessões (por exemplo, o Centro de Recursos, sendo esta uma sala ampla).

## 7.2 Planificação

“Uma vez elaborado o diagnóstico e hierarquizadas as necessidades de intervenção, torna-se necessário definir os objetivos a atingir.” (Guerra I. , 2002, p. 163) Os objetivos de uma intervenção refletem o propósito da mesma, definindo a natureza específica dos passos a seguir do plano de ação. Os objetivos gerais de um projeto de intervenção tornam-se como linhas gerais de orientação para a ação, e, segundo Espinoza (1986, p.86), “são aqueles propósitos mais amplos que definem o quadro de referência do projeto” (cit. in Serrano, 2008, p.45). Importa reforçar que a presente proposta e objetivos associados, vertem para um projeto já em decurso, da Academia de Líderes Ubuntu. E, neste caso concreto, pretende-se:

- Fortalecer a cultura de participação de estudantes na sua comunidade, através da metodologia Ubuntu;
- Fomentar um espaço potenciador de maior autonomia, responsabilização e participação dos jovens;
- Promover a construção de um diagnóstico sólido que sustente o projeto para o ano letivo do Clube Ubuntu.

“Os objetivos específicos são objetivos que exprimem os resultados que se espera atingir e que detalham os objetivos gerais, funcionando como a sua operacionalização.”

(Guerra I. , 2002, p. 164) Posto isto, o presente plano visa cumprir com os seguintes objetivos específicos:

- Criar oportunidades para os jovens participarem ativamente na sua comunidade;
- Mobilizar atores-chave da comunidade para apoiar na construção do diagnóstico;
- Elaborar um diagnóstico sólido que sustente o projeto do Clube Ubuntu;
- Gerar ocasiões que potenciam a autonomia e responsabilização dos jovens pela sua participação na comunidade.

“Uma vez definidos os objetivos, é necessário analisar as formas de os atingir” (Guerra I. , 2002, p. 166), ou seja, delinear as estratégias do presente plano de ação. A estratégia da presente proposta de intervenção passa por mobilizar os próprios jovens, e atores-chave da sua comunidade, para poderem ser os atores principais do desenvolvimento comunitário. É, portanto, um projeto em gerúndio, que se vai construindo com a comunidade. “(...) o diagnóstico é um instrumento de pesquisa e um instrumento de participação de todos os que detêm elementos de conhecimento sobre a realidade.” (Guerra I. , 2002, p. 132) No que concerne à metodologia a utilizar, a mesma será ativa e participativa, apoiando-se em metodologias de diagnóstico participativo, nomeadamente o *Photovoice* e o *World Café*. “O uso de metodologias participativas desempenha, inegavelmente, um papel importante no processo de diagnóstico, planeamento, ação e avaliação das políticas públicas, mas também nos processos de intervenção social” (Almeida & Fernandes, 2016, p. 8).

O *Photovoice* é considerado uma metodologia de investigação-ação participativa, em que os participantes são convidados a dar voz a fotografias, nas quais estão expostas necessidades e potencialidades de um dado território ou questão social. Como técnica foi desenvolvida “por Wang e Burris, em 1992 (Kuratani e Lai 2011), cujos referenciais teóricos são os princípios da promoção da saúde, a educação para a consciência crítica de Paulo Freire, as teorias feministas e as abordagens não tradicionais da fotografia documental” (Almeida & Fernandes, 2016, p. 75). O *World Café* como metodologia participativa criada em 1995, centra-se no debate de ideias sobre certos temas, através da promoção do diálogo entre os participantes, através da criação de “um ambiente físico descontraído, positivo, estimulante à criatividade, (...) pretende-se criar um contexto para

conversas positivas, profundas e significativas, que potenciem a mudança positiva” (Almeida & Fernandes, 2016, p. 94).

No que respeita aos recursos humanos, serão necessários os jovens participantes no Clube e o papel fundamental das educadoras do projeto, enquanto orientadoras do processo. Relativamente aos recursos materiais, acredita-se que poderão ser facultados pela escola, dado que são recursos dos quais a escola dispõe (material audiovisual, computador, coluna, artigos de papelaria, como marcadores, cartolinas, impressões).

No quadro infra são apresentadas as atividades e sessões sugeridas no âmbito do diagnóstico participativo “Pontapé de Saída & Recomeço do Jogo”. Importa salientar que as sessões que envolvem somente os jovens e educadoras realizar-se-ão nas sessões do Clube Ubuntu, às quartas-feiras, entre as 14h30 e as 16h00. A sessão que envolverá atores-chave da comunidade carece de agilizar, primeiramente, uma data junto destes atores.

Sessão/ Duração	Obj. Específico	Atividades	População-alvo	Recursos	Local
Sessão 1 (90 minutos)	Gerar ocasiões que potenciam a autonomia e responsabilização dos jovens pela sua participação na comunidade.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação da metodologia de <i>Photovoice</i>, através da visualização de um vídeo;</li> <li>- Dinâmica “Conta-me a sua história”;</li> <li>- Lançar o desafio da semana: fotografar as necessidades e/ou recursos da sua comunidade.</li> </ul>	Jovens do Clube Ubuntu	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Folhas A4 brancas;</li> <li>- Canetas</li> <li>- Computador</li> <li>- Projetor</li> </ul>	Sala do Clube Ubuntu
Sessão 2 (90 minutos)	Gerar ocasiões que potenciam a autonomia e responsabilização dos jovens pela sua participação na comunidade.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação das fotografias recolhidas pelos jovens;</li> <li>- Construção das legendas das fotografias.</li> </ul>	Jovens do Clube Ubuntu	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cartolinas</li> <li>- Folhas A4 brancas</li> <li>- Canetas</li> <li>- Marcadores</li> </ul>	Sala do Clube Ubuntu
Sessão 3 (90 minutos)	Criar oportunidades para os jovens participarem	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Preparar plano para a sessão seguinte;</li> <li>- Identificar atores-chave e endereçar convite;</li> </ul>	Jovens do Clube Ubuntu	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Folhas A4 brancas</li> <li>- Canetas</li> <li>- Computador</li> </ul>	Sala do Clube Ubuntu

	ativamente na sua comunidade.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Organizar recursos materiais necessários;</li> <li>- Dividir responsabilidades.</li> </ul>			
<b>Sessão 4</b> (120 minutos) *data a articular com atores-chave	Mobilizar atores-chave da comunidade para apoiar na construção do diagnóstico.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentar o projeto, dinamizando atividades/dinâmicas Ubuntu, como, por exemplo, dedicadas ao seminário “Liderar como Mandela”;</li> <li>- Dinamizar a metodologia <i>World Café</i> com os atores-chave.</li> </ul>	- Atores-chave da comunidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Folhas A4 brancas</li> <li>- Cartolinas</li> <li>- Canetas</li> <li>- Marcadores</li> <li>- Impressões</li> <li>- Computador</li> <li>- Projetor</li> </ul>	Centro de Recursos
<b>Sessão 5</b> (90 minutos)	Elaborar um diagnóstico sólido que sustente o projeto do Clube Ubuntu.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Analisar as informações recolhidas na sessão anterior;</li> <li>- Estruturar diagnóstico final da sua realidade;</li> <li>- Elaboração do Trabalho de Projeto do Clube.</li> </ul>	Jovens do Clube Ubuntu	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fichas da dinâmica <i>World Café</i> realizada</li> <li>- Folhas A4 brancas</li> <li>- Cartolinas</li> <li>- Canetas</li> <li>- Marcadores</li> <li>- Fotografias e respetivas legendas dos jovens.</li> </ul>	Sala do Clube Ubuntu

Tabela 4 Sessões para a proposta de intervenção



Na Sessão 1, pretende-se apresentar a metodologia *Photovoice* aos jovens e introduzir a necessidade de construção de um diagnóstico prévio à estruturação do seu Trabalho de Projeto. Foi salientado pelos jovens que tentaram realizar o *World Café*, todavia, não foram capazes de finalizar devido ao comportamento dos jovens. A Edu I salientou que os jovens necessitam de dinâmicas com mais ação e crê-se que a metodologia de *Photovoice* poderá ser uma forma mais dinâmica de realizar o diagnóstico tendo os jovens mais envolvidos e envolvendo, igualmente, toda a comunidade. Na presente sessão, será apresentada a metodologia através da visualização de um vídeo e esclarecendo os pontos necessários para a sua concretização, enquadrando-a no projeto, e na visão Ubuntu. De modo a evitar a mera exposição, começaria por fazer-se uma dinâmica de grupo, que consisti em dividir o grupo em pequenos grupos, de cerca de 2/3 participantes, em que cada grupo terá uma fotografia associada a problemas/desafios comunitários e o repto consistirá em construir a história de cada fotografia (as fotografias poderão ser repetidas, de modo a refletir, também, nas diferentes perspetivas que se pode ter de uma fotografia). Após esta dinâmica de introdução à metodologia, os jovens serão desafiados, ao longo da semana, de irem tirando fotografias ao que eles entendem por necessidade e/ou recurso da sua comunidade escolar e envolvente. Será pedido aos jovens que enviem as fotografias às educadoras para que possam trazê-las impressas na sessão seguinte.

Na sessão 2 serão apresentadas, em grande grupo, as fotografias recolhidas pelos jovens que, a seu ver, refletem as necessidades e/ou recursos da sua comunidade. Com o apoio de todos, serão construídas as legendas e linhas orientadoras de cada fotografia que poderão guiar o Trabalho de Projeto do presente ano letivo. Importa referir que para ser uma sessão mais ativa, poderá ser oportuno realizar uma dinâmica curta de quebra-gelo no início da sessão.

Na sessão 3 procura-se escutar os jovens sobre a importância de ouvir a própria comunidade, dado que o Clube tem como missão projetar na comunidade, as aprendizagens de serviço com que foram inspirados e que se propuseram a desenvolver e que, as evidências, demonstram que ao longo do ano letivo vão surgindo solicitações externar (identificadas como ameaças ao planeamento do Clube) e importa, então, implicar estas pessoas no início do processo e aferir as suas solicitações, sugestões e preocupações. Desta forma, a presente sessão propõe a preparação de uma sessão aberta à comunidade, em que os próprios jovens terão de identificar atores-chave (que poderão

ser encarregados de educação, membros da direção da escola, membros de uma associação local, membros a junta de freguesia, entre outros) e endereçar o convite, planear a sessão e dividir responsabilidades, dado que se espera que os jovens possam dinamizar a própria sessão, com o apoio e orientação das educadoras.

No que concerne à sessão 4, pretende-se mobilizar os atores-chave para a identificação dos próprios recursos e necessidades da sua comunidade, através da metodologia de *World Café*, apoiando o Clube na concretização do diagnóstico, recolhendo dados e ideias para serem integradas, pelos jovens, no seu próprio projeto de intervenção. Porém, espera-se que a primeira parte deste encontro seja uma apresentação do projeto da Academia de Líderes Ubuntu, não somente uma apresentação expositiva, mas experiencial, desafiando os próprios jovens a dinamizar algumas das atividades da semana com a comunidade ou atividades pensadas por eles, no âmbito Ubuntu, procurando implicá-los e envolvê-los. No final, será realizada uma avaliação qualitativa da sessão com os presentes, de modo a aferir a pertinência do presente encontro.

Na última sessão, o Clube será convidado a analisar a informação recolhida na sessão anterior, comparando-a com o diagnóstico realizado pelos jovens, através da metodologia *Photovoice*, procurando afunilar as linhas de ação do Trabalho de Projeto. Para analisar os dados recolhidos de necessidades e possíveis projetos a abraçar, sugere-se que se realize, como instrumento de análise, primeiramente, a Nuvem de Problemas, como instrumento para identificação e organização de problemas, necessidades e desafios. “A nuvem de problemas é uma técnica de visualização utilizada para a realização de diagnósticos participados que consiste no agrupamento de problemas de acordo com a identificação de algumas características comuns.” (Marques & Palminha, 2007, p. 139) Posteriormente, recomenda-se a utilização, como instrumento para passar do diagnóstico à ação, a árvore dos objetivos.

A árvore de objetivos é desenvolvida a partir da nuvem de problemas e da árvore de problemas e tem os mesmos requisitos ao nível da organização. Esta técnica tem por finalidade passar de uma linguagem de diagnóstico para uma linguagem de intervenção. A partir da análise da árvore de objetivos podem, também, ir-se definindo os vários níveis do planeamento. (Marques & Palminha, 2007, p. 138)

Passando para um nível de planeamento e desenho do projeto com que se irão comprometer, para organizar as ações e fases do projeto, sugere-se que a informação seja agregada na grelha de atividades infra.

Projeto:							
Objetivo(s) Geral(ais):							
Objetivos Específicos :							
Ação	Calendarização	Recursos Materiais	Objetivo Específico	Público-alvo	Parceiros	Descrição da Atividade	Avaliação

Figura 2 Exemplo de Grelha de Plano de Ação

### 7.3 Implementação e Avaliação do Projeto

Após as fases de diagnóstico e planificação expostas, surge o momento de ação, em que se procura colocar em prática o planeado. Embora não tenha sido possível executar a presente proposta de intervenção, é de evidenciar que a mesma poderá ser aplicada na escola em que o estudo foi realizado, através do Clube Ubuntu.

No que concerne à etapa de avaliação, apesar da presente proposta de intervenção não ter sido concretizada, esta etapa, crucial num projeto, vai ser também ela estruturada.

A avaliação é uma componente do processo de planeamento. Todos os projetos contêm necessariamente um “plano de avaliação” que se estrutura em função do desenho do projeto e é acompanhado de mecanismos de autocontrolo que permitem (...) ir conhecendo os resultados e os efeitos da intervenção (...) (Guerra I. , 2002, p. 175)

Portanto, existem diferentes modalidades de avaliação que os projetos podem adotar, neste caso, crê-se como pertinente adotar um modelo de autoavaliação regular, desafiando o Clube, com alguma assiduidade, a realizar um ponto de situação, analisando os resultados conseguidos, as metas que necessitam de concretizar e os objetivos com que se comprometeram. De salientar a pertinência de, para todas as ações do trabalho de projeto, criar mecanismos de avaliação que poderá, neste caso, ser do âmbito qualitativa e poderá passar por receber feedback do público a qual a ação se dirige.

No que respeita à avaliação final, esta fase será realizada no final do projeto e do ano letivo, tomando como base uma reflexão crítica dos diferentes pontos que figuram a experiência. A proposta será realizar um *focus group* final, com o Clube Ubuntu, avaliando as propostas iniciais, com o trabalho concretizado. Igualmente, será pertinente realizar uma avaliação conjunta final com os atores-chave, parceiros e implicados no projeto, de modo a aferir as suas opiniões do trabalho realizado pelo Clube Ubuntu.

Aplicando este instrumento de avaliação é possível reconhecer e analisar as potencialidades e constrangimentos do grupo, produzindo contributos e estratégias de aperfeiçoamento para o trabalho em parceria e para o Trabalho de Projeto do ano seguinte. (Marques & Palminha, 2007) O referido encontro deverá auxiliar-se de um guião de avaliação, tendo como base as propostas, os projetos desenvolvidos e o trabalho em parceria, promovendo a reflexão crítica e de satisfação, na esfera individual e grupal. De seguida, ficam algumas sugestões para o guião de avaliação (Marques & Palminha, 2007) que poderá ser realizado de forma individual e em grande grupo:

**Aspetos positivos do Clube Ubuntu**

**Aspetos menos positivos no Clube Ubuntu**

**Em que aspetos gostaria que o Clube se centrasse no Plano de Ação do próximo ano letivo?**

**Existem outros atores-chave, organizações ou grupos que deveriam fazer parte deste núcleo?**

## Considerações Finais

Em primeiro lugar, importa salientar que a presente investigação foi uma mais-valia, visto que, sustentada pelos pressupostos da intervenção comunitária, procurou evidenciar a pertinência de uma cultura de participação de jovens, compreendendo e analisando estratégias neste domínio.

Sabemos que há diversos estudos no âmbito da participação, e que as definições e perspectivas divergem. Não obstante, no presente trabalho, procurou-se ter como base a participação como o processo de tomada de decisões que afetam a vida de uma comunidade (Hart, 1992), sendo que, a este definição, se acresce o facto de os jovens serem escutados, estarem informados e emitirem opinião. Analisou-se, desta forma, este conceito no contexto particular do Clube Ubuntu, procurando-o analisar enquanto mecanismo de participação dos jovens na comunidade. O Clube Ubuntu decorre no âmbito do projeto ALU – Escolas, um programa que procura capacitar jovens entre os 12 e os 18 anos para uma liderança servidora, empoderando-os a serem agentes de mudança nas suas comunidades. Como a Edu II, na recolha empírica, sublinha

(...) E portanto, vão, depois, aparecendo evidências que isto tem um impacto. E que eles, realmente, são capazes, depois, de liderar alguns processos que sejam ao seu nível, no seu âmbito, quer seja no grupo de turma, quer seja em mobilizar os colegas para outras coisas, quer seja em apresentar uma ideia e ser capaz de comunicar, ultrapassar uma dificuldade, de ter cuidado com outro aluno, ou de uma situação em que achar que alguém está a ser prejudicado, também terem a coragem de se expor e de falar.

O Clube, na lógica do projeto, prende-se como o espaço onde podem continuar a capacitação iniciada e, através de trabalhos de projetos, colocarem o seu serviço em ação, em prol da comunidade, intervindo na mesma.

Como foi referido no decorrer do presente relatório, a lógica do projeto em contexto escolar, encontra-se situada no documento estruturado pela DGE (2016), do Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória, documento no qual se definem as aprendizagens essenciais a serem alcançadas durante o percurso formativo dos jovens e afirma-se que:

“(...) os alunos desta geração global constroem e sedimentam uma cultura científica e artística de base humanista. Para tal, mobilizam valores e competências que lhes permitem intervir na vida e na história dos indivíduos e das sociedades, tomar decisões livres e fundamentadas sobre questões naturais, sociais e éticas, e dispor de

uma capacidade de participação cívica, ativa, consciente e responsável.” (p. 10)

Deste modo, urge a necessidade de a educação dos jovens focar-se, também, no nível humanista, procurando capacitar jovens como agentes conscientes, responsáveis e participativos nas suas comunidades. A Edu I sublinha “(...) é a missão da escola e do perfil do aluno à saída da escolaridade obrigatória é mesmo este lado humanista, este perfil humanista da educação, este lado humanista que nós tentamos promover com as atividades do Clube (...)” (Edu I).

O estudo empírico desenvolvido, de natureza qualitativa e usando como técnicas a observação participante, a aplicação de entrevistas individuais e *focus group*, permitiu compreender as motivações dos jovens, o que entendem por participação e de que modo materializam a liderança servidora, a construção de pontes e a ética do cuidado, na participação comunitária, através do Clube Ubuntu. A investigação permitiu concluir que existe um estilo particular de participação nos jovens do Clube Ubuntu, um pouco difuso, contudo com aspetos em comum, como a conduta impulsionada pelo “Ser Ubuntu”. Os jovens assumem que deverão descentrar-se do seu egocentrismo, procurando ser empáticos, servir, cuidar e ajudar a sua comunidade

Embora as evidências demonstrem que o Clube Ubuntu tem sido um espaço promotor de participação dos jovens, foi possível identificar algumas linhas para uma orientação mais profícua do Clube, nomeadamente aquando do seu início de intervenção. Segundo Vidal (1996), “La intervención sea compatible com los deseos u necesidades de la própria comunidad y con su participación activa en los câmbios, así como con sus valores y capacidades ponteciales.” (p. 267) E, deste modo, aliado aos referentes teóricos e os princípios da intervenção comunitária, propôs-se a intervenção *Pontapé de Saída & Recomeço do Jogo*, na qual se pretende resgatar o protagonismo dos jovens, envolvê-los no desenho do projeto desde raiz, numa lógica de cidadania ativa, em que a própria comunidade (o foco da intervenção) é escutada e torna-se parte ativa de todo o processo.

Importa ressaltar que a proposta de intervenção comunitária foi uma prática desafiante a ser desenvolvida, na medida em que permitiu a aproximação à realidade, refletindo de que modo a participação pode ser promovida nas idades em questão, tendo como foco fornecer ferramentas para que progressivamente os jovens se tornem os protagonistas da intervenção. O processo de recolha de informação centrou-se lógica de diálogo aberto, flexível, de mediação com os entrevistados e de uma escuta ativa. O grupo, dado que noutras circunstâncias trabalhei com ele, apresentou estar recetivo à

minha presença e disponível para entrevistas, existindo uma relação de confiança já criada. Contudo, também se tornou num desafio, na procura da distância necessária entre o tema e o grupo.

A realização deste trabalho proporcionou o contacto direto com uma realidade que, embora estando sempre presente no quotidiano escolar, nem sempre é valorizada. Os projetos no âmbito da educação para a cidadania são frutíferos na promoção de uma sociedade mais envolvida e participativa, essenciais para uma democracia, como Menezes (2003) sublinha que programas promotores de participação são cruciais na dimensão da cidadania. A Escola é um espaço privilegiado para efetuar esta formação dos jovens desde tenra idade, preparando-os para uma cidadania e participação ativa. (Hart, 1992) Neste sentido, considera-se pertinente realizar estudos mais aprofundados neste âmbito, que sustentem progressivamente projetos mais humanistas em contexto escolar, focados no desenvolvimento integral dos jovens, enquanto cidadãos ativos.

## Bibliografia

- Adolescente, I. I. (2010). Menu de Indicadores e Sistema de Monitoramento do Direito à Participação de Meninos, Meninas e Adolescentes. Obtido de [http://www.iin.oea.org/pdf-iin/Menu\\_Indicadores\\_Portugues.pdf](http://www.iin.oea.org/pdf-iin/Menu_Indicadores_Portugues.pdf)
- Alarcão, M., & Fonseca, S. (2020). Empatia. Em J. L. Gonçalves, & M. Alarcão (Edits.), *Pilares do Método Ubuntu* (pp. 115 -1336). Impress.
- Almeida, H., & Fernandes, V. (2016). Kit de Ferramentas para Diagnósticos Participativos. Coimbra: CES - Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.
- Anzini, P., Forte, A. C., & Santos, J. (2020). Resiliência. Em J. L. Gonçalves, & M. Alarcão (Edits.), *Pilares do método Ubuntu* (pp. 87 - 114). Impress.
- Bourdieu, P. (2014). *O poder simbólico*. Lisboa: Edições 70 Lda.
- Carvalhosa, S. F. (2010). Modelo Lógico de uma Intervenção Comunitária – GerAções. *Análise Psicológica*, 3, pp. 479 - 490.
- Correia, M. d. (2009). A observação participante enquanto técnica de investigação. *Pensar Enfermagem*, 13, pp. 30 - 36. Obtido de [https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/23968/1/2009\\_13\\_2\\_30-36.pdf](https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/23968/1/2009_13_2_30-36.pdf)
- Dinâmica, D. (2019). *A Participação Cívica: Definição e Tipos*. Obtido de divulgação dinâmica formação: [https://www.divulgacaodinamica.pt/blog/participacao-civica/#Definicao\\_de\\_participacao](https://www.divulgacaodinamica.pt/blog/participacao-civica/#Definicao_de_participacao)
- Educação, D. G. (2016). Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória. Obtido de [http://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto\\_Autonomia\\_e\\_Flexibilidade/perfil\\_dos\\_alunos.pdf](http://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf)
- Ferreira, P., Ribeiro, L. M., & Menezes, I. (2003). The political development of adolescents: the impact of family background, opportunities for participation in and out of school, and the implications for citizenship education projects. *A Europe of Many Cultures*, (pp. 341 - 346). Braga.
- Garcia, V. A. (2015). *Educação não formal como acontecimento*. Holambra : Editora Setembro.
- Gohn, M. d. (2014). Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos. *Investigar em Educação - IIª Série*, pp. 35 - 50.



- Gonçalves, J. L. (2019). Liderança Servidora: uma inspiração em contracorrente cultural. Em C. ". Peace", *Construir Pontes Ubuntu - Para uma Liderança Servidora* (pp. 105 - 112). ImPress.
- Gonçalves, J. L., Fernandes, J. L., & Rogowski, A. (2020). Autoconhecimento. Em J. L. Gonçalves, & M. Alarcão (Edits.), *Pilares do Método Ubuntu* (pp. 33 - 60). Impress.
- Guerra, I. (2002). *Fundamentos e Processos de uma Sociologia de Ação*. Cascais: Princípia Editora.
- Guerra, I. C. (2008). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo*. Cascais: Princípia Editora .
- Hailey, J. (November de 2008). *Ubuntu: A Literature Review*. Obtido de <https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.459.6489&rep=rep1&type=pdf>
- Hart, R. (1992). *Children's participation: From tokenism to citizenship*. Florence, Italy: International Child Development Centre.
- IPAV. (s/d). Manual dos Clubes Ubuntu.
- Keating, J. B., Silva, I. S., & Veloso, A. L. (2014). Focus Group: Considerações teóricas e metodológicas. *Revista Lusófona de Educação*, pp. 175 - 190.
- Lourenço, A. R. (2013). *Motivações na origem do Abandono Escolar – Estudo (Dissertação de Mestrado)*. Castelo Branco : Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco.
- Marques, J. ,, & Palminha, F. M. (Setembro de 2007). GPS - Roteiro de Acompanhamento e Avaliação de Projetos de Intervenção Comunitária. Lisboa , Portugal. Obtido de [https://www.ces.uc.pt/projectos/pis/wp-content/uploads/2013/09/2-Manual-Avalia%C3%A7%C3%A3o\\_GPS.pdf](https://www.ces.uc.pt/projectos/pis/wp-content/uploads/2013/09/2-Manual-Avalia%C3%A7%C3%A3o_GPS.pdf)
- Marques, R. (2019). Líderes Ubuntu a três tempos - cuidar, ligar e servir. Em C. ". Peace", *Construir Pontes Ubuntu - Para uma Liderança Servidora* (pp. 69 - 104). Impress.
- Meirinhos, M., & Osório, A. (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. *EDUSER: revista de educação*, 2, pp. 49 - 65.
- Menezes, I. (2003). Participation experiences and civic concepts, attitudes and engagements : implication for citizenship education projects. *European Educational Research Journal*, 2, pp. 430-445. doi:10.2304/eej.2003.2.3.8
- Montenegro, E., & Gaspar, J. P. (2020). Serviço. Em J. L. Gonçalves, & M. Alarcão (Edits.), *Pilares do Método Ubuntu* (pp. 127 - 157). Impress.

- Neves, T. (2019). Academia de Líderes Ubuntu. Em C. ". Peace", *Construir Pontes Ubuntu - Para uma liderança servidora* (pp. 183 - 194). Impress.
- Nunes, M. N. (2017). *Intervenção Comunitária - Conhecimentos e Práticas da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*. Lisboa: Centro Editorial.
- Oliveira, A. (2020). Autoconfiança. Em J. L. Alarcão (Ed.), *Pilares do Método Ubuntu* (pp. 61 - 86). Impress.
- Ornelas, J. (2008 ). *Psicologia Comunitária*. Lisboa : Fim de Século – Edições, Sociedade Unipessoal, LDA.
- Pardal, L., & Lopes, E. S. (Outubro de 2011). Métodos e Técnicas de Investigação Social . Porto : Areal Editores .
- Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Júlio Dinis, 2012/2015. (2012).
- Quivy, R. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* . Lisboa: Gradiva .
- Serrano, G. P. (2008). *Elaboração de Projetos Sociais: Casos Práticos*. Porto: Porto Editora.
- Tomás, C., & Gama, A. (2011). Cultura de (não) participação das crianças em contexto escolar. *Educação, Território e (Des)Igualdades - II Encontro de Sociologia da Educação* (pp. 1-22). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Vidal, A. .. (1996). *Psicología Comunitaria - Bases Conceptuales y Métodos de Intervención*. Lleida: Poblagràfic .
- Volmink, J. (2019). Ubuntu: Filosofia de vida e ética social. Em C. ". Peace, *Construir Pontes Ubuntu - Para uma Liderança Servidora* (pp. 47-68). ImPress.

# Anexos

### Anexo 1 – Guião de Entrevista Individual - Jovens

<b>Categoria</b>	<b>Objetivo Específico</b>	<b>Proposta de Questão</b>	<b>Descrição</b>
<b>Legitimar a Entrevista</b>	Esclarecer acerca do objetivo/utilidade da entrevista. Motivar o entrevistado.	1. Solicitar dados de caracterização – género, idade, proveniência, ano de escolaridade, tempo de projeto.	Informar sobre as características do estudo; Assegurar a confidencialidade do estudo; Solicitar informações de caracterização do participante.
<b>Narração da participação do jovem no projeto</b>	Narrar a história e desenvolvimento de um Clube Ubuntu, desde a perspetiva individual à grupal	2. Como se iniciou a tua passagem pelo projeto Academia de Líderes Ubuntu? 1.1 Quando acabou a Semana Ubuntu como é que te sentiste? 1.2 E que impacto sentiste em ti? (se houve transformações emocionais e relacionais, como, por exemplo, de autoimagem, relacionamento entre pares, forma de estar na	Permitir que o jovem reflita e descreva o seu percurso pelo projeto da Academia de Líderes Ubuntu, desde a participação na Semana Ubuntu, até aos dias de hoje, enquanto membro do Clube Ubuntu.

		<p>comunidade, aproveitamento escolar.)</p> <p>3. O que é que esperas que este projeto te dê em termos de desenvolvimento pessoal?</p>	
<p><b>Início e desenvolvimento do Clube Ubuntu – Perspetiva do participante</b></p>	<p>Narrar a história e desenvolvimento de um Clube Ubuntu, desde a perspetiva individual à grupal.</p> <p>Identificar os indicadores que apontem eficácia e eficiência do Clube Ubuntu.</p>	<p>4. Quando foi instituído o Clube Ubuntu no AE Júlio Dinis? E como tem sido a sua evolução? Existiram obstáculos?</p> <p>4.1 O que é que te move a fazer parte deste Clube?</p> <p>4.2 O que é ser Ubuntu?</p> <p>5. Como é que o Clube, na tua perspetiva, cuida da comunidade?</p> <p>5.1 E de ti?</p>	<p>Compreender o percurso do Clube Ubuntu na presente escola, desde o seu início e/ou quando o participante se juntou ao Clube-</p>

<p><b>Conceção do Clube Ubuntu enquanto espaço de participação</b></p>	<p>Identificar ações dos jovens que materializam os três eixos estruturantes do conceito Ubuntu: a ética do cuidado, a liderança servidora e a capacidade de construir pontes;</p> <p>Reconhecer as perspetivas dos jovens em termos de conceitos comunitários, participativos, atitudes e compromisso.</p>	<p>6. Qual a atividade/projeto que desenvolveste no Clube Ubuntu que mais te marcou? E porquê?</p> <p>7. Qual é a tua representação sobre essa atividade?</p> <p>8. Na semana Ubuntu costuma-se referir que a ALU é uma escola de líderes servidores e construtores de pontes, inspirados para cuidar. Sentes que evoluíste quanto líder? De que forma?</p>	<p>Permitir que o jovem reflita e descreva a sua experiência enquanto membro do Clube Ubuntu; analisando o seu desenvolvimento enquanto líder Ubuntu, à luz dos 3 eixos estruturantes do conceito – ética do cuidado, construção de pontes e liderança servidora.</p>
<p><b>Representações do jovem face a conceitos</b></p>	<p>Reconhecer as perspetivas dos jovens em termos de conceitos comunitários, participativos, atitudes e compromisso.</p>	<p>9. Na tua opinião, o que é para ti “comunidade”?</p> <p>11.1 E “participação”?</p> <p>11.2 E “liderança”?</p>	<p>Perceber as representações do jovem participante em torno dos conceitos “participação”, “comunidade” e “liderança”.</p>

## Anexo 2 – Guião de Entrevista *Focus Group* – Jovens

Categoria	Objetivo Específico	Proposta de Questão	Descrição
<b>Legitimar a entrevista</b>	Esclarecer acerca do objetivo/utilidade da entrevista. Motivar o entrevistado.	1. Solicitar dados de caracterização – género, idade, proveniência, ano de escolaridade, tempo de projeto.	Informar sobre as características do estudo; Assegurar a confidencialidade do estudo; Solicitar informações de caracterização do participante.
<b>Representação do projeto e da sua participação</b>	Narrar a história e desenvolvimento de um Clube Ubuntu, desde a perspetiva individual à grupal.  Identificar os indicadores que apontem eficácia e eficiência do Clube Ubuntu.	2. Que razões vos levaram a participar no Clube UBUNTU?  3. Na vossa perspetiva, o Clube Ubuntu tem sido uma oportunidade para porem em prática os 5 pilares que estão na base da filosofia Ubuntu (autoconhecimento, autoconfiança, resiliência, empatia,	Compreender o percurso do Clube Ubuntu na presente escola, desde o seu início e/ou quando os participantes se juntou ao Clube, abordando motivações, ações que

	<p>Identificar ações dos jovens que materializam os três eixos estruturantes do conceito Ubuntu: a ética do cuidado, a liderança servidora e a capacidade de construir pontes.</p>	<p>serviço) e os 3 eixos do conceito (ética do cuidado, liderança servidora, construção de pontes)?</p> <p>3.1 Se sim, de que modo? Conseguem especificar atividades?</p> <p>4. Existiram obstáculos à criação/dinamização do Clube Ubuntu na vossa escola. Se sim, quais?</p> <p>5. Qual o legado que gostavam de deixar à escola com o Clube?</p>	<p>reflitam o método, obstáculos que possam ter surgido e o próprio legado do Clube.</p>
<p><b>Conceção do Clube Ubuntu enquanto espaço de participação</b></p>	<p>Narrar a história e desenvolvimento de um Clube Ubuntu, desde a perspetiva individual à grupal.</p> <p>Identificar ações dos jovens que materializam os três eixos estruturantes do conceito Ubuntu: a ética do cuidado, a liderança servidora e a capacidade de construir pontes.</p>	<p>6. Que atividades têm vindo a desenvolver/desenvolveram no âmbito do Clube Ubuntu? [Sugerir que possam responder a este bloco de questões através do desenho/escrita numa cartolina]</p> <p>6.1 Quais as vossas representações dessas atividades?</p> <p>6.2 Conseguem identificar pilares e/ou eixos Ubuntu nas intenções dessas vossas atividades?</p>	<p>Permitir que os jovens reflitam e descreva a sua experiência enquanto membro do Clube Ubuntu; analisando as atividades realizadas, as representações que possuem das mesmas e o seu impacto. Procura-se que seja uma reflexão que</p>



	<p>Reconhecer as perspectivas dos jovens em termos de conceitos comunitários, participativos, atitudes e compromisso.</p>	<p>6.3 Qual a atividade que mais vos marcou? E porquê?</p> <p>7. Qual o impacto que a vossa participação no Clube tem tido em vocês próprios?</p> <p>7.1 E na comunidade escolar e na comunidade onde a vossa escola está localizada?</p>	<p>apele à criatividade e ao sentido crítico, deste modo, estarão disponíveis os seguintes recursos para que, os jovens em conjunto, reflitam e respondam às questões expostas: cartolina, marcadores e canetas de feltro de várias cores.</p>
--	---	---	--

### Anexo 3 – Guião de Entrevista Educadoras

<b>Categoria</b>	<b>Objetivo Específico</b>	<b>Proposta de Questão</b>	<b>Descrição</b>
<b>Legitimar a Entrevista</b>	Esclarecer acerca do objetivo/utilidade da entrevista. Motivar o entrevistado.	1. Solicitar dados de caracterização – género, idade, proveniência, perfil profissional, tempo de projeto.	Informar sobre as características do estudo; Assegurar a confidencialidade do estudo; Solicitar informações de caracterização do participante.
<b>Início e desenvolvimento do Clube Ubuntu – Perspetiva do Educador</b>	Narrar a história e desenvolvimento de um Clube Ubuntu, desde a perspetiva individual à grupal  Identificar os indicadores que apontem eficácia e eficiência do Clube Ubuntu.  Reconhecer as perspetivas das educadoras em termos de conceitos	2. Quando foi instituído o Clube Ubuntu no AE Júlio Dinis? E como tem sido a sua evolução? (Entradas e saídas de jovens; assiduidade; atividades; participação; voluntarismo)  3. Como é que o Clube, na vossa perspetiva, cuida da comunidade? E dos jovens participantes?	Compreender o percurso do Clube Ubuntu na presente escola, desde o seu início e a sua evolução; permitindo que as educadoras reflitam nas representações das atividades desenvolvidas e no nível de participação e envolvimento dos jovens nas mesmas.

	comunitários, participativos, atitudes e compromisso.	4. Ao longo das sessões foram referindo situações em que se é ou não Ubuntu. O que é ser Ubuntu?	
<b>Conceção do Clube Ubuntu enquanto espaço de participação, à luz dos 3 eixos</b>	<p>Narrar a história e desenvolvimento de um Clube Ubuntu, desde a perspetiva individual à grupal.</p> <p>Identificar ações dos jovens que materializam os três eixos estruturantes do conceito Ubuntu: a ética do cuidado, a liderança servidora e a capacidade de construir pontes;</p> <p>Reconhecer as perspetivas das educadoras em termos de conceitos comunitários, participativos, atitudes e compromisso.</p>	<p>5. Quantos jovens participam no Clube?</p> <p>5.1 Após tantas semanas feitas, quais as razões de ingresso ou não, dos jovens no Clube?</p> <p>5.2 Estão todos ativamente comprometidos com o Clube?</p> <p>5.3 Qual o nível de participação dos jovens no planeamento e execução das atividades?</p> <p>6 Quais os critérios de seleção e desenho da intervenção do Clube?</p> <p>7 Na semana ubuntu costuma-se referir que a ALU é uma escola de líderes servidores e construtores de</p>	Permitir que as educadoras analisem e descrevam o desenvolvimento dos jovens enquanto participantes e líderes Ubuntu, à luz dos 3 eixos estruturantes do conceito – ética do cuidado, construção de pontes e liderança servidora.

pontes, inspirados para cuidar. Como é que sentem que os jovens têm evoluído enquanto líderes?

- 8 Na opinião de cada uma, qual foi a atividade que vocês mais gostaram de ver desenvolvida? Que vos mexeu mais. Com o impacto ou com aquilo que realizaram.
- 9 O que é que esperam que estes jovens do Clube levem do projeto para as suas vidas?

## Anexo 4 – Transcrição das Entrevistas Individuais - Jovens

Entrevista 2 – Parte 1	Data: 05.05.2022
------------------------	------------------

### **Jovem**

Sexo: Feminino

Idade: 15 anos

Duração da entrevista: 38m32s

E: Aqui a gravar. Pronto, a amiga já falou que já está a gravar. Precisava primeiro, só ter aqui alguns dados de caracterizações gerais, portanto, idade?

Jl: Morada?

E: Idade (repete)

Jl: Ah, Idade eu percebi morada, eu tenho 15!

E: (Riso) E és mesmo Grijó?

Jl: Hmhm (concordando)

E: *Born and Raised*, ok? E estás no nono ano?

Jl: Sim

E: E consegues dizer mais ou menos, há quanto tempo é que estás no projeto?

Jl: Ahh. Faz hoje um ano por acaso.

E: Faz hoje um ano que começaste o clube?

Jl: Exato.

E: Portanto, mas o projeto começou com a semana Ubuntu, ainda te lembras quando foi a semana?

Jl: Foi dia 19 de Abril.

E: Uhh. (Surpresa) Tens todas as datas de cor.

Jl: Hmhm (concorda)

E: Ok. Estás a dizer isso com muito orgulho ou é impressão minha.

Jl: Ah, sim sim.

E: (risos) Ok, J I, e começou que se iniciou aqui a tua passagem pela Academia de Líderes Ubuntu? Como é que tu aceitaste entrar e fazer aqui uma semana, como é que ouviste falar?

Jl: Ahh. (pensativa) No início quando nos deram aquele papelzinho que a gente ia ter aquela semana eu fiquei toda feliz porque “Uau!” uma semana sem aulas... Foi fixe. E no

primeiro dia também comecei a achar o mesmo porque “Uau” uma semana sem aulas, maravilha. Depois no terceiro dia não é, na quarta, eu achei horrível porque eu chorei baba e ranho, não curti da cena. Mas pronto, não foste tu que foste comigo à casa de banho porque eu estava a chorar imenso?

E: Hmhm. E porque é que não curtiste nada da cena.

JJ: Eu lembro-me do dia como se fosse hoje, mas pronto. Eu lembro-me que, a partir daí, que, sei lá, senti uma coisa que... era aquilo! E depois eu estava sempre a perguntar quando é que era o clube e isso, e pronto quando começou eu fui logo no primeiro dia e ainda não faltei, só faltei quando tive covid e mesmo assim estava a pensar nisso.

E: O que é que é isso de “era aquilo”?

JJ: Ahhh. Como é que eu hei-de explicar... Eu tipo uma coisa que sabemos que temos logo clube à tarde, e eu estar nas aulas de manhã a pensar que temos clube à tarde...É tipo isso!

E: Deixa-te feliz fazer parte do clube?

JJ: Hmhm (concorda)

E: Porquê? O que é que o clube te traz? O que é que te move a fazer parte do clube?

JJ: Se eu tiver um dia mau ou me correrem mal as aulas eu vou para lá e sinto-me bem, exato, estou com pessoas que gosto, ah... Traz tipo uhm... Aquele vibe mesmo... Assim pacífica, tranquilidade, sem problemas e a gente está a fazer coisas que ajudam a escola e isso... Então, ya.

E: Sentes que te identificas com o clube.

JJ: Sinto.

E: Ok. Quando acabou a semana Ubuntu como é que tu te sentiste?

JJ: Ah! Quando cheguei a casa chorei!

E: A sério? (Risos)

JJ: Não, mesmo! A minha Mãe chegou ao meu quarto e perguntou porque é que estás a chorar, não tiveste uma semana sem aulas? E eu viro-me - Ya, mas eu queria mais! -

E: (risos)

JJ: Tive de esperar quase um mês para ter o Clube.

E: Querias mais do Ubuntu, era isso?

JJ: Hmhm

E: Ok, e que impacto sentiste em ti? Já percebi que o primeiro dia, continua a ser aquele dia do - Fixe, não vamos ter aulas! -

JJ: Exato!

E: Mas vi que estão coisas a mudar aí, o que é que foste sentindo? Que impacto é que tu sentiste durante a semana?

JJ: Ah... Eu sentia-me muito mais conectada com a Edu PA, eu já gostava bastante dela só que ainda fiquei mais próxima dela com a semana. E depois que ela foi embora... Também chorei, mas pronto. Ah... Eu fiquei bem mais próxima, naquele dia na quarta-feira, quando fui à casa de banho, pronto, foi aí que te passo-te a chatear, pronto, já foste. Ah, pronto! Foi isso! Mudou porque sei lá, conheci melhor a minha turma, eu vi lados deles... Que nem sequer sabia que eles eram sensíveis, exato, eu vi o JR que era uma pessoa que nunca tinha visto a chorar – a chorar mesmo! Foi aí que eu percebi ok, isto aqui é incrível porque nos deu aqui, aquela intimidade mesmo. Foi aí.

E: O impacto que sentiste foi da intimidade e da relação com o outro. E em ti? O que é que sentiste em ti?

JJ: Ah... Eu sei que, eu era, ou a minha qualidade maior era ser negativa, eu nunca tenho positividade em nada, comecei a ganhar um bocadinho mas continua a mesma coisa. (risos) Mas eu ganhei ainda um bocadinho de confiança em mim, rara, mas, ganhei. Ah, também comecei a pensar que ... Os outros poderão ter mais problemas que eu, e que os meus problemas nem sempre são a prioridade, e agora, consigo preocupar-me mais com os outros do que comigo, o que é... Eu nunca pensei fazer isso.

E: Ok, muito bem. E porque é que mudaste isso assim, uau, é que isso é uma grande mudança, de repente de olhar mais para o outro! O que é que... Porquê?

JJ: Opa, fizeram o mesmo comigo. Estava um monte de gente a chorar e não sei quê, pronto... E por algum santo vieste logo comigo, não sei porquê, mas, estava toda a gente da minha fila a chorar e vieste logo ter comigo... E deu-me uma coisa que, não sei - Ah, agora vou ser eu a ajudar os outros! - Mais ou menos isso.

E: Ajuda em cadeia, é isso?

JJ: Exatamente.

E: Ok, muito bem. Uau. E então, disseste que faz hoje um ano que foi instituído o clube Ubuntu na Escola Básica Júlio Dinis, portanto, parabéns por isso!

JJ: (risos) Obrigada.

E: Tu, foste das primeiras a abraçar o Clube Ubuntu no ano passado.

JJ: Hmhm.

E: E como é que tens vivido esta evolução, como é que tens vivido o percurso?

JJ: Ah, eu nunca faltei, nem penso faltar, só se me acontecesse alguma coisa mesmo grave e que não possa ir, tenho contribuído com tudo, ajudar em tudo o que posso... Quando foi para Gaia eu disse que nem que fosse para Gaia a pé ou de camionete eu ia, e fui. Ah... Estava quase a ir a pé mas finalmente fui de carro...

E: Em que momento?

JJ: Ui! Aquele momento em que eu fui a Gaia quando era para ir ao *Boeira Garden*.

E: Ah, sim para falar com as empresas!

JJ: Sim.

E: Muito bem.

JJ: No Ubuntu Fest, chatee a cabecinha ao meu Pai e fui os três dias, direitinho, fi-lo acordar no Domingo de manhã, e... Eu tento sempre ir a tudo, tanto que os meus pais até disseram – Uau, tu que ficas na cama até mais tarde decidiste acordar só para ir a uma coisa, isto deve ser mesmo especial! - Ya.

E: (Risos) E já falaste sobre isso aos teus pais? Explicaste o que é que o Ubuntu, o que é que é o Clube.

JJ: No primeiro dia do clube, eu cheguei a casa, porque eles perguntaram porque é que eu quis ficar na escola, ah... Eu cheguei a casa e disse-lhes, olha, fiquei num clube! E eles perguntaram – Ui, logo tu que nunca andas em clubes. - E eu disse – A sério, entrei num clube! - E eles perguntaram logo o que é que era o Ubuntu e tal, e eu expliquei tudo, e eles ainda hoje me dizem, eu preciso de um Ubuntu destes, estás completamente diferente. Exato!

E: Os teus pais dizem que estás diferente?

JJ: Porque antes eu era daquelas pessoas que não saía do quarto, eu vivia no quarto super isolada e ficava sempre no telemóvel e agora eu vou comer com eles; ya que eu não comia com eles eu vejo filmes com eles eu vou correr com o meu pai eu faço desporto com eles o que eu antes não fazia; exato e eu comecei a emagrecer também, gostei dessa parte (risos)

E: Portanto até te abriste mais para os teus pais também?

JJ: A sim eu antes não falava de nada literalmente só com os meus amigos é que eu desabafava, agora desabafo com os meus pais.

E: Ok, muito bem, JJ. E... É assim tu és das primeiras pessoas do clube portanto eu agora vou te pedir aqui um desafio difícil que é contares uma história do clube. Ainda te lembras do primeiro encontro no dia 5 de maio de 2021 e o que tens feito desde aí?



JJ: Eu sei que no primeiro dia a gente apresentou-se com um jogo que era dizer uma coisa que gostávamos de fazer uma coisa que não gostávamos de fazer, nossa idade aonde é que vivíamos e o nosso nome e depois fizemos um jogo de mimica não sei por alma de quem mas fizemos que era termos uns papezinhos e dizia lá por exemplo A simpático e nos tínhamos que fazer um gesto que representasse isso coisa que não consegui fazer direito mas prontos continuando e sei que a gente fez uns desenhinhos com a nossa cara e isso e até está lá afixado e prontos desde aí, mas também o ubuntu mudou totalmente o ano passado era diferente deste ano.

E: Como é que foi essa evolução de grupo? Como é que foi essas entradas e essas saídas tu que tiveste sempre foste vivendo isso tudo como é que viveste isso?

JJ: Eu por acaso até me dou mais com este grupo agora do que com o do ano passado, o grupo do ano passado, pelo que eu vi, acho que optou pela fotografia, pelo nosso professor de história.

E: Abre o clube, às quartas (...)

JJ: É a mesma hora então eles optaram porque... Era a turma que eu mais me dava, era as pessoas que estavam lá o ano passado, mas eu até gosto mais deste grupo, aprendi a dar-me com pessoas do oitavo e tudo, que são incríveis ah... tirando os dias do Daniel, mas pronto... Ah... É. Eu até gosto mais deste grupo, mas acho que em termos de coisas e assim de projetos, acho que fizemos mais o ano passado. Não sei se era por sermos só do nono ou assim.

E: E o que é que fizeram o ano passado, ainda te lembras? E como é que surgiram as ideias do projeto do ano passado?

JJ: Ah, eu sei que estávamos a pensar fazer uma coisa que eram uns projetos que acho que foi na sexta acho eu, no último dia. Só que nunca chegámos a fazer porque, entretanto, a Edu I cansou-se e pronto, foi isso... Ah. E a gente começou a fazer o SPO, fomos ver a sala ah... Eu lembro-me, que eu e o JD, a gente deixou cair um armário por debaixo das escadas (risos), ah... Mas a gente arrumou aquela sala toda que deu um trabalho enorme, depois começámos a decorar, chateei a cabecinha ao meu Pai e ele foi pintar, incrível, ah... E foi aí que ele conheceu o que é que eu fazia e disse – Ok, qualquer coisa que tu precisas chama-me, e aí ele levou-me até ao Ubuntu Fest.

E: Então o teu Pai está muito envolvido no Clube Ubuntu também.

JJ: Pá, ele diz que, às vezes vira-se para mim e diz – Ah, vê se trocas os livros por isso!

E: (risos) Fez-te bem o clube segundo o teu Pai?

JJ: Ele diz que fez, ele ao menos acha que fez.

E: Ok, olha estou muito curiosa para saber como é que surgiu a ideia do Gabinete SPO, foi uma coisa inovadora.

JJ: Ah, sim... Ah. Pelo que eu me lembro, acho que foi a Edu II que me tinha dito que o espaço de Psicologia era horrível e eu não sei o que é que foi, acho que foi o J IV, acho que tenho uma noção que foi ele, vira-se – Ah, nós temos um rode de arrecadações que não usamos, podemos pedir ao Edu E. E a gente começou a dar graxa ao Edu E e ele deu-nos aquele espaço. Simples.

E: Mas foi um desafio difícil.

JJ: Sim, a gente teve dias e semanas a arranjar aquilo. Eu lembro-me que eu estava com os ligamentos do pé, aham. (Pensativa) Eu rasguei os ligamentos do pé e eu andava a mancar a descer escadas e a subir, com os armários, que eu lembro-me que eu fiquei pior. (Risos)

E: E, mesmo assim, continuaste?

JJ: Ah, exato. Na outra semana, eu parti o pulso e, mesmo assim, estava lá. (Risos) Com uma mão a carregar as coisas.

E: Muito bem. E tiveram, depois, uma grande... abertura do gabinete, não foi? A inauguração.

JJ: Pois é.

E: Que até o teu pai estava lá!

JJ: Exato, o meu pai tirou uma hora, acho eu, do trabalho, para ir lá. Incrível.

E: Muito bem. E que mais é que fizeram para além do Gabinete de SPO? Lembraste?

JJ: Aham... (Pensativa)

E: Desculpa! Só uma pergunta, ele é útil?

JJ: Aham. (Pensativa) Eu não faço a mínima ideia, porque eu não costumo ter psicologia na escola, mas, eu acho que é, porque uma colega da minha turma acho que tem psicologia na escola e é lá. Que ela até diz que é bastante agradável o sitio que a gente fez e tudo. Então, eu acho que é, está a ser usado.

E: Então, tens tido um bom feedback da sala.

JJ: Acho que sim.

E: E do vosso trabalho. Ok. Boa. Muito bem. Então, conta-me mais coisas.

JJ: Aham. No campo de férias fizemos aquele mural, que, que...eu estraguei acho que uns três pares de camisolas, mas pronto.

E: O que é que represente aquele mural?

Jl: Ah! Foi um aluno que fez um desenho, estava numa aula e começou a fazer um desenho sobre o Ubuntu porque também gostou. Até hoje eu não sei quem é o aluno, mas pronto.

E: Aham... (Pensativa) Foi na semana Ubuntu. É venezuelano.

Jl: Aham. Não faço a mínima ideia. (risos)

E: Eu vou-me lembrar do nome. Podemos... Continua a falar, eu hei de me lembrar do nome. (Risos)

Jl: Aham. E eu sei que a Edu I vira-se para nós no primeiro dia, porque o primeiro dia, a gente só começou a falar e ela mostrou-nos o desenho e ela vira-se – Ah, podíamos fazer isso nas paredes da escola. E a primeira coisa que a gente vira-se é - Precisa de uma limpeza as paredes, uma limpeza mesmo. E a gente, o SA limpou aquilo e acho que foi assim, foi. O SA limpou aquilo, a parede, depois, a gente começou a fazer o desenho com as fita-colas, fiquei com fita-cola no cabelo durante o dia todo, mas pronto. Aham... Começamos a fazer aquilo com as fita-colas, fizemos meio como um projeto e, depois, a gente começou a trazer as tintas, coisa que o meu pai também deu um coisa de tinta. Incrível. Obriguei-o a sair do trabalho para ir buscar a tinta, mas pronto. Aham... E, depois, até os professores ajudaram, por exemplo, o professor de EV que deu-nos pinceis e isso e... é engraçado que a escola também contribui, o que é fantástico. Depois, também fizemos os recreios. Que foi na mesma coisa que inauguramos o... o mural.

E: O que é que foram os recreios?

Jl: Ah, exato. Os de quinto e sexto (ano) também ajudaram a pintar. Coisa que pintaram mal, mas, pronto.

E: Mas participaram.

Jl: Pelo menos isso. Os recreios, aham. Eu não me lembro quem é que pintou aquilo no chão, sei que não fomos nós, mas, pintaram uns coisos no chão, meio como uns trajetos e nós estávamos a ver os miúdos, como eram só eles que estavam na escola, se eles queriam usar aquilo nos intervalos ou assim. Pronto, eles disseram que sim e a gente explicou como se devia fazer os jogos e eles estavam a fazer. Nós jogamos até ao futebol sem bola com eles, também me esbarrei no chão, mas pronto.

E: (Risos)

Jl: E a gente até contribuiu e tudo, o que foi incrível. E, depois, fizemos aquele lanchinho.

E: Como é que tu te sentiste a fazer atividades com os mais novos? Foi fácil, difícil...

Jl: Eu senti-me uma ama para eles, literalmente. Ah, porque uma das minhas maiores características, eu adoro crianças, eu gostava de ter um irmão, mas a minha mãe não quer,

não quer que me dê um irmão. Mas, eu quando vou a algum lado, imagina o vizinho da frente tem... tem um filho, ele passou mais tempo comigo do que com os próprios pais. Eu fiquei sempre com ele... Não sei. Eu gosto de coisinhas pequenininhas, quando o meu gato era pequeno, eu gosto de coisas pequeninas. É fofinho cuidar das pessoas.

E: Disseste cuidar das pessoas?

Jl: Gosto... (Risos)

E: Ok. Boa. Então, vou-te desafiar com uma questão de, então, como é que o Clube Ubuntu cuida da comunidade?

Jl: Aham... estás a dificultar-me a vida, mas, pronto. Aham...

E: Tens tempo. Podes pensar. (Risos)

Jl: Eu acho que o gabinete, esse gabinete também ajudou bastante... Eu acho que, eu própria, eu e o J IV ajudamos a nossa turma, porque a gente, quando teve a semana, a gente virou psicólogos para alguns momentos. É o que a gente diz. Eu sempre tive o sonho de ser psicóloga, mesmo quando era pequenina e... eu sou mais psicóloga dos outros, mas não consigo ser psicóloga de mim mesma, é incrível. Eu resolvo os problemas dos outros e os meus nunca resolvo.

E: Também precisas de ter um apoio... Não tens de resolver tudo sozinha.

Jl: Oh pá... Eu, quando estou mesmo assim de cabeça quente e que aconteceu alguma coisa, não consigo falar com ninguém. Depende muito da pessoa. Depende mesmo muito da pessoa que eu consiga assim me abrir e se começarem a fazer perguntas, ainda pior.

E: Precisas do teu tempo.

Jl: Quando eu fiz-te aquela entrevista para o trabalho de inglês... que tive...

E: Hum hum. (a concordar). Tiveste quanto? Desculpa.

Jl: Ah... 100, 100!

E: Ah! Que maravilha. (Risos)

Jl: Fizeste com que a minha nota fosse 5 no final do período.

E: Wow.

Jl: E...quando eu fui, quando eu acabei a entrevista, comecei a chorar no meio da aula. Porque eu fui a única que escolheu uma pessoa que não fosse assim uma figura famosa. Toda a gente escolheu atores, cantores, eu fui a única que escolhi assim uma pessoa com que me identifica e não um cantor. E a professora começou-me a dizer um rode de coisas assim mesmo sentimentais. Começou a dizer – Ai, isso foi muito fixe teres escolhido uma pessoa assim. - Pronto, e eu comecei a chorar e fiquei...

E: Isso de ser sensível é bom. É bom ter este traço humano, Jl.

Jl: Sim, sim, é ótimo. Eu passo a vida a chorar. Mas sim.

E: (Risos) Como é que te sentes assim?

Jl: Sempre a chorar? Olha, incrível. (Risos) Eu choro por qualquer coisinha, juro. Se eu vir um gato na rua, eu choro. (Risos) Não dá. Eu juro-te, qualquer coisa mesmo. Por exemplo, quando acabou a semana, eu vim para casa, eu lembro-me de eu ir para o meu quarto, eu fui ver um filme, o filme não era nada, não tinha nada para chorar e eu comecei a chorar. A minha mãe começou-me a perguntar o que é que eu tinha e eu disse – Olha, não se, não sei se é do filme ou se é de ter acabado a semana.

E: Foi uma semana intensa também, não é?

Jl: Na quarta-feira, nunca mais fiz nada. Comecei a pensar em tudo o que me perguntaram e eu, tanto que eu chorei e nunca mais pensei em nada. Cheguei a casa e dormi literalmente.

E: É um dia mais desgastante. Emocionalmente e fisicamente.

Jl: De caminho, estou a chorar outra vez, mas pronto.

E: (Risos) Olha e, nesse âmbito, como é que tu sentes que o Clube cuida de ti?

Jl: Ahm... Eu acho que cuidou mais de mim, quando eu recebi uma notícia, assim bastante inesperada, que alguém vinha fazer um trabalho ao nosso Clube. Nesse dia, eu cheguei cá fora do Clube e eu lembro-me que eu saltei para as cavalitas do J IV, de felicidade. Ahm...Ele vira-se – Olha, estás a ver? Tinhas-me, estavas-me a mandar mensagens a dizer que tinhas saudades dela e ela vem, vês? – Exato, porque eu chateio o J IV assim umas vinte e quatro horas por dia. Ahm. Depois, quando, o problema é, eu soube disso duas semanas e nunca me disseram se vinhas na semana antes, ou na semana dos meus anos. E vieste na semana dos meus anos, ainda bem que eu trouxe bolo a mais.

E: (Risos)

Jl: Pronto. E, nessa semana, eu estava a ver, eu demorei uma hora a escolher a roupa, porque eu não sabia o que havia de levar. Ainda por cima cantaram-me os parabéns, olha que incrível.

E: Pois foi. E até trouxeste bolo. Mas, olha, também tens o J IV que cuida de ti, pelos vistos, não foi?

Jl: Hum... Já não cuida assim como cuidava antes, mas vamos fingir que sim.

E: E o grupo? Sentes que cuida de ti? Ainda agora disseste que estavas, que te sentias melhor neste grupo.

Jl: Oh, sentia, porque eu sempre me dei bem com a J V, eu comecei mais a falar com a J VI, com a J II também falo agora, o J VIII eu sempre falei com ele só que ele agora ainda está mais (risos), mais estúpido do que já era, mas pronto.

E: Mais estúpido, como assim?

Jl: Ah! Só faz porcarias. Agora está pior. (Risos) Mas eu sempre me dei com ele, sempre me dei muito bem com ele. O J III eu também já conhecia da pré. Então, eu já conhecia este grupo já há muito tempo.

E: E agora, reencontraste-os?

Jl: Exato. Eu também chateei a cabecinha a alguns deles para vir, porque eles não queriam vir, então, eu chateei-lhes a cabecinha.

E: Ah! Foste tu que mobilizaste as pessoas para virem para o Clube?

Jl: Ah... Não todas. A J V fui eu, ela vira-se – Ah, eu não tenho nada que fazer às quartas-feiras à tarde, diz-me uma coisa para eu fazer. – E eu disse – Anda para o Clube. E ela vira-se – Ah, mas deve ser uma seca. – E eu viro-me – Experimentas e vê. Pronto, e ela ficou.

E: Experimentou e gostou, foi isso?

Jl: Hum hum. (a concordar) Também é mais por minha causa, mas pronto.

E: (Risos) Como é que tu caracterizas o Clube Ubuntu? A malta de lá, os projetos que desenvolves... Se tivesses de, agora, de apresentar o Clube Ubuntu da Escola Básica Júlio Dinis, como é que tu apresentavas? Como é que tu apresentavas o grupo, aquilo que vocês fazem?

Jl: Eu num... Eu numas palavras muito simples, eu descrevia como segunda casa, literalmente, porque é ali onde eu me sinto bem, sem ser em casa, sem ser com a minha família, é onde me sinto melhor. Eu acho que uma pessoa se sente feliz, onde se sente melhor, onde se sente bem e, pronto, quando acabam as aulas, é eu vou comer e vou, logo, para a sala.

E: Porquê que te sentes bem? Porquê que é uma segunda casa?

Jl: Aham... Primeiro, estou com as pessoas que gosto, não é? Segundo, porque a gente está a praticar coisas boas para a escola. E terceiro, tu, às vezes, vais lá.

E: (Risos) E gostas de praticar coisas boas para a escola?

Jl: Hum, sim. Oh pá, ela já não é boa, se a gente não faz nada, ainda pior. Exato. E, ao menos, quando eu quero sair de lá e, sei lá, lembrarem-se de mim. Um dia, quando eu for lá, lembrarem-se – Olha, foste tu que fizeste isto, foste tu que fizeste aquilo.

E: Queres deixar lá um legado? O Nelson Mandela de Grijó? (Risos)

JJ: Ah, sim!

E: E... daquilo que tu já desenvolveste e este ano também já fizeste coisas no Clube, projetos, já foste a Lisboa, já apresentaste o projeto a empresas, num hotel xpto, já fizeste uma série de atividades para a escola, já mudaste espaços físicos da escola. De todas estas coisas que já fizeste, qual foi a atividade ou projeto, ou aquilo que mais te marcou? E porquê?

JJ: Ahm... Eu acho que, sem dúvida, eu acho mesmo que foi o SPO. Não mesmo por o que a gente fez, mas pelo trabalho e pelo trabalho de grupo que a gente teve, porque aquilo foi mesmo, posso dizer que a gente chegava a casa e a primeira coisa que fazia era dormir, porque a gente fica mesmo cansada e aquele grupo era, foi o que eu disse, era fixe, mas este... a gente também ainda não teve muito tempo para fazer algumas coisas, por exemplo, nem acabamos o símbolo da paz, por falar nisso. Mas, mesmo assim, o SPO foi a primeira coisa que a gente viu o trabalho refletido e foi aí que eu disse – Ok, eu vou ficar aqui e eu vou fazer as coisas mesmo. E, nesse dia, eu lembro-me que foste de manhã, eu estava a chamar uns colegas meus e quando eu vinha aqui para trás, o J IV vira-se para mim e diz assim – Olha, está ali a E. E eu quase que tive um ataque cardíaco. Ah... E, depois, a gente foi para as aulas e estava mesmo a olhar para o relógio a ver, pronto, já vamos para o intervalo e eu chamei a minha turma para ir para os recreios, e depois também estiveste à tarde, então eu vi-te o dia todo. Fantástico.

E: E, disseste aí que, quando foi a Inauguração do Gabinete, foi, viste aí que de facto as coisas acontecem?

JJ: Sim, que o nosso trabalho foi refletido, porque a gente, ao início, quando viu aquilo cheio de armários, cheios de capas, cheios, a gente viu, pronto, esquece, esquece o assunto. Mas não, a gente. A biblioteca contribuiu, deu-nos cadeiras, toda a gente, basicamente, contribuiu. O que foi incrível, que nos deu mais vontade de acabar o projeto.

E: Ainda te lembras do quê que quem contribuiu com o que?

JJ: Ah, lembro-me! Aham. Não faço a mínima ideia do quê é que ele é à Edu I, mas acho que se chamava N, não faço a mínima ideia, não sei se foi com um tapete se foi com o coiso do chão, uma coisa assim foi. A pintura foi o meu querido pai. Aham. Aham. E o meu pai acho que também disse que arranjava a porta, se fosse preciso, porque a porta está um bocado empenada, mas pronto. Sei que aquele armário, o Edu E deu-nos para guardar as coisas. Sei que o NASCE contribuiu com os jogos de tabuleiro e umas coisas para meter lá para decorar. A mesa foi um evento traumático. (Risos)

E: Porquê?

Jl: A gente estava... nós compramos uns sprays, foi o SJ que me ofereceu os sprays para doar. Aham. E, nós levamos os sprays, e a Edu I trouxe uma mesa e quando eu e o JD fomos lá dentro, nós só chegamos cá fora e a Edu I está a meter umas folhas em cima da mesa e a gente começou aos berros a dizer que ela tinha estragado a mesa. Então, a mesa, ainda hoje, está horrível, mas pronto. Ela meteu umas folhas e começou a pintá-las de preto. Está horrível, mas pronto, as pessoas gostam e é o que interessa.

E: Ah, mas se as pessoas gostam... (Risos)

Jl: É o que interessa.

E: São gostos, não é, J I?

Jl: Hum hum. (a concordar)

E: Então, essa foi a atividade que mais te marcou?

Jl: Sim, foi a primeira, é sempre a primeira, não é?

E: E marcou-te terem conseguido fazer isso. É isso?

Jl: Hum hum. (a concordar)

E: A representação que tens dela foi – Conseguimos.

Jl: Sim.

E\_ Ok.

Jl: Acho que sim.

E: Nas sessões que eu já tenho estado a acompanhar, vocês, de vez em quando, dizem – Ah, isso não é Ubuntu ou isso é que é ser Ubuntu. Explica-me lá o que é que é ser Ubuntu, no Clube Ubuntu de Grijó? (Risos)

Jl: Pronto, agora vêm as perguntas complicadas.

E: Não, se vocês dizem que isso não é Ubuntu, quer dizer que vocês sabem o que não é Ubuntu.

Jl: Eu acho que, basicamente, o lema que é ser pessoa, o que dizia... É basicamente a gente ver um colega nossa a dizer isto, ou a dizer aquilo e ir à beira dele e dizer assim – Olha, não devias ter dito aquilo, porque magoou ou uma coisa assim. É, basicamente, dizer, se um colega nossa estiver a fazer alguma coisa mal e corrigi-lo e tentar dar a nossa opinião. É ser um bom, entre aspas, com nós mesmos. Aham. Exato. É ajudar os outros e...pronto. É beneficiar a comunidade. Pode-se dizer assim.

E: Beneficiar a comunidade?

Jl: Ai, para quê que eu digo as coisas? (Risos)

E: (Risos) Não, não. Gostei, gostei. Como? Como é que vocês beneficiam a comunidade? Diz-me lá o que é que têm feito que...



Jl: Aham... Primeiro, as pessoas que precisavam de psicologia, já têm um sítio. Eu sei que houve uma campanha, não me lembro do nome, que... a gente estava a tentar oferecer uma parte dos balneários masculinos e femininos para as pessoas que não conseguiam, que não tinham água ou assim e casa, tomassem lá banho antes de ir para casa. Não sei se isso resultou ou não, a Edu I nunca mais me disse, mas pronto. Eu acho que isso está a decorrer porque, depois, que a gente sai de física, acho que somos, exato, a minha turma é a última a sair, vão para lá pessoas, então, eu acho que isso está a funcionar, depois tenho de perguntar, acho que sim.

E: Surgiu, essa ideia surgiu de vocês?

Jl: Ah, não. Foi a Edu I que chegou um dia – Olhem, e se a gente fizesse isso? E fizemos. Acho eu que fizemos. É, fizemos. A minha turma também fez aquilo para a Ucrânia, que agora a gente tem acho que duas meninas ucranianas na escola. Coisa que a gente vai lá com tradutores tentar falar com elas, mas nunca dá certo porque elas nunca percebem, acho eu. (Risos) Mas, pronto. A gente ao menos tenta, falamos inglês, pode ser que elas percebam. E a gente pergunta se elas já comeram, se precisam de alguma coisa, se quiserem alguma coisa que têm na nossa sala, algumas roupas ou assim.

E: Sim...

Jl: E elas, às vezes, eu, às vezes, se elas falarem inglês, eu até percebo, se não falarem, esquece. A gente tenta ajudar, como pode.

E: Ajudar como pode, ok. Muito bem. O que é que representa para ti, ajudar?

Jl: Hum... fazer o outro feliz, acho eu. Acho que ver as pessoas felizes, também nos torna mais ou menos felizes, mesmo que estejamos com problemas. Por exemplo, eu sei que, quando eu chego à escola, de manhã, esquece, falar para mim de manhã, é igual para a parede e, se calhar, a parede ouve mais. Aham. Eu acho que se chegar à aula e estar a minha turma a rir-se, tudo às piadas, eu acordo logo. É a mesma coisa que eles me lerem o pensamento e dizerem – Ah, ela está triste, vamos fazê-la rir. É como se fosse isso e eu fico feliz, todos ficam felizes e pronto. Nunca prestamos atenção às aulas, mas isso é um à parte. (Risos) Acho que vai ser uma mudança gigantesca quando a gente se separar, estamos juntos desde a pré, todos. Vai custar? Vai. Vou chorar? Vou.

E: Não tem de ser um adeus. Só não vão estar na mesma turma agora.

Jl: Nem na mesma escola provavelmente.

E: Mas, ao menos estarão em Gaia.

Jl: Acho eu.

E: Lembraste na semana Ubuntu que se costuma referir que a Academia de Líderes Ubuntu é uma escola de líderes e construtores de pontes, inspirados para cuidar. Como é que tu sentes que tu tens evoluído como líder? De que forma?

JJ: Como é que eu tenho evoluído como líder...Ahm. Primeiro, eu acho que eu tenho evoluído dando trabalhos aos meus pais, é a única coisa que eu tenho feito. É dando trabalho para eles me levarem para ali e para acolá.

E: Só isso?

JJ: Não, não é só isso. Eles disseram que se não houvesse coisa para Lisboa, eles levavam-me a Lisboa, sendo que no outro dia era escola, para mim, e era trabalho para eles. Eu acho que isso também é o impacto que eles tiveram e que notaram que eu queria aquilo e era aquilo, e acho que também...ahm, como é que eu hei de explicar isto? Ahm. Sei lá. A... Mostrando às pessoas que nem sempre a vida é como uma nuvem, que há sempre um lado positivo e que, se dermos uma oportunidade de ver esse lado positivo, pode ser que saímos daquela má fase que todos nós passamos, na minha idade. Acho que se pode dizer assim. Acho que sim.

E: Ok. Muito bem. Foste selecionada na, para aquele encontro das empresas, por exemplo, como a representante do Clube.

JJ: Eu lembro-me. Também tive um stress lá.

E: Porquê?

JJ: Ah! Porque ninguém me disse que eu tinha de falar ao microfone. Eu fui lá e ok, é só ouvir e calar-me e ir embora. Não. Quando eu viro-me que ah, chega à nossa escola e a Edu I passa-me o microfone, eu quase morri. Mas vá, até correu bem. Pode-se dizer que sim.

E: E o que é que falaste lá? Ainda consegues te lembrar? Consegues-me dizer o teu discurso?

JJ: Eu acho que sei as palavras todas que disse exatamente. (Risos)

E: Então, diz-me lá.

JJ: Eu lembro-me que eu falei sobre os projetos que a gente tinha feito todos, todos mesmo, não me esqueci de nenhum. Falei de ti também. (Risos)

E: Falaste de mim?

JJ: Falei. Disse que tínhamos uma pessoa a fazer um estudo do nosso Clube e que agradeci por ser ela mesma, por ser a pessoa em específico e que era um grande orgulho sermos nós os escolhidos para fazer esse trabalho, significa que te sentes bem connosco. Acho eu. É. Pode-se dizer que sim. E falei sobre o que a gente tem feito. Pronto, eles começaram

a elogiar-nos e tal, as empresas e, pronto. Comecei a dar graxa à senhora do hotel, não sei se resultou ou não, espero bem que tenha resultado.

E: Lá era para falarem dos projetos para tentarem angariar apoios das empresas, não foi?

JJ: Hum hum. (a concordar)

E: O que é que apresentas-te para tentar, o que é que precisavam das empresas, naquele momento?

JJ: Nós dissemos que precisávamos de um sítio para ficar, porque tínhamos uma colónica, que íamos fazer um campo de férias e a mulher do hotel levantou-se logo, não sei porquê, quando a gente disse campo de férias, ela levantou-se logo e veio ouvir melhor. E eles depois apresentaram o hotel, não sei quê, apresentaram o curso até que tinha não sei por alma de quem, apresentaram mais ou menos o que é que tinha, os custos, depois disseram para a gente ir ver à net e que também tinha coisas incluídas, como uma piscina, acho que era uma visita às sete pontes, não faço ideia, acho que era, e andar de teleférico e uma coisa assim. E, quando apresentaram isso tudo, a Edu II não sei porquê tocou-me num braço e vira-se – Está feito. (Risos) Pronto, então, acho muito bem que tenha resultado, se não resultou, não sei o que é que a gente vai fazer. Espero bem que dê resultado.

E: O que é... O quê que é para ti, ser, aqui, a representante do Clube? És das mais velhas, umas das líderes do Clube.

JJ: Eu não digo que sou representante, porque se alguém quisesse ir no meu lugar, ia, por mim, era-me igual. Se alguém quisesse ir experimentar o que era ser representante ou ser vista, por mim, eu trocava o lugar, não havia problema. Como não houve ninguém, tive de ser eu a ir, não é? No primeiro dia de aulas, já faltei, acho incrível. Aham. Por mim, eu não me importei, mesmo que tivesse falta injustificada, que acho que foi justificada, espero bem que tenha sido, mesmo que eu tivesse levado falta injustificada, eu, literalmente, não estava a ligar nenhuma a isso, eu preferi ter ido ajudar e preferi ter chateado não sei quantas pessoas para me levarem lá, do que ninguém ir e que ficassem com uma má imagem, de que não havia ninguém que quisesse ir sendo que toda a gente queria ir e não podia. Então, pronto, decidi ir eu, sendo que as outras pessoas não podiam e...correu bem, acho eu e continuo a dizer que se precisarem de mim, liguem-me, literalmente, que tento ir ao máximo, se não conseguir é mesmo porque aconteceu alguma coisa.

E: Porquê?

JJ: Porquê?... Primeiro, porque não havia mais ninguém, tinha de ser eu. Segundo, porque não sei, eu acho que quanto mais, se tivesse lá alguém, as pessoas viam que haviam

peessoas interessadas e, também, acho que ia ser uma ajuda, mesmo para mim, eu não sabia que ia falar mas tinha um pequenino pressentimento que isto não ia correr bem. Pronto, eu nunca tinha falado ao microfone, só em apresentações orais e não correu muito mal. Eu perdi meio que o pânico de falar me publico, não sei por alma de quem, mas perdi. E ainda bem que eu fui.

E: Ajudou-te nisso?

Jl: Sim, ajudou. Podiam era ter-me avisado, que eu tinha preparado o discurso.

E: (Risos) Como é que tu descreves a líder Ubuntu Jl, do Clube Ubuntu de Grijó?

Jl: Como é que eu descrevo?...

E: Desde o dia 5 de maio de 2021 até ao dia de hoje.

Jl: Como é que eu descrevo ser líder?

E: Hum hum. (a concordar) Tu..

Jl: Aham. São sempre as mesmas palavras, eu não tenho mais que dizer. É ajudar, principalmente. É tentar ver os outros felizes. Exato. Eu digo sempre as mesmas coisas, mas é a única coisa que eu acho que é e...eu sei que me ajudou imenso e espero que continue a ajudar, coisa que me trouxe lágrimas e lágrimas, mas espero bem e se quiserem fazer outra semana, eu aceito com todo o gosto. Aham. E pronto. Espero um dia, mais tarde ou assim, voltar lá e me dizerem – Ah, continuamos com as semanas! Espero bem que isso aconteça. E, pronto. Espero bem deixar um impacto com o Clube e, pronto, não me vou esquecer disto tão cedo. Vai descrever a minha adolescência e um dia eu vou contar alguém – Olha, eu tive isto e tive aquilo. Pronto, e é isso.

E: Não tem de ficar por aqui.

Jl: Espero bem que não fique, senão eu vou deprimi.

E: Para onde tu fores, podes continuar a levar aquilo que aprendeste e, quem sabe, ainda podes continuar ligada ao Clube Ubuntu de Grijó também.

Jl: Espero bem que sim, senão eu vou chorar ainda mais.

E: E, agora, que estás a falar sobre a tua quase saída desta escola, espero que não seja do projeto, mas o que é que tu esperas que este projeto te dê a ti, em termos de desenvolvimento, de crescimento pessoal?

(fim da gravação)

Entrevista 2 – Parte 2

Data: 05.05.2022

## Jovem

Sexo: Feminino

Idade: 15 anos

Duração da entrevista: 19m12s

Jl: Era, como é que eu me vejo?

E: O que é que esperas, o que é que esperas que o projeto dê em termos de desenvolvimento e de evolução pessoal? (Repetir a questão com que terminou a gravação)

Jl: Eu espero que não deixe de... sair das aulas, um dia que tenha furo e ir lá visitar. Eu espero bem que possa ir e que continue a ir. E espero que os que ficarem deem notícias de como é que anda. Ah... E, pronto, eu acho que quero ir visitar e...aham...por exemplo, acho que isto me vai dar uma facilidade de conhecer pessoas novas e eles me perguntarem um dia o que era esta camisola e porque é que eu andava tanto com ela. Sim, porque onde quase todos os dias. Aham... E eu, eu vou explicar o que é que tinha feito e até trazer pessoas para verem o que é que a gente fez ou deixou de fazer. Aham... (Pensativa) acho que espalhar um bocado nas outras partes. Um bocado aqui.

E: Queres espalhar aquilo que viveste? E aquilo que acreditas?

Jl: Espero que sim.

E: Ok. E o que é que essa t-shirt para ti? Já que a usas tantas vezes?

Jl: Oh pá, se eu pudesse eu dormia e andava com ela. Mas, pronto.

E: (Risos)

Jl: Aham... Ai! Eu lembro-me, quando acabei a semana eu lembro-me eu, em vez de dormir abraçada ao meu golfinho dormir abraçada à camisola.

E: Porquê? Porquê que essa t-shirt tem tanta importância?

Jl: Eu só soube, depois, que ia ter o Clube, eu pensava que tinha acabado de vez e, por isso, é que toda a gente me perguntava porquê que eu estava a chorar tanto. Ahm.. E eu disse – Olha, porque eu acho que acabou a melhor semana da minha vida. E as pessoas disseram – Ah, vais poder continuar. E, no primeiro dia, quando eu chego à escola, estás

tu à porta a perguntar-me – Ó JI, não era preciso trazeses a t-shirt. Ah e eu disse – Eu não a vou tirar. Exatamente. E, depois, é que eu percebi que também tinha Clube e aí eu fiquei feliz, aí sim. Mas ainda demorou e demorou, pensava que nunca mais ia chegar o dia, mas chegou.

E: E essa t-shirt é importante por aquilo que viveste no projeto?

Ji: Ahm... Sim, acho que sim. Sei lá. Vestir esta t-shirt faz-me lembrar de tudo mesmo e... toda a gente fica, posso dizer, a olhar. Por exemplo, eu hoje usei-a o dia todo e toda a gente que passou por mim, até houve um professor que me perguntou – Olha vi essa t-shirt na net. E eu não conheço a pessoa de lado nenhum, mas ela perguntou-me e eu viro-me – Ah, você conhece e tal. Ah! E ela perguntou-me o que era e eu disse-lhe que era uma coisa que havia, que andava nas escolas a fazer isto e a fazer aquilo, e a pessoa – Ah, que giro, acho que também fizeram na minha escola. Acho que é um professor, não sei. E, pronto, eu perguntei-lhe qual era a escola e ele disse-me o nome que eu não faço ideia onde é, acho que é em Valadares, deve ser para aí. E...depois, um colega meu mandou-me mensagem que acho que era de Valadares, e perguntou-me se eu te conhecia e eu disse que sim. Aham, e eu viro-me – Porquê? E ele vira-se – Ah, porque que tive com ela na semana e como eu vi os teus destaques no perfil, eu perguntei se conhecias. E pronto. É a segunda vez que me perguntam isso, tu és famosa.

E: Quem era, já agora? (Risos)

Ji: Ai, eu não me lembro do nome dele. Espera aí. É o... JRA não sei das quantas. É o JRA de Valadares.

E: Da escola básica ou secundária? Básica?

Ji: Não faço a mínima ideia. Acho que era da secundária, não sei. Deixa-me ver se eu encontro o perfil e mostro...

E: Deve ser básica, acho eu...

Ji: Aham... Não sei se consegues ver.

E: É da básica. Conheço, sim, senhor.

Ji: Pronto, ele perguntou-me se te conhecia.

E: Mas, já conheces aí muitos Ubuntu de várias escolas.

Ji: Ah! Eu dou-me bem com ele, por acaso. Exato, eu conheço quase toda a gente, daquela escola, acho que sim. Pelo menos... Mas, pronto. E, também, o professor perguntou-me que impacto e porquê que eu gostava tanto e porquê que eu usava a camisola. E eu disse também. Perguntou-me quem é que tu eras também, e eu disse-lhe que também usava

porque senti uma coisa com uma educadora e ele perguntou-me – Ah, então, quem é? E eu – ah, é uma pessoa. E ele, pronto, foi embora.

E: (Risos) Então, há um simbolismo aí muito forte com essa t-shirt? E com o ser Ubuntu. É isso?

Jl: Sim. Pode-se dizer que sim

E: Posso fazer uma pergunta difícil?

Jl: Ui tanto trabalho... diz. (Risos)

E: Como é que tu sentes que era a Jl antes de entrar no projeto, e a Jl agora quase a sair da escola? Que já viveu uma grande parte do projeto.

Jl: Eu vou chorar, mas pronto. Aham... (Pensativa) É o que eu digo, eu era pessimista até dizer chega, qualquer coisa que me acontecesse eu dizia – Pronto, é agora que acaba a minha vida. Eu dizia muito isso. E não eram coisas assim tão significantes, era uma má nota num teste ou assim, mas, exato, eu sempre liguei muito para as más notas nos testes e eu sempre que tirava uma má nota ficava cabisbaixa e dizia – Pronto, não sou capaz de nada. Mas, eu tentei, tentei, tentei até que eu consegui tirar uma boa nota naquele teste, coisa que eu odeio aquela disciplina, mesmo assim, consegui tirar boa nota. Porque sei lá, isso também foi depois da semana, isso foi um antes e depois. Eu fiz um teste antes da semana, no último dia antes de ter a semana e fiz um teste depois e correu-me super bem e eu disse – Pronto, milagre. Que eu não tinha estudado nada e não gostava daquela disciplina. Tinha a plena certeza que ia tirar má nota, mas tirei bom. Como? Também não sei. Pensei naquilo e viro-me – Pronto, na semana em que eu não estudei nada e tenho teste logo na primeira hora, não vai correr bem. E comecei a pensar e a pensar, e a pensar. Foi na segunda até, quando eu fui ter contigo, nas escadas. Foi na segunda e tinha teste a seguir. D geografia e eu não gosto nem um bocadinho da professora, ainda por cima. E eu estava com aquela camisola e comecei a sentir, tipo a fazer assim, e não sei porquê, correu-me bem. Pronto, e tirei boa nota. Pronto. E eu depois disse – Pronto, é isto. É isto e é isto.

E: E sentes que já não és tão pessimista agora?

Jl: Ah! Não sou como era, mas continuo a ser. Qualquer coisa digo – Pronto, é isto. Eu não sirvo para nada. – É o que eu mais digo na vida.

E: Sentes que não serves para nada?

Jl: Nah... Eu sou super pessimista. Toda a gente que me conhece, diz isso. Sou pessimista e qualquer coisa que me corra mal, é logo um escândalo. É o que eu digo, eu passo a vida a chorar.

E: Mas sentes que, por exemplo, aquilo que fizeste no Clube, não serviu para nada ainda?

Jl: Ah! Isso serviu para mim, mas, por exemplo, quando eu tenho algum problema ou assim, ou queria fazer uma coisa e não consegui fazer, por exemplo... eu lembro-me que eu queria, a minha mãe estava doente, eu lembro-me que eu queria ter chegado a casa, com umas flores e fazer um pequeno-almoço, quando ela chegou do hospital, porque ela tinha sido internada e eu lembrei-me que ela não bebia leite e o que é que eu tinha feito? Eu tinha feito leite. Só por uma coisinha de nada, eu fiquei logo péssima o dia todo, porque não consegui fazer aquilo. Sim, eu sou bastante crítica comigo mesma. Em termos de notas, em termos de tudo. Se eu não fiz as coisas direitas é porque falhou alguma coisa, eu tenho de fazer aquilo direito. É a mesma coisa com a roupa de manhã, eu demoro um ano e meio a escolher a roupa de manhã, eu levanto-me uma hora antes, porque se não for aquela roupa, se eu me vir ao espelho e está mal, eu troco de roupa outra vez. Tenho de ir bem, tenho de ir bem, tenho de ir bem. Pronto, acho que é isso.

E: E és assim tão crítica no Clube também?

Jl: Não muito. Mas, eu... eu sou mesmo aquela pessoa, posso dizer perfeccionista. Se eu não fizer alguma coisa direitinha, mesmo no torneio, eu esborrei-me toda, mas eu disse – Não, eu não vou deixar aquela bola passar. – E eu não deixei. Esborrei-me toda? Esborrei. Mas ao menos a bola não passou. É o que interessa. Mesmo que me aleije, ao menos o mal não acontece. Por isso é que eu passo a vida a aleijar-me. Mas pronto.

E: Ok. Sentes que és uma peça fundamental no Clube?

Jl: Hum...Eu não consigo dar boas opiniões de mim mesma, mas... Oh pá, eu acho que ajudei no que pude, fiz o meu melhor, ao menos eu tentei. E... tentei estar sempre presente, mesmo não podendo, ou mesmo estando doente, eu queria estar presente. Eu acho que isso conta, o que eu fiz, pode-se dizer assim.

E: Ok. Nós já falamos, aqui, de alguns conceitos que fomos abordando, desde comunidade, de ser comunidade, a criar comunidade, a participar, colaborar. O quê é para ti, comunidade?

Jl: Comunidade... lá vêm as perguntas difíceis.

E: (Risos)

Jl: Aham... (Pensativa) Comunidade... Vou pesquisar o significado ao Google daqui a um bocado.



E: Não, não, não. O que te vier à cabeça. Aquilo que tu sentes que possa ser comunidade.

Jl: Eu acho que é estar juntos, por exemplo, uma comunidade, nós, no Clube, eu sinto que somos. Pode-se dizer que sim. Porque estamos todos no mesmo sítio, todos a sentir-se bem e a rir, a fazer coisas para ajudar e, mesmo assim, não é aquilo – Ah, eu não vou fazer porque é a escola. – Não, a gente diz – Ah, nós vamos fazer, estamos todos juntos, é para isso que estamos aqui. – E fazemos. Eu acho que é isso, ter uma iniciativa para fazer alguma coisa é sempre importante. Pelo menos... Foi a mesma coisa de ir fazer de (Inaudível) Foi incrível, sinceramente.

E: E participar? O quê é participação?

Jl: Participação... Ah, eu acho que é tentar demonstrar à pessoas e ensinar, se não souberem. Tentar agradá-las ao máximo. E tentar sempre participar nas atividades mesmo (risos), se puder e mesmo eu querendo, participo, mesmo que não possa, mesmo que eu tenha de desmarcar uma coisa, vou na mesma. Mas, ao menos, eu vou.

E: O que é participar mesmo?

Jl: Aham... A mesma coisa que eu ter uma consulta super importante, que ia ter uma cirurgia, a mesma coisa que eu ter a consulta antes da cirurgia e dizer – Não, eu não vou. Eu tenho Clube, não vou. . Pronto. E tive de desmarcar a cirurgia. Ao menos fui ao Clube. Exato. E só fui, ainda não fui operada. (Risos) Mas pronto, vamos fingir que vamos ser. E: É a quê?

Jl: Aham... olha, para já, é um quisto que eu tenho aqui, na boca. E, como eu tenho um problema de dentes, eu não posso, não posso dormir sem uma coisinha nos dentes. Eu não estou a dormir com essa coisinha porque ainda não tirei o quisto. E como tenho de ir ao bloco e não posso levar anestesia geral, só pode ser quando acabar a escola, porque não me apetece faltar na escola e, ainda por cima, tenho época de exames. Ótimo.

E: Mas sentes-te bem?

Jl: Aham... Nunca gostei muito do meu sorriso, nem gosto, por isso é que, mais ou menos, eu ando de máscara. É, sim, eu ando de máscara só por isso. Eu, acho que estou imune, não é? Pelos vistos, estou. Mas, mesmo assim, eu ando de máscara porque eu não gosto do meu sorriso. Então, ainda por cima, não tenho os dentes certos, por causa do problema, então, quanto mais máscara melhor.

E: Ai, Jl... E o que é para ti ser líder? O que é liderança, para ti?

Jl: O que é liderança... Eu acho que liderança não é, para mim, o significado de liderança não é aquela liderança mesmo – Ai, eu sou o líder e vocês fazem e obedecem, - Não é essa a liderança, é aquela liderança de organizar as coisas, sim, mas não mandar nos

outros. Mas dar ao menos uma organização para os outros contribuírem e ajudarem, não que seja eu, mas, mesmo elas quando estão lá, organizam-nos e a gente faz as coisas, com o apoio delas. Mas faz. Eu acho que é um bocado liderança e a gente ter aquela iniciativa de ir. Ah, podíamos, ok, uma quarta, uma quarta-feira à tarde, com sol, livre, a gente podia ir todos para Espinho para a praia e não vamos, porque estamos no Clube. Acho é uma grande iniciativa.

E: Sentem que, que... estão comprometidos com o Clube, é isso?

Jl: Eu falo por mim, eu estou, não é? Eu deixei de ser operada, por causa disso. Eu acho que eu estou e ainda assim fui pior, eu podia já estar direita, podia andar sem máscara que já fui operada, e não. Ando de máscara porque não fui operada.

EE: Porquê que estás tão comprometida com o Clube?

Jl: (Bufar) Oh pá, eu disse que, já tinha referido que senti alguma coisa, não sei quê, não perguntes o que é, eu não sei explicar. Aham. Sei lá. Sei que naquela quarta-feira, quando eu vim embora para casa, eu lembro-me que eu ia com o J IV de manhã, porque ele mora aqui pertinho de mim, então, nós íamos a pé os dois de manhã, e vínhamos a pé e eu viro-me para ele, no caminho todo – Olha, se isto acabar, eu juro que me mato. – (Risos) Eu dizia-lhe isso, muitas vezes. E ele vira-se - Vai continuar, vai continuar. – E, afinal, continuou. Ainda bem, porque senão eu juro que continuava, até hoje, a chorar. Mas, continuou e, também, me juntou muito mais a ele, porque eu nem era assim tão próxima dele. Exato...Eu não, não é não me dava, mas eu não contava nada do que, ele sabe coisas que ninguém sabe, mas, eu não era tão próxima dele, mas isto juntou-nos mais um bocado. Exato, eu senti aquela, aquele bichinho de quando estava quase a chegar à hora e *Yupi*. Então, ainda para mais quando me disseram que alguém, assim alguém que não sei quem é, vinha por causa do Clube, esquece. Pronto, e aí é que, eu lembro-me, no primeiro dia que tu vieste, na, naquela quarta que eu fiz anos, eu não almocei. Exatamente, eu não almocei. (Risos) Eu passei fome o dia todo.

E: Jl, tens de cuidar de ti também.

Jl: Ah, sim. Vamos fingir que sim.

E: O que é cuidar, para ti, Jl?

Jl: Oh pá...Eu não sei cuidar de mim, literalmente, eu não sei. Eu prefiro cuidar mais dos outros.

E: Como é que tu cuidas dos outros?

Jl: Aham... Eu posso dar um exemplo muito fácil. Aham... Naquele dia que tu me disseste que tínhamos de adiar porque estavas doente, eu mandei assim um áudio, um

mandei um áudio de quê? 5 minutos. Ao J IV. A dizer assim – Esquece, eu vou fazer alguma coisa. Nem que seja um vídeo para a fazer rir. Eu vou fazer alguma coisa. – Ah! Eu nunca fiz, porque ficou horrível! Até fiz um vídeo, mas eu não mandei porque ele ficou horrível. Eu fiz um vídeo a fazer piadas ou assim, para ver se te rias um bocado. Eu viro-me, eu sinto-me horrível porque eu não posso fazer nada. Eu não sou médica, eu não posso fazer nada, mas, mesmo assim, senti-me horrível.

E: Não tens que te sentir horrível, JI. (Risos)

Jl: Eu não mandei o vídeo, eu era para mandar, só que, esquece, ficou horrível. Não. Exato. A gente teve trabalho a gravar, eu editei o vídeo, ainda meti alguns efeitos no vídeo, mas, mesmo assim, não mandei. Tive um trabalho...

E: Estou muito curiosa para ver esse vídeo, então.

Jl: Não, não. Não vai acontecer. Não. Não vai acontecer.

E: Ainda te lembras sobre falarmos de construir pontes?

Jl: Ah, sim. Eu não tenho boas recordações disso. Mas, pronto.

E: (Risos) Mas o que é construir pontes, para ti? E, sentes que tens construído pontes na, no Clube Ubuntu?

Jl: Oh pá, eu acho que criar laços, a gente criou até demais. Sim, eu acho que criamos imensos e construímos uma meia comunidade, um meio grupinho, uma meia família, pode-se dizer assim. Ah... e o que, para mim, foi mais que, parece que, eu entro lá e parece que vou para um consultório de psicologia. Eu chego lá e esqueço os problemas todos. Por exemplo, houve uma quarta que... foi uma semana antes de tu vires, eu pensava que ia chegar lá e que ias estar lá sentadinha, mas não estavas. Só vinhas na semana a seguir. E quando me disseram isso, eu pedi para ir à casa de banho, porquê? Porque eu, como choro pouquinho, comecei a chorar, porque choro pouquinho, comecei a chorar. E, quando eu voltei para dentro, não sei porquê, estava-se tudo a rir e eu comecei-me a rir também. Eu não sabia do que se estavam a rir, mas eu comecei-me a rir à mesma. Pronto, esqueci-me de que tu não estavas lá e, pronto, fiquei bem. Cheguei a casa e comecei a chorar outra vez. Mas, pronto, continuando. Tirando essa parte.

E: Jl, continuo por perto, está bem? Sim?

Jl: Ah, sim. Diz que sim.

E: Olha, não tenho, para já, mais nenhuma questão. A não ser. Agradecer-te. É muito bonito ter também acompanhado a tua, a tua evolução. Desde aquilo que te conheci na semana Ubuntu, até à líder que tenho aqui à minha frente, atualmente, no Clube. Parabéns.

Jl: Obrigada. Estou quase a chorar outra vez. (Risos) Vou sair daqui a chorar, mas, pronto.

E: Não precisas, não precisas. (Risos) Vou, olha, vou fazer aqui pausa na gravação.

(fim da gravação)

Entrevista 3	Data: 10.05.2022
--------------	------------------

### **Jovem**

Sexo: Feminino

Idade: 13

Duração da entrevista: 25m44s

E: Ora bem, J II vou-te começar por pedir alguns dados sobre a tua caracterização, portanto género já sei que é feminino, a tua idade?

J II: Treze anos.

E: Tens treze! Ok.

J II: Faço catorze no próximo mês.

E: Quando?

J II: Faço catorze no próximo mês, dia nove.

E: No próximo mês, Junho!

J II: Dia nove.

E: Eu também. (risos)

J II: Dia?

E: Um.

J II: Ok.

E: Quase. (risos) E olha, és daqui de Grijó ou és de outra freguesia?

J II: Sou daqui de Grijó.

E: Ok, muito bem!

E: E estás no oitavo ano?

J II: Sim.

E: E à quanto tempo já estás no projeto?

J II: Só vim este ano porque só tive a semana Ubuntu este ano.

E: Ainda te lembras quando?

J II: Não me lembro tão bem.

E: Ok, mas é este ano letivo, não é?

J II: Sim, sim.

E: Muito bem. E lembras-te como é que se iniciou o teu caminho aqui pelo projeto da Academia de Líderes Ubuntu?

J II: Ah. Começando pela semana, na semana foi assim uma das cenas que mais gostei.

E: Hmhm (concordância)

J II: E, fez-me ter outra perspetiva de ver as coisas e depois eu decidi entrar, nós tínhamos preenchido o formulário para entrar. E eu tinha-me esquecido do formulário, mas depois acabei por me lembrar e acabei por ter uma dúvida entre escolher o clube Ubuntu e outro clube que já tinha. E acabei por escolher o clube Ubuntu porque queria algo diferente e melhor, por saber que aquilo provavelmente me iria fazer bem, e, por concluir que sim e desde aí, tenho-me sentido muito bem.

E: Muito bem. Como é que tu te sentiste quando a semana acabou?

J II: Um pouco triste e queria mais!

E: (Risos)

J II: Não sabia de nada, aquilo era super novo para mim e nunca ninguém já tinha feito, ela disse que ia ser divertido e que ia ser diferente, e eu, normalmente sou uma pessoa que gosto de me educar com coisas diferentes e não tenho muito medo, diferente é bom de vez em quando.

E: E correspondeu às tuas expectativas?

J II: Sim. Completamente, eu acho que passou das minhas expectativas.

E: Porquê?

J II: Porque eu antes estava com um pouco de receio só que agora já não. Acho que até foi a semana melhor aqui do ano letivo.

E: E porque é que sentiste receio?

J II: Por... Porque no início nós não sabíamos quem é que nos dava a semana, como é que ia ser, o que é que nós íamos fazer. Tive um pouco de receio ao início, mas depois pedi autorização aos meus pais e disse, eu pedi porque sabia lá no fundo que ia ser alguma coisa interessante.

E: Acabaste de dizer que nem sabias o que era o Ubuntu, não é? E nas vossas sessões do clube Ubuntu vocês têm ouvido falar de - 'Ah! Isto não é ser Ubuntu, ou isso é ser Ubuntu, o que é que é ser Ubuntu?

J II: Ser Ubuntu é ter empatia, prestar serviço à sociedade, há os cinco pilares Ubuntu que neste momento só me lembro de dois... Era... Empatia, Serviço e... há mais outros que não me lembro... E ser... Saber ajudar o outro.

E: Ok. Ser Ubuntu é saber ajudar o outro, ser empático. Muito bem.

J II: E não julgar só pela capa, mas sim.... Pela pessoa em si.

E: Procurar conhecer o outro. Ok. E que impactos é que sentiste em ti da Semana Ubuntu?

J II: Eu já era uma pessoa um pouco fechada, por vezes extrovertida, mas... Eu sou um “meio meio”. Eu sou meio preto e branco, mas ah... Eu acho que algumas atitudes minhas de ver... Não que eu antes tivesse atitudes más mas...

E: Hmhm.

J II: Algumas formas de ver coisas diferentes, por exemplo.... Fazer mais perguntas, e ver, querer saber mais.

E: Ok. Muito bem, e o que é que te moveu a fazer parte do clube?

J II: Porque eu tinha, eu tinha visto na aula, falaram-me sobre, e, como eu gostei tanto da Semana Ubuntu eu perguntei a mim mesma – Porque não ir ao Clube? Porque não entrar numa coisa diferente e... Ver no que dá.

E: Ok, muito bem! E quando é que tu entraste no clube, lembras-te?

J II: Não tenho a certeza, mas... A Semana Ubuntu foi lá para Dezembro, mas tipo... Não, Dezembro nós tivemos a nossa feirinha aqui...

E: Portanto já estavas cá...

J II: Deve ter sido em Setembro... Foi em Setembro.

E: E depois o Clube em Outubro talvez.

J II: Sim.

E: Portanto ok, muito bem. Já são uns meses, portanto, o que te faz continuar no Clube Ubuntu?

J II: Ah... (pensativa) Sempre ajudar os outros, de sentir-me bem com isso, e até conseguir trazer algumas amigas minhas, ainda acho que vou trazer mais

E: (Risos)

J II: Elas também gostaram. E, sinto que é importante continuar uma coisa assim, há pessoas que não se importam com o ajudar os outros, e depois, vai que um dia fique melhor. Sempre vai ajudar.

E: Ok, sentes que o Clube Ubuntu é algo necessário aqui na Escola é isso?

J II: Sim. Sim, porque alguns alunos não se abriam tanto, já se abrem mais, alguns alunos não tinham tanta empatia, e têm, e com a Semana Ubuntu conseguiram trabalhar isso.

E: Ok, muito bem.

J II: Demos os cinco pilares.

E: Boa! E... Portanto, já entraste no Clube Ubuntu para aí em Outubro segundo o que me disseste, não é? Agora nós já estamos em Maio, como é que tu tens vivido esta evolução do Clube Ubuntu, esta passagem de meses, de dias, o que é que tem acontecido?

J II: Tem acontecido muitas coisas, muitas atividades, muitas ideias... Nós fizemos em Dezembro, acho que foi em Dezembro o carrinho mais cheio, que era, que consistia em angariarmos comida, e alimentos, neste caso e produtos higiénicos para mandar para instituições e pessoas que não podiam e não tinham como ter essas coisas, Ah... Há pouco tempo tivemos a Ação para a Ucrânia onde nós também participamos, e... e, para além disso temos ajudado em alguns assuntos da escola, sempre estando por dentro de tudo, por exemplo, decorar algumas coisas na escola, por exemplo, eu acho que foi o Ubuntu que era, pôr na casa de banho das raparigas, rapazes, pôr palavras a dizer “Confia em ti”, “és confiante”, “sê confiante”, “és gira”.

E: Frases inspiradoras.

J II: Sim!

E: Ok, e como é que tu sentes que o clube Ubuntu tem cuidado da comunidade, aqui, pode ser da comunidade escolar.

J II: Tem cuidado muito bem porque... eu falo porque sei de várias coisas... Nós temos sempre muito cuidado em saber como é que as pessoas se sentiam, e por exemplo, na semana passada como fomos ver a palestra por causa de uma rapariga e acabámos por ver e... É isso, Ubuntu é empatia e então nós vamos ajudar sempre que pudermos... Mas, nas ações finais que fazemos nós sempre ajudamos.

E: Ok. E como é que o Clube Ubuntu tem cuidado de ti?

J II: Bem. Ah... Receberam-me muito bem, fiquei com alguns amigos que já conhecia mas não tão próximos, ah... Acho que também me tornei por um lado uma pessoa diferente, fiquei... Melhor.

E: O que é que é ficar melhor?

J II: Conseguir ajudar mais os outros, eu antes não conseguia, a não ser com os meus pais, por exemplo, ia ver alguma coisa ao Porto e passar e ver alguém que precisava de uma manta, água e... Nessas cenas, ajudar de perto e naquilo que conseguir. E acho que o Clube Ubuntu conseguiu trazer mais espaço para ajudar e para ter as minhas ideias, exprimir-me mais, em relação às ideias que eu tinha, aquilo que eu sentia mais ou menos em relação a alguns assuntos.

E: Hmhm (concordância/validação)

J II: É uma coisa diferente.

E: Ok. Ah... Daquilo que já fizeste do clube, qual foi a atividade ou sessão que gostaste mais?

J II: Ah, eu gostei muito foi de... Quando me vi, ou, quando tive no encontro de Líderes Ubuntu, que foi toda a gente.

E: Qual, desculpa?

J II: O encontro dos líderes Ubuntu.

E: Ah, em Lisboa?

J II: Em Lisboa.

E: O Encontro Nacional, sim.

J II: Tivemos uma palestra lá, que foi muito interessante, conhecemos outros Líderes Ubuntu, conhecemos a história de uma pessoa, de uma senhora que teve lá, e... Acho que foi bom para todos nós.

E: O que é que essa sessão, esse encontro nacional representa para ti?

J II: Que o Ubuntu é uma coisa forte, e que devia haver em mais sítios, não só cá em Portugal mas sim em outros países, e como pudemos ver também acho que há e que... É isso!

E: Ok, muito bem! Senteste-te bem no Clube Ubuntu?

J II: Sim. Sempre temos espaço para definir as minhas ideias, sempre sou ouvida mesmo estando correta ou não... E, acho que, também, se nós precisarmos de alguma coisa eles ajudam-nos, a Edu I, a Edu II, mesmo os próprios colegas também ajudam, se precisarmos de alguma coisa.

E: Senteste-te amparada.

J II: Sim.

E: Ok, muito bem! Na semana Ubuntu, nós costumamos dizer que a Academia de Líderes é uma Escola de Líderes como agora estavas a dizer, que constrói pontes e que procura cuidar, não é? Senteste que tens evoluído como líder?

J II: Acho que sim (pensativa)

E: De que forma?

J II: Ah... Pensar mais nos outros...

E: Hmhm.

J II: Ajudar mais, e... Algumas coisas, por exemplo, às vezes nós não reparamos na maneira que falamos com as outras pessoas, às vezes estamos maldispostos e não temos tanta atenção nas palavras que dizemos, e podemos ser um pouco mais mal-humorados e...



E: Sim.

J II: E não notamos isso...

E: Portanto estás a dizer que é nas pequenas coisas que tens notado...

J II: Diferenças.

E: Diferenças. Ok, muito bem! E... Como é que tens posto isto em ação, ainda à pouco disseste que tens ajudado mais, que o Clube Ubuntu te ajuda também a seres capaz de ajudar mais o outro; O que é que tens feito para ajudar?

J II: Ah... Eu para ajudar, para além do que já fazia antes, nós, como eu disse a elas atividades que fizemos, foi a do carrinho mais cheio, e agora, para as escolas, para a Ucrânia, fizemos também. Ah... Eu falei com muitos dos meus colegas de turma, espalhei mais a mensagem porque, se cada um de nós trouxer uma coisa, já vai ser muito bom, se for todos de nós da minha turma a trazer uma coisa, já são vinte e três coisas que vão fazer...

E: A diferença.

J II: Para uma família, e que... Vai fazer toda a diferença.

E: Ok, muito bem. Então, como é que é a JII como líder? Se eu te pedisse para caracterizar a JII.

J II: A JII, como líder, exprime as suas ideias, gosta de ajudar, e... Pensa sempre nos outros.

E: Ok, muito bem! Tens visto também, e ainda agora falaste que, uma forma de teres entrado no clube ubuntu foi teres ouvido falar o que o ano passado fez não é, ouviste falar do mural, viste o mural... O que é que te chamou mais à atenção do Clube Ubuntu?

J II: Quando eu ouvi a palavra Empatia. Antes, nós não sabíamos o que era a palavra Empatia, só que depois disseram-nos o significado e eu pensei que, a palavra em si tem muito que se lhe diga, e eu pensei que era alguma coisa interessante. E depois serviço, era prestar serviço à comunidade. E depois também o mural, como eu já conhecia algumas pessoas que tinham participado também no Ubuntu e todas elas disseram que foi uma experiência muito boa e que aprenderam muito.

E: Então foi isso que te chamou à atenção.

J II: Atenção.

E: Ok. E o que é que o projeto já te deu e o que esperas que ainda te dê em termos de desenvolvimento pessoal?

J II: Em termos de desenvolvimento pessoal, eu antes não exprimia tanto as minhas ideias, não valorizava tanto as minhas ideias e hoje em dia já consigo debater sobre alguns assuntos, que antes tinha ou medo ou vergonha, e acho que...

E: Então és mais confiante.

J II: E acho que, vou aprendendo a cada dia mais, a cada dia vou aprendendo uma coisa diferente no clube e acho que vai ser sempre assim, até... Até sair, até sair desta escola.

E: Então esperas ainda no próximo ano continuares no clube.

J II: Sim.

E: Ok, muito bem. E porquê?

J II: Porque eu gosto do clube. Algumas pessoas dizem uma coisa que... Ocupa um dia que não tens aulas à tarde e tudo mais... Mas não, é uma coisa diferente, que me faz bem.

E: O que é fazer bem?

J II: Fazer bem é sentir-me bem com aquilo que estou a fazer. Sinto-me bem quando estou a ajudar, sinto-me bem quando estou a falar com os meus colegas. Sinto-me bem quando estamos a ter uma chuva de ideias, a ter algumas atividades que contribuem coisas orientadoras, coisas deste género.

E: Hmhm. E sentes-te bem naquele grupo?

J II: Sim.

E: Porquê?

J II: Porque é um grupo que aceita toda a gente, pessoas diferentes, aceita pessoas diferentes e que, foram sempre simpáticos e que, desde que entrei nunca, nunca tive com o que me queixar.

E: Ok. Disseste aí uma coisa interessante, não é? São todos diferentes, o grupo é bastante heterogéneo também não é?

J II: Parece que somos todos iguais mas não, cada um tem um aspeto diferente em si.

E: E sentes que há respeito?

J II: Há respeito.

E: Ok.

J II: Nós pela Edu I e pela Edu II, mas também entre nós também temos muito respeito uns pelos outros.

E: Muito bem, portanto é um sítio confortável, é um grupo (...)

J II: Sim.

E: Ok, boa! Olha, já falámos aqui sobre algumas palavras-chave, não é? Ahm, como é que tu sentes que é a tua participação no clube ubuntu? De que forma é que tu participas no clube?

J II: Dando ideias, por exemplo, no bazar de Natal eu dei algumas ideias, por exemplo, a comida, mas também, por exemplo, nós estávamos, estávamos a falar sobre isso do “carrinho mais cheio”.

E: Hmhm.

J II: E eu dei a ideia de, também, adicionarmos as escolas primárias aqui.

E: Ah! Foste tu que desta as ideias das escolas primárias?

J II: Demos, e depois a Edu I e a Edu II acho que já estavam a pensar nisso, mas pronto, falamos!

E: Ok, boa!

J II: E... E conseguimos! Eu fui lá à minha escola primária antiga e fui lá levar o carrinho, não é um carrinho, é uma caixa e eu até cheguei a escrever lá e a fazer uns desenhos para acharem mais apelativos porque são da primária e...

E: Hmhm.

J II: Eu naquela idade gostava de coisas com cor e apelativas.

E: Boa.

J II: Então, pensei que seria bom para chamar à atenção deles, e depois eu fui a cada sala explicar o que é que era e... Eles estavam todos felizes e perguntaram o que é que era ubuntu. E eu contei a história, disse que era um clube, contei tudo... E foi muito divertido!

E: O que é que isso representou para ti? Voltares à tua escola, numa ação de serviço.

J II: Senti-me realizada.

E: Ok.

J II: É a mesma coisa que chegar aqui a esta escola daqui a uns anos e ter começado aquilo que eu queria, e estar aqui a trabalhar.

E: Gostavas de estar aqui a trabalhar?

J II: Eu, hum... Não sei, ainda não sei o que hei-de dizer mas acho que sim porque eu gosto de trabalhar com jovens e crianças.

E: Gostavas de deixar um legado aqui na escola?

J II: Eu acho que todos vamos deixar um legado quando sairmos daqui

E: Ok!

J II: Em pequenas ações que nós temos, por exemplo, o mural, foi, vai ser um legado que a turma do 9º ano que vão embora este ano, vão deixar (...) O símbolo da paz também vai

ser um legado que vamos deixar e algumas das nossas ações (...) Atividades que fizemos... Também vão deixar uma pegada nossa lá, e acho que o próprio clube também vai deixar, vai continuar aqui, espero bem que sim, para as pessoas também poderem, também conseguirem sentir o que eu senti.

E: E o que é que tu estás a sentir?

J II: Feliz, e realizada.

E: Ok. e qual é o legado da JII aqui no Clube Ubuntu?

J II: O legado... Não sei. Não sei bem o que hei-de dizer, mas... É alguma coisa de bom (convictamente)

E: Ok. Muito bem. Então olha, nós já falámos aqui sobre alguns conceitos, já falámos de comunidade, como tu disseste, do serviço à comunidade, já falámos sobre participar, sobre liderança... O que é que é para ti 'Comunidade'?

J II: Comunidade é... O exemplo de Grijó, mas também de todo o país e... Pessoas, nós, pessoas diferentes, porque não somos todos iguais e...

E: Como lidar com essa diferença?

J II: Por vezes, há pessoas que não aguentam bem com a diferença... Porque acham que o diferente vai ser estranho ou mais complicado e têm medo, também a sociedade mais velha não gosta... ou, há algumas coisas que eles não gostam e que... Eu acho... Eu acho que são pensamentos um pouco antiquados, mas é coisas que vão-se mudando; e acho que hoje em dia em pleno século XXI, há coisas, há parâmetros que não deviam ser discutidos sequer. porque, não fazem o mínimo sentido, por exemplo... Separar raças, separar pessoas heterossexuais, de homossexuais, porque são todos iguais!

E: Hmhm. (concordância)

J II: Ambas têm sentimentos, ambas têm um nome, um país, e são pessoas.

E: E sentes que podes combater isso?

J II: Começando por mim e começando por falar com os meus colegas, com a família, ah... E vamos tendo conversas, é sempre bom.

E: Portanto, a mudança começa aqui, é isso?

J II: Sim.

E: Aos bocadinhos

J II: Aos bocados vamos conseguindo.

E: Ok. É isso que te inspira também? O que fazes no clube Ubuntu?

J II: E cada dia ser uma pessoa melhor.

E: E sentes que te tens tornado uma pessoa melhor?

J II: Sim.

E: Ok. E o que é que é para ti Participação?

J II: Participação é... Participar, pronto, eu participo no clube mas também participo numa turma, participo numa comunidade... E, como numa comunidade as pessoas têm os seus vários cargos....

E: Hmhm.

J II: (...) os seus direitos, e muitas coisas.

E: O que é que é participar na comunidade? Como é que tu participas na comunidade?

J II: Ah... Algumas pessoas que trabalham ajudam no dia-a-dia, participam e ajudam as pessoas e na comunidade acho que os devemos ajudar uns aos outros.

E: Então participar é ação, é isso? E tu participas na comunidade?

J II: Sim.

E: De que forma?

J II: Em pequenos gestos, por exemplo, apoiar alguém que precisa, prestar auxílio a alguém, coisas desse género.

E: Sentes que por exemplo, na tua, no teu grupo, na tua pequena comunidade, seja por exemplo com amigos mais chegados, na tua turma, na tua família, tens mudado mais depois de ingressares aqui no projeto?

J II: Com os meus amigos sim, eu às vezes, às vezes vejo que eles têm uma atitude diferente, e às vezes dou um puxão de orelhas, falo com eles de uma maneira diferente e eles próprios sabem que erram e... E eu também erro, não vamos dizer que nós também não  
somos  
pessoas...

E: Ah-ah. (Concordância)

J II: Ah... E podes repetir a outra pergunta que não ouvi muito bem?

E: Ah, se tu tens participado de outra forma na comunidade.

J II: Na família...

E: Exato.

J II: Na casa eu normalmente sou um pouco fechada.

E: (risos)

J II: Também 'tou na idade de ficar um pouco mais fechada, gosto de ficar mais no meu mundo, no meu canto, no meu espaço.

E: Ok.

J II: Mas mudei, muitas vezes já nem pergunto se precisam de ajuda, vou eu lá... Ou, pergunto mais vezes se precisam de ajuda.

E: Tentas também estar mais ativa na família.

J II: Sim.

E: Ok, muito bem. E o que é que é para ti Liderança, J II?

J II: Liderança... Um líder, posso dizer assim, um líder é uma pessoa que manda, não só que manda mas que também ajuda os outros, e um líder tem que ser uma pessoa que nós confiamos, que gostamos, não só que gostamos, mas também que ajude os outros e que, por exemplo, nós temos o nosso presidente, nós, elegemos o nosso presidente, eles fazem campanha, dizem o que é que querem mudar, o que é que vão mudar, e às vezes mudam outras vezes não, mas...

E: (risos)

J II: Um líder tem de saber ajudar e ter empatia.

E: Ok. Tens aqui algum líder mais próximo para além do Presidente da República?

J II: Mais próximo... Ah, os nossos professores, por exemplo, o Edu P, é o líder do Eco Escolas, o Edu E, que é diretor, é um líder também porque ele... Toma conta de nós digamos assim, nós passamos mais tempo na Escola do que em casa... E depois os nossos professores é como se fossem pais para nós, mesmo não nos educando, eles importam-se connosco, e têm o seu ver...

E: Papel.

J II: O seu papel, isso! E também têm valor na nossa vida. Vão-nos marcar sempre, cada um de formas diferentes... e vão-nos passando uma mensagem.

E: Sentes que há líderes no clube ubuntu?

J II: Eu acho que nós todos somos líderes porque nós ajudamos, damos ideias, tentamos ir cada vez mais longe, superar-nos e isso... É muito importante.

E: Tens algum líder no clube ubuntu com que te identifies mais, ou, que te inspire? Algum participante do clube que te chame mais à atenção, por exemplo?

J II: Participante? Ou pode ser a Edu I ou a Edu II?

E: Pode ser, é o que tu achares melhor.

J II: A Edu II - a Edu I (correção) por ser mais extrovertida!

E: Gostas muito da Edu I enquanto líder?

J II: Sim. E da Edu II também acho que são ambas excelentes líderes.

E: Porquê?

J II: Porque nos mostram o correto, o que é correto, o que é bom, o que fazes e o que não devemos, o que nós devíamos saber, algumas coisas sim outras não porque também não

precisamos de saber acerca de tudo... Mas elas ajudam-nos e são muito simpáticas connosco e tratam-nos muito bem.

E: Ok, ajudam-te a cada vez a sentires-te melhor lá e orientam-te.

J II: É como se fosse uma família!

E: O clube é como se fosse uma família?

J II: Sim, igual à escola.

E: Diz?

J II: Igual à escola, a escola é como se fosse também uma segunda família para nós...

E: Ok.

J II: Os nossos amigos, os nossos colegas de turma também são uma família, é uma família muito grande!

E: (risos) Mas sentes-te bem, unida e respeitada, é isso.

J II: Sim.

E: Ok. Ok, J II, olha não sei se gostarias de acrescentar mais alguma coisa sobre a tua experiência no clube ubuntu.

J II: Por enquanto não.

E: Achas que não? Ok, depois se quiseres falar mais um bocadinho estás à vontade. A mim só me resta agradecer-te, gostei muito de te ouvir e recolher aqui o teu contributo.

J II: De nada.

E: E parabéns pelo teu percurso.

(fim de gravação)

Entrevista 4	Data: 11.05.2022
--------------	------------------

### **Jovem**

Sexo: Masculino

Idade: 14

Duração da entrevista: 14m40s

E: Portanto, preciso da tua idade. Quantos anos tens?

J III: 14.

E: Tens 14, já? Quando é que fizeste?

J III: 14 de Janeiro.

E: Fizeste 14 a 14 de Janeiro. (Risos) E és aqui de Grijó?

J III: Sim.

E: E estás no oitavo ano?

J III: Sim.

E: Quanto tempo é que estás no projeto mais ou menos?

J III: Desde setembro, acho eu.

E: Ok.

J III: Foi logo a seguir a semana.

E: Setembro de 2021, não é?

J III: Sim.

E: Boa. E lembras-te como é que se iniciou a tua passagem aqui pelo projeto da academia de líderes do Ubuntu? Como é que soubeste projeto?

J III: Foi pela semana.

E: Foi pela semana? Ok. E vieste a zeros para a semana? Não sabias no que é que estás te estavas a meter?

J III: Não, não sabia nada.



E: Não tinhas ideia nenhuma? Então, vieste na segunda-feira a pensar que é uma semana livre, ou foi...?

J III: Oh, não, tipo quando disseram que não íamos ter aulas, e disseram que íamos ter um projeto e não fazia a mínima ideia o que é que ia ser.

E: E como é que tu vieste, então? Como é que te sentiste?

J III: Normal.

E: Curioso ou mais é que o que tiver de ser?

J III: Sim.

E: Ok. E como é que viveste a semana? Ainda te recordas dos dias?

J III: Não.

E: Lembras-te de alguma atividade assim mais... que tivesse tido...

J III: Estivemos a ver alguns filmes, aquela atividade da linha.

E: O aproxima-te da linha?

J III: Sim.

E: Ok.

J III: E pouco mais.

E: Ok. Como é que te sentiste no final da semana?

J III: Igual não digo, mas normal, sei lá.

E: Ok. Sentiste que a semana teve algum impacto em ti?

J III: Mais ou menos.

E: Ok, de que forma? Ou, também, no teu redor, nos teus colegas.

J III: Acho que não mudou muita coisa, não sei.

E: Ok. A seguir à semana, iniciaste o Clube Ubuntu?

J III: Sim...

E: Lembras-te de quando mais ou menos? Foi logo quase a seguir a semana?

J III: Hum hum. (concordar)

E: Ok. Como é que, como é que foi juntares-te ao clube?

J III: (Silêncio)

E: Ok... E como é que tens vivido? Portanto, já deves ter iniciado o clube em outubro, se não me engano. Mais ou menos. Estamos em maio. Como é que tens vivido estes meses no clube? Como é que tens sentido no clube?

J III: Bem.

E: Ok. O que é que tens feito? Eu não tive cá as sessões todas, portanto vais ter de me situar. Lembras-te assim de coisas mais que tenham mexido no clube, atividades que tenham desenvolvido? Jogos que tenham feito cá dentro, não sei.

J III: Tivemos a jogar um jogo, que era tipo um jogo da vida ou lá o que é.

E: O Jogo da vida?

J III: Mais ou menos. Tipo, tinha umas cartas e nós tínhamos que dizer umas cenas.

E: Ok. Sobre vocês mesmos?

J III: Sim.

E: Ok, portanto, para vos dar a conhecer?

J III: Sim. Depois, também, tivemos a fazer, tipo, um cartão de identificação ou o que é que foi aquilo.

E: Ok, têm um cartão de identificação. Ainda te lembras do que é que escreveste?

J III: Não, não dá para ver.

E: Como é que tu te identificas, J III?

J III: Eu não sei.

E: Ok. E que mais é que fizeram?

J III: Estivemos a fazer uma recolha de roupas. E de bens. Estivemos a fazer um inventário das recolhas. Não deve ser, mas do...das pessoas, das pessoas que entregaram ali no átrio sem ser nós. Tivemos a fazer um inventário disso.

E: Ok, que era de comidas e bens essenciais?

J III: Várias coisas, sim.

E: Ok, e isso era para quê?

J III: Para os ucranianos.

E: Ok, muito bem. Mais alguma coisa que te lembres?

J III: (Silêncio)

E: E o que é que fez... O que é que te move a fazer parte do clube? Acabou a semana, ok, tudo tranquilo. Porque é que decidiste avançar a participar no clube?

J III: Não sei, eu gosto de estar aqui.

E: Gostas de estar aqui. Porquê que te sentes bem aqui?

J III: Não sei.

E: É as pessoas? É o grupo? São as atividades?

J III: Não sei.

E: Não sabes bem, ok. Como é que... Olha falamos sobre cuidar também na semana, aqui, também, às vezes costumam abordar esse tema. Como é que tu sentes que o clube cuida

da Comunidade? Comunidade pode ser escolar, como pode ser envolvente. Vamos pensar, aqui, um bocadinho, nas atividades que desenvolvem... nas sessões em grupo...

Como é que tu sentes que cuida da Comunidade? Achas que cuida?

J III: Sim.

E: Porquê?

J III: Não sei..

E: Pode ser através das atividades que desenvolvem.

J III: Se calhar, eu acho que o grupo tenta dinamizar mais as coisas. Fizemos ali o Bazar de Natal, isso e eu acho que... é para ser diferente, para não ser sempre aulas.

E: Ok...

E: Então, tudo que fazem é para a Comunidade, é isso? Para ser diferente para a Comunidade?

J III: Sim.

E: Sentes que o Clube também cuida de ti?

J III: Sim.

E: De que forma?

J III: Tenta ajudar.

E: Sentes que tens um apoio do clube quando tu precisas?

J III: Sim.

E: Então, sentes-te bem e tens uma rede aqui no clube?

J III: Sim.

E: Ok. Qual foi a atividade, ou projeto, aqui, no clube, neste espaço de tempo em que estiveste que mais te marcou?

J III: Termos que fazer o inventário. Para além de falta de organização e de...ter sido um pouco... Pronto, foi muito desorganizado, mas depois entrou lá alguém e ajudou. Depois ainda foi divertido. Tivemos lá contar as coisas e eu achei engraçado.

E: Ok, conseguiram uma coisa um bocadinho chata torná-la uma coisa agradável de fazer?

J III: Sim.

E: O que é que isso representa para ti? Vires para a escola, fazer um inventário?

J III: Não sei, cheguei aqui e foi o que me disseram.

E: E para ti é tudo bem?

J III: Sim.

E: Ok. E na semana Ubuntu, não sei se te recordas, mas quando apresentamos um bocadinho da Academia de Líderes Ubuntu, dizemos que é uma escola de líderes, que

constroem pontes, inspirados para cuidar. Como é que tu, Bernardos, sentes que tens evoluído como líder?

J III: (Silêncio)

E: Tens tempo para pensar um bocadinho.

J III: Não sei...

E: Estás à vontade... Sentes que és um líder?

J III: Não sei... Às vezes.

E: Às vezes? Ok. Porquê? Porquê que nessas vezes tu sentes que és um líder?

J III: Não sei...

E: Por exemplo, nesta situação do inventário, sentes que foste um líder?

J III: Hum... Não.

E: Não? Porquê?

J III: (Silêncio)

E: Identificaste outro líder lá ou consegues identificar? No Clube?

J III: Sim.

E: Consegues-me dizer quem?

J III: Ah... o J IV, a J I, a J VI que também esteve lá a ajudar.

E: Porque é que identificas liderança nestas pessoas?

J III: Porque foram elas que nos ajudaram a organizar-nos melhor.

E: Ok. Que características é que vês neles? Como líderes.

J III: Autoridade.

E: Autoridade? Ok... muito bem. E tu não? Em nenhum momento sentes que te tenhas tornado um bocadinho mais líder?

J III: Não sei...

E: Não? Ok... muito bem. Sentes que, são cerca de 12 pessoas, mais ou menos, no Clube, não é?

J III: Acho que sim.

E: Sentes que todos participam de igual modo?

J III: Acho que sim, quando têm que participar, participam.

E: E o que é que é “participar” no Clube?

J III: É dar a sua opinião. Dar ideias, comentar, é isso ...

E: E sentes que é à vontade que se faz isso? Que se dá opinião, que...

J III: Sim.

E: Que se partilham ideias... Ok. Portanto, há um bom ambiente para isso acontecer?

J III: Sim.

E: Ok. Então, sentes-te à vontade para participar desse modo? Ok. Nas últimas sessões que tenho estado cá, vocês, às vezes, dizem sobre ai, isso não é Ubuntu ou isso é que é Ubuntu. O que é que é ser Ubuntu?

J III: É representar os 5 pilares.

E: Ok... de que forma? O que é representar, aqui, os 5 pilares?

J III: É... não digo cumprir, mas... saber agir, na altura, com um certo pilar, entre aspas.

E: Ainda te lembras dos 5 pilares?

J III: Não. (Risos)

E: Qual é que te recordas agora? Consegues-me dizer um ou outro?

J III: Eu acho que sei alguns, que é o Serviço, a Autoconfiança, Autoconhecimento e não me estou a lembrar mais...

E: Ainda agora falaram de um. A em...

J III: Empatia.

E: E a re...

J III: Não sei.

E: E a Resiliência. Sentes que nas atividades tens trabalhado alguns destes pilares?

J III: Sim.

E: E sentes que é fácil colocá-los em ação? Ainda agora disseste que ser ubuntu é colocar me ação os 5 pilares, é fácil?

J III: Às vezes, depende da situação.

E: Ok, consegues identificar alguma situação em que tenhas procurado ligar esse chip de ser Ubuntu e lembrares-te dos 5 pilares?

J III: Não sei...

E: Pode ser no teu dia-a-dia, na tua turma, dentro do Clube até... Ainda agora estávamos a falar da situação do Whatsapp, por exemplo.

J III: (Silêncio)

E: Sentes que usaste os 5 pilares, por exemplo, na situação do... do grupo de whatsapp?

J III: Todos não digo, mas não sei. Tentei ajudar.

E: Então, colocaste-te ao serviço?

J III: Sim.

E: De que forma? Como é que geriste aquela situação?

J III: Tentei fazer com que não discutissem ali no grupo e que... Ou que parassem de discutir, ou que se quisessem discutir, que discutissem em privado, que não envolvessem as outras pessoas.

E: Ok... Tentaste mediar o conflito?

J III: Sim.

E: Tentaste construir pontes? (Risos) Ok, J III, talvez não tenhas sido um líder aí, também?

J III: Se calhar...

E: Ou não te consegues ver como líder?

J III: Não.

E: Não consegues? Ok. Será que o Clube pode-te ajudar a ver as coisas de outra forma?

J III: Se calhar.

E: Ok. E o que é que tu esperas que o projeto te dê em termos de desenvolvimento pessoal?

J III: Não faço a mínima ideia...

E: Fizeste a semana Ubuntu, depois, ingressaste no Clube, por vontade própria, não é?

J III: Sim.

E: Porque isto é aberto a quem quiser estar e participar. E, portanto, tu decidiste ingressar. O que é que tu esperas retirar daqui, para ti? Para ti, para o futuro...

J III: Não sei.

E: Pensa um bocadinho na... Como é que tu gostavas que o J III saísse daqui, para o ano, por exemplo?

J III: Igual.

E: Igual? Não esperas que haja, aqui, uma mudança?

J III: Acho que não.

E: Ok. Muito bem. E... já falamos, aqui, sobre alguns conceitos, já abordamos o que é isto de comunidade, participação, liderança. O que é, para ti, “comunidade”?

J III: (Silêncio)

E: Perguntas difíceis, não é? (Risos) Mas tens tempo, podes pensar um bocadinho.

J III: (Silêncio)

E: O que é, para ti, ser comunidade, por exemplo?

J III: É o Clube... Tipo, estarmos amigos e trabalharmos para o mesmo objetivo.

E: Então, sentes que o Clube é uma comunidade?

J III: Sim.

E: Ok, muito bem. E o que é, para ti, participar? “Participação”? Quando ouves a palavra “participação”, o que é que entendes por ela?

J III: Dar opinião, ajudar, dar ideias, comentar...

E: Ok, e isso é o que fazes no Clube?

J III: Sim.

E: Sentes-te comprometido com aquilo que é o Clube?

J III: Sim.

E: Porquê?

J III: Não sei...

E: E o que é que entendes por liderança? O que é, para ti, ser um líder?

J III: (Silêncio)

(Porta a bater)

E: Tens tempo para pensar um bocadinho. Conheces, assim, algum líder que tenhas de referência? No teu dia-a-dia ou fora... Não consegues identificar nenhum líder no teu dia-a-dia?

J III: Acho que não...

E: Não? Um líder manda, orienta... O que é que tu achas? Que características é que tem um líder, para ti?

J III: Um líder, eu acho que orienta e ajuda.

E: Ok, muito bem. Obrigada, J III. Gostavas de acrescentar alguma coisa? Detalhar, aqui, alguma coisa do teu percurso?

J III: Acho que não.

E: Não? Ok. Então, só me resta agradecer o teu contributo, J III. Obrigada.

J III: De nada.

(fim de gravação)

Entrevista 5	Data: 19.05.2022
--------------	------------------

**Jovem**

Sexo: Masculino

Idade: 15

Duração da entrevista: 27m02s

E: Só pôr aqui isto a trabalhar...E agora este. Ok...J IV, vou precisar só de começar por alguns dados de caracterização, nomeadamente género masculino, idade, já tens...

J IV: 15.

E: ...15, não é? Fizeste recentemente!

J IV: Sim.

E: És aqui de Grijó, mesmo?

J IV: Não, eu moro em Perosinho.

E: Perosinho...ok! É rápido chegar até aqui?

J IV: 10 minutos.

E: A sério? Esta é a escola mais perto?

J IV: Não, há uma mais perto, só que aqui dá mais jeito porque eu depois vou a pé para casa da minha avó.

E: Ok, muito bem...e estás no nono ano?

J IV: Sim!

E: E o tempo de projeto, lembras-te mais ou menos há quanto tempo é que estás no projeto?



J IV: Deve estar a fazer um ano.

E: Ok. Muito bem...Porque é o segundo ano letivo, não é? Tu já começaste no ano letivo passado. Muito bem. E lembras-te como é que se iniciou a tua passagem pelo projeto da Academia de Líderes Ubuntu?

J IV: Foi uma reunião online com a Edu I...ainda estávamos em aulas online, foi o primeiro contacto que tivemos com o Ubuntu.

E: Ok! Lembras-te o que é que aconteceu nessa reunião?

J IV: Falamos um bocadinho sobre o que era o Ubuntu, sobre os conceitos...e depois ela deu-nos um desafio que era fazer o brasão de cada um. Eu lembro-me mais ou menos disso.

E: Ok. E o que é que aconteceu a esse brasão? (Risos)

J IV: Esse brasão...acho que tínhamos que colocar o que gostávamos de fazer, o que não gostávamos...ai! (Pensativo)

E: Mas era sobre ti, é isso?

J IV: Sim, sim, era pessoal, sobre nós.

E: Então, sobre autoconhecimento. Isso foi o primeiro contacto que tiveste com o...

J IV: Com o Ubuntu.

E: Projeto. E a seguir, o que é que aconteceu? Ainda te recordas?

J IV: Depois voltamos para a escola e tivemos a Semana Ubuntu. E acho que foi o principal.

E: (Risos) Ok. E como é que te apresentaram a semana? Ou quais eram as tuas expectativas para a semana?

J IV: Eu...muito...eu vou ser muito sincero. Eu achei que não ia gostar muito porque na reunião acho que ninguém gostou...

E: (Risos)

J IV: ... porque foi um bocadinho secante, ninguém sabia muito do que era. Mas depois, quando cheguei ao fim da semana, acho que foi exatamente o contrário. Gostei bastante das ideias do Ubuntu, dos conceitos. Acho que já estava a pô-los em prática antes de sabê-los, sequer, e acho que a semana só serviu para eu colocá-los ainda mais em prática no meu dia-a-dia.

E: E dar nome àquilo que, se calhar, já és e já praticas. Então, como é que tu te sentiste? A semana acabou, começaste com aquela cena de “Hum, não estou muito interessado nisto.” e acabaste como?

J IV: Feliz.

E: Feliz?

J IV: Por ter gostado, por ter valido a pena.

E: Ok. E ainda te recordas de alguma coisa da semana?

J IV: Da semana? Recordo-me dos Derdianos.

E: Ok (risos).

J IV: Isso foi uma tortura!

E: Porque é que foi uma tortura?

J IV: Porque eu era Observador quando fizemos, era Observador dos que estavam a ensinar a construir e eu não sabia. Então, quando eu entrei, e começaram a dizer sempre “Sim, sim, sim, sim, sim” foi, eventualmente, uma tortura porque eu não estava à espera. Lembro-me do primeiro dia sobre Mandela, do, e depois dos outros dias todos lembro-me de algumas coisas pontuais, mas gostei muito da semana.

E: Ok. O que é que ela te trouxe?

J IV: Eu fiquei a saber os pilares do Ubuntu, que eu tinha alguma ideia já da reunião, mas não, não tinha prestado tanta atenção como prestei na semana, e acho que só me ajudou a continuar a seguir o percurso como tenho seguido, que é a ajudar os outros.

E: Ok. Então, sentiste aqui algum impacto em ti...

J IV: Sim.

E: ... ou foi mais reforço daquilo que já és?

J IV: Foi o reforço, foi principalmente reforço, mas também algum impacto.

E: Ok. E de que forma é que foi esse impacto? Em ti? Nas relações?

J IV: Acho que foi nas relações. Porque eu, nessa altura, até estava chateado - uma coisa pessoal que aconteceu - acho que tu chegaste a saber, eu acho que te contei...e acho que me ajudou a ultrapassar essa...porque perceber que ele não fez por mal e ajudou-me a ultrapassar.

E: Ok, muito bem! Obrigada! E lembras-te quando é que foi instituído aqui o Clube Ubuntu? Tu foste um dos pioneiros, não foi?

J IV: Aham. Hã...foi, foi para aí um mês depois das semanas...deve ter sido no início de maio.

E: Ok! E como é que isso decorreu? Como é que foi o primeiro, estes primeiros momentos do Clube Ubuntu e como é que tens vivido o Clube Ubuntu até agora, não é? Tem sofrido alterações, entradas, saídas, planos, projetos...Como é que foi agora este percurso todo desde o Clube?

J IV: No início éramos bastantes até, acho que muita gente identificou-se com os próprios conceitos do Ubuntu, e no início éramos muitos. Fizemos várias atividades, pintamos o mural, fizemos esta sala espetacular.

E: (Risos)

J IV: E foi fixe esse primeiro ano. No segundo ano, eu posso dizer que fiquei um bocadinho preocupado. Porque saiu mais de metade das pessoas que estavam no clube, então nós achávamos que íamos ser só 3. E, depois, quando nós vamos ao clube e somos - acho que somos 8 neste momento - foi uma surpresa porque não estávamos à espera. Acho que foi uma boa troca. Temos feito muitas atividades e acho que agora passou a ser parte da minha rotina...

E: Ok...

J IV: ...Tirar sempre um tempo para o Ubuntu.

E: Porquê?

J IV: Porque faz parte dos meus lemas já de vida ajudar os outros...quem precisar eu estou sempre lá e acho que agora é parte. Tenho que tirar sempre tempo para o Ubuntu.

E: E o que é que te move a fazer parte deste Clube? O que é que te motiva a tirar esse tempo para o Ubuntu?

J IV: Eu não sei...mas tenho que tirar. Sinto que tenho que tirar, não sei porquê.

E: Ainda te lembras porque é que, depois daquela semana, se não me engano, em Abril, decidiste - Não, a semana acabou mas eu vou ingressar no clube. -?

J IV: Porque me identifiquei com os...identifiquei-me com os conceitos do Ubuntu e achei que seria um clube fixe para eu ingressar e para continuar a trazer estes conceitos para as outras pessoas também.

E: E que conceitos é que trouxeste aqui às outras pessoas?

J IV: Que devem ajudar os outros...que devem, principalmente, ajudar os outros, estar lá quando é preciso, não negar ajuda - eu acho que isso é uma coisa muito importante - não negar a ajuda, seja a quem for. Hã...acho que esses são os conceitos principais assim do Ubuntu, seria ajudar o outro, o cuidado.

E: Aham, boa! E disseste aí uma coisa de, tiveste um grupo no primeiro ano, não é? E agora tens um grupo completamente diferente. Foi uma surpresa boa, na medida em que, afinal, não estavam sozinhos (tom de riso).

J IV: Exatamente.

E: Mas como é que é viver agora com outras pessoas, não é? Viver este clube com outras pessoas, trabalhar com outras pessoas que, se calhar, não conhecias, não sei...

J IV: Eu já conhecia, assim... não conhecia como conheço agora mas já conhecia, e é fixe, é sempre fixe conhecer novas pessoas e trabalhar com essas pessoas mesmo não tendo sequer falado com elas antes.

E: Ok. E elas têm todas perfis diferentes, não é?

J IV: Sim.

E: Como é que é combinar isto tudo em prol do vosso plano de Clube Ubuntu?

J IV: É divisão de tarefas, como em todas as coisas. Cada coisa precisa do seu... da sua habilidade, da habilidade de cada pessoa. E, então, vamos juntando as habilidades e fazendo isto acontecer.

E: Ok...

J IV: E tem acontecido muito bem!

E: Ok, perfeito! E sentes que foram encontrando aqui alguns obstáculos, seja a criação do Clube, que também estiveste aqui, seja a própria dinamização? Ou aqui alguma atividade ou outra que tiveram mais dificuldade em colocar em prática?

J IV: Hum... dificuldade temos sempre, como em todas as coisas. Mas colocamos sempre em prática, tudo o que se quer consegue-se fazer.

E: Mas tiveram obstáculos...

J IV: Aham. Sempre disse Mandela “Nada é impossível até que seja feito.” (risos), por isso... Acho que, por muitos obstáculos que tivermos, é continuar a tentar.

E: Ok. E é isso o lema do Clube, é isso? Ok!

J IV: Para mim, sim.

E: Boa! E como é que tu sentes que o Clube cuida de ti? Agora até falaste de cuidar, não é?

J IV: Eu acho que cuida bem! Eu dou-me bem com as pessoas que lá andam, acho que sou bem tratado, por isso...

E: Sentes-te bem naquele grupo?

J IV: Aham, sim.

E: Ok. Então, sentes que pertences àquele grupo. Ok! E como é que sentes que o Clube cuida da comunidade, seja ela escolar ou mesmo envolvente?

J IV: Cuida bem, também. Aqui na escola tentamos dinamizar com outras pessoas, sendo da escola, sendo fora... fomos às outras escolas, penso que estamos a trazer um belo impacto à comunidade.

E: E como é que é esse impacto? Qual é o impacto do Clube?

J IV: Hã...sensibilizar os outros, não só da escola, não só os que participaram na própria semana, mas como todas as outras pessoas para os lemas do Ubuntu que devem estar presentes sempre!

E: Consegues-me especificar como é que fizeram isso?

J IV: Hã, a parte, por exemplo, do cuidado, nós fizemos agora uma campanha de bens para a Ucrânia e uma das coisas que nós fizemos foi colocar uma caixinha em todas as escolas do primeiro ciclo para não ser só as pessoas desta escola e os pais desta escola, serem os pais das outras escolas a saberem o que é o Clube – porque nós fomos lá e explicamos o que era o Clube – e a participarem nas atividades do Clube. Acho que esse é um dos grandes impactos, é pegar na comunidade envolvente e trazê-la a participar.

E: Ok, muito bem! Falaste aqui de uma coisa engraçada sobre trazê-la a participar. O que é que é participação, para ti?

J IV: É...juntar-se nas atividades, é não recusar.

E: É juntar-se, ok. E o que é que, o que é que implica juntar-se?

J IV: Às vezes implica sacrifícios, seja de tempo, seja do próprio dinheiro, mas, se é para um bem maior, acho que é sempre bom juntar-se.

E: Ok. E falaste também sobre mobilizar a comunidade, não é? Trazer a comunidade à atividade, à participação. E o que é que é comunidade? O que é que é ser comunidade para ti, J IV?

J IV: É, é as pessoas que nos rodeiam, penso que...todas as pessoas são parte de uma comunidade maior que pode ser tanto a vila, como a cidade, como o próprio bairro. É uma comunidade, é como se fosse um grupo de pessoas.

E: Ok, muito bem! E...eu estive nas sessões do Clube Ubuntu e, de vez em quando, ouço a partilha de histórias e que “Ah, essa atitude não foi Ubuntu!”, “Ah, isso é que é ser Ubuntu?!”...afinal o que é que é ser Ubuntu, J IV?

J IV: É...ser líder.

E : Aham.

J IV: Como dizem os pilares Ubuntu, a liderança servidora é liderar para os outros, ajudar os outros, isso é que é ser Ubuntu. Várias das histórias que nos contam não são ser Ubuntu porque não se juntam nos pilares do Ubuntu. Hã, é como se fugissem um bocadinho à regra, pode-se dizer.

E: E o que é que é fugir à regra? Consegues-me especificar o que é que foge dos pilares?

J IV: Por exemplo, se alguém precisa de ajuda, negar ajuda para mim já foge à regra porque um dos pilares é a ética do cuidado, é cuidar do outro, e se alguém precisa de ajuda

e nós negamos já fugimos de um dos pilares. Hã, quando alguém precisa de comandar e diz “Não, eu não quero, eu não quero comandar, eu não quero ser voz.”, mesmo que seja muito preciso, isso também foge dos pilares. Não estar presente para os outros foge dos pilares assim...às vezes as coisas mais básicas que parece que não são significantes já fogem dos pilares e podem ser muito significantes para outra pessoa.

E: Ok. Como é que tu, no dia-a-dia, nessas pequenas coisas, sentes que fazes a diferença?

J IV: Faço as pessoas felizes. Sinto que, ao ajudar, consigo fazer as pessoas felizes porque é como se elas tirassem um peso de cima de si.

E: Hum, ok. Então ser Ubuntu é fazer os outros felizes?

J IV: Sim.

E: Ok. Falaste aí sobre liderança, sobre comandar também. O que é que é liderança para ti? O que é que tu entendes?

J IV: Hã...além de ser comandar alguma coisa que seja preciso, por exemplo comandar um grupo de pessoas que queiram ser o porta-voz, penso que é...liderar, por exemplo, se alguém precisa de ajuda, além de ajudar, liderar como se fosse a batalha dessa pessoa. Ela vai liderar a parte dela e tu vais ajudar, mas, ao ajudares, já estás a liderar também.

E: Portanto, todos nós podemos ser líderes?

J IV: Sim.

E: E não há disputas, por exemplo? O que é que é, como é que gerimos tanta liderança?

J IV: (Pensativo) Hã...Pois, essa pergunta é um bocadinho complicada...Disputas há sempre, em todas as coisas, inclusive tenho tido alguns problemas com essas disputas, mas...

E: (Risos) Dentro do Clube?

J IV: Não, não, não, fora. Fora. Mas eu estou de consciência tranquila...hã, como é que podemos controlar a liderança? Quando...eu acho que não devemos! Devemos ser sempre líderes, mas não nos impormos. Por exemplo, liderar a nós mesmos. Se alguém precisar, claro que nós vamos ajudar, mas acho que liderança será liderar-nos a nós mesmos e, se não quiserem influência, não influenciar na liderança dos outros.

E: Ok, muito bem. Sentes que há vários líderes no Clube Ubuntu? E como é que gerem a liderança?

J IV: De acordo com as suas características. Cada um com as suas características consegue gerir a sua liderança.

E: E trazer coisas diferentes, é isso?

J IV: Sim. Cada um lidera para as coisas em que...é como se fosse feito para.

E: Consegues-me especificar?

J IV: Por exemplo, alguém que é, é...não vou dizer mal comportado, mas que é engraçado, pode-se dizer, lidera ao fazer os outros felizes. Porque está lá sempre quando precisam e está lá como se fosse um líder. Está lá. Hã, quem é mais reservado e pode ou até ouvir as histórias dos outros e arcar com elas e tentar ajudar, aí já é líder porque está a comandar-se a si mesmo para ajudar. Acho que é isso, cada um com as suas características consegue...

E : Liderar.

J IV: liderar.

E: Ok, muito bem! E olha, qual é a atividade ou projeto que desenvolveste no Clube que mais te marcou?

J IV: Esta sala.

E: O que é que é esta sala?

J IV: É uma sala de Psicologia para estas conversas, até, que estamos a ter agora, mas para outras que sejam necessárias...Marcou-me porque foi a primeira atividade que nós fizemos assim em Clube e porque foi fixe, foi a primeira coisa que fizemos.

E: Ok. E achas que teve impacto?

J IV: Sim.

E: Porquê?

J IV: Primeiro, porque era preciso, era necessário uma nova sala para o serviço de Psicologia. E porque teve impacto porque mobilizou as pessoas do Clube e não só, até os próprios pais, porque na inauguração vieram cá pais, estiveram a ver a sala e essas coisas. E acho que isso traz mobilidade à escola e à comunidade, estes trabalhos que nós vamos fazer. Só de as pessoas virem ver e estarem interessadas em saber o que é já trazem a mobilidade necessária para a escola e para a comunidade aqui em redor.

E: Ok, portanto há mais conexão.

J IV: Aham.

E: E o que é que esta sala, o que é que esta atividade de criares aqui um gabinete de SPO representou para ti?

J IV: Foi assim a primeira grande ação. As outras coisas que eu fiz antes, que eu fazia, eu considero pequenas ações porque não foram coisas muito grandes. Esta aqui foi a primeira coisa que realmente trouxe um impacto significativo para as pessoas em redor. Então, acho que impactou e eu não vou esquecer esta sala que nós fizemos.

E: Também teve dificuldades para fazer?

J IV: Claro!

E: Consegues-me especificar?

J IV: (Noc, noc, noc – toques na mesa)

E: Ah, essa mesa! (Risos)

J IV: Hã (risos)...acho que a primeira dificuldade foi até arranjar pessoas que não fossem do Clube que estivessem interessadas em trabalhar para este projeto, arranjar os próprios materiais que foram necessários...hã...e mobilizar as pessoas em redor. Por exemplo, acho que chamar os pais não foi uma tarefa fácil, para virem até ver a própria sala, mas conseguimos. Acho que isso é que é o mais importante. Tudo tem dificuldades, desde que consigamos...

E: E teve o seu valor, é isso?

J IV: Aham.

E: E como é que tu descreves a tua participação no Clube? O teu papel?

J IV: Sou ativo...tento, ou melhor, tento não, ajudo no que é necessário...hã...participo. Acho que é o mais importante, é sempre participar! Quem não participa...eu vou dizer uma coisa que, quando eu jogava futebol, diziam: Só faz falta quem cá está. Quem não está, não...não impacta nada. Acho que, só de lá estar, já traz um impacto porque mete o Clube a andar. Acho que participo, faço trabalho nas coisas que são precisas, dou ideias, partilho histórias, faço com que o Clube mexa também.

E: Ok! Portanto, és um motor, também, do Clube!

J IV: Todos somos.

E: Muito bem! E, na tua perspetiva, o Clube tem sido aqui uma oportunidade para tu colocares em prática os cinco pilares, como estavas a falar também, e os três eixos do conceito Ubuntu?

J IV: Sim.

E: Da Liderança Servidora, da Construção de Pontes e da Ética do Cuidado?

J IV: Sim.

E: E consegues-me especificar de que modo? Consegues-me dizer atividades em que “Eu acho que aqui trabalhamos este eixo, este pilar, ou aquela atividade...”?

J IV: Hã, por exemplo, vou dar um exemplo muito concreto em que eu acho que trabalhamos muitos pilares...no mural Ubuntu, que nós pintamos lá fora. Acho que Construir Pontes – vou começar por este. Nós conseguimos fazer com que os meninos mais pequenos do quinto e sexto ano participassem! E, só aí, já criou uma ligação entre nós. Porque eles participaram. Liderança Servidora fez com que os...nós, do Clube,



liderássemos e conseguíssemos orientar os pequenos sobre o que fazer...a Ética do Cuidado, eu penso que criamos um impacto na escola com aquele mural. E na comunidade em redor.

E: Como é que criaram esse impacto com o mural?

J IV: Penso que é marcante. Naquela parede não havia nada e, agora, haver um mural com os cinco pilares Ubuntu lá bem retratados cria um impacto porque dá a conhecer esses cinco pilares.

E: Ok. Recordas-te assim de mais alguma atividade que queiras referir?

J IV: A atividade – acho que foi o Clube Ubuntu que realizou – foi uma atividade pela paz na Ucrânia. Não fomos nós, alunos em si, que realizamos, até porque estávamos em aulas nessa altura, mas fizemos ali com os alunos mais pequenos de quinto ano o símbolo da paz e, às onze horas, num dia – não me lembro exatamente do dia – fizemos um minuto de silêncio pela Ucrânia. Penso que isso, mais uma vez, cria pontes entre, não só os alunos e os professores, mas os alunos e...faz mexer a escola.

E: E o que está a acontecer no mundo...

J IV: Exatamente.

E: Ok. E sentes que tens isso em mente sempre que vão criar o plano para o Clube, criar um projeto para o Clube?

J IV: Sim.

E: É isso que vos move? É a Ética do Cuidado, a Construção de Pontes? (Gesto de confirmação) Ok! E...qual é o legado que tu, J IV, gostavas de deixar na escola, através do Clube?

J IV: Que eu deixei uma marca na escola. Que eu participei num Clube que espero bem que continue a reinar nesta escola por muito tempo. Espero cá vir visitar este Clube várias vezes, ainda...hã...e que deixei uma marca na escola, que participei neste Clube e que marquei.

E: Porque é que é tão importante o Clube ficar aqui durante muito tempo?

J IV: É importante porque é sempre importante deixar nas próximas gerações estes pilares fundamentais.

E: Ok. E na Semana Ubuntu, quando se apresenta aqui a Academia de Líderes Ubuntu, dizemos que é uma escola de líderes, de construção de pontes, movidos para cuidar, como é que tu sentes que tens evoluído enquanto líder?

J IV: Tenho-me controlado mais a mim mesmo, ou seja, sinto-me mais um líder...tenho-me sentido mais confiante, acho que tenho-me conseguido controlar, ou seja, sou mais

líder, e tenho conseguido até, quando é necessário, liderar numa situação de grupo. Que eu antes sinto que não era.

E: Como assim? Consegues-me...

J IV: Quando... agora, por exemplo, sou delegado de turma, da minha turma. Quando é preciso estou sempre lá para ser o porta-voz, para ser o líder, quem precisa eu estou lá... e eu acho que antes, antes da Semana Ubuntu e antes de participar neste Clube, não era capaz de o fazer tão bem como faço agora.

E: O que é que achas que te trouxe para conseguires ser esse porta-voz de uma forma melhor?

J IV: Eu não... eu realmente não sei, mas sei que no Ubuntu, nas atividades que fazemos, a semana, a marca que a semana deixou, fez com que eu me sentisse mais confiante para fazer aquilo que gosto e que os outros precisam e que eu preciso. Então, acho que isso, só isso, já me torna um melhor líder. Porque, quando alguém precisa, eu estou lá e não tenho medo de agir.

E: E antes tinhas?

J IV: Sim.

E: Ok, muito bem. E o que é que tu esperas que este projeto te dê em termos de desenvolvimento pessoal?

J IV: De?

E: De desenvolvimento pessoal.

J IV: Hã... eu ser um bom líder, conseguir comandar tanto as minhas emoções quanto as minhas ações – acho que isso é super importante – e deixar uma marca na sociedade quando fizer alguma coisa. Fazer as coisas sempre a pensar nos outros e não tanto em mim.

E: Ok... menos egocêntrico e mais altruísta, é isso?

J IV: Sim.

E: Ok, muito bem! Sobre este ano letivo, consegues-me só fazer aqui um resumo do que é que tem sido o Clube Ubuntu? Como é que tens visto espelhado os pilares e os eixos?

J IV: Dentro do Clube?

E: Sim, e daquilo que têm vindo a desenvolver.

J IV: Nós...

E: Que eu sei que têm, portanto, que têm os projetos, não é? Como, por exemplo, o recreio exterior, que estão a fazer agora, mas também têm atividades mais internas para os

próprios membros do Clube...Como é que tem acontecido isso? Como é que tem sido este percurso, este ano letivo?

J IV: Hã, nós logo no início do ano fizemos um bazar de Natal, uma compra e venda de coisas para, eventualmente, fazer a – e sempre com a marca do Ubuntu, isso eu acho muito importante, sempre lá com a marca. Porque...hã...é importante deixar uma marca em tudo o que nós fazemos, não só no Clube Ubuntu, penso que todos os clubes devia ser assim. Hã...fizemos um bazar de Natal, fizemos os recreios novamente – já tínhamos feito o ano passado, refizemos...

E: Os recreios, que são atividades para...?

J IV: Sim. Atividades para, tanto para o segundo ciclo quanto para o terceiro ciclo. Liderados, lá está, pelos membros do Clube Ubuntu.

E: Ok.

J IV: Hã...agora estamos a pintar o símbolo da paz, muito em nome da Ucrânia, ali no nosso...na nossa entrada da escola...e vamos refazer o recreio exterior. E, talvez, vamos de férias, vamos fazer um campo de férias Ubuntu.

E: Ah, também vão cuidar de vocês! (Risos) Muito bem! E disseste aí uma coisa de fazer o bazar de Natal, mas com marca Ubuntu, sempre com marca Ubuntu. O que é que é a marca Ubuntu?

J IV: É um bazar de Natal a pensar nos outros. Hã, as coisas que nós vendemos não é só - Ah, vamos angariar dinheiro, o dinheiro é só nosso.-. O dinheiro é nosso porque nós o vamos utilizar outra vez para a comunidade, em prol dos outros. E acho que essa é a marca que todos os clubes mas, principalmente, o Clube Ubuntu deve deixar. É sempre em prol dos outros.

E: Em prol do bem comum. Ok, muito bem! E as atividades que desenvolveram nos recreios, consegues-me dizer que tipo de atividades são?

J IV: Hã...atividades fizemos ginástica...fizemos muitas coisas. O ano passado, em vez dos recreios, pintamos o mural. Este ano fizemos os recreios, fizemos várias atividades como o salto à macaca. Fizemos um percurso para os alunos, os jovens estarem lá a divertir-se, a saltarem e assim...E assim atividades mais desportivas! Mas é para fazê-los saber que nós estamos cá e estamos a fazer coisas para a escola e para eles.

E: E são vocês que desenvolvem essas atividades? Que pensaram nessas atividades para eles?

J IV: Sim.

E: Ok, perfeito! Então sentes que tens aqui um forte papel no Clube e que tens um contributo para o Clube?

J IV: Aham.

E: Sentes-te bem a participar no Clube?

J IV: Sim.

E: E agora, como é que estás a sentir a pensar que mais uns meses e já não estarás aqui nesta escola?

J IV: (Suspiro) Sinto-me triste...mas, eventualmente, até me sinto um bocadinho feliz. Porque sinto que estou a deixar o meu lugar já de Líder Servidor. Eu já aprendi as coisas e, ao sair desta escola, quem vai ficar vai aprender também. E acho que vai só espalhar o conceito Ubuntu para toda a gente.

E: Ubuntu em cadeia, é isso?

J IV: Aham.

E: Ok J IV, obrigada! Para já, não tenho mais nenhuma questão, não sei se gostavas de partilhar mais alguma coisa sobre a tua experiência?

J IV: Não.

E: Então só me resta agradecer, mesmo, obrigada pelo teu tempo!

(fim da gravação)

## Anexo 5 – Transcrição de *Focus Group* - Jovens

Focus Group 1	Data: 18.05.2022
---------------	------------------

### *Focus Group* – Jovens

Sexo: Feminino

Idade: Jovem J I – 15 anos | Jovem J V – 14 anos

Duração da entrevista: 1h28m45s

E: Ora, muito bem. Para começar uma questão muito difícil, esta sim, vai ser... só preciso saber idades. Portanto, a J I tem 14?

J I: 15.

E: Já? Meu Deus, estás a ficar muito grande.

E a J V?

J V: 14.

E: São as duas de Grijó?

J I: Aham. (A concordar)

E: Yes?

J I: Yes.

J V: Yes.

E: E a J I é do nono ano.

J I: Sim

E: E a J V é do oitavo.

J V: Exato.

E: A J I já está desde o ano passado no projeto, não é? Portanto, já o segundo ano letivo.

J I: Sim.

E: E a J V não?

J V: Não.

E: Lembraste de quando é que fizeste a semana?

J V: A semana foi em setembro.

E: Ok,, E quando é que ingressaste no clube?

J V: Novembro.

E: Novembro? Ok. Muito bem. E o que é que vos levou a entrar no clube? Qual foram as razões? Porque assim a semana foi um bocadinho imposta, se calhar não ou não? Não. Fizeste porque querias, J I?

J I: Tinha autorização, podia dizer que não.

E: OK, tu podias dizer que não na autorização. Muito bem. Mas disseram que sim. Por quê?

J V: Pensei que ia ser um projeto interessante para nos conhecermos melhor. E para conhecer a nossa turma, no caso também.

E: E como é que foram essas expectativas superadas ou nem por isso? (Risos) Podemos ser honestas. Diz lá o que é que tu achas, J V?

J V: Na altura, nos primeiros tempos funcionou depois disso voltou tudo ao normal.

E: Porque é que achas que foi isso? Estás a dizer nos primeiros tempos da semana, não é?

J V: Sim, nos primeiros tempos da semana e enquanto turmas e não sei quê mudou assim, um pouco. Entretanto, voltou tudo ao normal. Ao que era, portanto.

E: E a tua turma depois ingressou no clube?

J V: Não... Só eu, a J VII e a J VI... Exato.

E: Ok. Boa. E porque é que tu decidiste, se a maior parte do pessoal não foi, porque tu decidiste entrar no clube?

J V: Porque eu gostei da semana e queria fazer mais.

E: Mais do que é?

J V: Do Ubuntu. (Risos)

E: O que é que é o Ubuntu?

J V: (Risos) Não sei explicar...

E: E tu, J I, porque é que entraste? Já entraste o ano passado, portanto, já é o teu segundo ano no Clube Ubuntu. Porque é que entraste e porque é que decidiste continuar este ano?

J I: Eu só aceitei fazer a semana, porque disseram que eu, assim, não ia ter aulas semana toda.

E: Ah! Era fixe não ter aulas a semana toda. (Risos)

J I: Disse para sermos sinceras.

E: Exato! É isso, é para ser sincero.

J I: Pronto, no primeiro dia, mas já tinha dito, no primeiro dia eu fui porque eu achei - Ah fixe, sem aulas! - No primeiro dia, também vim com essa expectativa. Depois começamos a chorar mais...

J V: Aqueles dois dias seguidos.

J I: Depois eu vi que aquilo era super fixe.

E: E no Clube?

J I: O J IV foi e eu naquela altura, podia ir para casa com ele. Pronto, o J IV veio e eu também decidi vir... e também porque aproximei-me, pode-se dizer assim, de uma pessoa lá da semana, e pronto, eu pensei assim se eu estiver no Clube Ubuntu, ela vem mais vezes. Então, pronto, entrei. E, depois, passado algum tempo, deixei-me ficar.

E: E estás a gostar da experiência?

J I: Sim.

E: E tu também, J V?

J V: Aham. (A concordar)

E: Porquê? O que é que estas sessões vos trazem? Ou os projetos que fazem?

J V: Está a complicar...

E: Estejam calmas, temos tempo... porquê é que decidiram continuar, o que é que, o que é que vos faz participar em todas as sessões? Gostam de estar no clube?

J V: O convívio entre as pessoas.

E: Conviver com as pessoas?

J V: Aham... (A concordar)

E: Ok, muito bem. E agora aquela pergunta que vai estar aqui associada aos 5 pilares do Ubuntu. Como ainda agora disseram-me, será conseguem repeti-los?

J V: Autoconhecimento, autoconfiança, resiliência, empatia e serviço.

E: Boa. E os 3 eixos do conceito Ubuntu também.

J V: Ok... Construir pontes...

J I: Ética do cuidado, construção de pontes e...

J V: Ética do cuidado, construção de pontes e...

E: E a? A J I está...

J I: Eu vou chegar lá!

E: Então, é uma Academia de que?

J I: Liderança servidora!

E: Isso! Boa! E então, na vossa perspetiva, o clube Ubuntu tem sido aqui uma oportunidade para colocarem em prática e explorarem mais aqui os 5 pilares, estes 3 eixos de conceito?

J I: Pode-se dizer que sim.

E: Sim? De que modo? Tem sido em atividades, sessões, projetos que desenvolveram?

J V: Eu acho que é mais nesse assunto.

E: Nas sessões?

J V: Sim.

E: Porquê? Lembras-te assim de uma sessão específica? Eu não estive em todas, portanto, podem ir falando do que é podem ter já experienciado.

J V: Aquela... eu acho que aquela que a gente fez que tinha que calçar os sapatos dos outros, a gente fez há pouco tempo. Nem foi há muito. Eu acho que foi mais ou menos essas sessões assim.

E: Isso foi uma dinâmica que fizeram? Ainda te recordas do que é que foi calçar os sapatos do outro?

J I: Era... tinha 3 pessoas. A gente tinha de imaginar... saber o que é que cada um. Ninguém acertou nada.

E: Ah. Vocês construíram a história daquelas personagens e depois conheceram a verdadeira?

J V: Sim.

E: E então? Havia muito preconceito da vossa parte ou nem por isso?

J I: Nós dissemos que uma comia cerelac. (risos)

E: Que uma quê?

J V: Disse que uma delas comia cerelac. (risos), porque tinha cara disso, e havia um que a gente pensava que era tipo escritor e quando fomos ver era tipo um assassino.

E: Wow. Completamente diferente.

J V: Wow sim! Completamente diferente. Pensei que ele era viúvo, com os 5 gatos numa casa, mas afinal era um assassino e que tinha matado não sei quantas pessoas, mulheres.

E: Ok. E dos pilares e dos 3 eixos, do que é que acham que trabalharam aí? Podem pensar um bocadinho. Sobre calçar os sapatos do outro, o que é que acham?

J V: A empatia.

E: A empatia? Ok.

J V: Acho que foi só a empatia.

E: Ok. Malta, isto é como a semana, não há respostas certas, nem erradas, é a vossa opinião. Ok? Portanto, estejam à vontade a dizer o que vos vier à cabeça. Ok? Essa sessão já foi há quanto tempo? Foi recente?

J V: 2 meses...

E: Ok, boa.

J I: Março, para aí...

J V: Março, abril...

E: Ok... E continuam a trabalhar a empatia de alguma forma? Sim?

J V: Acho que em todas as sessões contem um pouco de empatia. Entre nós, no caso.



E: Entre vocês? Entre grupo?

J V: Sim. (risos) Pelo menos elas tentam que a gente tenha empatia uns com os outros.

E: Elas quem? As educadoras?

J V: Exatamente.

J I: Mas não conseguem...

E: Como? O que é que acontece nas sessões?

J I: (a murmurar algo inaudível)

E: Podes falar, J I ... É confidencial aquilo que vocês disserem, na medida em que ninguém vai saber quem disse o quê. Então, as educadoras tentam trabalhar a empatia em todas as sessões?

J V: Sim...

E: Como?

J I: Então, propondo-nos projetos para fazer...

J V: Exato...

E: Ok...

J V: Para trabalharmos em grupo e etc.

E: Trabalhem em equipa, em conjunto. Como é que tem corrido isso?

J V: Mais ou menos...

E: Mais ou menos? Porquê?

J V: Porque depois temos aquelas partes em que a gente não está calma, então não estamos atentos ao que elas dizem, então não se trabalha muito.

E: E porquê é que a gente não está calma?

J V: Não sei... Porque estamos todos juntos, então, isso não nos acalma...

E: Mas... estão todos juntos, mas estão bem?

J V: Sim... Estamos bem, a brincar uns com os outros.

E: Ah... Ok. Mas é mais distração, é isso?

J V: Exatamente.

E: Mas estão bem? São um grupo coeso, só que brincalhão, é isso?

J V: Ahamm... (A concordar)

E: E tu, J I? O que é que tu achas?

J I: Está bom. A gente dá-se bem. Pelo menos, algumas vezes.

E: Ok... E que mais atividades têm feito, seja jogos, sejam dinâmicas, ou mesmo projetos como vocês estavam a falar agora, que acham que exploram, aqui, os 5 pilares do Ubuntu, ou os 3 eixos...

J V: Fizemos... Acho que foi em março, aquele que parecia o jogo da Glória, e depois tínhamos cartas que até fala sobre...

J I: Foi na primeira semana de março...

E: Primeira semana de março?

J V: Acho que sim... Que falava sobre a família, etc. O autoconhecimento, neste caso.

E: Ok... Mas sentem-se confortáveis para falar sobre estes temas ou mesmo chorar no grupo?

J I: Eu odeio chorar em frente das pessoas. Mas pronto.

J V: Ai, eu também... Mas, às vezes, acontece.

J I: Já me viste a chorar...

E: E está tudo bem no grupo, assim? Mostram um bocadinho a vossa fragilidade...

J I: Depende das pessoas.

E: Depende? Porquê?

J I: Não vou chorar em frente a uma pessoa em que não sinto aquela coisa.

E: Mas, aqui, neste grupo específico, no Clube? Já aconteceu?

J V: Depende das pessoas.

J I: Exato. Depende.

J V: Já aconteceu...

E: E como é que o grupo lidou com isso?

J I: Eu peguei em ti (J V) e levei-te logo para a casa de banho.

J V: Ela levou-me para a casa de banho.

E: Ok. Portanto, houve, aqui, um apoio de alguém.

J V: É...

E: Sentem que o grupo é isso também? Que é um apoio nestes momentos mais... desagradáveis, vá.

J I: Pelo menos as pessoas que convivem comigo, sim.

E: Ok, boa. Jogo interessante esse. Portanto, era a glória mas do autoconhecimento, com cartas, ok.

J V: Sim, tinha cartas a falar sobre a família, depois sobre calçar os sapatos do outro, eram várias.

E: Ah, então trabalharam vários pilares?

J V: Sim, mas depois era o autoconhecimento que maior parte das cartas tinha, então, pronto.

J I: Quando quisermos chorar, vamos buscar o jogo.

J V: Sim! Que fixe. Temos que comprar um. (Risos)

E: E que mais? Que mais sessões é que se lembram, projetos que tenham desenvolvido, desafios que tenham tido...

J V: Acho que aquilo da gente recolher produtos para a Ucrânia foi um pouco de empatia também.

J I: Em que jogamos basket com aquilo. (Risos)

E: Basket? Como assim?

J V: Brincaram com o carrinho também...

J I: Eu meti-me dentro do carrinho.

J V: Mas essa parte da recolha de produtos para a Ucrânia foi empatia da nossa parte.

E: Empatia?

J V: Nossa e dos restantes que contribuíram.

E: E dos 3 eixos acham que também tem alguma coisa?

J I: Ética do cuidado.

E: Ética do cuidado? Porquê?

J I: Porque a gente estava a tentar dar melhores condições as pessoas que não tinham.

E: Ok. Dar melhores condições, muito bem. E foi desafiante fazer esta recolha? Ou... Tinham de mobilizar a escola.

J I: Aham...

J V: A minha mãe está a ligar-me.

E: Queres ir lá fora rápido, enquanto eu continuo aqui a falar com a J I? (Barulho de porta a abrir-se) Então, diz lá, J I, foi fácil? Ou desafiante mobilizar aqui a comunidade?

J I: A gente estava no meio do átrio a atirar as coisas para os caixotes e pronto juntamos tudo em caixotes e metemos dentro de um carrinho. E foi isso.

(Porta a abrir-se)

E: Está tudo bem, J V?

J V: Sim, só a perguntar quando me viria biscoitar.

E: Ok. O que é que tu tens a dizer, J V, da recolha para a Ucrânia? Como é que foi o desafio?

J V: Foi um desafio.

E: Foi um desafio? Porquê?

J V: Foi. Porque metade estava a trabalhar e a outra metade estava a brincar, então tornou-se complicado fazer o que quer que seja.

E: Então, como é que geriram isso?

J V: Ah... Os que estavam a trabalhar continuaram a trabalhar e, pronto, tivemos de nos safar com os que estavam.

E: Ok. E houve aqui alguma liderança que tenha sobressaído?

J I: O J IV.

J V: O J IV, exato.

E: O J IV? Porquê?

J I: Porque ele estava a anotar num papel...

J V: Eu estava a apontar!

J I: Era ele.

J V: Sim, mas ele depois deixou para mim.

J I: Sim, porque foi me ajudar.

J V: Exatamente. Então, tu é que precisas de ajuda.

J I: Eu estava sem um braço, como o costume.

E: Vamos só falar, aqui, do papel do J IV.

J I: O J IV é o maior.

E: Porque é que ele assumiu aqui a liderança?

J I: Porque o J VIII estava em cima de um carrinho.

J V: E o J III a brincar com um cavalo. E a J VI a tocar...

J I: E o J IV pegou num papel, começou a apontar quantas coisas é que tínhamos...

J V: Quantos produtos tínhamos... Mas nisto, depois o J III entrou e continuou a trabalhar também. Os outros 3 é que não. Continuaram a brincar.

E: Está aqui... e mesmo nas sessões, e mesmo nos projetos, há aqui participações diferentes?

J I: Sim. Temos os que perturbam e os que fazem alguma coisa.

J V: E os que não fazem nada, nem perturbam.

E: E como é que vocês gerem isso? Qual é o vosso papel, por exemplo, de participação?

J I: Não faço ideia.

J V: A gente não perturba.

J I: Nem participa.

J V: É meio termo.

J I: Eu faltei o primeiro dia de escola para ir para outro lado...

E: Foste onde no primeiro dia da escola?

J I: Ao hotel...

J V: Mas isso foi só à tarde.

J I: Sim, mas eu faltei a duas aulas.

E: O que é que foste fazer?

J I: Fui a um hotel... Fui representar o nosso Clube, perante empresas e pedir uma ajudinha com o nosso campo de férias.

E: Boa. E como é que foi isso? Tiveste de falar em frente de muita gente?

J I: Aham... Ninguém me avisou. E, pronto, quando cheguei lá só me passaram o microfone e pronto.

E: E como é que correu?

J I: Aham... Pode-se dizer que engasguei um bocado...

E: Mas, ouvi dizer que já quase conseguiram um hotel para campo de férias.

J I: Não sei...

E: Que achas, J V? Achas que a J I fez um bom trabalho?

J V: Sim.

E: Quem é que escolheu a J I como representante?

J I: Foi o grupo que decidiu.

E: E confiaram?

J I: Se não fosse eu, não ia ninguém, então...

E: E assumiste, aqui, um grande desafio. Coragem. Boa. Lembram-se, assim, de mais algum projeto, de mais alguma atividade, sessão?

J I: Ubuntu Fest.

E: Ubuntu Fest? Ok. O que é que aconteceu no Ubuntu Fest?

J V: Quando é que isso foi?

J I: Pois é. Tu não foste.

J V: Pois não, acho que não estava no Ubuntu ainda.

E: Foi em Setembro, correto?

J V: Ah...Foi quando estávamos a ter as semanas, então não.

E: Mas o que é que aconteceu, J I? Que a J V não sabe.

J I: Então, foram 3 dias, sexta, sábado e domingo, em que.... Em vários sítios, por exemplo, sexta foi ali, onde a tua mãe trabalha, no outlet, e fomos para aquele auditório falar sobre os 5 pilares e isso. Pronto... Depois, no sábado, fomos não sei para onde, esqueci-me para onde é que fomos.

E: Acho que foi Canelas.

J I: Provavelmente foi isso. Pronto, para outro auditório, falar...várias pessoas falaram sobre as suas próprias escolas, os diretores de escolas, sobre o que cada um tem

desenvolvido, a Edu I falou do nosso. Também era suposto eu falar, mas não falei e ainda bem. Recebemos aqueles cubos que estão lá em baixo.

E: Com os vossos trabalhos... aquilo que vocês fizeram no ano passado.

J I: E, depois, no domingo, começou a que horas? 9h?

E: Era de manhã...

J I: Acho que começou às 9h, eu cheguei ao meio dia e, pronto...

E: Ainda foste a tempo.

J I: Sim. Foi no Cerco?

E: Cedro.

J I: É isso, é isso. Pronto. E fizeram, não sei o que fizeram antes porque eu não vi, acho que fizeram um mural...

E: Hip-hop. Tivemos uma atuação.

J I: Exato e depois estiveram lá a dançar.

E: Biodanza. Mas ainda vieste a tempo de uma atividade.

J I: Sim, depois fizemos a Biblioteca Humana.

J V: Fizemos na semana, não fizemos?

E: Sim, mas...

J V: Foi aquilo que fizemos em grupos e contamos as nossas histórias.

E: Exatamente. Demo-nos a conhecer. Lá, tínhamos livros no jardim.

J I: Exato... Tínhamos os quadradinhos como tínhamos lá em baixo, com pessoas que passaram por momentos difíceis e, pronto, estivemos a ouvir as histórias de cada um.

E: Ainda te lembras da história que ouviste?

J I: Lembro-me de um bocado. Lembro-me do nome da pessoa da história.

E: Lembraste do nome? Boa.

J I: Foi aí que o meu pai chegou a casa e chorou.

E: A sério?

J V: O teu pai?

E: Mexeu com o teu pai, a Biblioteca Humana?

J V: O teu pai chorou?

J I: Sim, o meu pai chorou. E o meu pai não chora.

E: Mas por causa da história que ouviu?

J I: Sim, também lhe fez lembrar um bocado algo que ele passou.

J V: Então, depois pergunta-lhe a história para eu saber.

E: É da T.

J I: É isso.

J V: Como é que tu sabes?

J I: Ela estava lá.

E: Mas, então, ir também mexeu com o teu pai? Ele falou um bocadinho contigo sobre isso?

J I: Ele não é daquelas pessoas que fala muito, mas ele disse que, quando chegamos ao carro... antes de irmos embora, ele perguntou - Então, não te vais despedir? - , e eu - Já vou, já vou -. E pronto, eu fui ali interromper as coisas, que é a única coisa que eu sei fazer, fui la interromper, despedi-me e vim embora. E, quando ele chegou ao carro, ele disse-me assim - É nisto que tu andas? - e eu - Exato, isso é um exemplo daquilo que eu ando -. E ele - Ah, então vou começar a ir contigo ao Clube -. E, pronto, foi aí que ele agora goste que eu ande e me leve para todo o lado.

E: Ah... Isso foi aí um mote para o teu pai participar mais no Clube Ubuntu contigo também.

J I: Sim, o meu pai não me levava para lado nenhum.

E: Muito bem. Ok. Não chegou a partilhar mais nada, daquilo que sentiu com a história que ouviu?

J I: Partilhou mais ou menos coisas de antes de conhecer a minha mãe.

J V: (Risos)

J I: Exato... Isto foi outra atividade que a gente fez, esteve a partilhar histórias de como é que os nossos pais se conheceram. (Risos)

E: A sério?

J V: O sumo! (risos)

E: Vocês fizeram isso no Clube?

J V: Porque estávamos a falar de qualquer coisa, e nisto a Edu I disse - Ai, não querem contar como é que os vossos pais se conheceram? - E a gente lá contou. A história da J I é hilariante! (Risos)

E: Então, vamos ter de guardar esse momento, essa história para outro momento, que eu agora também estou curiosa para conhecer essa história.

J I: É mesmo para contar a história?

E: Podes contar depois, não há problema. Mas, então, o teu pai também gostou da atividade e está a gostar do projeto, é isso? Ok. E a tua mãe também sabe do que é que é o projeto?

J V: Não sei. (Risos)

E: Nunca chegaste a falar com ela em casa?

J V: Não. Tirando depois da semana, de resto não.

E: Ok.

J V: Portanto.

E: Mas ela sabe que todas as quartas-feiras, tu estás aqui?

J V: Sim, sim.

E: Não te perguntou o que é que andas para aqui a fazer?

J V: Não, porque ela viu o exemplo da semana, então, ela sabe.

E: Então, o que é que foi para ela o exemplo da semana?

J V: Não sei. Ela não falou comigo, falou com aquelas senhoras que foram lá a casa.

E: De outro projeto, sim sim.

J V: Mas não disse nada do que contou.

E: Ok, J V. Obrigada. Lembram-se, assim, de mais alguma atividade que queiram referir, aqui, sobre os 5 pilares e os 3 eixos?

J I: Deste ano...

E: Podem falar do ano passado também. Estás à vontade, J I.

J I: Do ano passado, foram algumas...

E: Queres referir alguma que fale dos 5 pilares ou dos 3 eixos?

J I: Esta coisa aqui...

E: O que é que é esta coisa?

J I: É um gabinete...

E: Este gabinete...

J I: Este novo gabinete que deu assim um bocadinho de trabalhinho a mais, e agora quase não se usa.

E: A sério? Disseram-me que isto era muito usado pelas psicólogas e educadoras sociais também.

J I: Sim... Colegas da minha turma já chegaram a vir para aqui ter serviços ou uma coisa assim.

E: E gostam do espaço?

J I: Acho que sim.

E: Gostaste de ter realizado isto na escola?

J I: Acho que sim.

E: Achas que teve impacto?

J I: Ao menos têm um lugar assim que podem falar à vontade.



E: Mais... acolhedor, é isso?

J I: Sim.

E: Ok. E que pilares ou eixos é que vês aqui? Neste trabalho de criar um gabinete de serviço de psicologia.

J I: Empatia e Serviço.

E: Ok. Então, se calhar, também uma liderança servidora?

J I: Sim.

E: Boa. Sentem que foram existindo obstáculos à criação, ou mesmo à dinamização de alguns projetos, de algumas dinâmicas, de sessões?

J V: Eu acho que não.

J I: Talvez seja um bocado o pouco tempo que temos.

E: O pouco tempo que têm?

J I: Exato...

J V: E é só uma vez por semana.

J I: Exato...

E: Do Clube? É um obstáculo? Porque?

J I: Podia ser mais tempo, mesmo que seja uma vez por semana, ou então, mais vezes por semana.

J V: Isso, assim, ia ser complicado.

J I: Não.

J V: É, é. Turmas que não têm horários iguais.

J I: Ninguém tem aulas à quinta. De nós, não.

J V: De nós... E o 8°C?

E: E se tivessem mais tempo, o que é que fariam com mais tempo?

J I: Dava para fazer as coisas melhor.

E: Que coisas?

J V: Os projetos.

E: Vocês ainda têm, daquilo que eu percebi da última sessão me que estive, várias coisas em mão para fazer acontecer.

J I: Temos mais 3 semanas...

J V: Tu tens mais 2, eu tenho mais 3.

E: E gostavam de mais tempo para realizar tudo?

J I: Sim.

E: Ok. E na escola sentiram que foi fácil trazer o Clube Ubuntu? Por exemplo, J I, tu que foste a pioneira, que começaste o ano passado, foi fácil dizer - Olhem, eu quero construir aqui um gabinete de SPO -? Ou tiveste obstáculos, tiveram obstáculos com o Clube?

J I: Acho que não muito, porque isto, aqui, era uma arrecadação e nós temos bastantes já. Então, pronto, levamos as coisas todas para outra arrecadação e o professor Eduardo sempre gostou de mim, não sei porque, e pronto. Ele até ajudou um bocadinho.

E: Então, tiveram o apoio da direção também?

J V: O que é que significa SPO?

J I: Serviços de psicologia e orientação.

E: Exatamente. Que não havia, não é? Havia só um gabinete grande para toda a gente.

J I: Sim...

E: Ok, muito bem. Mais algum obstáculo? Este ano letivo, como é que sentem? Nenhuma dificuldade ou desafio acrescido?

J V: Não...

J I: Oh pah... Se, em algumas sessões, pronto...

J V: (Risos)

E: Estás à vontade.

J V: Isso não conta.

E: O que é que não conta?

J I: Já me calei...

J V: A parte das interrupções que a gente causa. Mas isso não conta, é só um à parte.

J I: Que vocês dão, eu não...

E: Não conta porque?

J I: Se calhar se a gente colaborasse mais e fechasse a matraca, se calhar dava para, pelo menos, adiantar algumas coisas...

J V: Tens de pensar também na meteorologia, não ajuda nos nossos projetos. Não ajuda nada, tens ainda o símbolo da paz para pintar e está a chover, não podes pintar e isso não ajuda. É um obstáculo a meteorologia.

E: E o que é que podemos fazer de diferente?

J V: Eu não sei...

E: E para a questão do grupo, J I? Houve alguma coisa que tentaram fazer este ano?

J I: Da última vez que criamos um grupo, não deu muito certo.

E: Grupo de *Whatsapp*?

J I: Sim...

J V: (Risos)

E: Porque que não deu muito certo?

J I: Não sei. Quando eu cheguei lá, já tinha 300 mensagens no grupo, porque decidiram começar uma conversa e, pronto, aquilo virou uma discussão.

J V: Agora não vai haver mais grupo.

E: E como é que te sentes com isso, J V?

J V: Não sei...

E: E tu. J I?

J I: Eu acho que dava mais jeito, porque, falo por mim, eu tenho notificações do *classroom*, então se elas mandam para o *classroom*, eu não vejo. No *whatsapp*, eu recebia notificação. E ia ver e era mais fácil.

J V: Eu nem pelo *whatsapp* recebia.

E: E como é que tu sentes o grupo com essa situação?

J I: Sei lá... Podiam não ter feito o que fizeram, não é? E falamos disso e eles começaram a rir.

J V: Tem piada, desculpa. (risos)

E: Temos já aqui duas coisas muito diferentes, tu não achas que tem piada, a J V achas que tem piada. Então, como é que é?

J I: E eu estava com som no telemóvel e aquilo...

J V: Ninguém te manda ter som no telemóvel. (Risos) A culpa é da J VI que veio meter nojo, portanto.

J I: Se a Diana manda mensagem, fazes como eu e não respondes.

J V: Mas... vou te explicar a situação, isto foi assim, tinha um grupo em que era eu, a J VII e a J VI; e a gente estava a falar e elas disseram... falaram de uma coisa qualquer que tinham colocado no grupo, e eu disse que não li. E elas - Ah, não leste? -, e eu não, tenho as mensagens desativadas de toda a gente no *whatsapp*, então não li. E nisto, a J VI mandou print dessa parte da nossa conversa para o grupo do Ubuntu a dizer que a J V não lê as mensagens e aí começou grande discussão e o J VIII meteu-se no meio e, então, começou mais discussão.

E: Mas discussão porque tu não lês as mensagens, é isso?

J V: Exatamente. E nisto, o J VIII começou a falar de coisas que não tinham nada a ver. E pronto, isto formou uma discussão e, nisto, a Edu I entrou pelo meio... E pronto. Acabou o grupo.

E: E o que é que podia ter sido feito diferente?

J I: Não mandar a mensagem. Ou mandar em privado para ninguém ver.

E: E já debateram isto em grupo?

J I: Já.

J V: Já. Mas quando a gente debateu só estava eu e a Edu II presentes. A J VI e o J VIII não estavam. Até porque a Edu I tinha pensado que a culpa tinha disso minha e que tinha sido eu a começar. Portanto.

E: Portanto, isto foi de atitudes individuais, foi isso? Ok. Sentem que isso também pode ser um obstáculo? As personalidades, as participações?

J I: De certa forma... Pelo menos, eles dão-se bem.

E: O grupo dá-se bem?

J I: Oh, depende. Alguns um bocado mais excluídos, outros que até se dão bem demais.

J V: Outros que estão bem...

E: No grupo? No Clube? E como é que se pode gerir isso?

J V: Não se gere.

E: Não? Porquê?

J V: Porque os nossos problemas não têm que ir para o Clube.

E: Ah, são coisas externas ao clube? Mas que interferem na relação do grupo?

J I: Interfere...

J V: Exato...

E: Interfere? De que forma?

J I: Na criação dos grupo há bocado, vocês disseram logo que não queriam ficar.

J V: Não, não fui eu. Eu disse que ficava onde tu ficavas. Elas é que meteram nojo e se meteram logo em cima.

E: Portanto, há aqui algumas pessoas que estão chateadas umas com as outras?

J V: Sim.

J I: Isso não tem nada a ver... Quando eu estava chateada com o outro, eu falei com ele no Clube. Não tem nada a ver.

J V: Está bem. Mas isto aqui são outras coisas.

E: E acham que não é possível mediar?

J V: Não.

E: Porque?

J V: Não é a primeira vez que as pessoas fazem isso, então não dá para mediar.

E: E acham que não conseguem trabalhar em conjunto, pelo menos?

J I: Da última vez que aconteceu-me uma coisa do género, alguém que está nesta sala deu-me na cabeça e eu acabei por resolver.

J V: É, mas...

J I: Queres mesmo falar do que aconteceu antes? Tu sabes o que é que aconteceu.

E: Joana, tu podes dar o exemplo.

J V: Mesmo, agora quero...

E: Não, não. Pode não ser em termos de verbalizar a tua experiência, mas podes agora assumir esse teu papel.

J V: O que é que aconteceu, que eu não sei?

J I: Pronto, continuando... alguém falou-me que nós temos que ter empatia uns com os outros, já que estávamos no Clube e tal... e como tudo se resolvia, que um líder sabia perdoar... Pronto. Como líder, que nós somos, sabemos perdoar e, pronto, eu tentei resolver. Acabei por resolver. Não sou a mesma coisa que era para aquela pessoa, mas...

E: Não há conflito? Pelo menos, latente.

J I: Porque ele também andava no Clube...

E: Vocês não têm de ser amigos de toda a gente.

J V: Como assim ele andava no Clube?

J I: Foi no ano passado, não sabes.

E: Mas a J I procurou resolver. Procurou mediar.

J V: Ai não. Eu prefiro mesmo virar as costas e ignorar.

J I: Pois, mas quando eu resolvi, o que é que eu fui fazer? Mandeí mensagem a quem me deu na cabeça a dizer que tinha resolvido.

E: E o ambiente em si, no Clube, também ficou melhor. Já não havia ninguém excluído. Isso pode ser algo a pensares, J V.

J I: Mesmo que eu não queria mesmo ficar bem por tudo que aconteceu, pronto, ao menos não metia aquela pessoa excluída.

E: E um líder servidor pensa no bem-comum. Se calhar para o bem do grupo.

J V: Mas eu não meti a pessoa excluída. Elas têm-se as duas.

J I: Mas ela estavam num canto e tu estavas no outro.

J V: O problema é delas, não é meu.

E: E como é que se gere todo um trabalho de grupo? Mais do que estar excluída ou não estar excluída, vocês têm um objetivo em comum no Clube. E, para isso acontecer vocês vão ter que colaborar a qualquer momento.

J V: Ah, mas isso vê-se na altura. Até lá não penso nisso.

E: Tens aqui a J I para te orientar, como líder servidora.

J V: Ela já tentou...

E: Sinto que ela não vai desistir.

J V: Mas, pronto, obrigada na mesma pelo apoio.

E: J I e J V, qual é o legado que vocês gostavam de deixar com o Clube, aqui, na escola?

J V: Como assim?

E: Que imagem, que ações, que histórias é que gostavam de deixar. A J I está quase a deixar a escola. Qual é o legado que gostavas de deixar, aqui, à escola? E tu, vais sair, em principio, no próximo ano.

J V: É só para ano...

E: Ainda tens um caminho a fazer. Qual seria o legado que gostavam de deixar? Já viram daqui a uns anos, já com 30 anos, vêm cá e ainda existe Clube Ubuntu e ainda se fala da J I e da J V, porquê? Qual é o legado que deixaram?

J I: Que fizemos alguma coisa. Que tentamos fazer, pelo menos.

E: Que tipo de coisas? Fazer por fazer?

J I: O mural, por exemplo. Porque é uma coisa que mal se entra na escola se vê. Por exemplo, quando a gente estava a acabar, eu lembro-me que, quando eu vim aqui na outra semana, para as reuniões de direções de turma, como eu era a delegada, eu vim cá, e...

J V: Sim, eu também na altura ainda não andava e quando eu olhei para aquilo - Ui, o que é aquela coisa? Andaram a pintar a escola durante as férias. - Foi bastante estranho, na altura.

J I: Exato. Toda a gente na minha turma achou o mesmo, até hoje acham, mas pronto, isso é outra história. E pronto, a gente explicou o porque de termos gastado as nossas férias a pintar aquilo e o porque de termos vindo para a escola nas férias. E ao menos, um dia, quando chegarem cá, vão perguntar quem fez aquilo e fomos nós.

E: Qual é o símbolo daquele mural?

J I: Os 5 pilares.

E: Os 5 pilares do Ubuntu. Ok. E tu, J V? Qual é o teu legado?

J V: Não sei...

E: O que é que queres fazer com o Clube? Para que é que serve estar no Clube? Ou o que é que te motiva a fazer no Clube? Não sabes? Ok, se quiseres pensar mais um bocadinho, estás à vontade. Agora, se calhar, ia-vos desafiar a vir, aqui, para a nossa cartolina. Lembram-se um bocadinho daquelas reflexões que se fazia na semana dos filmes, daquilo que foi...

J V: Que tínhamos grupo e tínhamos que responder às perguntas.

E: Exatamente. Vamos fazer uma coisa do género sobre este bloco de questões, qual vai ser o bloco? Gostava de ver convosco, até podem se quiserem fazer um friso cronológico, as atividades que têm vindo a desenvolver no Clube, não é? Temos aqui a J I que já está desde o ano passado, tu ingressaste, estás mais fresca para este ano. Podem colocar nesta cartolina as atividades que desenvolveram. E, depois, destas atividades eu gostava de saber qual é que vos marcou a vocês mais. A que marcou mais a ti e a que marcou mais a ti. Ok? E porquê? O que é que ela representa para vocês. O que é vos mexe. E qual é o impacto que as vossas atividades, que o vosso Clube tem tido em vocês mesmos. Ok? Na escola e, quiçá, até na comunidade envolvente. Podemos falar aqui e a J I já falou muito bem do exemplo do pai, que até, se não me engano, ele também teve aqui no gabinete?

J I: Esta pintura é obra dele.

E: Exatamente. E estive cá na inauguração.

J I: Sim e a tinta custou uma fortuna mas pronto. (risos)

J V: A porta não está é lá muito boa.

E: Ele queria vir cá arranjar, não é?

J I: Exato.

E: Portanto, perceberam? O que eu vos vou desafiar é nesta cartolina fazerem uma espécie de friso cronológico, sabem o que é?

J V: Sim.

E: Boa. Com as atividades que desenvolveram desde o dia em que o Clube começou...

J V: Com as setinhas, como fazemos em história.

E: Exato. Boa. J I, lembraste em que dia é que começou o Clube Ubuntu?

J I: 5 de maio.

J V: 2020?

J I: Não. 2021.

J V: Em 2020, eu estava no sétimo.

E: 2021. Portanto, desde aí, até aos dias de hoje que atividades têm desenvolvido, o que é que vos marcou mais a vocês, o que é que elas representam para vocês. E podem pensar aqui um bocadinho nos pilares e nos eixos, que já falamos. E o impacto que o vosso trabalho e a vossa participação, no Clube, tem tido em vocês, na escola e na comunidade. Ok? Eu posso, depois, ir relembando estes tópicos, está bem? Vamos mãos à obra? Vamos começar com as atividades que desenvolveram...

J V: Tens de começar tu, que eu não estive no início.

E: Podem ir falando. Têm aqui lápis... Não precisam de desenhar, podem escrever. Lápis de cera, estes marcadores mais grossos...

J V: Não precisas de fazer um friso obrigatoriamente. Podes pôr as datas e dizer o que fizemos...

E: Sim, estejam à vontade. É como vocês acharem melhor.

J V: Preciso de um lápis...

E: Queres um lápis normal mesmo?

J V: Sim, acho que é melhor, se eu me enganar a escrever.

E: Toma.

J V: Obrigada.

E: O que é que aconteceu a 5 de maio? Tem aí uma borracha.

J V: Deve ter... está aqui. Ela quer que eu escreva a XXL.

J I: Assim não se vê.

E: Então, 5 de maio... O que é que aconteceu a 5 de maio? Não precisamos de ser perfeccionista, ninguém vai avaliar o trabalho.

J I: Foi a primeira sessão, quando começou.

J V: Então, posso pôr início do Clube Ubuntu.

E: E o que é que aconteceu neste início, J I? Ainda te lembras desta primeira sessão?

J I: A gente estava toda sentada assim, em roda e a Edu I apresentou-se, disse quem era e o que podíamos fazer mais ou menos resumidamente. Depois, a gente apresentou-se, disse o nosso nome, quantos anos tínhamos, de onde eramos e uma coisa que gostássemos de fazer... e um defeito e uma qualidade, pronto. E, depois, fizemos um joguinho de mimica, tínhamos uma frase e tínhamos de exemplificar essa frase em mimica.

E: Ok, portanto foi uma sessão mais de apresentação. Mais dinâmica.

J V: Também aconteceu isso connosco, este ano.

E: Fizeram também este ano? Boa. E o que é que aconteceu mais?

J I: Datas, datas...

E: Não precisas de colocar datas. Podes... E como é que desenvolveram depois os projetos?

J I: O primeiro foi do SPO...

E: Lembraste quando é que foi inaugurado?

J I: Ah... Eu tenho apontado.

E: Tens? Boa... Pode ser só uma estimativa, podes só dizer o mês...



J I: Eu tenho o dia, acho eu... Eu sei que estava calor, foi junho ou julho. Foi junho. Foi, foi... uma quinta, salvo o erro. Foi para aí 23 ou 24.

E: Junho? Podes só pôr junho...

J I: Exato. Porque depois as férias começaram dia 5 de julho. Foi dia 29! 29 de junho.

E: A sério?

J I: Exato. Porque nós depois tivemos esta pausa...

J V: Porque que foste de férias só a 29 de junho?

E: Por causa dos atrasos dos confinamentos provavelmente.

J I. Sim, porque eu tive confinada...

E: E o que é que representou essa inauguração para ti?

J I: Aham... Depois da semana...

J V: Só escrevi inauguração.

E: Inauguração de Gabinete de SPO.

J I: E recreios.

E: E recreios, exato.

J I: Isso foi de tarde e os recreios foram de manhã.

J V: Calma....

E: Vamos ouvir, então, a J I, enquanto... E o que é que representou este dia para ti?

J I: Eu lembro-me que foi, mais ou menos, o primeiro projeto que fizemos, depois das semanas. E o primeiro é sempre o primeiro, fica sempre lembrado e... foi... as semanas acabaram em abril...exato... acabaram para aí a 21 de abril, exato, acho eu. E, depois, eu passei alguns meses sem ver alguém, não sei, e, pronto, quando foi esse dia, quando inauguramos, eu lembro-me que estávamos a fazer os recreios, estava sentada lá atrás, num banquinho à beira de onde fizemos o mural, estava sentada com a minha querida turma e, de repente, vejo uma pessoa a chegar. E, pronto, foi um dia assim marcante, porque já não via essa pessoa há alguns meses e pronto, foi isso.

E: E como é que foi a preparação disto tudo? Foi um dia preenchido, não é? De manhã recreios para o 2º ciclo, correto?

J I: Sim...

E: Ok. E à tarde a inauguração deste gabinete, que acredito que não tenha sido fácil deixá-lo a brilhar como estava. Como é que foi o caminho até este dia?

J I: Eu sei que na primeira vez que tiramos os armários, que tinha para aí 6 destes aqui dentro, eu tinha os ligamentos do pé lindos, maravilhosos, tinha rasgado os ligamentos

do pé e, mesmo assim, subi escadas para colocar os armários lá em cima, na arrecadação. E, pronto, metemos os armários lá e depois eu saí daqui e fui para o hospital.

J V: Que fixe. (risos)

J I: E, pronto, a pintura foi quando tiramos isto tudo, metemos tudo naquela arrecadação. Depois, a pintura envolveu que o meu pai meteu um dia de férias para vir cá pintar.

J V: Wow.

J I: E... ele tinha que trabalhar de manhã e vinha cá à tarde. Então, pronto, veio para aqui um bocado cansado, mesmo assim, veio para aqui porque eu lhe pedi e... eu acho que ele tinha trazido as tintas até uma semana antes e a gente meio que começou a organizar os materiais e pedimos materiais à escola também. E, depois, na semana a seguir, o meu pai veio cá, começou a pintar isto tudo, que deu um bocado de trabalho a mais. E... só me lembro que eu... nós estávamos, aqui, dentro da sala e olho para a porta e vejo a Edu I com um fato de pintor. (Risos)

J V: Foi aquilo do spray?

J I: Não, o spray foi isto. (apontou para a mesa do gabinete)

J V: Pois, já percebo porque que ela não pode tocar em sprays...

E: E foi preciso resiliência, então. Tiveste aí alguns obstáculos físicos.

J I: Sim...

E: E o que é que te fez continuar a avançar, apesar de - Ah e tal eu vou continuar a ajudar a preparar o gabinete, mesmo que esteja de muletas -?

J I: Ah... se a gente começou, eu ia acabar mesmo que... sei que eles faziam, mesmo que ficasse ali sentada, eles faziam, mas, mesmo assim, eu queria fazer e...

E: Querias fazer.

J I: E fizemos.

E: Ok. E à luz dos pilares e dos eixos, o que é que vês, aqui, refletido, nesta atividade?

J I: Ah...

E: Não só no dia da inauguração, mas em todo o trabalho que teve por trás também.

J I: Eu sei que a gente teve... sei lá. Insistiu mesmo, porque nós viemos cansados das aulas de manhã e mesmo assim ficamos no Clube.

E: Resiliência, então.

J I: Sim.

E: Resiliência e que mais?

J V: Isso foi no mesmo dia, certo?

E: São os pilares que eles trabalharam.

J I: Acho que também tivemos trabalho de equipa, porque eu lembro-me que o grupo do ano passado era bué mais unido, a gente trabalhou, mesmo dividindo-nos em grupos, a gente trocava de grupo sem problema, dávamo-nos todos bem. E para ajudar a ser mais rápido.

E: Trabalho em equipa. O grupo do ano passado era mais coeso?

J I: Eu acho que, em termos de... era um bocadinho mais empático.

E: Ok... boa. Vês, aqui, mais algum pilar ou eixo que queiras referir?

J I: Ética do cuidado.

E: Ética do cuidado?

J I: Porque a gente fez isto para tentar cuidar das pessoas, dar um espaço mais reservado para poderem falar.

E: Ok. Foram movidos pela ética do cuidado, é isso? E que impacto é que isto teve? Em vocês... isto teve algum impacto em ti? Teres feito isto...

J I: Oh pah, é sempre bonito a gente passar e lembrar-se - Fomos nós que fizemos aquilo -. E a minha família também ter contribuído...

E: Ok. E que impacto que sentes que teve na comunidade? Pode ser escolar...

J I: Acho que tem algum. Agora eles podem falar à vontade. Acho que estavam a precisar, quem precisa de psicologia e assim, acho que estava a precisar de um local para falar. E acho que ajudou.

E: Ok. Obrigada, J I. Ok. Queres dizer mais alguma coisa, aqui, do gabinete ou dos recreios?

J I: Humm... Acho que a gente, nós próprios participamos nos recreios.

E: E gostaram?

J I: A gente fez uma caça ao tesouro.

J V: Uma amiga falou disso mas acho que não participei na altura.

J I: Não, estavas no sétimo já.

E: Era para o quinto e sexto, não é?

J I: Sim, mas acho que a professora de ciências participou. Eu lembro-me que era o último dia de aulas, então, a professora de ciências perguntou o que é que a gente queria fazer e eu e o J IV dissemos - Ah, porque que não vamos para o sitio onde estamos a fazer os recreios?- E, pronto, fomos com a professora para lá, e a gente foi para lá antes de começar e quando a Edu II e a Edu I chegaram, começaram a meter a música e professora começou a ajudar as criancinhas a encontrar o tesouro.

E: Proativa também. Boa. Queres referir mais alguma coisa?

J I: Não, eu acho que está tudo.

E: Ok. Então, o que é que aconteceu depois deste dia 29 de junho? Que mais aconteceu no Clube Ubuntu? Podem não seguir assim direitinho, todos os dias, todas as semanas, podem ser coisas que vos saltem na memória.

J I: Aham... No ano passado foi a única coisa... a seguir tem o mural, exato.

E: Queres pôr o mural e o campo de férias?

J V: Dias... Mês? Diz só o mês.

J I: Junho...ju... Foi dia 5 de julho.

J V: E o mural?

E: Mural Ubuntu. E o que é que aconteceu aqui, neste mural e neste campo de férias? O que é que isto representou para ti?

J I: Acho que foi nessa semana que eu me aproximei mais do J IV. Acho que ajudou, porque a gente ia de manhã, os dois juntos, a pé e vinha também, porque nós moramos perto um do outro. E... acho que também era uma iniciativa de eu me levantar nas férias, era ir com ele de manhã e também vir para aqui. Eu lembro-me que no primeiro dia, a gente chegou meia hora antes.

J V: Porquê?...

J I: Era às 9h, a gente, era 8h20, 8h30 estava cá.

J V: Porquê?

J I: A gente estava com... nunca sentiste aquele bichinho de fazer alguma coisa na barriga? Pronto.

J V: A pica toda... (risos)

J I: E, no primeiro dia, a gente só estive a falar do que ia fazer e das atividades que tínhamos e pronto. Depois, no segundo dia começou-se a procurar tintas e tal. Lembro-me que o professor de EV ajudou. Ah...

J V: O stôr M? Não?

J I: Não, já não está cá o professor que ajudou. A professora de matemática também foi lá, acho que foi a última vez que eu a vi...

E: Edu PA...

J I: Eu depois conto-te quem ela é. Pronto, e acho que foi a última vez que a vi, sendo que eu tinha uma ligação fortesinha com ela. E... pronto. Sim, o Edu M deu-nos uma entrevista.

E: Pois é. Que entrevista foi essa?

J I: Pronto, posso dizer que eu não prestei muita atenção.

E: Diz...

J I: Não prestei assim grande atenção ao que o Edu M disse. Estava mais... sei lá, não estava naquele mundo, estava noutra mundo. E estávamos sentados no chão a apanhar sol, não é muito conveniente para eu prestar atenção.

J V: O que é que vocês fizeram no campo de férias?

J I: Fizemos o mural, começamos a fazer...

J V: Foi, aqui, na escola, então?

J I: Não podíamos sair por causa do Covid.

E: Havia contingência ainda, não é?

J I: Imensa. Os meninos do quinto e do sexto ajudaram, foram pintar também, porque aquilo era um bocado difícil de pintarmos só nós, nós eramos...que...10. Eramos...

J V: Mais elas as duas...

J I: Exato. Eramos nós e a turma do J RF. Eramos nós e o 9°C. E, acho que eles terem ajudado também foi...deu-nos vontade de lhes ensinar, para eles ficarem já com uma ideia do que era, assim quando... eles disseram - Quando eu tiver a semana, eu venho para isto -.

E: Então vocês explicaram o que era o projeto, o que era aquilo que estavam a fazer?

J I: Explicamos o que era que estávamos a fazer e, depois, eles estavam a perguntar o que era aquilo lá em cima... e eu lembro-me quando... os nonos ficaram encarregues de... levar os quintos a conhecer a escola e a conhecer tudo cá dentro, eu fui levá-los ao Mural e uma miúda disse-me assim “o meu pai trabalha no Ubuntu” e eu ok... que fixe. E ela, depois, teve-me a explicar o que é que o pai fazia...

E: E o pai trabalha no Ubuntu?

J I: Sim, é educador social...

E: Numa escola?

J I: Não sei, ela não me disse onde, só me disse que era educador social.

E: Que engraçado.

J I: Também não me disse o nome. Só me disse que ele agora trabalha nisso e que ela gostava disso. Pronto.

E: Muito bem. E o que é que representou, para ti, pintar este mural?

J I: Estraguei a roupa. E... acho que, também, deu-nos mais laços entre nós...exato. É isso, deu-nos mais laços.

E: Ok, muito bem. E que impacto é que teve? Sentes que as pessoas já começaram a falar mais do projeto?

J I: Depende, tem uns que falam pela positiva, e outros pela negativa.

E: É? Ok. E o que é que tu ouves tanto pela positiva, como pela negativa?

J I: Pela negativa dizem que parece uma prisão. O mural parece uma prisão.

E: O mural parece uma prisão?

J V: Eu pensei isso da primeira vez que vi isso, sou sincera.

E: Porquê?

J V: Porque tinha aqueles riscos pretos e parecia bué.

J I: Não tem nada a ver com uma prisão.

E: Os riscos pretos são o que? Os pilares?

J I: Exato... Tem os pilares, depois tem, aqui, a imagem que representa o pilar e depois, tipo, tinha que ter uns pilares...

J V: Pois, mas parecia mais uma prisão.

J I: Pronto, para a próxima pinto de amarelo.

E: Ok. Queres dizer mais alguma coisa, aqui, do mural e do campo de férias?

J I: Foi só isso que a gente fez no campo de férias...

E: Portanto, foi os laços, é isso? E a... aquela conexão com os mais novos? Queres escrever, J V? E, depois, foste de férias mesmo?

J I: Yah...

J V: E o que é que era a outra?

E: Não sei o que é que escreveste...

J V: Pus a conexão com os miúdos. E qual era a outra coisa?

J I: E o fortalecimento de laços.

E: Depois disto, lembram-se de mais alguma coisa? De atividades...

J I: Depois, acho que começou o novo ano.

E: Ok.

J V: Depois foi setembro e começou a minha semana.

E: O que é que aconteceu no novo ano?

J V: Setembro estivemos em semanas, mas de resto...

E: O que é que aconteceu, J I?

J I: Aham....

J V: Quando é que voltou, outra vez? Setembro, dia...

J I: Foi quando tu tiveste.

J V: Acho que foi no dia... 17...

J I: Tu estiveste, também podes falar.

J V: Espera aí.. Eu fui a semana de 13 a 17, acho que foi de 13 a 17 a nossa semana...

E: Ok... E, em novembro entraste para o Clube?

J V: Aham.

E: Ok. O que é que se lembram assim do Clube? Coisas chave? Que vos tenham marcado... Falaste do Ubuntu Fest, por exemplo, foi em setembro.

J V: Dias?

E: Não precisas de pôr dias, mete setembro.

J I: 19, 20 e 21.

(Lápis a escrever na cartolina)

E: E o que é que representou o Ubuntu Fest, para ti?

J I: Foi um reencontro.

E: Reencontro... e que mais? Teve impacto na tua vida?

J I: Pode-se dizer que sim... Foi a biblioteca humana.

E: A Biblioteca humana, de domingo, teve impacto em ti. Ok. Em ti e não só, não é?

J I: Sim.

J V: Posso pôr impacto nas pessoas, certo?

E: Sim, nela e no pai, se não me engano.

J V: Eu vou pôr nas pessoas...

E: Queres partilhar mais alguma coisa? Sentes que houve aqui algum eixo ou pilar mais presente?

J I: Ah... acho que foi...

E: O que acham que fortalecimento de laços, conexão com mais novos, tiveste aqui o reencontro, também a ligação com o teu pai. O que é que acham que eixo podia ser referido aqui? Encontro, conexão... ligação...

J I: Construir Pontes.

E: Boa. Escreves como quiseres, J V. Tens uma letra tão bonita.

J V: Obrigada.

E: Daqui, queres referir mais alguma coisa, J I?

J I: Acho que está tudo.

E: É? Então, qual foi o próximo grande marco, aqui, vosso, de atividade, no Clube?

J V: Acho que foi, depois, em dezembro, o bazar de natal, que a gente fez.

E: Ok. Boa.

J V: Quando? Foi na última semana de aulas...

E: Podes só pôr dezembro...

J I: Espera aí... vou ver que dia foi.

E: Vocês são muito minuciosas. Tem de ser a data específica.

J I: Sim.

J V: Última semana de aulas foi... foi dia 9... 9? As aulas acabaram a 18.

J I: Acabaram tarde.

J V: Acho que sim, acho que foi a 18.

J I: Foi 16, foi 16.

J V: É capaz de ter sido, não sei. (Som de lápis a escrever)

E: O que é que representou este bazar de natal? Tu também estavas, J I...

J V: Ah pois, tu também estavas. E falaste até agora porque eu não estava, senão também já tinha falado.

E: Então, bora lá. O que é que representou este bazar de natal, para vocês e para o Clube? Porque que o fizeram?

J V: Para angariar dinheiro para nós, para o Clube.

E: Ok... E como é que correu?

J V: Correu bem.

E: Sentiram que houve aqui algum pilar, algum eixo que foi mais trabalhado?

J V: O serviço.

E: O serviço? Ok. Podes escrever também, se quiseres. E o que é que representou para ti fazeres esta atividade? Foi tipo a primeira grande atividade para ti, não foi? No clube...

J V: Foi...

E: O que é que representou? Foi engraçado, foi desafiante, foi...

J V: Foi desafiante.

E: Foi desafiante?

J V: Sim, estar à frente das pessoas e trabalhar tarefas com elas.

E: Ok... Foi desafiante estares em frente de algo, eras a responsável por... Assumiste, aqui, uma nova função.

J V: Aham. (A concordar)

E: Ok, boa. E como é que correu essa nova função?

J V: Correu bem.

E: Descobriste alguma coisa nova em ti? Ok... Queres escrever isso também?

J V: Acho que não vale a pena.

E: Ok. E que impacto é que teve? Em ti, na comunidade, na escola, no clube.

J V: J I, também podes falar, sabes?



E: Sim, também estavas aqui.

J I: Impacto em nós, teve, porque a gente foi... por mim, eu digo que foi uma outra versão. Tive uma experiência com um grupo, e depois voltei a ter uma experiência com outro grupo.

J V: Ah, sim. Para ti, foi a mudança.

J I: E ver os outros membros, do outro grupo a vir ver o que a gente fez...ao menos, eles interessaram-se no que a gente fez sem eles.

E: Ok... Queres referir mais alguma coisa? Qual foi a próxima atividade?

J V: Aham... qual foi a próxima atividade?

J I: Ora bem, a gente fez isto antes das férias... o que é que a gente fez?

E: Não precisam de ser tão rigorosas.

J V: Ah! Aquilo da entrega de cartas no dia de São Valentim.

J I: Exatamente.

E: Ah, que giro. Como é que isso correu?

J V: Vou pôr só a data já aqui. Foi dia 14 que a gente entregou?

J I: Sim.

E: Que pilares foram trabalhados aí?

J V: A empatia.

E: Empatia? E eixos? Algum?

J I: Ética do cuidado.

E: Porquê?

J I: Porque a gente tentou cuidar de quem cuida de nós. Literalmente.

E: Cuidar de quem cuida de nós. Ok. Vocês entregaram mesmo as cartas? Como é que as pessoas reagiram?

J V: Bem. Ficaram felizes.

E: E vocês? Quem impacto é que foi para vocês?

J I: Foi giro.

J V: É.... Foi engraçado.

E: Ok... Então, o que é que esta atividade representou?

J I: Era... as nossas expectativas era que alguns dos que não vêm para a escola com dias muito agradáveis, viessem mais felizes. Resultou? Não. Era suposto a gente... pelo menos tentamos...

J V: Sim, a gente tentou, pelo menos...

E: Ficam felizes por isso? Ok... Sentem que teve impacto na vida de quem vocês entregaram as cartas?

J V: Olha para a DL deve ter tido porque ela colou aquilo no PBX. A carta está lá afixada.

E: A sério?

J V: A sério. No outro dia fui lá, ao PBX, e estava lá a carta. E eu...

J I: Continua a ser má connosco...

J V: Sim, eu sei. Infelizmente. Pelo menos, ela afixou a carta no PBX.

E: Se calhar, não estava à espera.

J V: Não, não estava mesmo à espera. Pensei que toda a gente tivesse guardado as cartas em casa e afinal estavam lá, no PBX.

E: É para recordar...

J I: Eu guardei a minha.

E: Vocês também receberam uma?

J I: A gente fez uns para os outros

J V: Mas isso não foi a carta de...

J I: Está bem, mas foi no mesmo dia.

J V: Yah... E fizemos uma caixinha de correio para a escola toda. Quem quisesse entregar cartas às pessoas.

J I: E a gente também fez um amigo secreto.

J V: Sim, entre nós fizemos um amigo secreto e fizemos um amigo secreto, por assim dizer, na escola toda, quem quisesse escrever uma carta para outra pessoa anónima.

E: E houve muitas cartas?

J I: Houve umas que não foram entregues...

J V: Ai não?

J I: Não. Eu, por exemplo, escrevi e a carta não chegou.

J V: Ah, pois.

J I: Não foi entregue.

J V: De resto, acho que houve muitas cartas, no quinto ano e no sexto, bastantes cartas...

E: Foram vocês que receberam e depois fizeram a distribuição?

J V: Sim, a gente distribui pelas salas todas. E, depois, os professores deram aos alunos, mas sim, a gente distribuiu pelas salas.

J I: Eu também fiz para professores. Para os que gostava, foram três só.

E: Agradeceste, foi?

J I: Sim...

J V: Tantas cartas...

E: Como é que foi criar esta dinâmica na escola? E como é que foi também escreverem algumas das cartas? Sentiram que a escola ia ser mobilizada rapidamente? Que ia haver tantas cartas...

J V: A gente não pensou que houvesse muitas cartas. A gente pensou que quase ninguém ia participar, na verdade. Quando a gente foi a ver a carrada de cartas, ficamos em choque.

E: Ficaram surpreendidos pela positiva?

J V: Aham. (A concordar)

E: Então, o que é que isso diz da comunidade em que estão?

J V: Que participa.

J I: Exato.

J V: Que se interessa pelo que a gente faz.

E: Ok. E como é que foi vocês escreverem cartas a agradecer às pessoas?

J I: Eu chorei.

J V: (Risos)

E: Então, o Ubuntu puxa muito pela sensibilidade.

J I: Pois...

E: Ok... Mais alguma coisa sobre as cartas? Houve, então, muita participação, muita adesão. Foi muito interessante, ok. Muito bem. Que mais?

J V: Depois, acho que foi a... depois passamos logo para a recolha dos alimentos, da Ucrânia. Foi entre março...

J I: Nós fizemos o...

J V: O que é que a gente fez depois das cartas?

J I: A gente não fez aquele evento que tem afixado? Nós não temos um evento afixado ali, em baixo?

J V: Afixado lá em baixo? 'Pera... agora tenta-te lembrar. Fizemos mais alguma coisa depois das cartas? Depois das cartas, meteram-se as férias da páscoa, em março.

J I: Eu não sei se a gente fez algo depois das cartas... provavelmente. Ah... Pronto.

E: O Encontro Nacional?

J I: Acho que foi isso. Exato.

J V: Hã?

J I: O Encontro Nacional. Tu foste?

J V: Foi quando vocês foram a Lisboa?

J I: Sim.

J V: Não, não fui. Foi logo no início, em setembro.

J I: Pois é. Vocês não estavam...

J V: A gente não estava ainda no Clube. Foi tipo...

E: O J VIII e o J III foram.

J I: Exatamente.

E: E a J II também...

J V: Mas eles entraram na primeira semana do Clube, eu só entrei na segunda.

J I: Exato... Vocês só estiveram na segunda semana, eles estiveram na primeira...

J V: Exato. A gente só a partir da segunda semana é que entrou. Eles foram logo na primeira. A gente não sabia ainda quando é que era, então... Por isso, é que eles foram à visita, senão a gente também ia.

E: Ok. Então, o que é que querem representar, aqui, mais?

J V: A recolha dos alimentos.

E: Foi? Ok.

J V: Sim. Entre março, abril. Não, março.

E: Podes só pôr entre março, abril.

J I: Exato...

E: O que é que isso representou para vocês?

J I: Conseguimos reunir meios... trabalho de equipa, pode-se dizer.

J V: Entre nós e entre a escola toda.

E: Conseguiram reunir meios de trabalho em equipa, entre vocês e entre a escola... Wow. Grande missão.

J V: Nós também ficamos chocados...

E: Conseguiste escrever isso tudo?

J V: Sim.

E: Do que ela disse?

J V: Ai isso não! Repete! (Risos) Foi...Ai, o que é que disseste? Conseguimos?

J I: Conseguimos reunir... trabalho colaborativo...

J V: Ai, J I, não me venhas com palavras caras. Entre o Clube e a escola?

J I: Exatamente...

E: Então, que pilares houve, aqui, ou eixos?

J I: Aham...

J V: Empatia. Serviço.

E: E eixos?

J V: Dás sempre com os eixos, E...

E: Eu é eixos, é pilares. Podem não ser eixos, podem ser pontos cardeais Ubuntu.

J V: Sinónimos não contam. (Risos)

J I: Eu já me esqueci deles outra vez...

J V: Da construção de pontes, a liderança...e falta-me o outro.

E: E a ética...

J I: Do cuidado...

E: Exatamente. Então, o pilar já disseram que trabalharam a empatia e o serviço.

J I: E a gente também fez a ética, porque a gente fez isto para tentar cuidar dos outros.

Exatamente...

E: E ética do cuidado? E liderança servidora, sentem que sim?

J I: Acho que sim, fomos nós que tomamos a iniciativa de fazer, então, acho que sim.

E: Mobilizaram a escola para...

J I: Acho que sim.

E: Ok. Para o bem-comum.

J V: Ética do cuidado, certo? O eixo?

E: Ética do cuidado e liderança servidora. Ainda vão sonhar com os eixos hoje... E o que é que isto representa para vocês? Ainda foi um desafio...Depois, houve a organização daquilo que receberam... O que é que esta atividade representou para vocês?

J I: Sentimos que ajudamos.

J V: Exato. Por falar nisso, onde é que estão... já foram? Os produtos, acho eu.

E: Os bens alimentares, já.

J I: As coisas de higiene também.

E: Ok. Sobre esta atividade querem dizer alguma coisa? O impacto que teve, em vocês, na escola? Ou na comunidade mesmo.

J V: Eu não sei, mas acho que marcou um pouco a todos, sendo que todos ajudaram, é porque estavam preocupados em ajudar. Marcou a todos.

E: Ok. Muito bem. Por acaso, agora estava-me a lembrar de uma atividade que vocês não referiram, ali, que acho que foi em dezembro.

J I: Aham...

E: Que acho que também teve a ver com campanhas. O Carrinho +cheio, não foi?

J V: Foi em dezembro? Então, era a atividade que a gente se estava a tentar lembrar ali...

E: Ah, foi isso! Daquele poster que tu tinhas dito.

J I: Exato, era isso. Faz uma seta na cartolina.

E: Como é que foi este Carrinho +cheio, este ano? O que é que aconteceu?

J I: O ano que mais ajudou, foi o vosso...foi o oitavo.

J V: Sim, foi o oitavo.

E: O oitavo foi o ano que mais ajudou na angariação... de que? Era bens alimentares?

J V: Sim. Para moradores de rua e etc.

E: Como é que depois fizeram esta distribuição daquilo que receberam?

J I: Boa pergunta. Não faço ideia.

E: Não?

J I: Não.

E: Mas deram a quem? Receberam, organizar e depois....

J V: Ah, sim! Fomos pelas escolas primárias! Fomos pelas escolas primárias, entregar os panfletos...

J I: Exato...

E: Ah, vocês mobilizaram as escolas?

J V: Aqui, na escola, fomos nós, mas foram as escolas primárias que ganharam.

J I: Não. Está bem. Mas, nós fomos às escolas primárias.

J V: Sim, fomos todos, fomos todos com a caixinha...

J I: Acho que era uma...as escolas que andamos, fomos lá. Por exemplo, eu fui a Murraceses.

J V: Eu fui a Loureiro. Fomos todos com uma caixa...

J I: Exato...

J V: Deixamos lá e fomos a todas as turmas, explicar a campanha, para quê que servia e, pronto.

E: Que impacto é que isso teve em vocês?

J I: Vi pessoas que já não via há muito tempo....

J V: Sim... Professores, que foram nossos professores na casa...

E: Ok. Mexeu convosco?

J I: Um bocadinho...

E: Ok. Que pilares é que sentem que foram trabalhados aqui?

J V: O serviço e a empatia.

E: Ok.

J I: Não disse os eixos...

J V: (Risos)

E: Estava a contar que vocês... (Risos) Têm descoberto coisas vossas, ao longo destas atividades?

J V: Não.

E: Não? Ok.

J V: Sou sincera, é para ser sincera.

J I: A minha negatividade aumentou.

J V: A minha vontade de chorar também. (Risos)

E: A tua quê?

J I: A minha negatividade.

E: A tua negatividade aumento? Então, porquê?

J I: Sim. Não sei, não sei explicar...

J V: Mas a nossa negatividade não tem nada a ver com o Clube.

J I: Exato. Tem a ver connosco.

J V: É mesmo nosso, não é?

E: E o Carrinho +cheio? Foi uma dinâmica que impactou? A escola, a comunidade... Houve muita participação?

J V: No ano passado, foi mais...

J I: No ano passado, ganhamos nós.

J V: Sim, acho que foram vocês, oitavos, exato. Este ano, não foi tão, mas mesmo assim, ajudaram, ajudaram. Mesmo assim, foi mais a primária, porque os pais ajudaram...

J I: Mas também já era repetido, eles já sabiam e depois nunca mais ninguém nos disse nada.

J V: Yah, sendo que, portanto, a J XII andou a dizer que ia haver um prémio e a gente teve de arranjar uma maneira de arranjar alguma coisa para lhes dar. E, depois disso, nunca mais soubemos nada sobre isso. Então, nunca mais nos falaram da atividade, nem se criaram um prémio, nem nada.

E: (risos) Houve, aí, então, uma dificuldade de diálogo?

J V: Sim...

E: Ok. Querem dizer mais alguma coisa, sobre o Carrinho +cheio? Houve, assim, mais alguma atividade do Clube? Alguma sessão?

J V: Depois da recolha... Passamos, logo, para aquele símbolo da paz. Não fizemos mais nada...

E: E daquilo que ainda vão fazer?

J V: O que é que a gente está a fazer? (Risos)

J I: A gente tentou fazer aquilo que fizemos nas semanas, mas só que ninguém... não resultou.

E: O que?

J I: Aquilo que fizemos no último dia, na sexta.

E: Do que? Há muito coisa que fizeram no último dia...

J V: Sim, fizemos bué coisas no último dia... Fizemos... Acho que foi aí que foi a biblioteca, no último dia da semana...

J I: A biblioteca foi na quinta.

E: Aham.

J V: Já não me lembro muito bem do que fizemos na sexta.

J I: Aqueles papéis que estivemos a fazer, sobre o que queríamos melhorar na escola, nos alunos...

E: Ah! *World Café* Diagnóstico.

J V: Ah... Sim.

E: Não conseguiram fazer o diagnóstico?

J I: Não.

J V: Em que a gente esteve em grupos e tentou... Foi logo no início, em novembro, dezembro.

J I: Sim...

E: Ah, ainda tentaram pegar nisso no início do Clube.

J V: Sim, no início do Clube. Eu entrei, e, entretanto, acho que foi na semana a seguir tentamos pegar nisso.

E: E, depois, conseguiram, a partir daí, começar a pensar em atividades para o vosso Clube?

J I: Aham.

E: E o que é que surgiu?

J I: A seguir a isso, foi o que? A seguir a essa semana?

J V: A seguir a essa semana, foi o Bazar de Natal.

J I: Exato.

J V: Portanto, nunca mais pegou nisso também.

E: E o que é que ainda vão fazer no Clube, neste pouco tempo que têm?

J I: Organizar o campo de férias.

J V: Exato, campo de férias... tentar acabar o símbolo da paz. Os recreios.

J I: E tentar fazer aqueles banquinhos...



J V: Temos muitas coisas ainda programadas e só temos 3 semanas.

E: Então, queres pôr aí só o ainda a fazer é o terminar símbolo da paz. Que vão fazer como?

J V: Temos que ver com o tempo, depende. Depende tudo do tempo.

J I: Pois, a gente também perdeu com aquele torneio de andebol.

E: Ah, pois foi. O torneio de andebol.

J I: Nós perdemos, porque vocês que não participaram, não quiseram pintar.

J V: Desculpa lá se tu pediste para te ver a jogar. (Risos)

J I: Eu só joguei às quatro e meia.

E: E o que é que há para além do símbolo da paz?

J V: Os recreios... para crianças, exato. (Som de lápis a escrever) O campo de férias...

J I: E já puseste aquilo dos bancos?

E: O exterior...

J V: Meto só exterior?

J I: Mete sitio exterior.

E: Como é que surgiram estas ideias todas?

J V: Olha, não sei.

J I: O campo de férias foi...

J V: O campo de férias foi depois da J I ter ido a... lá representar-nos. E surgiu a ideia de irmos para um hotel, para o campo de férias. O símbolo da paz foi por causa disto da guerra, lógico. Os recreios já estávamos a pensar há algum tempo.

E: Foi pensado em conjunto? Com o Clube todo?

J I: Sim.

J V: Sim. E, depois o sitio exterior... exatamente, igual também.

E: Isto é tudo sempre debatido entre vocês ou um bocadinho imposto?

J V: É, é debatido...

J I: Acho que sim.

E: É? Portanto, vocês só fazem aquilo que vos faz sentido?

J I: Sim.

E: Ok. E o que é que representa para vocês fazer parte do Clube Ubuntu?

J V: Tinha que vir a pergunta difícil...

E: Ninguém disse que eu ia fazer perguntas fáceis.

J V: Está pior que o teste de história...

E: Podem fazer palavras soltas. Se quiserem escrever palavras soltas do que é que representa estar no Clube. Podem não pensar muito, só escrever.

J V: (Risos)

J I: A minha letra é horrível, mas pronto.

E: Podes escrever de qualquer forma.

J V: Escreve... Ok. E, o que é que perguntaste?

E: O que é que é para vocês fazer parte do Clube?

J V: Escreves isto e depois metes dois pontos e escreves aqui as palavras todas. É uma boa ideia, já que não temos mais que escrever.

J I: O que queres que meta aqui?

J V: Aí metes o que é que achas, o que achamos, no caso,...

E: O que é que para vocês fazer parte do Clube Ubuntu?

J V: (Risos) Dita aí para ela escrever.

E: O que é que para vocês fazer parte do Clube Ubuntu?

J V: O que é...

J I: O que é que achamos... é diferente.

J V: É assim. Opinião sobre o Clube Ubuntu. Está bom. Yey,

E: Boa.

J V: Opinião sobre o Clube Ubuntu. Vamos pôr aqui palavra, pronto. Agora, o que é que a gente pensa. Não sei.

E: O que é que vos motiva... O que é que... daquilo que têm feito, o que é que representa... o impacto para vocês, ou para a escola até...

J I: Aham... Como é que eu faço o J?...

E: Não precisa de ser uma coisa artística.

J V: Somos artísticas, somos bem organizadas.

J I: Tenho um 3 a EV.

J V: A sério? Tens um 3 a EV? Eu tenho um 4.

J I: Pois.

J V: (Risos) Ai, gosto dessa letra tua, gordinha.

J I: Super gira.

E: Ok. É "Ajuda"?

J I: Aham.(A concordar)

E: Boa. Que mais?

J V: Ajudar... Ok, podes continuar a escrever tu. Eu dei a minha ideia, na altura. (Risos)  
Não sei...

E: Pode ser qualquer coisa, J V. O que é que significa para ti vir todas as quartas ao Clube?  
Aquilo que já tens vindo a fazer... Pode ser as ligações.

J V: Lá está, estar com a J I, é uma ligação.

E: Pode ser as ligações que têm com os outros.

J V: Então, pode ser convívio.

E: Pode ser.

J I: Então, escreve.

J V: Calma, fogo.

E: Se gostam de vir para o convívio é porque se sentem bem.

J V: Conviver é fixe. Ah, vou logo pegar no “n” que não sei fazer assim... Vai torto...

E: Está perfeito, ninguém vai avaliar nada.

(Som de marcador a ser usado na cartolina)

J V: Vi... (risos)... vi.

E: Se gostam de estar no convívio é porque gostam de estar no Clube? Sentem-se bem?

J V: Aham. (A concordar)

E: Sentem-se aceites?

J V: Não tenho mais nada que fazer à quarta-feira, venho para aqui. Então.

E: Ok.

J I: Podia estar a dormir e não estou.

J V: Exato, podia estar a dormir e não estou.

J I: Podia estar a correr e não estou.

E: Então, gostam de estar no Clube?

J V: Sim.

E: Que mais?

J V: Não compliques, E.

E: É fácil, é desafiante, é... divertido...

(Som de marcador a ser usado na cartolina)

J V: Tiraste-me a ideia. (Risos) Juro-te que tiraste.

J I: Isto vai ficar um bocado grande, mas pronto.

J V: Depois, vais ter de começar a apertar a letra...

J I: Não, cabe tudo.

J V: Yey.

E: Ok. O que é que diz aí?

J V: Empatia.

E: Boa. Que mais?

J I: Já escrevi duas...

E: Se não vos vier mais nada à cabeça, também estejam à vontade.

J V: Não me vem mais nada à cabeça. J, vem mais alguma coisa à tua cabeça?

E: Gostam de estar no Clube?

J I: Aham.(A concordar)

E: Ok. É um espaço confortável, é um grupo confortável, é...

J I: Espaço, é, agora grupo...

E: Têm algumas divergências com o grupo, é isso?

J V: É...

J I: Eu não. Tu tens, eu não.

J V: Tu também. Sim, sim, tu disseste-me o que ias fazer se elas começassem.

J I: Ah, pois.

J V: Podemos pôr boa-disposição? Isso conta?

E: Conta tudo! Não há certos, nem errados. Estás à vontade.

(Som de marcador a ser usado na cartolina)

E: Sentem que pertencem a algo?

J I: Hum...depende.

E: E o que é Ser Ubuntu? Se calhar, faço a questão quando a J V acabar que ela está ali muito compenetrada.

J I: É isso...

E: Ainda para mais escolheu uma palavra grande... Anda lá, J V.

J V: (Risos) Vai ficar assim...

E: Está ótimo... Vocês é que decidiram fazer letras artísticas.

J V: A J I quis fazer letras artísticas...

J I: Não precisavas de fazer.

J V: Para ficar tudo igual, J I.

J I: Eu fiz porque ganha espaço, assim, ocupa espaço.

(Som de marcador a ser usado na cartolina)

E: Boa.

J V: Acabamos.

E: E o que é que é ser Ubuntu? Já ouvi em algumas sessões partilhar situações que ela fez isto, e ele fez aquilo e que aquilo não era Ubuntu. O que é não ser Ubuntu e o que é ser Ubuntu?

J I: (inaudível)

J V: Ah? Ah, ok! Tu dizes o que não é ser Ubuntu e eu digo o que é. Então, podes começar. (Risos)

J I: Não, devia começar com o ser...

E: Então?

J V: Eu acho que ser ubuntu é ser empático, querer ajudar os outros... (Risos) Não olhes para mim...

E: Queres acrescentar alguma coisa, J I?

J V: Eu acho que também é preciso termos espírito, por assim dizer, de liderança, entre aspas, para poder trabalhar.

E: Espírito de liderança... Tens espírito de liderança? (Silêncio)

E: Ok. Porquê? O que é espírito de liderança?

J V: Ai ó E... (Risos) Não me compliques a vida.

E: Não queres desenvolver mais?

J V: Nah nah.

E: J I, queres acrescentar alguma coisa?

J V: Disseste que ias dizer os pontos negativos...

J I: Mas, ainda nem acabaste os positivos.

J V: Acabei, sim. (Risos)

E: Queres acrescentar alguma coisa do positivo?

J I: Construir comunidade.

E: Construir comunidade... Ok. Como é que se constrói comunidade?

J V: (Risos) Não é só para mim.

E: O que é que é preciso para construir comunidade?

J I: Espírito de equipa.

E: Espírito de equipa, ok. Queres acrescentar alguma coisa? Sobre o Clube, sobre a vossa experiência... Então, só me resta agradecer-vos. (Risos) Afinal, ninguém chorou, estão a ver. Obrigada às duas.

(fim de gravação)

Focus Group 2	Data: 25.05.2022
---------------	------------------

**Focus Group - Jovens**

Sexo: Feminino

Idade: Jovem J II – 13 anos | Jovem J VI – 13 anos | Jovem J VII – 13 anos

Duração da entrevista: 1h18m12s

E: Ok, já está. Vou começar com as perguntas mais difíceis. Que são, dados de caracterização. (Risos) Portanto, somos... são 3 raparigas, não é? Feminino. Idades?

J II: 13.

E: Ok.

J VI: 13.

E: Também? Boa. E J VII?

J VII: 13

E: Wow. (Surpresa) Perfeito. Todas no oitavo ano?

J II: Sim.

J VI: Sim.

J VII: Sim.

E: E em coro. São todas de Grijó?

J II: Sim.

J VI: Sim.

J VII: Sim.

E: Também? Boa. E lembrem-se há quanto tempo é que estão no projeto, mais ou menos?

J II: Meses.

E: Ok, então meses, mas desde quando? Recordam-se?

Lembra-se, pelo menos quando é que foi o primeiro contato? Mês?

J II: A semana Ubuntu foi em que semana? Foi nas primeiras semanas de escola, não é?

Foi antes de dezembro.

E: Então, foi o que? Setembro, outubro?

J VI: Sim, para aí.

E: Setembro, outubro? Ok.

J VI: Teve de ser setembro, porque outubro estávamos de férias.

E: Outubro estavam de férias?

J VI: Estávamos, não estávamos?

J II: Acho que não.

E: Então, deve ter sido Setembro, Outubro, é isso? Ok? Perfeito. E o que é que vos levou a ingressarem no clube Ubuntu? O que é que vos motivou a fazer parte do grupo?

J VI: As atividades.

E: As atividades. Do clube ou da semana?

J VI: Da semana.

E: Da semana. Gostas e quiseste continuar?

J VI: Sim.

E: E o que é que... Quais foram as tuas expectativas a entrar?

J VI: Altas.

E: E agora como é que estão? Foram correspondidas ou nem por isso?

J VI: Não.

E: Ok, porquê?

J VI: Porque... Não fizemos atividades que eu esperava que fizéssemos.

E: Ok. Quais eram as atividades que esperavas?

J VI: Por exemplo, ajudar mais os necessitados.

E: Ok. Mas tinhas ideias em mente?

J VI: Algumas.

E: Podes partilhar um bocadinho?

J VI: Hum... Eu dei duas ideias de... uma de servir comida aos pobres e isso, no Porto, durante a época de natal e a outra de irmos limpar as praias.

E: Ok. E partilhaste com o grupo?

J VI: Partilhei.

E: E o que é que... Como é que foi recebido? Porque é que não avançou?

J VI: Para a da comida, disseram-me que estava muito perto, mas ainda tínhamos algum tempo e a... da praia só... meio que ignoraram.

E: Sentiste que foste ignorada?

J VI: Sim.

E: Ok. E sentes-te assim um bocadinho no Clube?

J VI: Um bocado.

E: Porquê?

J VI: Porque eu não sou... Eu não sou tipo muito igual a eles, então é um bocado estranho.

E: Não te sentes bem no grupo?

J VI: Mais ou menos.

E: Porque é que sentes que não és igual a eles? O que é... Qual é a diferença?

J VI: Que tipo, eu acho que eles são um bocado... Certinhos demais ou forçados às vezes e eu não consigo ser assim.

E: Ok. Como é que tu sentes que és?

J VI: Eu acho que...Sou extrovertida demais e não... Tipo eu sou sincera, não consigo forçar como eles fazem, não... não gosto disso.

E: Ok, então, o que é que se faz continuar no clube?

J VI: A J VI e... porque eu acho que ainda conseguimos fazer algumas atividades. Se eu continuar a tentar lhes dizer o que fazer.

E: Ok. Então, sentes que ainda há esperança de te sentires cada vez melhor aqui?

J VI: Sim.

E: E ouvida... Ok, obrigada, J VI. E tu, J II?

J II: No início, não sabia o que ia acontecer, porque nunca tive. Só sabia do mural e da semana Ubuntu que gostei, então decidi continuar. E até agora, não... Não tenho muita coisa que me queixar. Dou ideias. São muitas ideias, então nem sempre acho que podem ser ouvidas, mas... são faladas um pouco, pelo menos, acho eu. E... Sinto-me bem no grupo. Mesmo às vezes não participando, ou participando às vezes demais, é a minha pessoa.

E: Ok, portanto, tens mais...

J II: Momentos, mais participativos e momentos menos participativos.

E: Mas é a tua forma de ser. Sentes que facilmente podes ingressar no grupo outra vez. Ok. E tinhas expectativas altas também para entrada no clube, ou estavas...

J II: Tinha.

E: E como é que estão agora?

J II: Sinto... Há sempre alguma coisas para melhorar, podemos melhorar sempre em outras, outras perspetivas.

E: Ok. O que é que podíamos melhorar, então?

J II: Não... Nós fizemos... hum... nós fizemos muitas coisas, nós ajudamos, nós fizemos o... o bazar de natal. E algumas outras, outras coisas, mas podíamos também fazer algumas mais, tipo algumas atividades para ajudar mais, mas, acho que estamos bem.

E: Tinhas alguma ideia de... Por exemplo, ali, a Diana já tinha duas ideias as ideias, não é? Para ajudar. Tinhas alguma ideia também?

J II: Tinha. Eu acho que tinha tido alguma que está ali, já não me lembro o que é que era. Era recolher as mantas e as roupas que foi... Já foi concedido, mas foi para foi a Ucrânia, mas tinha dado a ideia em dezembro.



E: Ok. Mas avançou essa ideia?

J II: Sim.

E: Ok.

J II: De outras maneiras diferentes, mas...

E: E sentes-te feliz com isso?

J II: Sim.

E: Muito bem. Gostavas de partilhar mais alguma coisa do que te move aqui?

J II: Não.

E: Ok. J VII?

J VII: Então, no início eu tenho entrado por causa da J VI e por causa da J V e por causa que eu tinha gostado da semana e estava curiosa para ver como é que ia ser.

E: Ok.

J VII: E... Tinha expectativa de alta.

E: E como é que estão as expectativas e essa curiosidade, agora que já passaram os meses de clube?

J VII: Estão... Tipo para o que eu pensava que ia ser, não está a ser tipo tão...

E: Não está, não está a chegar às expectativas que tinhas criado?

J VII: Exato.

E: Ok. E o que é que tu, achavas que ia ser? O que é que tinhas em mente?

J VII: Eu pensava que... que podíamos fazer o que a Diana tinha dito que era tipo ir ajudar os que não têm tantas higiènes, e não sei o quê. Dar comida. E acabamos por não fazer tipo esse tipo de coisas.

E: Ok. E vocês já partilharam isto com, por exemplo, as educadoras ou com o grupo no seu todo? Já? Que gostavam de fazer isso e sentem-se um bocadinho tristes por não o fazerem? Partilharam? E como é que foi recebido isso?

J VI: É assim, da minha parte, eles só disseram que... foi o que eu tinha dito, àquilo do... da comida, disseram que era tarde demais. Sendo que eu acho que ainda tínhamos tempo para organizar algumas coisas. E o resto... eu acho que, tipo, eles ouvem, mas, por exemplo, acho que se... elas estão mais preocupadas com pintar coisas e esse tipo de coisas, do que realmente fazer isso. Então, tipo eu acho que elas ouvem, só que preferem ignorar e passar para outras coisas.

E: Acham que as atividades não são tanto de ajudar o próximo?

J VI: Sim.

E: Então, são mais de quê?

J VII: De decorar a escola, por exemplo.

E: Porquê que acham que têm um foco em decorar a escola? Acham que tem um objetivo? Maior ou não.

J VI: Eu acho que não.

E: Não? Ok. E tu, J VII? E tu, J II?

J II: Hum... Melhorar alguns espaços.

E: Acham que é importante melhorar alguns espaços da escola? Ou não?

J II: O dar cor à escola.

E: Dar cor à escola?

J II: Sim.

E: Acham que precisa?

J II: Um pouco para não ficar muito seca.

E: (risos) Ok. Muito bem. Na vossa perspetiva e, ok, já percebemos que se calhar as atividades não são tão aquilo que gostariam que fosse, mas acham que no Clube tem sido, aqui, uma oportunidade para vocês colocarem em prática os 5 pilares do Ubuntu? O autoconhecimento, a autoconfiança, a resiliência, empatia e serviço. E, também, dos 3 eixos do conceito? Da ética do cuidado, cuidar de mim, do outro, do ambiente. Da liderança servidora, portanto, a liderança ao serviço da comunidade. E da construção de pontes, nestas ligações e elos entre nós. Sentem que tem sido uma oportunidade para trabalhar estes pilares e estes eixos?

J II: Sim.

J VI: Sim.

E: Sim? Conseguem-me dizer de que forma ou, por exemplo, especificar uma sessão ou uma atividade em que sentem que têm trabalhado isto? Podem pensar um bocadinho. Já são uns meses de Clube... Como é que sentem que têm trabalhado os pilares e os eixos?

J II: Nós tínhamos feito um jogo que era nós partilharmos algo da nossa vida que tinha a ver com o jogo e tirar cartas. E acho que isso deu para nos inteirarmos mais um pouco uns aos outros, mas não deu para perceber tudo.

E: Ok. Deu para se conhecerem? Então, que pilares e eixos é que trabalhamos, aqui? O que é que acham?

J II: Construir pontes, porque é ligar, ver se há ligações entre nós.

E: Ok. Vocês concordam?

J VII: Sim.

E: Sim? Há mais alguma atividade que gostassem de especificar?

J VII: Eu ia dizer a da J II.

E: A das cartas também?

J VII: Sim.

J II: Serviço à comunidade, quando estivemos a fazer a contagem, no átrio, das coisas que iam para a Ucrânia, roupas e afins. E agora mesmo.

E: (Risos) O que é que aconteceu agora mesmo?

J II: Tentar pôr dentro da carrinha tudo.

E: Ok. Muito bem. Vocês encheram uma carrinha, não sei se têm noção disso. A carrinha até ia com os pneus em baixo de tão cheia que estava. Aham... Mais alguma atividade que gostassem de realçar, aqui, ou alguma sessão? Por exemplo, este jogo das cartas foi numa sessão do Clube.

J VI: Nós fizemos uma coisa parecida, que tinha história de uma pessoa e nós tínhamos que nos colocar no lugar da pessoa...

J II: É calçar os sapatos do outro...

E: Ok. Calçar os sapatos do outro? E como é que correu essa... Como é que foi esse jogo? Vocês tinham-se que colocar no lugar da pessoa e fazer o que?

J II: Sim...

J VI: Arranjar uma solução.

J II: Tínhamos uma história de vida para essa pessoa, sem sabermos de nada. Só sabemos em que país nasceu e o ano em que nasceu.

J VI: Essa é outra.

E: É outra?

J VI: Sim. Tinha uma em que estávamos com um computador e contávamos a história de uma pessoa e no final perguntavam, tipo, tinha uma pergunta e nós tínhamos que dizer como é que nós resolveríamos se fôssemos aquela pessoa.

E: Ah... Então, são... Temos, aqui, o calçar os sapatos do outro e depois temos essa dinâmica que era procurar colocarmo-nos no lugar daquela pessoa e arranjar uma solução para o seu dilema?

J VI: Sim.

E: Ok, muito bem.

J II: Ah, pois era! Dilemas e...era qualquer coisa, a Edu I tinha falado de dilemas e outra coisa que já não me estou a lembrar.

E: Vamos fazer uma de cada vez, se calhar. J VI, queres continuar a falar ai, um bocadinho, desse jogo e, depois, vamos a calçar os sapatos do outro?

J VI: O jogo tinha umas três situações e eram, por exemplo, uma pessoa te contar um segredo ou algo do tipo. E no final fazia a pergunta de o que é que tu fazias no lugar dessa pessoa. E nós tínhamos que nos colocar no lugar daquela pessoa e dizer o que é que supostamente fazíamos. E a gente falava isso e, depois, discutíamos sobre isso.

E: Wow. Como é que correu essa sessão?

J VI: Acho que correu bem, embora... tínhamos opiniões diferentes, mas no final acho que correu bem.

E: Boa. E o que é que retiraste dessa sessão? O que é que retiraste?

J VI: Eu aprendi a pensar noutra perspetiva.

E: Ok... Muito bem. E que pilar do Ubuntu ou eixo é que sentes que trabalhaste nesta sessão, neste jogo?

J VI: (Silêncio)

E: Vocês também estiveram, podem dizer, se calhar.

J II: A empatia.

E: A empatia? Ok. Concordas, J VI?

J VI: Sim.

E: Boa. Mais alguma coisa?

J VI: Acho que não.

E: Ok, muito bem. Jogo interessante, não conhecia, de dilemas. Obrigada, J VI. E tu, Marta? Sobre calçar os sapatos do outro.

J II: O outro jogo era, a Edu I e a Edu II punham uma foto no computador, de 3 pessoas, e davam a algumas pessoas do grupo e... só dizia em que, em que país nasceu e no ano em que nasceu. Depois, nós tínhamos...

J VI: E o nome.

J II: E o nome. O nome não.

E: É?

J II: Não, porque eu não sabia que aquela rapariga era filha do Obama e tinha-me calhado e eu não sabia a história de vida dela e nós até pensávamos que ela era uma...

E: Então, se calhar não dizia Obama, não sei. Mas pronto, é um pormenor. (Risos)

J II: Hum... Nós tínhamos que dizer... Só pela foto tentar dizer a vida toda dessa pessoa e criar uma, a história dessa pessoa. Por exemplo, tinha calhado um *serial killer*, que tinha matado e violado mulheres, num país, que era nos Estados Unidos. E nós pensamos que ele era uma pessoa triste e infeliz com a vida, porque o olhar dele era muito intenso e ele tinha um sorriso... E, depois, tinha a filha do Obama que eu penso, nós pensamos que era

uma rapariga que lutava pelos direitos humanos e depois tinha outra pessoa que eu esqueci-me. O que é que era?

E: Mas, depois, conseguiram, no final, chegar... conhecer as histórias verdadeiras?

J II: Sim.

E: Como é que foi? Era parecido com aquilo que tinham escrito?

J II: Não.

J VI: Não.

E: De todo? (Risos) Então, o que é que retiraram desse jogo?

J II: Que nós, às vezes, pensamos alguma coisa sobre os outros que pode não ser o que é verdadeiramente... julgamos pela capa.

E: Ok, boa. E vocês? Também tiveram nessa sessão, creio. O que é que acharam desse...

J VI: Eu concordo com a J II.

E: Ok. E que pilar ou eixo é que podem ter trabalhado aqui?

J II: Também.

E: A empatia? Ok. Boa. Muito bem. J VII, gostavas de dizer alguma sessão, algum jogo, dinâmica? Não? Mas sentes que tens trabalhado isto? Os pilares e os eixos durante estes meses de Clube Ubuntu?

J VII: Sim, em algumas coisas.

E: Ok. Não queres especificar? Ok. Tranquilo. Obrigada. Sentem que tem existido, assim, algum obstáculo ou desafios para a criação ou própria dinamização do Clube? De algumas coisas que gostariam de ter feito no Clube ou que estão a fazer? Momentos assim mais difíceis...

(Silêncio)

E: O que é que acham? Houve obstáculos ou está a haver obstáculos?

J VI: Eu acho que (tosse) ter de 'tar, tipo, com outras pessoas que não são iguais a nós e ter de 'tar com eles a fazer atividades, às vezes pode ser um bocado difícil.

E: Ok.

J VI: Mas acho que é só isso.

E: E como é que se pode gerir isso? Ou como é que têm gerido?

J VI: Eu afasto-me.

E: Ok. Mas porque sentes que não... porque que tu sentes? Por serem diferentes, o que é que tu sentes?

(Som de relógio)

J VI: Hum...Tipo, além de não me encaixar, eu não, tipo...eu não gosto de estar com pessoas que são assim tão diferentes de mim, portanto, eu prefiro-me afastar e estar com quem eu me identifico.

E: E sentes que não encaixas no Clube?

J VI: Sim.

E: Ok. O que é que... Por causa disso? Por sentires que és diferente do resto das pessoas?

J VI: Sim.

E: Mas alguém já te verbalizou isso de alguma forma ou és tu que percecionaste?

J VI: Fui eu.

E: E achas que o grupo podia fazer alguma coisa de diferente para te sentires mais incluída?

J VI: Acho que, talvez, ouvir mais as outras pessoas, porque dá para perceber que muitas vezes, no Clube, talvez por eu ser diferente, preferem ouvir outras pessoas, do que realmente me ouvir. Ou, por exemplo, mandar-me fazer coisas e deixar as outras pessoas fazerem o que elas quiserem. E muitas vezes fazem isso, talvez por eu ser diferente, não sei.

E: Será que é tu seres diferente ou a outra pessoa ser diferente?

J VI: Não, é por eu ser diferente.

E: Mas já abordaste isso?

J VI: Não.

E: Porque não?

J VI: Porque não quero.

E: Às vezes, vivemos um bocadinho no...no vazio, na nossa cabeça porque não verbalizamos. E é normal, não é? Quando somos adultos também fazemos isso e, às vezes, só tentar perceber de que forma é que podemos verbalizar, não é? Porque às vezes também podemos ser agressivos com a maneira que vamos verbalizar porque nos sentimos, sei lá, injustiçados. Não sei se é o caso. Podemos ser agressivos, mas se pensarmos um bocadinho, ok, eu sinto isto, e eu sinto isto e vejo isto, o que é que eu posso fazer com isto? E falar, por exemplo, com um adulto. E tens dois adultos no clube. Se calhar, podem te ajudar a perceber porque que tu te sentes tão à parte e porque que te sentes injustiçada quando és obrigada a fazer coisas e os outros não. Mas é uma sugestão. Recebes, se quiseres. Sim?

J VI: Aham.

E: Mas, obrigada pela tua sugestão. Pela tua sugestão, não. Pela tua opinião, que acho que é importante e obrigada pela tua honestidade também. Queres acrescentar mais alguma coisa?

J VI: Não.

E: E tu, J II? Sentes que há obstáculos? Dificuldades?

J II: Hum... Por sermos pessoas muito diferentes, às vezes, por vezes, podemos, alguns podem chocar uns com os outros, que é normal, mas pode acontecer algo de, entre aspas, brigas ou lá o que seja. E isso pode gerar algum problema, mas...

E: E como é que lidam com essas brigas?

J II: Tentar saber todos os pontos, perspetivas e saber o que é que aconteceu e como começou.

E: E têm conseguido gerir isso no Clube? Ou não?

J VII: Às vezes.

E: Às vezes? Às vezes não resulta bem?

J VI: Não.

E: Porquê? Conseguem especificar alguma coisa?

J II: Porque... Eu estou a pôr-me no lugar de alguns deles, porque eu nunca tive muitos problemas com isso, porque, às vezes, prefiro não, não, não interferir, nem me meter muito na confusão.

E: Ok.

J II: Ou tentar afastar-me um pouco quando vejo que isso acontece. Mas, ponho-me no lugar delas ou de outras pessoas, eu vejo que há coisas, o ponto, a perspetiva de ver delas nunca é, às vezes, não é, não é ouvido. Não é tão ouvido. Elas podem ter feito algo de errado, mas pode ter acontecido outra coisa antes para as levar a fazer algumas coisas que fizeram ou para a outra pessoa fazer o que fez.

E: Então, mas sentes que isso não é tão ouvido?

J II: Algumas vezes.

E: Ok. Muito bem. Isso é um obstáculo, de facto. Vocês querem acrescentar alguma coisa? Não? Ok. Muito obrigada pela honestidade, acho que é importante. E... É assim, vocês estão no oitavo ano, não é? Não sei se para o ano continuam no Clube, mas se pensarem um bocadinho mais à frente, qual é o legado que gostariam de deixar com o Clube, na escola? Já viram daqui, sei lá, dez anos, voltarem, aqui, à escola, qual é que esperam que seja a marca que deixaram na escola, com o Clube?

J II: Por exemplo, com algumas atividades que nós fazemos, com a carrinha que acabamos de encher...

E: E qual é essa marca? Qual é esse legado?

J II: De serviço para as pessoas e termos ajudado e...marcamos por a...marcamos de alguma forma as pessoas que vamos ajudar e marcamos a escola também, porque fomos nós, da escola, que proporcionamos isso.

E: Ok. Muito bem. Obrigada, J II. E vocês?

J VI: Talvez melhorar mais coisas necessárias na escola. E, por exemplo, que... os outros se ouçam e se ajudem mais. E acho que é isso.

E: Ok. É uma marca importante também. Obrigada. E, agora, ia sugerir que viéssemos aqui, à nossa amiga cartolina, ok? E as questões que eu vos vou colocar agora é sobre as atividades que têm vindo a desenvolver. Portanto, pensar aqui, quase como, estão a ver um friso cronológico? Que devem ter feito em história também, não é? Nós não vamos recuar tanto atrás no tempo, não se preocupem. (risos) É só no tempo que estão, aqui, no Clube. Quais foram as atividades que desenvolveram ou que têm vindo a desenvolver? Qual é que para vocês é a mais importante ou que vos marcou mais? E porquê? O que é que ela representa para vocês? E pensar um bocadinho no impacto, não é? Qual é o impacto que a atividade e a vossa participação, não é? Vocês serem, fazerem parte do Clube. Qual é o impacto que isso tem, em vocês, na comunidade escolas, mas, também, na comunidade no seu todo? Pensar, aqui, que a escola está localizada em Grijó, não é? Qual é o impacto que a vossa participação no Clube pode ter no todo. Na comunidade, na escola e em vocês mesmas. Ok? E pensar, aqui, também, nas representações das atividades, ligando aos pilares, ligando aos eixos, ligando ao conceito Ubuntu. Sim? Podemos? Então, querem começar com as atividades que fizeram este ano? Conseguem-se lembrar de alguma coisa? Têm aqui marcadores. Querem lápis, post-its... lápis de cera? (risos) E sublinhadores. O que é que gostavam de ter? Queres lápis? Boa. Toma lá, J VII. E tens aqui mais coisas. Se quiseres afia também tenho.

(Som de lápis e marcadores a serem mexidos)

E: Então, quais foram as atividades que desenvolveram este ano?

J VI: O Bazar de Natal.

E: Ok. Podes começar a escrever, se quiseres. Se quiseres escrever só o mês ou assim. Vocês podem ir apoiando, aqui, a J VI que falou agora do Bazar de Natal. O que é que o Bazar significou, ou representou para vocês?



J VI: No fundo, foi uma forma de ajudar tanto o Clube, quanto a comunidade, porque o dinheiro que angariamos seria para ajudar os outros.

E: Ok, queres também escrever isso só para ficar aí a nota? Sentem que isso tem algum pilar do Ubuntu ou algum eixo?

J II: Serviço à comunidade.

E: Aham. Ok. J VII, ainda agora ias dizer qualquer coisa? Era de uma outra atividade que querias falar? Não? Também tiveste no Bazar?

J VII: Não me lembro.

E: Ok.

(Som de marcador a ser usado na cartolina)

E: Lembraste-te logo do Bazar, J VI. Por alguma razão específica? Gostaste?

J VI: Sim.

E: Porquê?

J VI: Porque foi uma coisa que nós podemos passar o nosso tempo de uma forma divertida e foi uma forma de falarmos uns com os outros e uma atividade fixe.

E: Tiveram de trabalhar em conjunto, é isso?

J VI: Sim.

E: Muito? (Risos) Deste-me um olhar, J II. Foi muito trabalho em conjunto?

J II: É que eu tive...a ... A J VI acho que estive na parte de dinheiro e de vender os produtos, eu estava na parte da comida e... (risos) foi engraçado estar lá.

E: Foi engraçado. Cheguei a visitar-vos e vocês já tinham vendido muita coisa, na altura.

J II: Estou a tentar lembrar-me. Acho que foi no final do dia.

E: Acho que sim.

J II: Até vi a minha professora antiga.

E: Da primária, exatamente. Ok. Sentem que essa atividade teve impacto?

J II: Sim, com...para as pessoas saberem mais do Clube Ubuntu.

E: Ok. Então, o impacto foi dar mais voz ao Clube?

J II: Sim.

E: Olha parece fixe para se escrever aí algures. Ou queres escrever tu, J II?

J II: O que?

E: O impacto que falaste agora. (Risos) A cartolina é para as três. Cuidado só com o telemóvel, não sei de quem é. (Som da cartolina a girar para outra ponta da mesa)

J II: O que é que eu vou escrever? Que deu impacto...

E: Dar a conhecer o Clube. Foi o que disseste.

(Som de lápis a serem afiados)

E: Os lápis não são os melhores, é verdade. Queres ver se tens aqui alguma cor que queiras? Acho que ainda tem para aqui... E tem aqui também, se quiseres. Que mais atividades é que se recordam?

J VII: O de São Valentim...

E: Ah, o que é que aconteceu?

J VII: Quando nós distribuímos cartas para os funcionários. Acho que foi uma forma de, de... de eles entenderem que fazem falta se saírem daqui.

E: Ok. Wow. Como é que se desenvolveu essa atividade?

J VII: Aqui, no clube, nós escrevemos cartas para os funcionários todos da escola e no dia entregamos.

E: E foram entregar em mão mesmo? Wow. Como é que foi isso? Como é que eles receberam a carta? Estavam à espera? Então, como é que foi? Como é que descreves essa situação?

J VII: (Silêncio)

E: É uma excelente ideia, J VII, um excelente contributo. O que é que ela representou para ti?

J VII: (Silêncio)

E: Vocês também estava nesta atividade?

J II: Eu não estava, porque eu tinha ficado de entregar as cartas entre as pessoas das turmas que nós também tínhamos feito uma caixa.

E: Eles também tinham...Ah, então tinha duas atividades no dia de São Valentim?

J II: Sim.

J VII: Para cada aluno se quisesse escrever uma carta para um amigo, metia dentro de uma caixinha e nós íamos entregar.

E: Também tiveram muitas cartas?

J VII: Sim.

E: Sim? A sério? Wow. (Surpresa)

J II: E houve uma pessoa que tinha feito cartas para a turma toda.

J VI: Ah, fui eu.

E: A sério, J VI? Tu escreveste para a turma toda? Porquê?

J VI: Porque, tipo, quando nós falamos sobre essa atividade, tinha alguns que ficaram tipo ah eu não vou receber nada. E eu tipo eles dizem isso de uma forma a brincar, mas eu percebi que ficaram um bocado tristes. Então, eu fiz para toda a gente. E... eu sei que eles

ficaram felizes com isso porque teve uma colega minha que até veio ter comigo... tipo agradeceu-me mesmo por eu ter feito aquilo, porque precisava.

E: Precisava de ouvir aquelas palavras. Precisava daquele carinho.

J II: Também queria ter agradecido, só que eu não sabia quem é que me fez a carta. (Risos)

E: Parabéns, J VI, por esse gesto. Que bonito. Então, temos aí duas atividades para escrever.

J VII: E foi nessa atividade que nós recebemos as cartas que tínhamos escrito na semana Ubuntu.

E: Do Mendez?

J VI: Sim.

J II: Eu já tinha... na minha semana, já tínhamos nós próprios levado para casa. Então, não recebemos. Mas tínhamos feito, aqui, uma atividade de cartas no Clube, duas vezes.

E: Aham.

J II: Uma durante esse dia, porque nós dissemos que não íamos aguentar para ver a carta e fizemos um sorteio, duas vezes também, porque uma vez partilhámos os nomes e não era suposto.

E: (Risos)

J II: Então, fizemos outra vez e...calhou bem. Fizemos as cartas, entregamos nesse mesmo dia às pessoas. E, depois, também, fizemos outro sorteio e fizemos outra carta em casa para entregar a outra pessoa do Clube.

E: Wow. Então, esse dia foi cheio de cartas. Basicamente. (Risos) E como é que foi receber a carta do Mendez? Foi inesperado?

J VII: Um bocado.

E: E gostaram? Não gostaram? Ainda se lembravam do que tinham escrito?

J VII: Eu não me lembrava... Nem me lembrava que tinha escrito a carta.

E: Wow. Foi impactante?

J VII: Um bocado.

E: Foi? Como é, como é que lidaram com a receção da carta?

J VII: Chorei.

J VI: Eu não chorei, mas foi um bocado... acho que pensativa.

J VII: Então, porque pensei que daquela, da semana até agora, o que eu tinha escrito não tinha mudado muito. Então, foi um pouco triste.

E: Mas será que também pode ser um incentivo para? Talvez?

J VII: Um bocado...

E: Ok. Ok. Então, olha o que é que temos para escrever aí? São duas atividades do dia de São Valentim, não é?

J VI: Sim.

E: Queres escrever, J VII? Já que foste tu que deste a ideia. Como é que se chamou essa atividade?

J II: Uma carta, um abraço. Não, uma carta e um abraço é outra coisa. Mas acho que era qualquer coisa parecida com uma carta num abraço.

E: Escreve o que achares, J VII. As cartas de São Valentim para como é que tu disseste? Para os funcionários? Foi isso que tu disseste?

(Som de marcador a ser usado na cartolina)

E: E porquê que escolheram os funcionários?

J VI: Porque eles são os mais desvalorizados.

E: Desvalorizados? Sentem?

J II: Sim, porque, às vezes, nós, algumas pessoas simplesmente não querem saber daquilo que eles fazem e ainda, por exemplo, o trabalho deles eu sei que é limpar as nossas salas, mas há pessoas que sujam de propósito para as pessoas irem lá limpar. E isso não... não é uma coisa que eu goste, sendo sincera, por isso é que eu gosto de deixar o mais que possível o meu lugar arrumado, porque sei que, depois, vai lá alguém limpar e sei que se fosse em casa, eu é que teria de limpar porque eu é que sujei.

E: Se fosses tu, não ias gostar. (Risos)

J II: Pode ser o trabalho deles, mas não é o trabalho deles limpar a nossa porcaria.

E: Ok. E tu, J VI? O que é que achaste? Disseste que eles são os mais desvalorizados.

J VI: Sim.

E: Porquê?

J VI: Porque além de serem supostamente uns funcionários, supostamente não têm... Como é que eu vou dizer? Não são tão respeitados, como um diretor, por exemplo.

E: Sentes que não são respeitados também?

J VI: Sim e...tipo, um diretor é muito mais, supostamente, valioso, do que um funcionário. E além de serem, terem que ouvir coisas desnecessárias, às vezes, concordo também com o que a J II disse, são... é... são desrespeitados constantemente. É isso.

E: E sentes que foram mais valorizados neste dia?

J VI: Sim. Ficaram felizes.

J II: Até pequenos gestos que nós fazemos às vezes, por exemplo já saber os nomes deles e dizer e chegar lá, eles já ficam felizes. Por exemplo, nós temos a DF, aqui do corredor e a DR, nós falamos com elas diariamente, e elas ficam felizes.

E: Isto foi algo que vocês começaram no entretanto? Com este olhar mais atento a...

J VI: Nós já conhecíamos a DF desde a pré.

E: Wow. (Surpresa)

J II: Eu não conhecia...

J VI: Então, foi fácil falar com ela.

J II: Eu não a conhecia, conhecia no sétimo e nós notamos, a minha turma notou, que ela tinha tanta paciência connosco porque nós, por vezes, não somos fáceis e ela sempre tentou falar connosco, invés de fazer queixa à nossa diretora de turma.

E: Boa. É de louvar.

J II: O que hoje em dia também acontece. (Risos)

E: (Risos) Sentem que eles se sentiram mais valorizados agora e que...

J VI: Sim.

J VII: Eu espero que sim.

E: E agora vocês tratam-nos todos pelos nomes e tudo?

J II: Eu já tratava.

J VI: Eu também.

J II: Só no quinto e no sexto ano não tratava, porque não sabia o nome de toda a gente. No quinto não sabia os nomes dos de cá, mas, depois, fui-me habituando e comecei a chamar pelo nome, por exemplo a DA da papelaria, a DL do PBX.

E: Ainda são muitos funcionários na escola.

J II: Sim. Depois temos o SA...

E: Já sei quem é o SA.

J II: O SA é o que mais fala connosco e que comunica mais connosco e acho que o que de nós todos mais gostamos, entre aspas.

J VII: Eu chamo-lhe de tio.

E: Chamas-lhe tio? Ai, isso é muito carinhoso.

J VII: Porque ele já andava aqui, quando os meus irmãos andavam aqui, então...

E: Já é da família, quase..

J VII: Nós fazemos brincadeiras com ele.

E: Ok. E ele também recebeu uma carta?

J VII: Recebeu.

E: (Risos)

J VII: Só não recebeu uma porque não estava na lista.

E: Oh...

J VII: E nós ficamos tristes.

E: Porquê que ela não estava na lista?

J VII: Porque ela trabalhava aqui, tipo temporariamente. Não sei explicar...

E: Ah... Não estava na lista oficial.

J II: Sim. Também se foi embora uma funcionária super, super amigável, porque ela só vinha substituir a DL. Ela chamava-se M e ela veio substituir. Ela, normalmente, andava lá fora e ela, às vezes, conversava com a minha turma e, depois, conversávamos com ela e sempre, ela foi sempre muito... muito boa, porque ela também compartilhava histórias dela e nós também. E nós descobrimos que ela tinha o sotaque brasileiro e sabemos que ela vinha do Brasil, então, nós falamos com ela e ela contou-nos que o filho dela também era, tinha para aí a nossa idade. E contou-nos algumas coisas.

E: Ok. Então, começaram a criar uma relação ainda mais forte com os funcionários.

J II: Sim. Só que ela, passado duas ou três semanas foi embora. Nós ficamos meio tristes.

E: Vocês passam muito tempo com eles também. Ok. E que pilares é que sentem que trabalharam aqui? Pilares ou eixos do Ubuntu.

J VI: Empatia...

J II: Empatia, talvez...

E: Empatia? Ok. Podes, também, escrever aí algures? Boa. (Risos) E que impacto é que acham que esta, estas cartas tiveram em vocês, por exemplo? Escreveram muitas cartas? Poucas?

J VI: Escrevi e recebi.

E: Porquê que escreveram muitas cartas? Foi logo instintivo quase? Ah, cartas, vamos escrever cartas, sim.

J II: A J VI foi a pessoa mais inspirada. Eu fiquei impressionada porque ela tinha muitas palavras e conseguia escrever aquilo rápido...

J VII: Escreveu para quase todos os funcionários.

E: A sério? Porquê? O quê que surgiu aí para automaticamente...

J II: Ela escreveu quase todas as cartas.

J VI: Foi tipo, eu acho que, para mim, foi fácil porque era só pensar no impacto que eles têm na escola e o que realmente sentimos quando pensamos nele, ou nela. E foi fácil.

E: Ok. Focaste-te em cada um e escreveste a pensar em cada um. Muito bonito. Que gesto bonito. Para vocês, teve, aqui, algum impacto?

J VII: O que para mim, teve mais impacto é receber... porque eu pensei que não ia receber tantas cartas, como recebi.

E: Ok.

J II: Aham... Teve impacto porque... o que eu tinha contado essa atividade aos meus colegas e alguns deles ficaram interessados e até a X acabou por entrar mais tarde no Clube. Eu tinha falado desta atividade e alguns deles tinham-se interessado e também queriam ajudar. E...achei que eles poderiam me ajudar em algumas coisas e eles disseram que podiam e deram algumas ideias para cartas, porque eu não sou aquela pessoa...não me vem logo à cabeça e escrevia muito devagar as cartas, porque sabia tudo o que tinha de escrever, só que não sabia as palavras exatas que havia de dizer, porque nós, praticamente, tivemos que escrever cinco cartas para cinco homens, certo? E usávamos os pronomes os e tratávamos por nomes diferentes e... depois, eu pensava numa pessoa específica e nós não podemos pôr o nome da pessoa específica na carta, então, era um pouco mais complicado.

E: Ok. Tinham de estar ali a pensar aquilo tudo direitinho, não é? O mais perfeito possível... Então, paralelamente, escreveram estas cartas para os funcionários, e para além dessa, tiveram as cartas para a comunidade em geral, para a comunidade educativa, no dia de São Valentim, não foi?

J VI: Sim.

E: Ok. Então, aí, não foi só empatia, não é? Vocês também receberam. O que é que sentiram que...

J II: Auto...

J VII: Autoconfiança...

E: Sentem que também houve autoconfiança? Ao receber aquelas palavras das pessoas?

J II: Sim.

E: Ok. Queres escrever aí, também, as cartas para... para a comunidade. Cartas de agradecimento. Foi? Que a J VI inspirou muita gente. Ok, então, houve autoconfiança também. Muito bem. E, sentem que houve também um impacto na comunidade educativa, na vossa escola?

J VII: Sim.

J II: Depende.

E: Ok. Queres desenvolver, por favor?

J II: Porque numa escola, há sempre aquelas desavenças entre alguns alunos, mas, os funcionários em si, nunca tiveram nada contra nós, alguns até ficaram, mudaram a sua postura, outros continuaram com o mesmo feitio e a sua maneira de ver.

E: Ok. Querem dizer mais alguma coisa sobre esta atividade? Houve aqui algum eixo? Da construção de pontes, ética do cuidado, liderança servidora? Que tenha sido trabalhado...

J VI: A do... Trocamos aquelas cartas no Clube, acho que foi uma forma de construir pontes uns com os outros...embora...

J II: Não ter corrido bem. (Sussurrar)

J VI: Além de não ter corrido tão fácil. Eu não senti isso, mas, de qualquer forma, acho que foi uma boa atividade.

E: Ok. Para criarem alguma ligação. Porque que não foi fácil?

J VI: Porque nós não conseguimos levar muito bem a atividade a sério. E deu para perceber que...pelo menos eu percebi, que algumas pessoas trocavam os papéis e isso, para supostamente não ficar com outra pessoa. E, inclusive, fizeram isso comigo. E, não achei muito agradável. Mas, de resto, acho que correu de uma boa forma.

J VII: Eu acho que houve outra dificuldade que era não nos conhecermos bem, então não sabia o que escrever para tal pessoa, talvez tenha surgido daí a troca de papéis.

E: Ok, pode ser isso.

J II: Eu, por acaso, não troquei o meu. Eu tentei puxar um pouco por aquilo que conhecia, como não conheço muito bem as pessoas daqui. Conheço a J VII, a J VI conheço mais ou menos, a J V também. E acho que não conheço tão bem, a J I estou agora a conhecer, e conheci melhor também, mas...

E: Na altura ainda não.

J II: Na altura ainda não conhecia tão bem, só conhecia algumas coisas, não... não sabia como agir e dizer certas palavras que as pessoas poderiam gostar de ouvir.

E: Ok.

J II: Mas, a pessoa que calhou-me, eu não sabia mesmo, estava mesmo às cegas e ela estava ao meu lado, eu fiquei a olhar para a pessoa um tempo, a tentar decifrar o que ela é e tentei ter... tentei sempre, tentei pôr alguma coisa que a pessoa gostasse de ouvir.

E: Isso é um desafio às vezes.

J II: E a carta foi um pouco pequena porque como não sabia quase nada, foi difícil saber o que escrever.

E: Ok.



J II: Por exemplo, eu só escrevi que era um bom jogador de ténis, um bom amigo e que desenha muito bem, porque só sabia essas poucas coisas.

E: É, mas disseste três coisas chave que eu já sei quem é, por exemplo. Portanto, sinto que o identificaste muito bem. (Risos) Estiveste muito bem afinal, estás a ver? Às vezes, não é preciso ir muito...

J II: Só soube identificar duas coisas que ele gostava de fazer, e, depois, por algumas atitudes que eu vi que ele tinha...

E: Boa, J VI. Obrigada. Sobre esta atividade, querem dizer mais alguma coisa? Teve, aqui, um forte impacto na comunidade educativa, então. Ok. Que mais atividade é que fizeram?

J II: O Carrinho +cheio.

E: Como é que foi o Carrinho +cheio?

J II: Querem falar? (A dirigir-se às duas colegas)

J VI: Não. Podes dizer.

J II: Ok. Nós tínhamos um carrinho aqui, tínhamos dois neste caso. Um para o 1º ciclo. Não. Um para o 2º ciclo e um para o 3º ciclo. E nós tínhamos, cada ciclo tinha de encher esse carrinho, de comida para dar a pessoas necessitadas, mas, também, nós tínhamos dado a ideias das escolas primárias.

E: Ok.

J II: Que incluía as nossas escolas primárias e, eu falo por mim, que fui fazer uma visita à minha escola primária e entregar lá a caixa para eles também participarem. Vocês foram?

J VII: Fomos.

E: As vossas escolas onde andaram?

J II: Sim.

E: Como é que foi regressar às vossas escolas?

J II: E com um papel mais importante.

J VII: Foi fixe.

J VI: Foi, foi muito bom.

E: Foi? (Surpresa)

J II: Foi bom!

E: Porquê?

J VII: Porque senti saudades de lá andar.

E: Sentiste saudades?

J VII: Sim...

E: E tu, J VI?

J VI: Porque eu gostei de rever as pessoas e o espaço e igual à J VII.

E: Ok. E tu, J II? Disseste que foi num papel diferente... mais importante.

J II: Um papel diferente porque eu tinha uma missão para ir lá. E explicar para meninos do primeiro, segundo, terceiro ano, quarto e pré...

E: Foi difícil? (Surpresa)

J II: Foi! Um pouco. Entrei na sala da pré, veio um menino qualquer, que eu não conhecia, dar-me um abraço e eu, simplesmente, só abracei. Depois, tentei explicar o mínimo, porque sabia que eles eram da pré e que não ia ser muito fácil entenderem. Depois, descobri que a minha professora antiga, que é a coordenadora da escola, tinha entregado uns papéis para passarem aos pais, mais ou menos com a explicação de tudo.

E: Boa.

J II: Então, já não tinha que falar muita coisa, só tinha de dizer de onde vinha, o que fiz e de explicar onde estava a caixa e para quê que servia e de onde é que vinha.

E: Isso ainda é um papel assim importante! E explicar para mais novos é... adaptar a nossa forma de falar também, não é?

J VII: Não, não foi assim tão difícil.

E: Não? Gostaste?

J VII: Gostei.

E: Porquê?

J VII: Porque... além de ver, tipo, o meu sobrinho que andava na pré, pude ver a nossa stôra, que...

E: Foi bom?

J VII: Aham, (a concordar)

E: Ok. Obrigada, J VII. E o que é que representou, para vocês, fazer esta atividade do Carrinho +cheio?

J II: Poder ajudar os outros.

E: Ajudar? Ok. E para ti, J VII?

J VII: Igual. (Sussurrar)

E: Também? E que pilares ou eixos é que sentem que trabalharam nesta dinâmica?

J VI: A empatia.

J II: Serviço

E: Ok.

J II: Isto tem muito a ver com serviço. Eu estou agora rever tudo e serviço...

E: E dos eixos? Sentem que trabalharam aqui alguma coisa? A construção de pontes, ética do cuidado e da liderança servidora?

J II & J VI: Ética do cuidado. (em uníssono)

J VII: Liderança servidora.

E: Ética do cuidado e liderança servidora? É isso? Ok. Podem escrever isso tudo? (Risos)  
Boa, J VII! É isso. Muito pronta para ajudar. Tens uma letra muito bonita. É verdade.  
Ok... Carrinho +cheio que representou para vocês... o que? Ajudem lá a Mariana a escrever.

J II: Ajudar os outros. Sentirmo-nos mais perto de, das pessoas que necessitavam.

E: Podes só dizer isso um bocadinho mais devagar?

J VI: (Risos)

E: (Risos) Mas, estavas bem, continua.

J VI: Sentirmo-nos mais próximos dos mais necessitados.

E: Boa. A J VI decorou.

(Som de marcador a ser usado na cartolina)

E: E os pilares e os eixos agora, não é?

J II: Podes só repetir o outro... o grande.

E: Liderança servidora?

(Jovens a sussurrar)

E: E quais foram os pilares que trabalharam?

J VI: Empatia...

E: Ela está a decorar, ela está a fazer um bom trabalho. Então, J VII, vamos, então, escrever agora os pilares e os eixos, por favor? Quem é que ajuda a J VII?

J VI: O serviço.

E: E... já disseram ainda agora. Que pilar mais?

J II: Empatia.

E: Ok.

J II: Depois, aquele outro...

E: Agora, os eixos.

J II: Os eixos, são os eixos.

J VI: Ética...

E: Ética do?

J II: Cuidado!

E: Boa. Porque que sentem que foi a ética do cuidado? Do que é que cuidaram?

J VI: Ajudamos os outros.

E: Cuidaram foi? Ok... Mais algum eixo?

J II: Acho que não.

E: Tu achas que sim?

J VII: Não. (Risos)

E: Ok. (Risos) Muito bem. Sentem que houve impacto com esta atividade? Na comunidade?

J II: Sim.

J VII: Sim.

E: Porquê?

J II: Porque os carrinhos ficaram muito cheios, digamos e...

E: Então, houve participação?

J II: Sim.

J VI: Sim.

E: A comunidade escolar participou toda?

J II: Sim.

E: Ok. Podes, também, escrever? O impacto. Estás a ir muito bem, J VII.

J VII: O que é que eu escrevo?

E: Impacto.

J VI: Dois pontos... (a sussurrar)

E: É como vocês quiserem. Isto não é uma avaliação. Eu não vou corrigir o vosso português, nem parágrafos.

J VII: Estou com medo de errar.

E: Não tenhas medo de errar. Não te preocupes.

J II: Lembra-te que não é a Edu JB a corrigir.

E: Então, impacto, estavam a dizer que toda a comunidade educativa participou?

J VII: Sim.

E: O carrinho ficou cheio, de facto. E que mais? Porquê que houve impacto? Porquê que sentem que houve impacto com esta atividade, na comunidade?

J II: Porque as pessoas também queriam ajudar um pouco os outros.

E: Ok.

J II: E nós tínhamos dito qualquer coisa, porque nós tínhamos... como eu disse, nós tínhamos dividido por ciclos e o ciclo que vencesse, ganhava qualquer coisa. Eu acho que

era um diploma. Não me lembro que ciclo que ganhou, acho que foi o terceiro, mas não tenho a certeza. Embora, o primeiro e o segundo tenham muitas coisas.

E: Ok. Eu acho que foi o primeiro ciclo, por acaso.

J II: Sim, porque eram todas as escolas reunidas e era...

E: Pois. Boa. Sobre esta atividade, querem acrescentar mais alguma coisa?

J VI: Não.

E: Ok. Que mais atividades é que se lembram? Ou que vocês tenham gostado?

(Jovens a sussurrar)

J II: Agora, só me lembro da atividade da Ucrânia.

E: Da Ucrânia?

J II: A atividade da Ucrânia que nós fizemos.

E: Qual foi a atividade da Ucrânia?

J II: Aham...hum... as palavras não me estão a sair.

J VI: Foi recolher produtos de higiene, produtos de alimentação para enviar lá para a Ucrânia.

E: Ok. Produtos de higiene para depois e alimentação para enviar para a Ucrânia?

J VI: Sim.

E: E como é que correu isso?

J VI: Correu bem.

E: Correu? O que é que recolheram? Como é que recolheram? Como é que fizeram isso acontecer?

J VI: Começamos por espalhar, tipo, a palavra, nas turmas. E, depois, quando angariamos uma quantidade boa tivemos a... a separar por tópicos e a embalar tudo. E, depois, enviamos.

E: Ok. Enviaram através do quê? Como é que enviaram para a Ucrânia?

J VI: Não me lembro. J II?

J II: Por algumas associações...

E: Ok.

J II: Por exemplo, o SF que veio agora, ele estava a doar a roupa que nós angariamos para pessoas que já estavam cá, em Portugal, que necessitavam, porque tiveram de deixar as suas coisas lá, na Ucrânia, então, nós demos algumas coisas. Algumas coisas, uma carrinha cheia. (Risos) Aham... E os alimentos acho que nós demos, se não me engano, eu não quero estar a falhar, a Cruz Vermelha.

E: Ok.

J II: Que foi lá entregar alguns kits, produtos de higiene feminina, pensos, tampões, depois também tinha fraldas para bebés, dodots. E alguns enlatados.

E: E alguns, quê? Desculpa.

J II: Enlatados.

E: Oh, ok. Então, foi muito diversificada a vossa recolha. E o que é que esta atividade representou para vocês?

J II: Que podíamos ajudar as pessoas que, neste momento, não estavam bem.

J VII: Que se nos juntássemos todos, talvez podemos fazer, tipo, ajudar os outros.

E: Fazer a diferença?

J VI: Sim.

E: Que juntos podem fazer a diferença? Ok. Obrigada, J VII. E como é que, houve impacto com esta atividade? Conseguiram mobilizar?

J II: Houve muito impacto!

E: Muito? J VII, até arregalaste os olhos agora. (Risos)

J II: Porque a contagem foi um pouco complicada.

E: A contagem foi complicada?

J II: Sim, porque era muita coisa de alimentos. Nós tivemos que fazer a contagem de um a um.

E: Um a um? De tudo que receberam?

J VII: Sim.

J II: Sim, por exemplo, quantas latas de atum tinha, quantos...

J VII: Eram bastantes produtos para mulher, tipo pensos higiénicos...

J II: Eu fui contar e tinha para aí uns quinhentos e tais e tampões a mesma coisa.

E: Wow! (surpresa) E foi só escola ou comunidade também envolvente que ajudaram?

J VII: Escola.

J II: Foi só escola.

E: Ok. A escola conseguiu isso tudo?

J II: Sim.

E: Então, vocês fizeram uma grande mobilização.

J VII: Sim, mas também houve dificuldades ao contar, porque eram muitas coisas e nós nem sabíamos por onde começar.

E: Não estavam também à espera de receber tanto, é isso? Ok. Mas superaram esse desafio. Entretanto, já nem está nada aqui, portanto. Já está a ser útil para alguém. E sentem que trabalharam aqui algum pilar ou eixo?

J II: A empatia. Serviço. O eixo... eu nunca sei qual é...

E: A J VI se calhar ajuda-te.

J II: Aquele eixo que dissemos à bocado...

J VI: Ética do cuidado?

E: Ética do cuidado? Sentiram que trabalharam a ética do cuidado?

J II: Acho que era a ética do cuidado e não sei que mais.

E: Ah, outro? Da liderança servidora?

J II: Da liderança servidora. Porque nós servimos os que precisavam de ajuda.

E: Ok. E lideraram um processo, aqui, de facto. Ok J VII, escreves isso tudo?

J VII: Começo como?

E: Espera aí. Vamos começar do início! Vamos lá. Qual é a atividade? Quem é que ajuda a J VII?

J II: Recolher produtos...

J VI: Recolha de produtos.

J II: Recolha de produtos de higiene e...

J VI: Mete só recolha de produtos.

E: Porque foram vários. Foi de higiene, de alimentação, roupa...

J II: Têxteis.

E: Têxteis, exatamente.

J II: Para ser mais precisa...

E: Ainda agora, a Mariana disse, então, que juntos podem fazer a diferença, não foi? Queres escrever isso também?

J II: É amarela e azul, assim, não é?

E: Estás a fazer a bandeira da Ucrânia?

J II: Sim. É assim, não é?

E: Amarela e azul.

J II: Aham...vou exprimir a ideia ou não dá...

E: Ok. E os pilares e os eixos...

J VI: Ética do cuidado... e liderança...

E: Queres ajudar ali?

J VI: E a liderança, não é?

J II: É...hum...

E: Liderança servidora?

J II: Sim.

J VI: Liderança servidora. (a sussurrar)

J VII: Liderança quê?

J VI: Servidora.

E: O que é que acham que é a liderança servidora? J II? J VI? J VII? O que é que acham que é a liderança servidora?

J II: Liderança servidora. É sabermos liderar para pudermos ajudar, para pudermos servir, prestar serviço à comunidade.

E: Ok. Sentem que são líderes servidores no Clube? Ou não? Ou líderes em construção?

J VI: Em construção.

E: Em construção? Porquê? O que é que têm e o que é que ainda vos pode faltar? O que é que achas, J VI? Sentes que és uma líder?

J VI: Aham. (a concordar)

E: Porquê? Sentes que podes ser uma líder?

J VI: Não.

E: Então, porquê?

J VI: Porque acho que para ser uma líder é preciso ter, talvez, confiança e... como é que eu hei de explicar, tipo, temos que saber o que fazemos e saber depois ajudar os outros. E... eu não estou preparada para isso e acho que é uma coisa difícil, então, eu acho que não, muito menos no Clube.

E: Porquê muito menos no Clube?

J VI: Porque no Clube, pelo menos no Clube de agora, é muito difícil ser...

J VII: Líder.

J VI: Exato. Ser líder e conseguir com que alguém tipo... te perceba e te ouça, sem querer, por exemplo, mandar-me-te nem mandar-te fazer coisas e isso.

J VII: Eu acho que... eu acho que todos no Ubuntu, temos, tipo, a mania, entre aspas, de mandar os outros fazer... e alguns não sabem aceitar isso. Acaba por não dar muito resultado.

E: Ok... Então, o que é que poderíamos, o que é que poderia ser diferente? O que é que...

J VI: Ser líder é, tipo, supostamente saber comandar, mas...

J VII: Também é preciso...

J VI: Perceber os outros e...

J VII: E que os outros o percebam.

J II: É ter empatia e, pronto, colocarmo-nos no lugar dos outros, algumas vezes.

E: E sentem que falta isso?



J VI: Sim.

E: Ok. Muito bem. Obrigada. Mas acham que podemos ter líderes aqui? Ou nem por isso?

J VI: Não.

E: Não? Nem vêm potencial?

J VI: Não.

E: Ok. Muito bem. Obrigada. Sobre esta atividade, querem dizer mais alguma coisa? Da recolha para a Ucrânia.

J VI: Hum, não.

E: Ok. Lembram-se de mais alguma atividade que queiram referir?

J II: Estivemos a pintar o símbolo da liberdade...

E: Da liberdade?

J II: Da paz! Da paz.

E: O que é que isso significa? Porquê que pintaram o símbolo da paz?

J VII: Por causa da Ucrânia.

J II: Por causa da guerra que está a haver na Ucrânia.

E: Diz. Desculpa, J II.

J II: Por causa da guerra que está a haver na Ucrânia.

E: Ok. E o quê... E gostaram de fazer essa atividade?

J VI: Hum... (a discordar)

E: Não? Porquê?

J VI: Porque... (inaudível)

E: O que? Desculpa, não ouvi.

J VI: Além de não ter sido, tipo, muito bem planejada...

E: Ok.

J VI: Porque não tínhamos as tintas certas, nem nada do tipo. E muitas pessoas não trouxeram a roupa adequada. Além disso, acho que... é o que eu tinha, tipo dito até agora, porque eu acho que é a coisa mais importante no Clube, aham... não chamar à atenção a certas pessoas e só estavam preocupados em mandar nos outros e fazer... eles tornaram uma atividade que era suposto ser divertida, numa atividade eu mando e tu fazes. E isso não... tanto que nem sequer acabamos. Portanto, não foi nada organizado.

E: Ok. Portanto, essa não foi uma atividade que tenham gostado muito?

J VI: Eu não.

E: Tu também não? E tu, J II?

J VII: Acho que se tivesse tido, tipo, entre aspas, a atenção de todos, talvez teria corrido melhor.

E: Ok. Sentem que nem toda a gente participou da mesma forma. Ok. Tranquilo. Querem escrever isso também? Acho que também é importante. Mas, como é que surgiu a pintura do...

J VI: Do símbolo da paz.

E: Do símbolo da paz.

J VI: Foi... Foi só a Edu I e a Edu II que chegaram e disseram que nós tínhamos que pintar aquilo, num determinado tempo e...pronto, elas só disseram que era...fizeram uma breve explicação sobre o que era e mandaram-nos fazer aquilo e nós fomos.

E: Sentem que as coisas são mais “mandadas” pelas educadoras?

J VI: Sim.

E: Então, o que é que acham que podia ser diferente? Não são ouvidos? São mais... não são orientados, são mais impostas as coisas?

J VI: Sim.

E: É isso, J VII, também? Sentes que as coisas são impostas pelas educadoras? E não...

J VI: E não só pelas educadoras.

E: Não? Ok. Então?

J VI: Muitas pessoas daqui, do Clube, também, tipo... eu vou ter de dizer a mesma coisa outra vez, porque, tipo, eles preferem... Eu não sei o que é que eles pensam, mas eles só chegam e invés de estar a fazer, de se preocuparem em fazer o seu lugar no Clube e fazer a diferença, preocupam-se em só liderar de uma forma excessiva e mandar nos outros e é isso. E as educadoras não fazem nada quanto a isso.

E: Ok. Mas já partilhaste isso com elas?

J VI: Já.

E: Ok. E não fizeram nada?

J VI: Não...

E: Ok. Obrigada, J VI, pelo teu contributo. Já escreveram aí, a representação que tinham dessa atividade? Portanto, que não gostaram, que foi mal-organizada. E que sentem que, que foi imposta. É isso, J VI? Ok. E tu, J II? Qual é a tua opinião?

J II: Para mim, foi mais ou menos, porque no momento em que eu estava a pintar, para além de ser engraçado porque eu nunca tinha pintado uma coisa antes na vida, nunca tinha pintado uma coisa tão grande, foi uma experiência de vida, que eu espero não fazer outra vez...

E: Não gostaste de pintar?

J II: Não sou de pintar, mas eu, quando estava a pintar, acabei por conhecer, por exemplo, estava à conversa com o J IV, com a J I, e deu para conhecer um pouco mais eles os dois, deu para fazer algumas... deu para ter algumas conversas com a X e ter alguns momentos engraçados, quando nós pintávamos sem querer o cabelo...

E: Wow. (Risos)

J II: As mãos, os braços... Andamos a correr atrás da J II para lhe pintar a testa.

E: Então, houve muita brincadeira no meio.

J II: E quando a J II tentou pintar o J IV e ele começou a gritar.

E: (Risos) Muito bem. Mas sentes que...

J VI: Escreve com marcador. (a sussurrar)

E: Que foi imposta a atividade?

J II: Eu, eu, eu não ouvi bem. Eu tinha pensado que era, que eram todos os Clubes que tinham-se juntado para fazer a atividade.

E: Ah, ok. Podia ser interessante também.

J II: Eu pensava que era todos os clubes que iam fazer essa atividade e que iam participar todos os Clubes. Eu tinha, eu tinha ouvido isso, posso estar errada, posso porque, às vezes, a minha concentração não... não dá.

E: Hum hum. Ok. Gostavam de acrescentar mais alguma coisa?

J VI: Ah...não.

E: Há mais, aqui, alguma atividade? Que se lembrem, que gostassem de referir... alguma atividade que tenham gostado.

J II: Das sessões?

E: Podes referir o que tu quiseres.

(Silêncio)

E: Não?

(Som de marcadores a serem usados na cartolina)

E: J VII, J VI? Querem acrescentar mais alguma coisa? Mais alguma atividade que tenham gostado? Que não esteja aí ainda...

(Silêncio)

E: Não?

J VI: Não.

E: Ok. Então, para finalizar, será que podiam, até pode ser em palavras soltas se quiserem e em texto, qual é o impacto que a vossa participação no Clube tem na comunidade escolar? O que é que acham? Se tem impacto...

J VI: Posso? Grande impacto.

E: Grande impacto?

J VI: Sim.

E: Porquê?

J VI: Porque as atividades que nós fazemos é, por exemplo, eu acho que os outros alunos gostam das atividades que fazemos e é meio como uma forma de... por exemplo, alunos desta escola não são muito de ajudar os outros e isso, e eu acho que o Clube é uma forma de incentivá-los, encaminhá-los para poderem ajudar um pouco as outras pessoas.

(Sessão interrompida por cerca de um minuto, por um auxiliar a pedir para ser fechadas as persianas)

E: Queres ajudar a J VII a escrever isso aí sobre o impacto?

(Som das persianas a serem fechadas)

J II: Fazemos a diferença.

E: Sentes que fazem a diferença?

J II: Sim.

E: De que forma?

J II: Com atos pequenos conseguimos fazer a diferença porque conseguimos ajudar.

(Som de persianas a serem fechadas)

E: Desculpa. Espera um bocadinho que eu não estou a ouvir.

(Auxiliar da escola a cantarolar e som de persianas a serem fechadas)

E: Que boa disposição! Essa não dá.

J II: Essa não fecha.

(Auxiliar a partilhar as tarefas que iria fazer com as jovens, inclusive arrumar os pneus que eles tinham estado a pintar na sessão)

E: O que é que tu achas, J II?

J II: (A sussurrar)

E: Estavas a dizer que faz a diferença, o Clube.

J II: Aham. (Pensativa) Fez a diferença algumas atividades que fizemos, porque conseguimos ajudar a sociedade. Ajudar as pessoas que literalmente estavam a precisar, por exemplo, quando ajudamos na recolha para a Ucrânia...elas foram pessoas que foram obrigadas a sair do seu país, por motivos que eles nem sequer tiveram culpa, por uma

guerra que não devia ter acontecido, nem devia de estar a acontecer e que elas tiveram que sair do seu país, para vir para outros países por causa da guerra e depois elas devem-se sentir...podem ter visto muitas coisas e estar com alguns problemas psicológicos por causa disso, porque não é todos os dias que se ouve uma explosão, nem vêm pessoas que cortam... (Som de porta a bater com força) nem coisas desse gênero. Pode ser difícil para elas adaptarem-se, por exemplo, adaptem-se ao país em que estão...

E: É verdade...

J II: Por vezes, porque não sabem falar a mesma língua, têm de aprender e, por exemplo, ao nível do português não é uma língua muito fácil, não é uma língua muito fácil, então...aham (pensativa)... para as raparigas desta escola que vieram da Ucrânia, acho que foram duas, que eu sei o nome, que é D e a outra não sei o nome direito, mas...aham (pensativa)...praticamente, não é fácil falar português, mas elas já se conseguiram adaptar mais ou menos, por exemplo, já dizem bom dia, olá, boa tarde e algumas palavras. E sinto que estão-se a integrar na comunidade escolar e os alunos também estão, alguns alunos também estão a ajudar para elas se sentirem mais à vontade, porque, acho que também se fosse no nosso caso, nós, também, não nos sentíamos bem a sair do nosso país e a irmos para um país desconhecido em busca de felicidade e paz, que é uma coisa que todos nós já devíamos ter, sem pedir.

E: Hum hum. (a concordar) Ok. Obrigada. Conseguem só escrever a ideia da J II? Ou já conseguiram escrever? J VI e J VII?

J VI: Já escrevemos... a que eu tinha dito.

E: Ok. J II, ajudas aí a J VI?

J II: Hum. (Pensativa) Tivemos impacto...

E: Ou a J VII. (Risos) Disseste fazer a diferença, não foi?

J II: Sim.

E: Queres especificar só como fazer a diferença?

J II: Ajudar em pequenos gestos.

E: Ajudar com pequenos gestos.

J II: Que podem-se tornar grandes.

E: Ok...

(Som de marcador a ser usado na cartolina)

E: Queres acrescentar alguma coisa, J II?

J II: Acho que não.

E: Ok. J VII? Quando terminares aí...

J VI: Que se podem tornar grandes. (A repetir para a colega que estava a escrever na cartolina)

E: A J II tem uma boa memória.

(Som de marcador a ser usado na cartolina)

E: Boa. J VII, e tu? Sentes que há, aqui, algum impacto na comunidade escolar?

J VII: Sinto...

E: Queres especificar alguma coisa?

J VII: Não, eu concordo com elas.

E: É? Não queres acrescentar nada da tua opinião?

(Silêncio)

E: Ok. Gostavam de acrescentar alguma coisa sobre a forma como vivem o Clube, como sentem o Clube?

(Silêncio)

J VI: Hum... (Pensativa) Não.

E: À vontade, J VII.

J VII: Eu acho que no Clube devemos ter mais organização sobre as ideias, ou seja, estamos a fazer uma ideia e não começar a fazer logo outra porque devemos terminar primeiro essa e, depois, sim, começar outra. Para não deixar tudo ao monte e deixar uma por acabar...

E: A meio...

J VII: A meio, depois.

E: Ok, boa sugestão.

J VI: Concordo com ela.

E: (Risos) Obrigada, J VII. Mais alguma ideia que gostassem de partilhar? Alguma sugestão?

(Silêncio)

E: Apesar de, destas circunstâncias que partilharam, gostam de estar no Clube?

J II: Sim.

E: Veem-se a continuar no Clube?

J II: Sim. Sim.

J VII: Acho que sim. Se correr bem...

E: Ok. E tu, J VI?

J VI: Hum... (Pensativa)

E: Ainda não sabes? Ok.

J II: Eu estive a falar com umas colegas minhas e elas disseram que vinham provavelmente para o ano.

E: Hum, hum. (A concordar)

J II: Então, provavelmente o Clube vai aumentar.

E: Quando vocês dizem que estão no Clube Ubuntu, as pessoas não vos perguntam mas o que é que é isso?

J VII: Sim, eu disse à minha mãe.

E: E o que é que lhe disseste?

J VII: Disse à minha mãe que ia começar a andar no Ubuntu e ela perguntou-me o que é que era. E eu disse que era um Clube que... íamos fazer atividades e que ia ser bom para mim, talvez.

E: Ok. E sentes que tem sido bom de alguma forma?

J VII: Às vezes.

E: Porquê?

J VII: Porque...

E: Caminhar?

J VII: Não. (Risos)

E: Então, o que é que estás a tentar fazer com os gestos? (risos)

J VII: (Risos) Não sei explicar.

E: Não?

(Silêncio)

J II: O que é que tinhas dito? (jovem a questionar a jovem J VII para acrescentar ideia na cartolina)

E: Ok. Querem acrescentar alguma coisa? Gostavam de partilhar mais alguma coisa?

(Silêncio)

E: Não? Sim?

J VI: Não.

E: Não?

J VI: Não.

E: Ok. Então, só me resta mesmo agradecer o vosso tempo, a vossa partilha, e, acima de tudo, a vossa honestidade e transparência. Obrigada. É muito bom contar convosco.

(fim de gravação)

## Anexo 6 – Transcrição da Entrevista Educadoras

Entrevista 1	Data: 04.05.2022
--------------	------------------

### **Educadoras**

Sexo: Feminino

Idade: Educadora I – 49 anos | Educadora II – 44 anos

Duração da entrevista: 56m44s

Edu I: Para datas e orientação, se calhar é melhor o relatório.

E: Se tiverem aí e quiserem ter o relatório, estejam à vontade.

Edu I: Só porque nós... É assim, nós começamos com as semanas Ubuntu em janeiro, certo?

E: Não. Foi em Abril...

Edu I: Então...

E: Foi quando foi... Quando saímos do confinamento. Janeiro foi confinamento. Ainda, foi em Abril de 2020... 2021...

Edu I: Ah! Então, só começamos o Clube Ubuntu em Abril. No final de Abril. Não foi?

E: Eu acho que tinha uma data específica, não sei se foi no final de Abril.

Edu II: Nós no ano letivo 2019/20... 19/20 foi quando fizemos a apresentação... Eu estava contratada a meio tempo e, aí, já houve uma abordagem para o Ubuntu e etc. Nós fizemos a formação...

E: Exatamente.

Edu II: Foi a seguir que isto aconteceu.

E: Foi em 19/20 que vocês começaram o projeto. Neste caso, a Gabriela estava nesse ano letivo, não é?

Edu II: Exato.

E: Fizeram a formação. A primeira, no pré-covid.

Edu II: Sim, pré-covid. Nem imaginávamos que íamos passar por isto! (risos)

Edu I: Pois, pois. Porque depois houve o confinamento em Março. Começou em março, abril...

Edu II: E depois, quando no ano a seguir íamos começar...

E: Fizeram formação, ainda, não foi? Foi aí que já entrou a Edu I, 20/21.



Edu II: E foi aí que também conhecemos os... Que os educadores se formaram, portanto, isso também é interessante. Porque, depois, daquele ano, houve aqui um final, não é? Ou melhor, uma etapa que acabou.

E: Pois, na realidade, o projeto já está no terceiro ano letivo aqui na escola.

Edu II: Exatamente.

Edu I: Eu só comecei o ano passado. Ano passado, não. Ano passado letivo. Mas pronto, então nós no ano passado, o clube começou... no terceiro período ou segundo? Ai, eu sou mesmo má com datas.

Edu II: Hum... no segundo?

Edu I: Foi no segundo?

Edu II: Foi depois das semanas.

Edu I: Pois, é isso que estou a dizer. Mas, então, não foi em abril?

Edu II: Deixa-me ver aqui... (som de cliques do rato enquanto procurava no relatório a data específica)

Edu I: Nós começamos a trabalhar... e tivemos aqui um grupo que começou logo a trabalhar na... Naquelas questões de... da comunidade vizinha, dos alunos da escola e do... Qual é a terceira?

Edu II: Nós já estamos...

E: Espaço físico?

Edu I: O espaço físico.

Edu II: Nós já estamos a falar sobre...

E: Sim. A ideia é falar um bocadinho da evolução do clube, não é? Quando se iniciou, como é que foi a evolução até aos dias de hoje, com o número de participantes e as entradas e as saídas, a sua evolução em termos de atividades, de participação. Mesmo a visibilidade, aqui, na escola, do clube...

Edu II: 5 de maio de 2021!

Edu I: Faz um ano!

Edu II: E é hoje...

E: Amanhã, amanhã.

Edu I: Amanhã, amanhã faz um ano... podemos tentar....

E: Amanhã um ano?

Edu I: Exatamente...

E: Parabéns.

(risos)

Edu II: Dá azar dizer antes do dia... Ainda acontece alguma coisa. (risos)  
Então já estamos em... em narrativa da coisa, é isso?

E: Sim.

Edu I: Já está a gravar.

E: Sim, já comecei. Espero que não se importem.

Edu II: Pronto, então nós tivemos 19/20... foi quando o projeto entrou, aqui, no agrupamento... que houve a apresentação do projeto e se decidiu quem eram, no fundo, os professores e as pessoas que iam estar envolvidas e fazer a formação. E depois, fomos fazer a formação. Percebemos a metodologia. Percebemos que ia ser aplicado, cá, em Gaia. Iniciamos com as semanas e aí acho que a escola ou agrupamento terá tido esta iniciativa de fazer... a contratação de técnicos específicos para... para isso. Neste caso, eu ficar com meio tempo, mais meio tempo, que eu já estava cá. E a Edu I também ser contratada. Então, pensamos no perfil, que também acho que isso pode ser interessante. O perfil da pessoa para estar nesta atividade e chegamos à conclusão que era bom alguém da área da animação sociocultural, com um perfil, assim bastante variado e que pudesse ser bom em termos de contextos escolares, e veio a Edu I, não é?

Edu I: Que não é animadora... (risos)

Edu II: Não é animadora, mas dos candidatos tinha mais perfil neste âmbito, porque tinha uma série de características que eram importantes depois para a dinamização da coisa. Pronto. E entretanto veio a Edu I e... e houve mais formação...

Edu I: Fui a formação, não é? Em dezembro.

Edu II: Em dezembro e, depois... implementamos as primeiras semanas. Quer dizer só a seguir, porque a seguir veio a pandemia, pronto.

Edu I: E, durante a pandemia, foram feitas várias atividades no espaço virtual, não é? Como o museu virtual do autoconhecimento, que envolveu todas as turmas da... da Escola Básica, digamos assim, não envolveu escola... escolas do primeiro ciclo nem do pré-escolar, mas envolveu todos os do terceiro ciclo. Todas as turmas do terceiro ciclo. E, então, durante a pandemia, foram feitas algumas atividades, como os recreios para o segundo ciclo e para o terceiro ciclo. Os recreios Ubuntu e, também, em colaboração com a *Teach For Portugal*, com a Edu C, realizamos, pronto, várias atividades e foi correndo bem. Mas, depois, começamos realmente a fazer a... a trabalhar nas semanas ubuntu. Realizamos 6 semanas Ubuntu no 1º ano e envolvemos 2 turmas de 7º e 4 (turmas) do 8º ano. Os professores ficaram um pouco renitentes porque os alunos iriam ficar sem uma semana de aulas ou o que é que iria ser isto, Ubuntu, etc, etc. Mas entretanto, também

começaram a perceber a... os resultados, mais ou menos efetivos em cada turma e também começaram a entender um pouco que era isto. O clube Ubuntu também veio reforçar um pouco esta ideia do Ubuntu, do que é Ubuntu, do que é o clube Ubuntu... também fizemos várias atividades no ano passado.

E: Em que medida é que sentes que o clube ajudou nisso?

Edu I: Ahm... Eu penso que o Clube ajudou a ter uma visibilidade do o que é o Ubuntu, de não ficar encerrado ou... a Academia, digamos assim, o Ubuntu, numa semana, não é? Digamos assim, houve esta continuidade, os alunos quiseram... continuaram com... no Clube, não é? Que participaram nas semanas, continuaram a participar nas atividades do Ubuntu, no Clube. E houve outros tantos que não participaram, não é? Mas muito mais os que não participaram. Mas pronto, aqueles que participaram, sentimos que se envolveram ao ponto de mostrar aqui, na escola, o que é o Ubuntu. Nomeadamente, fizemos várias atividades que também vamos sendo reconhecidos, como o mural Ubuntu, que foi o primeiro mural que se fez aqui na escola. Agora já estamos a ser seguidos por outro clube, que é o Gaia+ Saúde, portanto, no fundo, estamos aqui, a servir um bocado de percussores, digamos assim, de algumas iniciativas. Também de várias campanhas de recolha de alimentos, portanto, aquele lado, também, um pouco mais, entre aspas, missionário, digamos assim. Somos sempre solicitados pela direção da escola, que o Clube Ubuntu é que costuma fazer, então, já é quase tradição, nós... Por isso é que o nosso Clube está naquele estado, não é? A nossa sala. Que era isso que estávamos a comentar, cheia de tralha porque, efetivamente... tralha não. De bens que foram recolhidos porque, efetivamente, é tipo a sala do Clube Ubuntu é que vai tudo para lá, porque nós somos, um bocado, os percussores, digamos assim, de... deste tipo de iniciativas. No fundo, também, os outros Clubes não têm muito esta, não é? Esta, esta missão, entre aspas, portanto são outro tipo de Clubes. De fotografia, outro tipo de responsabilidades. O Clube Ubuntu aqui é visto como o Clube que, pronto, trabalha mais a empatia pelos outros, o cuidado... a ética do cuidado, etc. Portanto, somos mais solicitados nesse aspeto. Mas, também, gostamos muito de desenvolver atividades no domínio do autoconhecimento, de eles trabalharem outro tipo de jogos, trabalharem outro tipo de discussões, estamos sempre a fazer esta ponte, não é? Porque que é importante fazermos isto, porque que é importante termos feito aquela atividade, ou esta. Mesmo hoje. Porque que foi importante... porque que é importante nós assistirmos a este tipo de coisas, porque que nos convidam a nós, e não convidam outro tipo de Clubes, não é?

Aham... Pronto, e é isto que... que nós temos sentido que fazemos alguma diferença, digamos assim.

E: Portanto, para além das atividades fora, para a comunidade, também sentem que precisam de trabalhar dentro, os jovens, e continuam a fazê-lo? É isso, não é?

Edu II: Sim, principalmente temos tido este cuidado sempre da regularidade e do encontro, e disto ser uma rotina para eles, e de temos, também, aqui formas de comunicar com eles. Portanto, quase esta coisa de... eles já sabem que àquela hora, naquele dia, acontece aquilo e estamos ali X tempo. Eles não sabem, propriamente... nós temos o plano e vamos contruindo com eles o plano, mas, depois, semanalmente, implementamos as atividades, mas sabemos que há o encontro. E é nesse encontro que, também, queremos desenvolver estas competências mais pessoais que a Edu I estava a dizer, porque, também, vamos sentido que eles como vêm das semanas, mas são turmas diferentes, também temos, aqui, o desafio de se constituírem como grupo. E eles, de facto, têm características diferentes uns dos outros, não é? Podemos ter ótimos alunos, muito empenhados, muito bem-comportados, como podemos ter alunos mais difíceis, com piores resultados escolares, mais desestabilizadores... e... Para fazermos todas estas coisas, também... essa parte também tem de ser salvaguardada. Mas, acho que, o que fomos sentindo é que se eles, depois, estiverem nisto, também, depois, nas atividades dinamizadas, nas coisas mais da prática, digamos assim, de mãos à obra, não é? Pegando no manual do Clube, que também é um recurso útil. Neste sentido que eles também se vão envolvendo de formas diferentes, conforme as características deles.

E: Ok, muito bem. E, também, referiram aí do Clube mostrar o que é que é ser ubuntu. E já fui vendo nas sessões que tenho vindo a acompanhar, que eles muitas vezes referem que “isso não é ser Ubuntu”, “isto é ser Ubuntu”. O que é ser Ubuntu aqui no Clube do Agrupamento de Escolas Júlio Dinis?

Edu II: Isto tem a ver com o que fomos trabalhando nas semanas e a questão da identidade deles, não é? Que será alguém que é mais cuidadoso com o outro, que será alguém mais atento ao outro, não só próprio umbigo, não é? Na consequência que o seu próprio comportamento tem no outro e ter aqui... lá está. É a ética do cuidado, não é? Que isto congrega estas coisas todas, mas é alguém que está, que... que tem de ser um exemplo para os outros, em termos de conduta, de integridade, enfim. E eles percebem. Eles têm interiorizado o que está bem e o que está mal, no geral, não é? E depois, e quando não têm, também há aqui uma chamada de atenção, e como eles também estão a níveis diferentes, nesta coisa do raciocínio moral ou destas coisas, também uns vão chamando a

atenção aos outros. E, às vezes, não é preciso muito para eles saberem que a coisa não está a correr muito bem, mas pronto, acho que eles vão adquirindo esta noção... lá está. Porque eu e a Edu I acho que vamos insistindo sempre na mesma linha, nos mesmos tipos de comportamentos, vamos discutindo muito esta parte da consistência. Do minino estar salvaguardado, do respeito pelo outro, que isso é que o traz, também, a metodologia e a lógica, e a filosofia da coisa, não é? Que vem das semanas e que, depois, aqui, nós tentamos manter. Claro que isto demora tempo, mas, ao longo do tempo... acho que eles vão percebendo que é serem o exemplo, serem cuidadosos, olharem mais para as coisas pelo bem coletivo, quer dizer, pronto, esta parte...

Edu I: E mesmo nós também, pronto, o nosso trabalho não encerra na hora e meia de clube que nós temos, não é? À quarta-feira. Portanto, muitas vezes, também, somos solicitadas fora do horário, não é? Digamos assim, do Clube. Para resolver alguns problemas, e está triste, - Porquê que estás triste? O que é que aconteceu? - Portanto, eles sentem em nós aquela confiança de poderem, também, estarem à vontade, como estava a dizer a Gabriela, ainda há bocado no clube, durante o clube, mas não sentem que nós somos professores...

Edu II: Não se sentem julgados.

Edu I: Não se sentem julgados, não se sentem avaliados, portanto, têm sempre aquela garantia, digamos assim, que podem ser verdadeiros connosco. Daí, se calhar, não tenho tanta dificuldade em dizer - Ah! Tu não estavas a ser Ubuntu, há bocado, porque fizeste isto, não sei quê. - Nem é tanto de queixa, de se estarem a fazer queixinhas, entre aspas, mas é mais aquela questão de, também, terem alguma... alguma vontade, não é? Que todos sejamos Ubuntu, não é? Que todos... Eu sinto isso, que eles, nem é pelo julgamento, não é? É mais tipo - podias fazer isto, porque isto é que é ser ubuntu, aquilo não é ser ubuntu. - Se calhar esta ideia, também, de cuidar uns dos outros, na perspetiva de... na perspetiva de se ajudarem, não é? Também auto motivarem-se e hétero motivarem-se a terem um comportamento cada vez mais adequado e mais Ubuntu, digamos assim. Eu penso que isso é muito interessante. Eu sinto que eles têm mesmo, nem precisamos quase de ser nós a estar a dizer - Ai! Fizeste isto, não sei que e não sei que mais.- Eles próprios se regulam e eu acho que isso é interessante, ou seja, eles já têm bem presente quais são um pouco...

E: Os pilares e...

Edu II: Sim.

Edu I: Exato. E quais são as regras, não é? Como é que eu me devo de comportar, o que é que eu devo fazer. Eu nem diria que eram regras, diria mais... mais...

E: Uma forma de estar?

Edu I: Uma forma de estar e... o código de conduta.

Edu II: A questão do regulamento acho que também ajudou. Nós termos discutido isso com eles. Mas, depois esta modelagem que vamos fazendo, também do... por exemplo, hoje a Edu I estava a dizer uma coisa muito importante do que... um aluno do Clube tinha estado com Covid e, então, nós temos um grupo no Whatsapp, que também foi para nós um dilema se o criávamos ou não, como é que íamos estabelecer os limites disto. Mas, quando ele estava doente, realmente houve uma abordagem com ele - Então, está tudo bem? - E esta coisa, até do tipo de coisa que eles vão dizendo ali, por vezes, chamar a atenção, balizar, o que é que podem ou não podem e gerir, também ajuda. Porque eles vão percebendo que, quando alguém esta doente, é suposto o grupo... pronto...

E: E mantem a proximidade?

Edu I: Sim.

Edu II: E... e eles, ali, naquele grupo, também, experimentam isso ou vêm, alguém a fazer, alguém a perguntar...

Edu I: Eu acho que é muito... exato. Eu acho que é muito... nós estamos, aqui, se calhar eu e a Edu II somos muito parecidas nisso. Estamos aqui muito não para estar sempre a questionar e a comentar, estamos aqui, também, para fazer as coisas pelo exemplo, não é? No fundo é quase como um testemunho, digamos assim, pelo nosso, pela nossa conduta, por aquilo que nós fazemos, pelo nosso exemplo. E eu sinto que eles, depois, também observam, porque eles estão sempre curiosos a observar, e é normal. Viste que há bocado eles também...

Edu II: Para o bem e para o mal. (risos) sim. Quando eu falei, eles, o...

Edu I: O J VIII.

Edu II: Sim. Me disse não sei o quê e eu estava mesmo à espera e muito bem!

Edu I: Sim, o - Tu também não podes falar. - Portanto, nós, também, temos de estar sempre com esta...

Edu II: E muito bem.

Edu I: Com esta questão de nos balizarmos a nós próprias e de, com um olhar também, de gerirmos as coisas e as consequências, porque temos, aqui, alunos muito, como estava a dizer a Edu II...

E: Diferentes.

Edu I: Muito diferentes. E temos miúdos que são completamente exemplares, bons alunos, etc, como temos miúdos que são uns rufias, que não sabemos como é que eles vieram parar ao Clube Ubuntu, mas achamos extraordinário. Como é que eles são tão rufiões, não é? E como é que eles vieram aqui parar? É engraçado como é que este Clube, que é um Clube de exemplo, que vêm parar, aqui, miúdos que muitas vezes os diretores de turma até dizem - Então, ele não anda no Clube Ubuntu? -. Sim, mas não é propriamente Deus, ele não se converteu a uma religião. Ele anda no Clube Ubuntu, está aqui, tem-se portado bem, mas, no Clube até se porta bem e é verdade, não é? É participativo, porta-se bem e etc. Ou é participativo, apesar de, realmente, na sala de aula...

Edu II: A qualidade da participação...

Edu I: Sim, mas, em sala de aula, muitas vezes, entra... em discussão com o professor, ou com a professora, é mal educado... Conosco isso não acontece.

Edu II: Porque eles remetem, nós, também, tentamos remeter mesmo para esta auto observação. Do... não é? E, se calhar, temos mais tempo para isso do que um professor. Obviamente, não é? Que tem de dar a matéria, e não sei o quê. Mas, nós preferimos perder tempo com essa parte, porque sabemos que, a seguir, vamos ganhar alguma coisa com isso. Pronto.

Edu I: Sim. Nós sempre que existe algum problema, e têm surgido vários, não é? Problemas fora do clube, fora... no recreio, onde quer seja, em turma. Eles trazem para cá, nós perdemos sempre ali, entre aspas, não perdemos, ganhamos sempre tempo a desconstruir o que é que aconteceu, porque que aconteceu, o que é que devemos fazer, o que é que não devemos fazer, etc, Nós temos feito esse trabalho e sentimos que vai surtindo algum efeito e eles criam empatia. Se calhar - Ah, 'tábem, ela fez isto porque se calhar tem um ambiente em casa - ... Não é desculpabilizar, porque não temos...

Edu II: Mas é compreender.

Edu I: Mas é compreender porquê. Porque eu acho que, às vezes, custa-lhes muito a colocarem-se nos sapatos dos outros, não é? Parece que ficam tipo - Ah! Mas ela faz sempre isto. - Mas, então, ela faz sempre isto porquê? Porquê que vocês acham que isto acontece? Porque temos, aqui, miúdos que realmente são problemáticos, não é? E com muitas negativas. Com pouco... fraco, fraquíssimo desempenho escolar.

Edu II: Como temos alunos de mérito não é? É verdade... É engraçado. Portanto, esta ideia até que se tinha antes, - Ah! Para o Clube Ubuntu vão... - Nós ouvíamos de outras escolas, mas a experiência de outras escolas era vamos fazer isto, seleccionamos o grupo

daqueles mais complicados, e... É assim, nós, do que também temos refletido, isto é... a lógica tem de ser abrangente. Depois, a seguir, é aberto, quem quiser vem, porque se for demasiado... são aqueles, porque aqueles é que são os problemáticos, ou o contrário.

Edu I: Às vezes são os betinhos que vão para o Clube

Edu II: Pronto, depende das escolas e a maneira que isto acontece. Mas, se calhar, a mistura é que, também, traz, aqui, alguma coisa de novo.

E: Ok. Quantos miúdos têm a participar, neste momento, no Clube?

Edu I: 12.

E: E porquê que sentem que eles optaram por entrar no Clube e, tendo em conta aquilo que também já falaram, fizeram... foi 6 semanas, mas depois fizeram ainda mais semanas este ano letivo, correto?

Edu II: Sim.

Edu I: Certo, 4.

E: Exato...

Edu I: Foi só para os oitavos anos, este ano.

E: Como é que sentem que optaram por não ingressar no Clube? Porque? E os restantes, porque que entraram? E porque uma mistura assim tão diferente de perfis?

Edu II: Eles à quarta-feira têm uma série de Clubes, aqui, na escola, com muita tradição. Acho que isso também é um aspeto importante, porque são Clubes que já têm aqui uma história diferente e, aqui, uma consistência diferente. Depois, isto sendo novo... aham... eu acho que há, aqui, um fenómeno, assim pensando... a questão da semana ubuntu mexe, ali, com muitas dimensões psicológicas e emocionais e, acho que, às vezes, pode haver esta ideia de que no Clube, também, vamos só mexer nesta parte, ou... e que isso, às vezes, pode criar aqui alguma resistência. Por isso... porque eles, às vezes, dizem - Ah, não sei quê, e agora vamos chorar? - Assim uma coisa com... Alguns momentos da semana tinham sido tão emotivos que eles tinham esta... no início, eles perguntavam se iam, pronto...

E: No Clube?

Edu II: No Clube. E... aham... Esta é a minha ideia, pronto, e, às vezes, falamos

Edu I: É a tua ideia e não. Foi mesmo verdade. Porque havia pessoas, por exemplo, aquela miúda, a J F, que pensava que o Clube Ubuntu serviria para continuar o trabalho...

Edu II: Das semanas.

Edu I: Das semanas, e é efetivamente. Mas, não é na linha da semana.

E: Tão intensa?



Edu II: Exato!

Edu I: Não é na linha da semana, porque nós temos 4 áreas de atuação no Clube, que não são as mesmas... nem sequer é a metodologia que é utilizada nas semanas ubuntu, que são os pilares, não é? Portanto, nós trabalhamos no mãos-à-obra, na... Pronto, em várias atividades...naqueles 4 parâmetros que são usados no Clube Ubuntu, que não tem nada a ver com as semanas ubuntu, apesar de trabalharmos sempre os pilares, só que de uma forma diferente, mais prática, não é? E, também, de uma forma mais lúdica. E, se calhar, há miúdos que vieram, o ano passado, que preferiam uma coisa mais, não sei, diferente. Estavam à espera de uma coisa diferente, não é? Estou a falar dos miúdos que estiveram e deixaram de estar.

(Breve paragem da entrevista, com a passagem de uma outra técnica do agrupamento para se despedir das colegas)

Edu II: (risos) Voltando... Houve miúdos que vieram e que desistiram, ahmm... mas que, lá está, também entraram outros, noutra dimensão, e, acho que ao perceberem que no Clube se fazem coisas que não abordam só esta parte mais intra, e nós temos pensado muito sobre a possibilidade de eles terem também saídas e coisas também atrativas, não é? Que não sejam só dentro da escola, daí o campo de férias, daí as coisas na escola, mas com coisas diferentes, para os motivar para virem também. Portanto, nós também sentimos que, se calhar, temos de fazer um trabalho a esse nível, mas que alguns podem não ter vindo, inicialmente, por isto, outros vieram porque também vêm subgrupos, acho que esta dimensão de virem porque uns vêm, também é importante. Isso atrai.

E: Vão puxando...

Edu II: Puxam os outros. Aham... E, depois, agora, acho que está a acontecer uma coisa que é, ou pelo menos, não sei, acho que não partilhei isto contigo (dirigindo-se à outra educadora presente). Parece que eles, agora, estão ali tão bem, quer dizer, quando nós dizemos - Então, podiam ... - - Está bem assim.- Não estão muito para a grande abertura. Pode passar um bocado por isto, a uma certa altura, já partilharam algumas coisas e estão mais...

Edu I: Estão mais família, não é? É um bocado difícil agora vir outra pessoa que entra ali e tipo. Nós já tivemos o caso do J A, que...

Edu II: Sim, veio e foi e pronto.

Edu I: Sim, porque sentiu tipo isto já está, aqui, uma família, já sabem tudo uns dos outros, já está aqui muito... e ele sente-se um bocado outsider, o que é normal, não é? Porque quando arrancamos todos no mesmo ritmo, não é? Ou, quando depois vamos assim, e caímos de paraquedas num sitio, se calhar é diferente.

Edu II: Quando eles, também próprios, rejeitam um bocado, porque se houver um elemento, há exceção do... deste... do elemento, se calhar, neste momento mais desestabilizador, eles sentirem alguém mais, também não são muito recetivos a que venha. Já tivemos isto. Aham... Com uma aluna, não é? Que é - Ah, mas ainda bem que não vem, senão não podíamos falar não sei o quê -. Assim um bocado isto. Portanto, eles próprios já, a identidade de grupo e esta ligação...

Edu I: E também é aquela privacidade.

Edu II: Pronto. E eu acho que eles também se preocupam com essa parte. Eles querem no grupo quem tenham a certeza que, a seguir, não vá dizer coisas lá fora, ou pronto, coisas que, às vezes, eles partilham. Eles podem até não se dar muito bem uns com os outros, em algum momento, mas acho que sabem que... Têm que ter essa garantia! Vá ou confiança...

Edu I: É um pouco como as semanas ubuntu, aquele crescendo que vai sendo feito de confiança!

Edu II: É. No Clube é igual. É um processo...

Edu I: No Clube foi igual, só que vai demorando um pouco mais tempo. No primeiro período, estávamos todos a conhecer, se calhar se viesse mais A, B, C ou D, estava tudo bem, agora no segundo período, eles já sentem que fecharam as coisas, não é? E, também, como nós vamos intercalando, sempre, com muitos jogos de autoconhecimento, com muita reflexão e partilha de situações que têm a ver com os jogos, não é? E com aquelas cartas, que nós vamos fazendo, etc. Eles, também, vão partilhando coisas e, se calhar, também não estão a fim de virem outras pessoas... ouvirem as histórias que eles têm para partilhar, não é? Não se sentem à vontade.

Edu II: Nem acham que sejam merecedores, depois, os outros que entram... também há esta coisa...

Edu I: Pois é! Não querem que eles vão a lado nenhum...

Edu II: Não é? Ai! Porque agora, mas, então, ele não foi para trás? (risos) Eles já têm esta coisa... Perceberam, também porque nós vamos reforçando isto, não é? Tem que haver uma regularidade...

Edu I: Não é tipo prémio, mas, no fundo, é quase um prémio, não é?

Edu II: Mas é. Têm um direito, porque investiram, participaram, estiveram e eles já próprios conseguem, tentam fazer... não é tentam. Acho que são atentos, não é?

E: Fazem essa avaliação também?

Edu II: Sim, sim. Acho que vão...

Edu I: Avaliação vamos sempre promovendo. Esse tempo de avaliação.

Edu II: É... Eles, então, têm este olhar sobre quem poderá vir e ser merecedor ou não do que vem a seguir, de prémio, digamos assim, já que não esteve desde o início ou pronto. Portanto.

Edu I: Pois é.

E: E destes 12, que estão cá, estão todos ativamente comprometidos na participação no Clube? Se sim, de que forma?

Edu II: Eles não estarão todos ao mesmo nível não é? (Tosse) Mas, acho que de uma forma geral, comprometidos, eu sinto que estão, porque eles, as presenças indicam isto, não é? E a regularidade. Depois, em termos de... ligação. Comprometidos no sentido de pertença, da regularidade, se calhar temos 2 elementos que estarão mais, ahmm... que são mais instáveis, mas, que são instáveis no seu dia-a-dia, portanto, aqui também, a frequência é mais instável. Ahmm... Ao nível da participação, acho que temos os que estão motivados intrinsecamente mais pelas atividades, tarefas, e teremos outros que têm uma coisa mais social, digamos assim, por quem vem, por quem está, e isso é motor, e... Por exemplo, estávamos, agora, a falar de uma aluna, que não vindo as outras duas alunas, ou não estando uma das amigas, porque estão com covid, a participação já é completamente diferente. O estar, não é?

E: Estar à vontade?

Edu II: é... Não será uma aluna que está comprometida intrinsecamente, quer dizer, ela está e vem e participa, mas muda o comportamento. Se calhar, o desafio também é esse, que eles passem a estar intrinsecamente, não é só pelas amigas, mas acho que, de uma forma geral, estão. Não sei...

Edu I: Sim. Eu acho eles estão, são... alunos que nós sentimos um pouco e estávamos a comentar a semana passada, que parece que o Clube Ubuntu é aqui o INEM, aqui da escola. Porque é assim, e os miúdos também sentem - Ok, agora temos de fazer isto, e agora, vamos fazer aquilo, na na na - . E era isso que eu estava a dizer também ao professor... à direção, estava a dizer que - Calma, que os miúdos do Clube Ubuntu também nós temos atividades e eles têm coisas para fazer -. Nós não podemos ser... Ainda agora, o professor estava a dizer - Mas, vocês não querem ir pôr o girassol, com os miúdos

do Clube e tal? - E eu disse - Não. Nós já temos coisas preparadas para o Clube. - Eles não podem sentir que...pronto, são sempre solicitados, não é? Nós, no Clube, somos sempre solicitados para fazermos estas campanhas e para montarmos as coisas e para pintarmos e para fazer isto e para fazer as recolhas, e la la la. Mas, também, nós... eles... normalmente, todos aceitam aquilo que nós... que há para fazer, não é? Sentimos que todos se empenham na, nesse caso. Ainda no outro dia, tiveram aqui, estivemos a trabalhar num... nas flores e não sei quê, e estivemos a explicar, porquê que estávamos a fazer, porque o girassol é a flor da... flor símbolo da Ucrânia e na na na. E vamos conversando com eles e eles vão todos participando nas atividades.

Edu II: Eles aceitam.

Edu I: É. Nós temos, sempre, é que intercalar atividades de mais de fazer... de atividades mais práticas, para atividades mais teóricas, entre aspas. Atividades em que, de reflexão, não é? Nós temos sempre esse cuidado. Porque temos, aqui, alunos muito mais hiperativos, que precisam de estar sempre a fazer coisas, nomeadamente, esses alunos comportam-se muito melhor, quando estão a fazer alguma coisa prática, não há menino, nem menina, certo? Mas, quando estamos em atividades de reflexão, que é aquilo que outros alunos gostam do Clube, não é? Ahmm... comportam-se um bocado piores, porque não conseguem estar sossegados, não conseguem estar calados. Portanto, nós temos que ter sempre este cuidado de, ok, vamos fazer isto, e agora vamos fazer aquilo, que é para todos sentirem que têm o seu espaço e que têm os seus interesses correspondidos. Senão, também, não podemos estar sempre a fazer coisas práticas, ou sempre a fazer coisas teóricas, porque senão...

E: Tentar balançar...

Edu I: É... senão teríamos, aqui, um problema... (risos)

E: Edu II, há pouco falaste sobre o sentimento de pertença ao Clube. Sentem que isso é... Se uma pessoa vir o plano, o vosso plano de atividades, não só aquilo que ainda pode estar por fazer, mas aquilo que vocês já fizeram, ele é vasto e tem diferentes coisas. Sentem que este sentimento de pertença foi um motor para eficácia e eficiência do Clube? Para tudo o que têm conseguido fazer e mesmo para eles estarem tão prontos para as solicitações que chegam?

Edu II: Acho que esse é um ponto de partida muito importante, porque se... a intensidade inicial faz com que eles também, há toda uma imagem também construída pelo Ubuntu, até a cor, a t-shirt, símbolos, não é? E isso cria este sentimento de pertença ao Clube, o facto de partilharem aqui símbolos e, e... e quase o... terem participado na semana, de

terem feito um ritual final, do brinde, por exemplo, esta coisa. Eles partilharam coisas comuns e, a partir daí, estão no Clube, que já experienciaram coisas idênticas e percebem, também, que não são os únicos. Portanto, que há outros Clubes no país, que há outras escolas que fizeram, nomeadamente aqui, no Município, acho que isso, também dá algum... se fossem os únicos, o Clube Ubuntu, e não houvesse mais nenhum, não teria este impacto. E, também, nós acabamos por alimentar isto, criando o facebook do Clube, não temos o instagram porque somos cotas. (risos) Eles dizem. Mas, pelo menos, é um local onde podem mostrar e para os encarregados de educação também é importante essa parte. Eu acho que terem acesso a esta informação, terem sido envolvidos nas semanas também. Nós tivemos esse cuidado de apresentar, ou de dizer, ou de, pelo menos... e acho que poderemos ter mais, numa próxima vez...

Edu I: Uma sessão de esclarecimento sobre a semana que nós fizemos, juntamente também com o IPAV, não é?

Edu II: Exato...

Edu I: Porque não montamos a semana sem... sem envolver os pais, digamos assim. Sem partilhar com eles o que iria ser feito, naquela semana, não é? Com os seus filhos. Isso foi, também, importante, para os pais perceberem, porque, também, estavam com dúvidas. Lá está, quando se fala em faltarem uma semana às aulas letivas, isto tem que haver, aqui, não é? Uma série de... Uma série de construção de conhecimento daquilo que vai ser feito, mesmo para os próprios encarregados de educação, não é? Que é importante.

Edu II: Mesmo no Clube, que é, nós, se calhar, não fazemos tanto como poderíamos fazer, este contacto com as famílias. Porque é importante, também, continuar a fazer, ou nós fazemos uma atividade em que há uma saída, em que há aqui uma coisa, e tínhamos o Classroom, que também era um meio de comunicação e, pronto, o e-mail do Clube, e etc.

Edu I: Tínhamos e temos.

Edu II: Isto, também, é criar identidade e pertença, não é? Eles recebem um e-mail do Clube, na escola, também, há um e-mail do Clube. Portanto, ao contactar com os professores, apesar de estarmos agregados a um núcleo, temos alguma autonomia neste sentido, pronto. E... e, tudo isto são... acho que são... são coisas que são mínimas, aparentemente, mas que criam um todo que é esta pertença ao Clube. A exposição, tudo o que é, também, divulgado e, depois... visto, que é visualizado ali, os cubos que foram fornecidos pelo IPAV, aquelas coisas também permitem às pessoas saberem quem somos e aos miúdos...

Edu I: E o que fazemos.

Edu II: Exatamente. Quem somos, o que fazemos, qual é a função. E, acho que, neste momento, é uma coisa muito mais clara. Fizemos também essa divulgação, junto dos docentes, no início do ano. Isso também foi importante. Pronto... Porque depois há esta questão, nós podemos saber, os alunos sabem, se os professores não souberem... os próprios auxiliares e a própria comunidade educativa no seu todo, é muito mais difícil construir uma identidade do Clube.

Edu I: E, nós também fazemos questão, agora, de envolver muito mais todas as escolas do agrupamento nas nossas atividades do Clube, que, agora, todas as escolas básicas, a pré-escola, ect, já sabem quem é o Clube e para que é que serve e o que é que faz. Por exemplo, a nossa atividade das cartas de agradecimento ao pessoal não docente envolveu todas as escolas e foi uma iniciativa tão bonita, que eles sentiram mesmo - Ah isto! - ... quase que foi uma...

Edu II: Experiência. O efeito da coisa, ali, ao vivo.

Edu I: Ao vivo, não é? Quando os... o pessoal não docente recebeu as cartas, ficaram emocionados, os miúdos tiveram aquele gesto, ect. E eles já começam a sentir - Ah, isto aqui é que é ser ubuntu! É pensar no outro. - E os mais pequeninos também já começam a perceber, porque vai um elemento do Clube Ubuntu, um jovem, uma jovem, falar sobre a atividade às escolas primárias, ect, escolas básicas de 1º ciclo. E, também, vão começando também a entrar, aqui mesmo na... Qual foi aquela atividade que eles foram também às salas? Falar os miúdos do Clube...

E: Carrinho + cheio?

Edu I: Também!

Edu II: Também foram por causa dos alimentos...

Edu I: Pronto, eles já sabem que é o Clube Ubuntu que vai dinamizar esta atividade, e também a da Ucrânia também fomos nós que dinamizamos. E pronto, também já começamos a ser conhecidos, e eles também já não têm vergonha de falar.

Edu II: E a t-shirt!

E: A t-shirt ajuda.

Edu II: Nós fazemos um bocado, desde o início, que trazemos, no dia, ou qualquer coisa alusiva, ou não sei quê do Clube, e pronto. Para eles sentirem que naquele dia... Alguns trazem e outros não. Mas, nós fazemos sempre questão de trazer. Portanto, ou isto, ou uma *sweat* alusiva, acho que isto também cria esta identidade, não é?

E: Os simbolismos.

Edu II: Os símbolos, sim. Acho que isso é fundamental.

Edu I: Sim. E aquele grupo, aquele, aquela... equipa, que vestiu as t-shirts Ubuntu.

Edu II: No torneio. (Risos)

Edu I: No torneio, sim. Nós achamos engraçado, tipo... achamos isso interessante.

E: Ainda agora, também referiram que ser ubuntu é ser cuidadoso, é sobre cuidar também. Como é que sentem que o Clube tem cuidado da comunidade?

Edu II: Ora bem... Nós temos, ao máximo, tentado envolver em atividades nesse sentido, não é? Mas começamos, acho que por opção, se calhar externamente não se sente tanto, mas pensamos mais no...

E: Cuidar do Clube?

Edu II: Do agrupamento, da escola. Da comunidade educativa. Porque também sentimos, a uma certa altura, que este, pronto, é um meio pequeno, mais isolado, e, se calhar, até será um dos poucos agrupamentos que não teve intervenção no espaço físico, e pronto. E seria importante, também, este olhar para dentro e valorizar quem somos, o que fazemos enquanto comunidade educativa, e temos sensibilizado um bocado para isto, não é? Aham... A página do agrupamento que tem a descrição dos clubes todos, nomeadamente do nosso, também sensibilizamos para que houvesse, aqui, uma imagem diferente... aham... Às vezes, divulgar mais para fora o que, aqui, se faz de bom. Portanto, temos cuidado mais da comunidade educativa, do que da comunidade em termos local...

E: Sim, quando refiro “comunidade” pode ser educativa, como pode ser envolvente, como a envolvente pode vir à educativa...

Edu I: Sim, nós temos tido sempre muito cuidado em fugir das questões, ou das iniciativas das que têm a ver com o assistencialismo.

Edu II: Exato, é isso.

Edu I: Portanto, as nossas dinâmicas são muito mais no sentido de construção de uma... de uma educação para os valores, do que propriamente do assistencialismo ao sem-abrigo, ou assistencialismo ao cigano, ou assistencialismo...

Edu II: Sim, porque podíamos ter caído nessa parte....

Edu I: Poderíamos ter caído nessa parte, não é? Era uma das questões. Mas, também, pela motivação que nos foi dada inicialmente, pelos nossos alunos do Clube, não é? Quando fizeram aquela primeira revisão do espaço físico da escola...

E: Do *World Café*.

Edu I: Sim, do *World Café*. Nós também partimos desse trabalho, portanto, sentimos que eles não têm... têm mais vontade de atuar junto da escola, não é?

Edu II: Dentro.

Edu I: De dentro para fora, do que propriamente de fora para dentro. E, nós estamos a seguir, digamos assim, a rotina daquilo que eles também nos foram pedindo, não é? Ainda que vamos envolvendo, por exemplo, a Ucrânia, o Carrinho +cheio, etc, mas sempre numa perspetiva um bocado mais, aqui, da comunidade, digamos assim. Envolvemos todas as escolas, não é? Mas, ainda não saímos, digamos assim, nós próprios, da escola, para fazer... Quando digo da escola, digo, dizemos do agrupamento de escolas. Temos trabalhado sempre com o agrupamento de escolas, na medida do possível tentamos envolver todas as escolas.

E: E o agrupamento tem quantas escolas? Só por curiosidade.

Edu I: São 6 escolas primárias, mais a escola básica, portanto, são 7 escolas e... já é muita coisa para envolver. E, também, trabalhamos com a junta de freguesia. Tentamos juntar-nos ao centro social também... juntamente com os nossos colegas do NASCE (núcleo de técnicos do agrupamento) que também nos apoiam.

Edu II: Sim, também é isso, exato. Isso, aqui, é um núcleo. Pronto, o facto de estarmos integrados num núcleo ajuda muito a isto que a Edu I está a dizer, porque nós, quando, inicialmente, houve o projeto da questão do SPO e da reformulação, nós sentimos que os alunos também valorizavam isto, ter um espaço, ter... E, pronto, tudo o que fazemos também com colegas de outras áreas, no núcleo ajuda ao cuidar e ao passarmos a mensagem de uma forma diferente, porque seria muito fácil cair nesta parte do assistencialismo, ou desta coisa de vamos ajudar os pobrezinhos, então...

Edu I: Quando nós, a nossa escola já é uma escola pobre. Percebes? Um agrupamento de escolas pobre, por si só já é um espaço necessitado, não é? Portanto...

E: Os alunos que fazem parte são de núcleos familiares mais desfavorecidos?

Edu I: Exato, e a própria escola não tem assim muitos recursos, é uma escola antiga. Uma escola que não sofreu intervenção, não é? Portanto, intervenção física. Nós próprios temos, aqui, muita coisa para fazer que nos temos que debruçar, não precisamos de ir lá para fora apanhar beatas, nós temos, aqui, tanto lixo na escola. Temos que educar primeiro os nossos para depois irmos para fora. É um bocado isso que temos sentido.

Edu II: Aqui, nos acampamentos de etnia cigana e que poderia, também, facilmente ser aqui uma coisa de... de olhar para isto de uma forma sempre negativa ou, pelo menos, nesta visão de vamos ajudar... e tentamos, também, transformar isto, porque os alunos frequentam o agrupamento, não é? Então, tentamos transformar a coisa de forma a que isto seja um todo e que todos fazem parte também da escola, e da... e da comunidade. E



nós, enquanto Clube, temos um papel perante quem está mais frágil, ou perante as dificuldades, portanto numa postura muito mais proactiva, do que propriamente... Por isso é que quando eles me dizem esta coisa do vitima, no Clube! Como quando eles hoje estavam a... a dizer - Ah! Porque a mim é sempre não sei o quê. - Pronto, para mudar essa visão.

E: E como é que sentem que o Clube, também, cuida de quem faz parte? Dos jovens, por exemplo. Como é que sentem que cuida dos jovens participantes?

Edu II: Aham... acho que é dentro da linha do que a Edu I também disse há pouco, do perguntar como está, do monitorizar, digamos assim.

E: É da ligação?

Edu II: Acho que é pela relação, pela consistência, pela... regularidade, sobretudo. Das figuras de segurança e de referência. Pronto, e isso é o cuidar, não é? É saberem que estão ali, ou que temos uma resposta, ou que... eles... como também estamos associados ao Nasce e que, por sua vez, à psicologia, e esta parte, eles usam isto como um canal, já o fizeram. Às vezes, perguntaram - Ah, mas podemos marcar não sei o quê -, um atendimento, ou uma coisa. Usam como canal para resposta noutra tipo de situações de vida deles. Por isso, também sentimos que eles se sentem seguros.

E: Portanto, é um espaço de confiança em que eles próprios assumem que precisavam de falar, que precisam de ser seguidos e que vão ter convosco para solicitar isso?

Edu II: Sim, sim. Ou que perguntam, ou se podem... depois podem não explorar muito, mas é uma questão que querem ter pelo menos a segurança de que a pessoa está ali. Pronto, e que se houver alguma coisa, até podem naquele momento estar um bocado mais apreensivos e falar, e a seguir vão à vida deles...

Edu I: Nós temos sempre esta porta aberta, não é? E nós estarmos aqui, as duas a trabalhar, eles sentem mesmo aquela, aquela... aquele à vontade de chegarem aqui e confessarem, entre aspas, e dizerem que tiveram um problema, ou que aconteceu isto, ou que aconteceu aquilo e porque, nah nah nah. Ou nós também chegar e - Olha, vamos até ali acima, vamos conversa um pouquinho -. Eles sentem aquela... eles identificam mesmo este espaço, como um espaço de segurança, onde podem conversar e terem aquele cuidado de um adulto, sem ser um professor, um diretor de turma, que os vai chatear a cabeça, mas sentem que têm uma palavra amiga, penso que é mais isso.

Edu II: Sim.

Edu I: E, às vezes, é uma palavra amiga, que não é só uma palavra de bater com as mãos na costinha e dizer ah, nah nah. Não. É uma palavra amiga que também os questiona. Mas

será que tu fizeste alguma coisa? Será que... Não sei quê. Quando nós, muitas vezes, já sabemos o que é aconteceu pela parte dos professores, e dos diretores de turma, não é? Mas, fazemos sempre aquele papel de os confrontar com a verdade, não é?

E: E ouvir primeiro o lado deles, não é?

Edu I: E ouvir... E compreender. E ajudar a superar. E ajudar a melhorar. Que é um bocado isso, não é? Nós, às vezes, sabemos o que é que aconteceu, não dizemos o que é que aconteceu, mas tentamos perceber, por eles próprios, mas aconteceu alguma coisa? Porque que... Não é? E eles, depois, partilham o que é que aconteceu e, depois, nós tentamos sempre desconstruir, não é? A Edu II, normalmente, também, faz muito esse... esse papel, já que é a psicóloga, e eu faço-o numa linha um bocado mais, pronto, mais ligeira, sem ser consulta. (Risos)

Edu II: É o acolhimento e entrada para coisa. Faz a mediação inicial...

Edu I: E, depois, a Edu II, ou alguém, ali, do NASCE, algum psicólogo, faz mesmo o atendimento. Que às vezes é necessário. Tem sido necessário, muitas vezes.

E: Acredito. Agora falavam-me do Nasce, ainda agora também falavam de ser um espaço de conforto e falaram do gabinete de SPO, que foi o Clube que instituiu, aqui, na escola. Como é que surgiu isto? A ideia veio deles? De que forma? Como é que eles identificaram essa necessidade?

Edu I: Então, naquela atividade do espaço físico da escola, no *World Café*, eles comentaram que precisavam de um espaço mais intimista, digamos assim, para partilharem assuntos que não queriam partilhar, aqui, num gabinete com 5 ou 6 técnicos, ou às vezes mais. E, então foi pensado e agilizado um espaço que pudesse ser... que pudesse comportar, digamos assim, estas características, que, supostamente, não haveria nenhum, aqui, na escola, porque disseram mesmo da direção que é impossível, não temos mesmo nenhum espaço. Então, nós descobrimos uma arrecadação...

Edu II: Ao lado da direção... (Risos)

Edu I: Ao lado da direção. (Risos) E, pronto, conseguimos conquistar esse espaço para o SPO que, com alguns patrocínios e com muito esforço dos próprios alunos do Clube, foi reformulado para um espaço de atendimento, que é utilizado diariamente, por vários técnicos, não é? Ainda hoje estava a ser usado pelas técnicas da educação social para...

Edu II: Atendimento.

Edu I: Para atendimentos, dos pais, dos encarregados de educação, dos próprios alunos. Portanto, é um espaço multidisciplinar, multifuncional, digamos assim, que é utilizado e que foi obra do Clube.

E: Uma das primeiras atividades do Clube, até...

Edu II: Sim. E eu acho que foi muito motivadora para eles, a seguir, verem o resultado. Acho que isso os motivou, perceberem que...

E: Podem causar impacto?

Edu II: Sim, sim!

Edu I: Eles, ainda hoje, se gabam disso. (Risos) Um espaço que fomos nós que fizemos!

Edu II: Exato, sim. A marca, não é? Ficou lá a marca deles, acho que eles têm orgulho nessa parte de... nas outras também, o mural, enfim. Em tudo. Mas, aquele como foi o início e como é usado, pronto, tem assim...

E: E usado para algo tão importante, não é?

Edu I: Exatamente, sim. E, também, porque os pais passam por lá e percebem que aquilo foi feito pelo Ubuntu, não é? Pelo Clube Ubuntu.

E: E que envolveu pais também, não foi?

Edu I: Exato, exato. Envolveu o pai da J I, não é?

E: Portanto, continuam a fazer estas ligações mesmo nas atividades? Falaram que, antes das semanas, tiveram sessões de esclarecimento com os pais, mas, mesmo no Clube, tentam estar ligados aos pais, nem que seja em atividades pontuais. Lembro-me que houve uma sessão que estavam a dividir tarefas para a missão do espaço exterior, ali detrás...

Edu I: Sim, com os pais...

E: Exatamente, também estavam a falar de o pai X tem esta ferramenta, o Y pode ajudar nisto. Portanto, continuam...

Edu I: Sim. Nós, agora, temos um problema do tempo e falta de... neste caso, da falta de tempo para concretizarmos todas as tarefas que tínhamos pensado, por motivos de... lá esta, de terem entrado outras tantas, não é? Também muito promovidas pelo próprio IPAV, pela Academia, ainda agora temos outra... outra atividade que é dia 16 de maio e que vamos necessitar de fazer também uma intervenção, aqui, no espaço, e não sabemos bem se os recreios vão ficar estabilizados este ano, se calhar não vão ser realizados.

E: Os recreios para o 2º ciclo?

Edu I: Não, esse vai ser feito, no dia 1 de junho.

Edu II: O espaço.

Edu I: Mesmo o espaço físico. Portanto, nós estamos agora com problemas de gestão de tempo porque não sabemos se vamos ter... se temos tempo útil para concretizar as coisas que tínhamos feito, porque vão surgindo outras atividades que não estavam planificadas e que nós temos de abraçar como causas.

E: Porque está alinhado com os vossos valores?

Edu I: Está alinhado com os nossos valores e são solicitados... são pedidas, também, pelo IPAV, pela Academia de Líderes, não é? E nós temos que ir participando, porque também somos um Clube Ubuntu. Portanto, convém também participarmos nas iniciativas, também para não ficarmos de fora, digamos assim, sempre que é possível integrar, integramos, não é? Quando não é possível, não conseguimos, mas tentamos.

E: E o plano original do Clube, fora estas solicitações que vão sempre surgindo, como é que ele é criado? Quais são os critérios? Vem tudo do *World Café*? Como é que é debatido com eles?

Edu I: A maior... Várias coisas são do *World Café*, mas, depois, outras tantas, são... Por exemplo, a saída também é organizada em função daquilo que eles também necessitam ou gostariam de fazer, não é? Daquilo que eles gostariam de fazer...

Edu II; Do que propõem e do que nós vemos que é de acordo com, não é?

Edu I: Exatamente, sim. E outras coisas também vão surgindo... pronto, da nossa parte, da nossa planificação semanal, daquilo que nós gostávamos, o que é que é importante, por exemplo, imagina que esta semana houve muitos problemas de comportamento, etc, etc, então, se calhar, agora, tínhamos uma atividade planeada de construção dos bancos para o recreio exterior, mas temos que resolver problemas internos. Logo, temos que criar um regulamento interno, começarmos a pensar no que é, qual é a conduta que, o comportamento que devemos ter.

Edu II: Exato.

Edu I: Mais coisas?

Edu II: Ahamm... Nesta seleção das coisas de acordo com a participação deles, mas é, mais ou menos, dentro disto, de irmos ajustando o plano.

E: Ok. Debatendo com eles, também, o que faz ou não sentido?

Edu II: Das necessidades... Exatamente.

E: Ok.

Edu II: Até porque... Desculpa interromper-te. Até porque, às vezes, eles, também, não conhecem o que é que existe também...

Edu I: Temos que apresentar.

Edu II: Temos de ter às vezes, porque eles não têm este nível de conhecimento das coisas que existem e que possam também fazer, e nós temos também esse papel.

Edu I: Ainda hoje negociamos uma atividade, por exemplo, a ida ao cinema. Nós reunimos no bazar de natal X dinheiro, não é? Se vamos gastá-lo agora, portanto, não

vamos ter tempo para angariar mais dinheiro, em nenhuma atividade. Logo, eles próprios também se sentiram autónomos, digamos assim, e responsáveis por tomar decisões do próprio Clube. Portanto, não somos nós, os adultos, que vamos tomar decisões por eles. E é esta questão... E eu acho que isto também é muito importante para eles, dar-lhes autonomia e dar-lhes responsabilidade, não é? Portanto, há esta responsabilização um bocado democrática, digamos assim, do Clube, do próprio Clube, de tomarem decisões. Porque era muito fácil dizer ah, não, não, vamos porque tínhamos prometido que sim, que íamos, mas, se calhar, vamos gastar o dinheiro todo e, se calhar...

Edu II: Pois, eles têm de tomar decisões.

Edu I: Eles tomam decisões, eles próprios sabem o que é, não é? E foi interessante porque foi mesmo por unanimidade, eu achei muito interessante isto. Ou seja, eles, de certa forma, já estão alinhados com a coisa, eu acho isto importante.

Edu II: Sim, sim, muito.

Edu I: Não é? Seria expectável que miúdos de 13 anos nem sequer pensassem no que é que vai acontecer daqui a um mês. Diziam não, vamos para a semana ao cinema. Mas não, eles já percebem este compromisso. E eu achei muito interessante isto.

Edu II: E do... Do esperar por um bem maior. (Risos) Saber esperar por uma coisa maior.

E: A paciência.

Edu II: Exato.

Edu I: É interessante também nós colocamos sempre, eu e a Edu II, colocamos sempre nas mãos deles, eles decidirem as coisas. Porque, também, achamos interessante eles saberem decidir, às vezes ficam a discutir, por acaso hoje foi por unanimidade, às vezes ficam a discutir os prós e os contras, e nós como, também, a observar como é que eles gerem as coisas, não é? Como é que gerem as decisões e eu acho interessante. E, nem sempre, por exemplo, são aqueles elementos mais responsáveis que nós temos no Clube, que até tomam as decisões mais acertadas, às vezes até são aqueles que são mais malcomportados que pensam noutras coisas, que...

E: Fora da caixa?

Edu I: Exatamente! E que contribuem muito para a decisão final, não é? Já tivemos assim um ou outro caso que foi engraçado.

E: Muito bem. Na semana costumam dizer, é uma semana intensa, já aqui dissemos... e costumam dizer que a Academia de Líderes Ubuntu é uma escola de líderes e construtores de pontes, procurando cuidar da comunidade. Como é que sentem, de forma individual, mas também de grupo, a evolução destes jovens enquanto líderes, enquanto participantes

do Clube e agentes na comunidade? Sendo que entraram em momentos diferentes também, mas como é que sentem a evolução deles?

Edu II: Eu acho que eles...irem interiorizando a noção de líder servidor é um desafio, vão desenvolvendo competências de uma forma muito sequenciada, mas estas coisas vão acontecendo, pelas experiências que eles têm no Clube. E vão tendo algumas atitudes, ou verbalizando algumas coisas que nos permitem perceber que eles estão em evolução. Se pensarmos neles há um ano atrás, eles não diriam a mesma coisa na mesma forma, estão em desenvolvimento. Logo, têm potencial para que isto seja mais evidente, relativamente aos seus pares, não é? Em termos, por exemplo, de um J IV, que já entrou... entrou já num determinado papel, porque já era um miúdo com bastante estrutura, mas isto claramente potenciou imensas coisas que ele também já tinha, não é?

Edu I: Montes, sim. Nota-se uma diferença nele incrível.

Edu II: Sim, no grupo...

Edu I: Na participação.

Edu II: Neste à vontade também de partilhar e de... e pronto. E portanto, vão, depois, aparecendo evidências que isto tem um impacto. E que eles, realmente, são capazes, depois, de liderar alguns processos que sejam ao seu nível, no seu âmbito, quer seja no grupo de turma, quer seja em mobilizar os colegas para outras coisas, quer seja em apresentar uma ideia e ser capaz de comunicar, ultrapassar uma dificuldade, de ter cuidado com outro aluno, ou de uma situação em que achar que alguém está a ser prejudicado, também terem a coragem de se expor e de falar. Portanto, é liderança numa dimensão muito interna e demonstrada, não porque agora vou mobilizar, não. São coisas que são de atitude, não é?

E: Pequenas ações?

Edu II: Pequenas ações e acho que eles mudam o pensamento...

Edu I: E não só. Às vezes, nós sentimos uma certa diferença mesmo ao nível da personalidade. Por exemplo, a J I, no ano passado, não foi capaz, sentiu-se bastante mal, nervosa e com muitos problemas, quando foi apresentar lá, no... qual foi aquele seminário?

E: Ubuntu Fest Gaia?

Edu II: Exatamente.

Edu I: Sim, Ubuntu Fest. Este ano, nós tivemos uma participação, na semana passada, não foi?

Edu II: Sim, e ela...

Edu I: E ela partilhou com toda a gente, adultos e etc, responsáveis, o que é que nós precisávamos para o Clube. Apresentou as atividades que nós fizemos, apresentou na maior das calmas, e muito assertivamente. Eu fiquei tipo...

Edu II: Isto é... Ela também se sentiu mobilizada por ser a representante. Sentiu esta responsabilidade de liderar. Portanto, enquanto que no outro, acho que ela ainda não tinha sentido isto, de que ela estava a representar e era ai, meu Deus, e eu vou partilhar... Ali não. Ela sentiu, não, estou aqui e tenho uma missão, que é representar para conseguirmos isto.

Edu I: Exatamente, para o campo de férias. Recursos...

Edu II: Portanto, aí já não veio, ela... Provavelmente, foi difícil na mesma, mas, isso sobrepôs-se a tudo que ela poderia estar a sentir e foi.

Edu I: E foi uma evolução incrível e só se passaram uns meses...

Edu II: Pronto. Ela foi capaz disto...

Edu I: Se era em setembro, não é? De setembro a abril... quer dizer, passou mesmo pouco tempo, não é? Para uma criança de 13, 14 anos, um adolescente. E a mudança incrível que ela teve. Esteve, ali, a explicar tudo muito bem, muito assertivamente, para todas as pessoas que estavam presentes na sala.

E: Saiu da zona de conforto, descentrando-se de si, para o bem do clube?

Edu I: Exato. Sim.

Edu II: Sim. E, por exemplo, eu que estive com eles, depois, na orientação, na turma deles, eles foram motores de outros para participarem no processo para decidirem o que iam fazer da vida, digamos assim. Portanto, eles próprios adotaram na turma, tanto o Eduardo, como a Joana, este papel, de convencer os outros, num determinado momento em que eles acharam que não estavam a pensar tanto nisso, em convencer alunos que, se calhar, estariam numa situação mais frágil, a estar e a ir. E foram eles que o fizeram. Se calhar, não sei se não tivessem passado pelo Clube, ou pelo processo se iriam ser iguais. Se calhar, iam eles e pronto. Portanto, acho que este olhar para o outro depois reflete quase... eles transferem o que aprendem...

Edu I: Para o ano, eles vão embora, mas eu acho que, agora, os outros vão assumir esta liderança, porque eu acho que eles já sentem, não é? Sentem um bocadinho, ali, como eles são os mais velhos, o J IV e a J I, que pronto, têm aquela responsabilidade, e eles estão ali um bocadinho mais... Mas, se calhar, para o ano, eles é que vão ser os mais velhos, logo, eu sinto que eles também vão assumir esta posição mais de líder, e de

responsabilidade, de... de monitorizarem quase, digamos assim, algumas atividades. Eu sinto isso. Não achas?

Edu II: Eu acho que eles gostariam de, eventualmente, continuar a participar. Agora vamos ver, que esse é o desafio, não é? Porque eles, neste momento, lideram, também, muito o grupo, e pronto, vamos ver o que acontece, também, eventualmente, com a saída deles, ou não, ou afastamento.

Edu I: Sim, mas eu acho que, agora, quando eles saírem, os outros vão...

Edu II: Sim, adotam outra postura, se calhar.

Edu I: Sim, já é o segundo ano, já vão começar a... não é? Acho que vão adotar outra postura. Vamos ver quem é que vai sobressair.

Edu II: Cada um nas suas novas escolas...

Edu I: Não, eu estou a dizer os outros, o J VIII, a J XII e essa malta toda.

Edu II: Eu sei. Mas, mas... Mas, estes que vão, não é? Porque este é o futuro da coisa. (Risos) Eles indo, podem ter um Clube Ubuntu na escola nova, e...

Edu I: Ah, claro.

E: E quem sabe, ainda continuam com a ligação, aqui, com este Clube também.

Edu II: Pronto, eu acho que eles gostariam, mas...

Edu I: O colégio não sei se tem.

E: Tem o projeto, não sei se já avançou com o Clube, mas tem o projeto.

Edu I: Ah! Muito bem.

E: Falaram, aqui, muito no conceito de participação. Participar no projeto, participar na atividade X, participar na atividade Y, o que é participar, para vocês, para o Clube, como educadoras Ubuntu, o que é participar? Como é que os jovens participam?

Edu II: Pois, uma coisa é estar, não é? É ir, pronto, um nível mais básico de participação. Depois, um nível mais ativo será eles próprios tomarem decisões sobre o que ali acontece, sobre... Por um lado, esta coisa que nós vamos treinando com eles, do treinarem a participação para a escolha das coisas e para decidirem coisas. E, depois, eventualmente, tomarem decisões, participando já a um nível mais exigente, que é, por exemplo, o que eles fazem quando escolhem ou direcionam as suas atividades, ou para o que, se são para coisas que valem a pena, ou não. Portanto, eles participam e acho que aí é o nosso papel, não é? Como é que criamos esta situação de participação? Porque uma coisa é virem, outra coisa é estarem, e acho que vamos sendo mais exigentes à medida que eles... o nível básico é vir, depois é o vir e assumir o compromisso com o grupo, depois quando não venho, eu aviso, portanto a responsabilidade já é maior. Quase como que isto obedecesse



a patamares para eles perceberem a responsabilidade de participarem, até a um nível maior que seja eles tomarem decisões, eventualmente, um dia, liderarem o Clube, também eles, sei lá. Uma coisa desse género, mas acho que é... acho que é... nós partilhamos esta visão da participação que não é só o vir, o estar, é representar, é também decidir, tomar decisões, neste sentido, é representar perante os outros alunos, é terem um papel. Pronto, nós vamos reforçando sempre isto.

E: Então, sentem que eles estão em níveis de participação diferentes?

Edu II: Sim. Eu acho que eles estão, de acordo com as características, depois os que conseguem mais, este nível mais alto, também criam instabilidade nos outros, para os outros o fazerem. Mas os níveis de participação deles, pelo trajeto que têm tido, não é igual para todos. Acho que há diferenças, são ténues, mas existem. O grau de compromisso, existem em todos, mas, se calhar, temos uma J II, que hoje veio avisar que para a semana não vem e, se calhar, outro aluno poderia não o fazer, com este cuidado. Ela está implicada, é responsável perante o grupo, tem um nível de participação...

E: E o que é estar comprometido com o Clube?

Edu I: Estar comprometido, de certa forma, é sentir que eu pertença. O sentido de pertença, não é? E, e eu tenho que sentir que as outras pessoas estão a contar comigo. Eu conto com aquelas pessoas e elas contam comigo. E, nesse sentido, é importante, que eles, ao terem este sentido de compromisso, com o Clube, eles se sintam mais à vontade para quando têm um problema, e não podem estar, avisar, não é? Com antecedência, ou virem-se justificar porque que aconteceu isso, e normalmente eles fazem todos isso.

Edu II: Sim, nós fomos chamando a atenção para isso...

Edu I: É... Para nós, é muito importante essa questão de eu não fui, mas tive aquilo. Portanto, nós não somos pessoas descartáveis, nós gostamos, temos interesse efetivo e verdadeiro em saber porque que tu não vieste ao Clube. Eu, por exemplo, quando não vim porque estive doente, eu avisei. Eu não vou porque estou com não sei o que. Ou seja, o adulto também ter esta transmissão, também de lhes puder dar uma justificação, como eles próprios também se sentem obrigados, entre aspas, a dar esta justificação, porque que não vem. E quando estão dentro do espaço do Clube e dentro e não só, e na escola, também este compromisso com o saber estar, não é? Dentro do Clube, saber estar... como é que eu estou dentro do Clube? Eu estou a ouvir as pessoas, ouço a opinião de cada pessoa, ou não, ou fico ali a conversar paralelamente. É sempre isto que nós estamos a tentar fazer entender que é importante, eu estou, muito bem, eu vim, mas há compromisso...

Edu II: Tem de haver qualidade na participação...

Edu I: Exato. Há a tal qualidade na participação, há o tal compromisso em saber estar. Não é só estar por estar.

E: Daí a importância de vocês, pontualmente, irem fazendo aquela auto e heteroavaliação da participação deles no Clube?

Edu I: Exatamente. Isso para nós é fundamental. Nós fazemos sempre isso porque, infelizmente, caímos sempre nessa necessidade porque os jovens têm sempre aquela tendência de... (risos) de abusar um pouco, não é? E nós, depois, temos que fazer essa regulação. Portanto, é por aí uma vez por mês, não é?

Edu II: Sim, é mensalmente.

Edu I: Deixamos eles ah, não sei quê. Mas chega a um ponto... então, vamos lá refletir sobre isto. Também sentimos que não é para estar constantemente a dar-lhes na cabeça que eles vão melhorar, é pontualmente e quando achamos que as coisas realmente estão a superar tudo aquilo que era expectável, aí sim, paramos e conversamos com eles, porque é fundamental, porque eles também têm que sentir regulação, têm que sentir as barreiras, não é? Porque senão as coisas perdem o controle e não pode ser assim. Nem tanto connosco! É mais uns com os outros, fora, fora...até fora do espaço do Clube. Mesmo em turma, tem havido aí alguns problemas, e nós temos...

E: E trazem isso para o Clube?

Edu I: Sim. Porque como pertencem ao Clube e têm conflitos fora do Clube, dentro da sala de aula...

E: E eles dizem que não é ser Ubuntu... Nas sessões...

Edu I: Não é ser Ubuntu.

Edu II: (Risos) Exato...

E: Trazem essa avaliação e esse debate.

Edu I: Exatamente.

E: Ok. Quase a terminar. Já falaram aqui de algumas atividades que fizeram, a nível pessoal, individual, para vocês, na opinião de cada um, qual foi a atividade que vocês mais gostaram de ver desenvolvida? Que vos mexeu mais. Com o impacto ou com aquilo que realizaram.

Edu II: Ahmm... (Pensativa)

Edu I: Podes falar...

E: Foram várias. (Risos)

Edu II: Foram várias, sim. O SPO acho que foi muito interessante, foi a primeira e foi... o envolvimento deles acho que deu aqui, pelo menos fiquei com a ideia de que eles se iam empenhar bastante na coisa, não é? Por valorizarem também o espaço e a função que aquele espaço ia ter. Pessoalmente, eu também gostei muito do Bazar. Acho que foi muito interessante a motivação deles, a seleção das coisas, o empenho, terem um papel, e tudo mais. O Mural acho que foi muito interessante, também no empenho que eles tiveram e por ter sido numa altura também diferente, de Verão e tudo mais.

E: Continuaram a vir para a escola.

Edu I: Campo de férias, basicamente.

Edu II: Continuaram a vir, continuaram a vir. E, depois, aqueles momentos que eles partilham coisas deles e mais intimas, acho que esses aí também...

E: E o que é que essas atividades representam para ti, no âmbito do Clube?

Edu II: Eu acho que criam esta identidade, no seu todo, desta diversidade, e também de poderem ser úteis ao desenvolvimento deles, porque eu acho que eles desenvolvem competências que eu acho que podem ser úteis noutras áreas da vida deles. Acho que é sobretudo isso, que é uma mais valia e que faz sentir que as coisas são úteis e que têm um papel. Não são de fazer por fazer, quer dizer, tem uma intencionalidade.

E: E criam essa mudança?

Edu II: Sim, porque, a seguir, eles levam daqui, acredito que não se esqueçam do que fizeram, do porque e que depois, com a maturidade, compreendam ainda melhor o papel que isto teve. Que é uma coisa que não é imediata, mas, depois, daqui a uns tempos consigam olhar para trás, e perceber que pertenciam a um Clube algures, que defendia as coisas, e que, depois, isso reflita no dia-a-dia deles... nas questões do cuidado, etc. Acho que, depois... Lá está, estão numa idade que não refletem assim, a este nível sobre isto. Mas, quando olham para trás, depois, percebem que isto teve um papel.

E: Por acaso, isto era uma pergunta que também gostava de fazer. O que é que, para vocês... O que é que os miúdos podem levar do projeto, para fora daqui. Agora, vamos ter dois miúdos que já vão sair da escola, futuramente vão ser adultos, todos eles. O que é que esperam que eles levem deste projeto? Que levem do Clube?

Edu II: Eu acho que o Clube, como outras atividades da educação não-formal noutras áreas, o que fazem... este, se calhar mais em particular, por ordem destas questões da empatia, voluntariado e cuidado com o outro e ect,.. Primeiro, a da confiança no adulto e na relação com os adultos, porque eles vivenciam aqui, portanto levam isto; depois, o seu papel ativo na comunidade, que coisas pequenas se calhar podem ter este papel, no seu

dia-a-dia, nas ações no seu todo; e, depois, que sejam mais conscientes, responsáveis, empáticos e que se lembrem que passaram por uma determinada experiência e por umas sessões em que falavam sobre estas coisas, que estejam mais sensíveis. Acho que nós nestas coisas não podemos esperar assim aquela coisa, de eles agora vão ser uma coisa. Não. Eles, nos seus contextos, vão levar isto para a vida. ~

E: Nas ações, nos pequenos gestos?

Edu II: Nas pequenas coisas. Portanto, isto já me deixaria muito feliz. Porque acho que isto é o mais importante, do que propriamente agora vai ser um líder e vai ser vai. Não. No dia-a-dia vai ser mais sensível a ouvir o outro, a perceber a dificuldade, e é isto que acho que estas coisas trazem.

E: E sentes que isso pode ser a liderança?

Edu II: Sim, nas suas vidas sobretudo. Acho que, em primeiro lugar, das suas vidas, da forma como gerem as suas vidas, não só ser o atropelar os outros, ou passar por cima, etc. Mas, perceberem que existem coisas para além. Conseguir os objetivos, muito bem, mas que... quer dizer, não vale tudo. Já ficava muito contente se fosse isto que eles levavam, de que não vale tudo. (Risos)

Edu I: Exatamente... Uma atividade que também acho que... que, para mim, foi muito importante, foi as cartas de agradecimento. Acho que colocá-los, não só os nossos, alunos do Clube, mas outros miúdos pequenos, a pensarem a importância que o pessoal não-docente tem para uma escola, para uma comunidade educativa... acho que foi uma atividade, assim, bastante importante para... porque, de repente, a escola percebeu - Ah, espera aí, estão aqui pessoas.- Porque às vezes é os empregados, falamos nos empregados, e temos esta relação um bocado ah, eles têm que fazer isso, eles têm que trabalhar, eles têm que não sei quê. Mas, sentir mesmo, da parta dos, da...pronto, do pessoal da ação educativa, pessoal da... Como é que é?

Edu II: Ação educativa.

Edu I: Auxiliar! Auxiliar da ação educativa. Ao receberem aquelas cartas, sentimos mesmo o apreço que eles tiveram e sentimos aquele feedback mesmo emocional, da empatia, não é? Eu acho que foi muito importante e os miúdos ficaram muito sensibilizados, não é? Eles estavam sempre a escrever cartas, então, a J VI era uma maravilha a escrever cartas. Mas, depois, eles não estavam a perceber muito bem, acho que eles ainda têm assim um bocadinho de dificuldade em projetar o que vai acontecer. E nós, quando fomos entregar as cartas, e depois eles viram aquela reação, eles ficaram tipo ih, nunca imaginei que isto pudesse ter este efeito, digamos assim, nas pessoas. Eu

acho que é importante, eles também sentirem que devem estes agradecimentos às pessoas...

Edu II: Serem melhores cidadãos, não é?

Edu I: É, é!

Edu II: Agora pensando, basicamente é isso. Serem melhores cidadãos.

Edu I: É. É verem que o papel dos outros...

Edu II: Melhores pessoas.

Edu I: É. Exato. É estarem com atenção aquilo que está à volta deles, não é? E que aquela senhora do bar, aquela pessoa da secretaria...

E: Tem um nome?

Edu I: Exato. Tem um nome, tem uma função, mas faz aquilo e poderia estar a fazer bem ou mal. E há muita a fazer bem, e nós devemos agradecer diariamente esse, essa atitude para conosco, com a comunidade. E acho que esta questão de nos sentirmos também implicados na comunidade e sabermos agradecer aquilo que fazem por nós, também é muito importante, porque eu sinto que hoje em dia, toda a gente pensa que tem direitos, mas nós também temos deveres, também devemos fazer a nossa parte. E se a nossa parte, somos crianças, é também agradecermos aquilo que fazem por nós, aos pais, aos auxiliares, aos professores, também acho que isso é muito importante eles perceberem. Não só os nossos alunos do Clube, como também a vida, pela vida fora, e pronto.

E: E é isso que esperas que eles levam daqui?

Edu I: Sim, eu espero que eles levem esta atitude mais de empatia...

Edu II: Humana! (Risos) Atitude mais humana!

Edu I: Este lado mais humano. Porque eu acho que eles estão muito vinculados agora a tudo que é digital e fogem um pouco daquilo que é humano. E, para mim, parece fundamental que o Clube Ubuntu traga o lado humano para a escola. Seja ele em...pronto, em todas as atividades que nós fazemos, é isso que nós procuramos, se formos a ver bem, assim em última análise. É promover este lado mais humanizado da educação, mais humanista, digamos assim, da educação. Que acima de tudo, é a missão da escola e do perfil do aluno à saída da escolaridade obrigatória é mesmo este lado humanista, este perfil humanista da educação, este lado humanista que nós tentamos promover com as atividades do Clube e que dividimos nos 5 pilares Ubuntu, não é? Mas, sobretudo, é... acho que é mesmo obrigatório, premente, nós trabalhamos neste lado, porque senão a escola perde o seu valor todo, não é? Se a escola for só conteúdos e aprendizagens, e ...

E.: Cientificas?

Edu I: Exatamente. Isso não vai levar a lado nenhum. Portanto, eu acho que o Clube Ubuntu traz, aqui, esse lado mais humano à escola, penso que é esse lado que eu gostaria muito de semear nos nossos alunos...

E: Não só do Clube, mas também daquilo que fazem para a restante comunidade educativa?

Edu I: Sim, a comunidade educativa. E é isso que nós estamos a tentar levar.

E: Parabéns.

Edu I: Obrigada!

E: E muito obrigada!

(fim de gravação)

### Anexo 7 – Grelha de análise de conteúdo das entrevistas individuais – Jovens

Categoria	Questões	Subcategoria	Indicador
<b>Legitimar a entrevista</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Solicitar dados de caracterização – género, idade, proveniência, ano de escolaridade, tempo de projeto.</li> </ul>	Dados de caracterização	<p><b>J I</b> – 15 anos; feminino; Grijó; 9º ano de escolaridade; um ano de projeto</p> <p><b>J II</b> – 13 anos; feminino; Grijó; 8º ano de escolaridade; meses de projeto</p> <p><b>J III</b> – 14 anos; masculino; Grijó; 8º ano de escolaridade; 8 meses de projeto.</p> <p><b>J IV</b> – 15 anos; masculino; Persinho; 9º ano de escolaridade; um ano de projeto</p>
<b>Representação do projeto e da sua participação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Como se iniciou a tua passagem pelo projeto Academia de Líderes Ubuntu?</li> <li>○ Quando acabou a Semana Ubuntu como é que te sentiste?</li> </ul>	Mudanças ocorridas nos jovens	<p><b>J I</b> – “Mudou porque sei lá, conheci melhor a minha turma, eu vi lados deles... Que nem sequer sabia que eles eram sensíveis, exato, eu vi o JR que era uma pessoa que nunca tinha visto a chorar – a chorar mesmo! Foi aí que eu percebi ok, isto aqui é incrível porque nos deu aqui, aquela intimidade mesmo. Foi aí.”</p> <p><b>J I</b> – “Ah, também comecei a pensar que ... Os outros poderão ter mais problemas que eu, e que os meus problemas nem sempre são a prioridade, e agora, consigo preocupar-me mais com os outros do que comigo, o que é... Eu nunca pensei fazer isso.”</p>

- E que impacto sentiste em ti?
- O que é que esperas que este projeto te dê em termos de desenvolvimento pessoal?

**J I** – “Porque antes eu era daquelas pessoas que não saía do quarto, eu vivia no quarto super isolada e ficava sempre no telemóvel e agora eu vou comer com eles; ya que eu não comia com eles eu vejo filmes com eles eu vou correr com o meu pai eu faço desporto com eles o que eu antes não fazia (...)”

**J I** - “Eles disseram (pais) que se não houvesse coisa para Lisboa, eles levavam-me a Lisboa, sendo que no outro dia era escola, para mim, e era trabalho para eles. Eu acho que isso também é o impacto que eles tiveram e que notaram que eu queria aquilo e era aquilo, (...). Mostrando às pessoas que nem sempre a vida é como uma nuvem, que há sempre um lado positivo e que, se dermos uma oportunidade de ver esse lado positivo, pode ser que saímos daquela má fase que todos nós passamos, na minha idade. Acho que se pode dizer assim.”

**J II** - “Eu já era uma pessoa um pouco fechada, por vezes extrovertida, mas. (...) Eu acho que algumas atitudes minhas de ver... Não que eu antes tivesse atitudes más mas...(...) Algumas formas de ver coisas diferentes, por exemplo... Fazer mais perguntas, e ver, querer saber mais.”

**J II** – “Sim, porque alguns alunos não se abriam tanto, já se abrem mais, alguns alunos não tinham tanta empatia, e têm, e com a Semana Ubuntu conseguiram trabalhar isso.”

**J II** – “Em termos de desenvolvimento pessoal, eu antes não exprimia tanto as minhas ideias, não valorizava tanto as



			<p>minhas ideias e hoje em dia já consigo debater sobre alguns assuntos, que antes tinha ou medo ou vergonha (...)"</p> <p><b>J III</b> – “Acho que não mudou muita coisa, não sei.”</p> <p><b>J IV</b> – “Gostei bastante das ideias do Ubuntu, dos conceitos. Acho que já estava a pô-los em prática antes de sabê-los, sequer, e acho que a semana só serviu para eu colocá-los ainda mais em prática no meu dia-a-dia.”</p> <p><b>J IV</b> – “Tenho-me controlado mais a mim mesmo, ou seja, sinto-me mais um líder...tenho-me sentido mais confiante, acho que tenho-me conseguido controlar, ou seja, sou mais líder, e tenho conseguido até, quando é necessário, liderar numa situação de grupo. Que eu antes sinto que não era. (...) agora, por exemplo, sou delegado de turma, da minha turma. Quando é preciso estou sempre lá para ser o porta-voz, para ser o líder, quem precisa eu estou lá...e eu acho que antes, antes da Semana Ubuntu e antes de participar neste Clube, não era capaz de o fazer tão bem como faço agora.”</p>
<p><b>Clube Ubuntu enquanto espaço de participação</b></p>	<p>○ Quando foi instituído o Clube Ubuntu no AE Júlio Dinis? E como tem sido a sua evolução? Existiram obstáculos?</p>	<p>Assiduidade</p> <p>Referência de situações em que os jovens emitem opinião, são escutados,</p>	<p><b>J I</b> – “Ah, eu nunca faltei, nem penso faltar, só se me acontecesse alguma coisa mesmo grave e que não possa ir, tenho contribuído com tudo, ajudar em tudo o que posso...”</p> <p><b>J I</b> – “Eu tento sempre ir a tudo, tanto que os meus pais até disseram – Uau, tu que ficas na cama até mais tarde decidiste acordar só para ir a uma coisa, isto deve ser mesmo especial!”</p>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ O que é que te move a fazer parte deste Clube?</li> <li>○ O que é ser Ubuntu?</li> <li>○ Na tua opinião, o que é para ti “comunidade”?             <ul style="list-style-type: none"> <li>○ E “participação”?</li> <li>○ E “liderança”?</li> </ul> </li> </ul>	<p>informados e incidem nas decisões.</p>	<p><b>J I</b> – “(Participar mesmo) A mesma coisa que eu ter uma consulta super importante, que ia ter uma cirurgia, a mesma coisa que eu ter a consulta antes da cirurgia e dizer – Não, eu não vou. Eu tenho Clube, não vou. . Pronto. E tive de desmarcar a cirurgia. Ao menos fui ao Clube. Exato.”</p> <p><b>J I</b> – “Foi a Edu I que chegou um dia – Olhem, e se a gente fizesse isso? E fizemos.”</p> <p><b>J I</b> – “(...) mesmo elas (educadoras) quando estão lá, organizam-nos e a gente faz as coisas, com o apoio delas.”</p> <p><b>J II</b> – “E acho que o Clube Ubuntu conseguiu trazer mais espaço para ajudar e para ter as minhas ideias, exprimir-me mais, em relação às ideias que eu tinha, aquilo que eu sentia mais ou menos em relação a alguns assuntos.”</p> <p><b>J II</b> – “Sempre temos espaço para definir as minhas ideias, sempre sou ouvida mesmo estando correta ou não... E, acho que, também, se nós precisarmos de alguma coisa eles ajudam-nos, a Edu I, a Edu II, mesmo os próprios colegas se precisarmos de alguma coisa eles ajudam.”</p> <p><b>J III</b> – “(Participar no Clube) É dar a sua opinião. Dar ideias, comentar, é isso ...”</p> <p><b>J IV</b> – “Sou ativo...tento, ou melhor, tento não, ajudo no que é necessário (...) Acho que participo, faço trabalho nas coisas que são precisas, dou ideias, partilho histórias, faço com que o Clube mexa também.”</p>
--	---	---	---

<p><b>Construção de Pontes</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Qual a atividade/projeto que desenvolveste no Clube Ubuntu que mais te marcou? E porquê?</li> <li>○ Qual é a tua representação sobre essa atividade?</li> </ul>	<p>Atividades e referências que demonstrem empatia e ligação ao outro</p>	<p><b>J I</b> – “O SA limpou aquilo, a parede, depois, a gente começou a fazer o desenho com as fita-colas (...). Aham... Começamos a fazer aquilo com as fita-colas, fizemos meio como um projeto e, depois, a gente começou a trazer as tintas, coisa que o meu pai também deu um coisa de tinta. Incrível. Obriguei-o a sair do trabalho para ir buscar a tinta, mas pronto. Aham... E, depois, até os professores ajudaram, por exemplo, o professor de EV que deu-nos pinceis e isso e... é engraçado que a escola também contribui, o que é fantástico.”</p> <p><b>J I</b> – “Oh pá, eu acho que criar laços, a gente criou até demais. Sim, eu acho que criamos imensos e construímos uma meia comunidade, um meio grupinho, uma meia família, pode-se dizer assim.”</p> <p><b>J II</b> – “Ubuntu é empatia e então nós vamos ajudar sempre que pudermos... Mas, nas ações finais que fazemos nós sempre ajudamos.”</p> <p><b>J II</b> – “Eu falei com muitos dos meus colegas de turma, espalhei mais a mensagem porque, se cada um de nós trouxer uma coisa, já vai ser muito bom, se for todos de nós da minha turma a trazer uma coisa, já são vinte e três coisas que vão fazer...”</p> <p><b>J II</b> – “Eu fui lá à minha escola primária antiga e fui lá levar o carrinho, não é um carrinho, é uma caixa e eu até cheguei a escrever lá e a fazer uns desenhos para acharem mais</p>
------------------------------------	--	---	--

apelativos porque são da primária e (...)Eles estavam todos felizes e perguntaram o que é que era ubuntu. E eu contei a história, disse que era um clube, contei tudo... E foi muito divertido!”

**J III** – “Tentei fazer com que não discutissem ali no grupo e que... Ou que parassem de discutir, ou que se quisessem discutir, que discutissem em privado, que não envolvessem as outras pessoas.”

**J IV** – “(...) nós fizemos agora uma campanha de bens para a Ucrânia e uma das coisas que nós fizemos foi colocar uma caixinha em todas as escolas do primeiro ciclo para não ser só as pessoas desta escola e os pais desta escola, serem os pais das outras escolas a saberem o que é o Clube – porque nós fomos lá e explicamos o que era o Clube – e a participarem nas atividades do Clube. Acho que esse é um dos grandes impactos, é pegar na comunidade envolvente e trazê-la a participar.”

**J IV** – “(...) por exemplo, vou dar um exemplo muito concreto em que eu acho que trabalhamos muitos pilares...no mural Ubuntu, que nós pintamos lá fora. Acho que Construir Pontes – vou começar por este. Nós conseguimos fazer com que os meninos mais pequenos do quinto e sexto ano participassem! E, só aí, já criou uma ligação entre nós. Porque eles participaram.”

**J IV** – “A atividade (...) foi uma atividade pela paz na Ucrânia. Não fomos nós, alunos em si, que realizamos, até

			<p>porque estávamos em aulas nessa altura, mas fizemos ali com os alunos mais pequenos de quinto ano o símbolo da paz e, às onze horas, num dia – não me lembro exatamente do dia – fizemos um minuto de silêncio pela Ucrânia. Penso que isso, mais uma vez, cria pontes entre, não só os alunos e os professores, mas os alunos e...faz mexer a escola.”</p>
<p><b>Liderança Servidora</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Qual a atividade/projeto que desenvolveste no Clube Ubuntu que mais te marcou? E porquê?</li> <li>○ Qual é a tua representação sobre essa atividade?</li> <li>○ Na semana Ubuntu costuma-se referir que a ALU é uma escola de líderes servidores e construtores de pontes, inspirados para cuidar. Sentes que evoluíste quanto líder? De que forma?</li> </ul>	<p>Atividades que jovens lideraram ao serviço do bem-comum da sua comunidade</p>	<p><b>J I</b> - “Ah. Pelo que eu me lembro, acho que foi a Edu II que me tinha dito que o espaço de Psicologia era horrível e eu não sei o que é que foi, acho que foi o JVI, acho que tenho uma noção que foi ele, vira-se – Ah, nós temos um rode de arrecadações que não usamos, podemos pedir ao Edu E. E a gente começou a dar graxa ao Edu E e ele deu-nos aquele espaço. Simples.”</p> <p><b>J I</b> – “Eu acho que, basicamente, o lema que é ser pessoa... (...) É ajudar os outros e...pronto. É beneficiar a comunidade.”</p> <p><b>J II</b> – “Eu acho que nós todos somos líderes porque nós ajudamos, damos ideias, tentamos ir cada vez mais longe, superar-nos e isso... É muito importante.”</p> <p><b>J IV</b> – “Foi assim a primeira grande ação (Gabinete SPO). As outras coisas que eu fiz antes, que eu fazia, eu considero pequenas ações porque não foram coisas muito grandes. Esta aqui foi a primeira coisa que realmente trouxe um impacto significativo para as pessoas em redor. Então, acho que impactou e eu não vou esquecer esta sala que nós fizemos.”</p>

			<p><b>J IV</b> – “(...) Liderança Servidora fez com que os...nós, do Clube, liderássemos e conseguíssemos orientar os pequenos sobre o que fazer...”</p> <p><b>J IV</b> - “(...) nós logo no início do ano fizemos um bazar de Natal, uma compra e venda de coisas para, eventualmente, fazer a – e sempre com a marca do Ubuntu, isso eu acho muito importante, sempre lá com a marca. (...) É um bazar de Natal a pensar nos outros. As coisas que nós vendemos não é só - Ah, vamos angariar dinheiro, o dinheiro é só nosso. -. O dinheiro é nosso porque nós o vamos utilizar outra vez para a comunidade, em prol dos outros.”</p>
<p><b>Ética do Cuidado</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Qual a atividade/projeto que desenvolveste no Clube Ubuntu que mais te marcou? E porquê?</li> <li>○ Qual é a tua representação sobre essa atividade?</li> <li>○ Como é que o Clube, na tua perspetiva, cuida da comunidade?</li> <li>○ E de ti?</li> </ul>	<p>Atividades que demonstrem cuidado ao outro</p>	<p><b>J I</b> – “Eu acho que o gabinete, esse gabinete também ajudou bastante... Eu acho que, eu própria, eu e o JIV ajudamos a nossa turma, porque a gente, quando teve a semana, a gente virou psicólogos para alguns momentos. É o que a gente diz.”</p> <p><b>J II</b> - Tem cuidado muito bem porque... eu falo porque sei de várias coisas... Nós temos sempre muito cuidado em saber como é que as pessoas se sentiam, e por exemplo, na semana passada como fomos ver a palestra por causa de uma rapariga (...).”</p> <p><b>J IV</b> – “(...) acho que esses são os conceitos principais assim do Ubuntu, seria ajudar o outro, o cuidado.”</p>

**J IV** – “(o Clube) Cuida bem, também. Aqui na escola tentamos dinamizar com outras pessoas, sendo da escola, sendo fora...fomos às outras escolas, penso que estamos a trazer um belo impacto à comunidade.”

**J IV** – “(...) a Ética do Cuidado, eu penso que criamos um impacto na escola com aquele mural. E na comunidade em redor.”

### Anexo 8 – Grelha de análise de conteúdo dos *Focus Group* – Jovens

Categoria	Questões	Subcategoria	Indicador
<b>Legitimar a entrevista</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Solicitar dados de caracterização – género, idade, proveniência, ano de escolaridade, tempo de projeto.</li> </ul>	Dados de caracterização	<p><b>J I</b> – 15 anos; feminino; Grijó; 9º ano de escolaridade; dois anos letivos de projeto</p> <p><b>J II</b> – 13 anos; feminino; Grijó; 8º ano de escolaridade; meses de projeto.</p> <p><b>J V</b> – 14 anos; feminino; Grijó; 8º ano de escolaridade; meses de projeto.</p> <p><b>J VI</b> – 13 anos; feminino; Grijó; 8º ano de escolaridade; meses de projeto</p> <p><b>J VII</b> – 13 anos; feminino; Grijó; 8º ano de escolaridade; meses de projeto</p>
<b>Representação do projeto e da sua participação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Que razões vos levaram a participar no Clube UBUNTU?</li> <li>○ Existiram obstáculos à criação/dinamização do Clube Ubuntu na vossa escola. Se sim, quais?</li> </ul>	Razões de ingresso no Clube	<p><b>J V</b> – “Porque eu gostei da semana e queria fazer mais.”</p> <p><b>J I</b> – “O J IV foi e eu naquela altura, podia ir para casa com ele. Pronto, o J IV veio e eu também decidi vir... e também porque aproximei-me, pode-se dizer assim, de uma pessoa lá da semana, e pronto, eu pensei assim se eu estiver no Clube Ubuntu, ela vem mais vezes. Então, pronto, entrei. E, depois, passado algum tempo, deixei-me ficar.”</p> <p><b>J I</b> – “O convívio entre as pessoas.”</p>



	<p>○ Qual o legado que gostavam de deixar à escola com o Clube?</p>	<p><b>J VI</b> – “As atividades. (...) Da semana.”</p> <p><b>J VI</b> – (Razões de permanecer no Clube) “A J VI e... porque eu acho que ainda conseguimos fazer algumas atividades. Se eu continuar a tentar lhes dizer o que fazer.</p> <p><b>J VII</b> – “Então, no início eu tenho entrado por causa da J VI e por causa da J V e por causa que eu tinha gostado da semana e estava curiosa para ver como é que ia ser. (...)Tipo para o que eu pensava que ia ser, não está a ser tipo tão...”</p> <p><b>J I</b> – “(Um obstáculo) Talvez seja um bocado o pouco tempo que temos. (...) Podia ser mais tempo, mesmo que seja uma vez por semana, ou então, mais vezes por semana.”</p> <p><b>J VI</b> – “Eu acho que ter de ‘tar, tipo, com outras pessoas que não são iguais a nós e ter de ‘tar com eles a fazer atividades, às vezes pode ser um bocado difícil.”</p>	
	<p>Opinião e Representação do Clube</p>	<p><b>J I</b> – “Se calhar se a gente colaborasse mais e fechasse a matraca, se calhar dava para, pelo menos, adiantar algumas coisas...”</p> <p><b>J II</b> – “De serviço para as pessoas e termos ajudado e... (...) marcamos de alguma forma as pessoas que vamos ajudar e marcamos a escola também, porque fomos nós, da escola, que proporcionamos isso.</p>	

			<p><b>J VI</b> – “Talvez melhorar mais coisas necessárias na escola. E, por exemplo, que... os outros se ouçam e se ajudem mais. E acho que é isso.”</p> <p><b>J VII</b> – “Eu acho que, no Clube, devemos ter mais organização sobre as ideias, ou seja, estamos a fazer uma ideia e não começar a fazer logo outra porque devemos terminar primeiro essa e, depois, sim, começar outra. Para não deixar tudo ao monte e deixar uma por acabar...”</p>
		Mudanças ocorridas nos jovens	<p><b>J V</b> – “Na altura, nos primeiros tempos funcionou depois disso voltou tudo ao normal.” (Relativamente à sua turma que não ingressou maioritariamente no Clube)</p>
<p><b>Clube Ubuntu enquanto espaço de participação</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Qual o impacto que a vossa participação no Clube tem tido em vocês próprios?</li> <li>○ E na comunidade escolar e na comunidade onde a vossa escola está localizada?</li> </ul>	Impacto da Participação	<p><b>J I</b> – “Ele (Pai) não é daquelas pessoas que fala muito, mas ele disse que, quando chegamos ao carro (...) - É nisto que tu andas? - e eu - Exato, isso é um exemplo daquilo que eu ando -. E ele - Ah, então vou começar a ir contigo ao Clube -. E, pronto, foi aí que ele agora gosta que eu ande e me leva para todo o lado.” [Após experienciar uma atividade Ubuntu]</p> <p><b>J I</b> – “(...) alguém falou-me que nós temos que ter empatia uns com os outros, já que estávamos no Clube e tal... e como tudo se resolvia, que um líder sabia perdoar... Pronto. Como líder, que nós somos, sabemos perdoar e, pronto, eu tentei resolver. Acabei por resolver.”</p>

			<p><b>J I</b> – “Oh pah, é sempre bonito a gente passar e lembrar-se - Fomos nós que fizemos aquilo (Gabinete SPO) -. E a minha família também ter contribuído...”</p> <p><b>J V</b> – “Eu não sei, mas acho que marcou um pouco a todos, sendo que todos ajudaram, é porque estavam preocupados em ajudar. Marcou a todos.”</p> <p><b>J VI</b> – “Porque as atividades que nós fazemos é, por exemplo, eu acho que os outros alunos gostam das atividades que fazemos e é meio como uma forma de... por exemplo, alunos desta escola não são muito de ajudar os outros e isso, e eu acho que o Clube é uma forma de incentivá-los, encaminhá-los para poderem ajudar um pouco as outras pessoas.”</p> <p><b>J II</b> – “Com atos pequenos conseguimos fazer a diferença porque conseguimos ajudar.”</p>
	<p>Referência de situações em que os jovens emitem opinião, são escutados, informados e incidem nas decisões.</p>		<p><b>J I</b> – “Fui a um hotel... Fui representar o nosso Clube, perante empresas e pedir uma ajudinha com o nosso campo de férias.”</p> <p><b>J I</b> - “Acho que sim (Liderança Servidora), fomos nós que tomamos a iniciativa de fazer (Recolha de Bens para a Ucrânia), então, acho que sim.”</p> <p><b>J V</b> – “O campo de férias foi depois da J I ter ido a... lá representar-nos. E surgiu a ideia de irmos para um hotel, para o campo de férias. O símbolo da paz foi por</p>

causa disto da guerra, lógico. Os recreios já estávamos a pensar há algum tempo.

**J VI** – “Não fizemos atividades que eu esperava que fizéssemos. (...) Por exemplo, ajudar mais os necessitados. (...) Eu dei duas ideias de... uma de servir comida aos pobres e isso, no Porto, durante a época de natal e a outra de irmos limpar as praias. (...) Para a da comida, disseram-me que estava muito perto, mas ainda tínhamos algum tempo e a... da praia só... meio que ignoraram.”

**J II** – “(...) Dou ideias. São muitas ideias, então nem sempre acho que podem ser ouvidas, mas... são faladas um pouco, pelo menos, acho eu. E... Sinto-me bem no grupo.”

**J VI** – “(...) eu acho que, tipo, eles ouvem, mas, por exemplo, acho que se... elas (Educadoras) estão mais preocupadas com pintar coisas e esse tipo de coisas, do que realmente fazer isso. Então, tipo eu acho que elas ouvem, só que preferem ignorar e passar para outras coisas.”

**J VI** – “Acho que, talvez, ouvir mais as outras pessoas, porque dá para perceber que muitas vezes, no Clube, talvez por eu ser diferente, preferem ouvir outras pessoas, do que realmente me ouvir. Ou, por exemplo, mandar-me fazer coisas e deixar as outras pessoas

fazerem o que elas quiserem. E muitas vezes fazem isso, talvez por eu ser diferente, não sei.”

**J II** – “Mas, ponho-me no lugar delas ou de outras pessoas, eu vejo que há coisas, o ponto, a perspectiva de ver delas nunca é, às vezes, não é, não é ouvido. Não é tão ouvido. Elas podem ter feito algo de errado, mas pode ter acontecido outra coisa antes para as levar a fazer algumas coisas que fizeram ou para a outra pessoa fazer o que fez.”

**J VI** – “(...) eles tornaram uma atividade que era suposto ser divertida, numa atividade eu mando e tu fazes. E isso não...tanto que nem sequer acabamos. Portanto, não foi nada organizado.” (Pintura do Símbolo da Paz)

**J VI** – “Foi... Foi só a Edu I e a Edu II que chegaram e disseram que nós tínhamos que pintar aquilo, num determinado tempo e...pronto, elas só disseram que era...fizeram uma breve explicação sobre o que era e mandaram-nos fazer aquilo e nós fomos.” (Pintura do Símbolo da Paz)

**J VI** – “Muitas pessoas daqui, do Clube, também, tipo... eu vou ter de dizer a mesma coisa outra vez, porque, tipo, eles preferem... Eu não sei o que é que eles pensam, mas eles só chegam e invés de estar a fazer, de se preocuparem em fazer o seu lugar no Clube e fazer a diferença, preocupam-se em só liderar de uma

<p><b>Eixo de Construção de Pontes</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Na vossa perspetiva, o Clube Ubuntu tem sido uma oportunidade para porem em prática os 5 pilares que estão na base da filosofia Ubuntu (autoconhecimento, autoconfiança, resiliência, empatia, serviço) e os 3 eixos do conceito (ética do cuidado, liderança servidora, construção de pontes)?</li> <li>○ Se sim, de que modo? Conseguem especificar atividades?</li> <li>○ Que atividades têm vindo a desenvolver/desenvolveram no âmbito do Clube Ubuntu?</li> <li>○ Quais aas vossas representações dessas atividades?</li> </ul>	<p>Atividades que demonstrem empatia e ligação ao outro</p>	<p>forma excessiva e mandar nos outros e é isso. E as educadoras não fazem nada quanto a isso.</p> <p><b>J V</b> – “Aquela... eu acho que aquela que a gente fez que tinha que calçar os sapatos dos outros (...). A empatia.”</p> <p><b>J V</b> – “Acho que em todas as sessões contem um pouco de empatia. Entre nós, no caso.”</p> <p><b>J V</b> – “Acho que aquilo da gente recolher produtos para a Ucrânia foi um pouco de empatia também.”</p> <p><b>J I</b> – “Depois, a pintura envolveu que o meu pai meteu um dia de férias para vir cá pintar.” (Preparação Gabinete SPO)</p> <p><b>J I</b> – “Os meninos do quinto e do sexto ajudaram, foram pintar também, porque aquilo era um bocado difícil de pintarmos só nós, nós eramos...que...10. Eramos... (...) E, acho que eles terem ajudado também foi...deu-nos vontade de lhes ensinar, para eles ficarem já com uma ideia do que era, assim quando... eles disseram - Quando eu tiver a semana, eu venho para isto -.”</p> <p><b>J II</b> – “Nós tínhamos feito um jogo que era nós partilharmos algo da nossa vida que tinha a ver com o jogo e tirar cartas. E acho que isso deu para nos inteirmos mais um pouco uns aos outros, mas não</p>
--	--	---	---

- Conseguem identificar pilares e/ou eixos Ubuntu nas intenções dessas vossas atividades?
- Qual a atividade que mais vos marcou? E porquê?

deu para perceber tudo. (...) Construir pontes, porque é ligar, ver se há ligações entre nós. “

**J II** – “Porque numa escola, há sempre aquelas desavenças entre alguns alunos, mas, os funcionários em si, nunca tiveram nada contra nós, alguns até ficaram, mudaram a sua postura, outros continuaram com o mesmo feitio e a sua maneira de ver.”

**J VI** – “Trocamos aquelas cartas no Clube, acho que foi uma forma de construir pontes uns com os outros... (...) Além de não ter corrido tão fácil. Eu não senti isso, mas, de qualquer forma, acho que foi uma boa atividade.”

**J II** – “Entrei na sala da pré, veio um menino qualquer, que eu não conhecia, dar-me um abraço e eu, simplesmente, só abracei. Depois, tentei explicar o mínimo, porque sabia que eles eram da pré e que não ia ser muito fácil entenderem. Depois, descobri que a minha professora antiga, que é a coordenadora da escola, tinha entregado uns papéis para passarem aos pais, mais ou menos com a explicação de tudo.”

**J II** – “Não sou de pintar, mas eu, quando estava a pintar, acabei por conhecer, por exemplo, estava à conversa com o J IV, com a J I, e deu para conhecer um pouco mais eles os dois, deu para fazer algumas... deu para ter algumas conversas com a J X e ter alguns

<p><b>Eixo da Liderança Servidora</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Na vossa perspetiva, o Clube Ubuntu tem sido uma oportunidade para porem em prática os 5 pilares que estão na base da filosofia Ubuntu (autoconhecimento, autoconfiança, resiliência, empatia, serviço) e os 3 eixos do conceito (ética do cuidado, liderança servidora, construção de pontes)?</li> <li>○ Se sim, de que modo? Conseguem especificar atividades?</li> <li>○ Que atividades têm vindo a desenvolver/desenvolveram no âmbito do Clube Ubuntu?</li> <li>○ Quais as vossas representações dessas atividades?</li> </ul>	<p>Atividades que jovens lideraram ao serviço do bem-comum da sua comunidade</p>	<p>momentos engraçados, quando nós pintávamos sem querer o cabelo...”</p> <p><b>J I</b> – “Este novo gabinete que deu assim um bocadinho de trabalhinho a mais (...). Empatia e Serviço.”</p> <p><b>J I</b> - “Acho que sim (Liderança Servidora), fomos nós que tomamos a iniciativa de fazer (Recolha de Bens para a Ucrânia), então, acho que sim.”</p> <p><b>J II</b> – “Serviço à comunidade, quando estivemos a fazer a contagem, no átrio, das coisas que iam para a Ucrânia, roupas e afins.”</p> <p><b>J VI</b> – “No fundo, (o bazar de natal) foi uma forma de ajudar tanto o Clube, quanto a comunidade, porque o dinheiro que angariamos seria para ajudar os outros.”</p> <p><b>J II</b> – “Ajudar os outros. Sentirmo-nos mais perto de, das pessoas que necessitavam.” (Atividade Carrinho +cheio)</p> <p><b>J II</b> – “Da liderança servidora. Porque nós servimos os quem precisavam de ajuda.” (Sobre a mobilização da comunidade para a recolha de bens para a Ucrânia)</p>
---	---	--	--



	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Conseguem identificar pilares e/ou eixos Ubuntu nas intenções dessas vossas atividades?</li> <li>○ Qual a atividade que mais vos marcou? E porquê?</li> </ul>		
<p><b>Eixo da Ética do Cuidado</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Na vossa perspetiva, o Clube Ubuntu tem sido uma oportunidade para porem em prática os 5 pilares que estão na base da filosofia Ubuntu (autoconhecimento, autoconfiança, resiliência, empatia, serviço) e os 3 eixos do conceito (ética do cuidado, liderança servidora, construção de pontes)?</li> <li>○ Se sim, de que modo? Conseguem especificar atividades?</li> </ul>	<p>Atividades que demonstrem cuidado ao outro</p>	<p><b>J I</b> – “Ética do cuidado. (...) Porque a gente estava a tentar dar melhores condições às pessoas que não tinham” (Sobre a Recolha de bens para a Ucrânia)</p> <p><b>J I</b> – “Ética do cuidado. (...) Porque a gente fez isto (Gabinete SPO) para tentar cuidar das pessoas, dar um espaço mais reservado para poderem falar.”</p> <p><b>J I</b> – “Ética do cuidado. (...) Porque a gente tentou cuidar de quem cuida de nós. Literalmente.” (Cartas de São Valentim – auxiliares e comunidade educativa)</p> <p><b>J VII</b> – “Quando nós distribuimos cartas para os funcionários. Acho que foi uma forma de, de... de eles entenderem que fazem falta se saírem daqui.”</p> <p><b>J VI</b> – “Porque, tipo, quando nós falamos sobre essa atividade, tinha alguns que ficaram tipo ah eu não vou receber nada. E eu tipo, eles dizem isso de uma forma a brincar, mas eu percebi que ficaram um bocado tristes. Então, eu fiz (cartas) para toda a gente. E... eu</p>

- Que atividades têm vindo a desenvolver/desenvolveram no âmbito do Clube Ubuntu?
- Quais as vossas representações dessas atividades?
- Conseguem identificar pilares e/ou eixos Ubuntu nas intenções dessas vossas atividades?
- Qual a atividade que mais vos marcou? E porquê?

sei que eles ficaram felizes com isso porque teve uma colega minha que até veio ter comigo... tipo agradeceu-me mesmo por eu ter feito aquilo, porque precisava.”

**J II** – “Até pequenos gestos que nós fazemos às vezes, por exemplo já saber os nomes deles (funcionários) e dizer e chegar lá, eles já ficam felizes.”

### Anexo 9 – Grelha de análise de conteúdo da Entrevista Educadoras

Categoria	Questões	Subcategoria	Indicador   Respostas dos entrevistados
<b>Legitimar a entrevista</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Solicitar dados de caracterização – género, idade, área profissional, tempo de projeto.</li> </ul>	Dados de caracterização	<p><b>Edu I</b> – 49 anos; feminino; animadora sociocultural; cerca de dois anos letivos de projeto.</p> <p><b>Edu II</b> – 44 anos; feminino; psicóloga escolar; cerca de três anos letivos de projeto.</p>
<b>Representação do projeto e da sua participação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Quando foi instituído o Clube Ubuntu no AE Júlio Dinis? E como tem sido a sua evolução?</li> <li>○ Quantos jovens participam no Clube?</li> <li>○ Após tantas semanas feitas, quais as razões de ingresso ou não, dos jovens no Clube?</li> <li>○ Ao longo das sessões foram referindo situações em que se é ou não Ubuntu. O que é ser Ubuntu?</li> </ul>	Entradas e saídas de jovens	<p><b>Edu I</b> – “Digamos assim, houve esta continuidade, os alunos quiseram... continuaram com... no Clube, não é? Que participaram nas semanas, continuaram a participar nas atividades do Ubuntu, no Clube. E houve outros tantos que não participaram, não é? Mas muito mais os que não participaram. Mas pronto, aqueles que participaram, sentimos que se envolveram ao ponto de mostrar aqui, na escola, o que é o Ubuntu.”</p> <p><b>Edu II</b> – “Eles à quarta-feira têm uma série de Clubes, aqui, na escola, com muita tradição. Acho que isso também é um aspeto importante, porque são Clubes que já têm aqui uma história diferente e, aqui, uma consistência diferente. Depois, isto sendo novo... aham... eu acho que há, aqui, um fenómeno, assim pensando... a questão da semana ubuntu mexe, ali, com muitas dimensões psicológicas e emocionais e, acho que, às vezes, pode haver esta ideia de que no Clube, também, vamos só mexer nesta parte, ou... e que isso, às vezes, pode criar aqui alguma resistência.”</p>

	<p>○ O que é que esperam que estes jovens do Clube levem do projeto para as suas vidas?</p>		<p><b>Edu I</b> – “Não é na linha da semana, porque nós temos 4 áreas de atuação no Clube, que não são as mesmas... (...) naqueles 4 parâmetros que são usados no Clube Ubuntu, que não tem nada a ver com as semanas ubuntu, apesar de trabalharmos sempre os pilares, só que de uma forma diferente, mais prática, não é? E, também, de uma forma mais lúdica. E, se calhar, há miúdos que vieram, o ano passado, que preferiam uma coisa mais, não sei, diferente.”</p> <p><b>Edu II</b> – “Houve miúdos que vieram e que desistiram, ahmm... mas que, lá está, também entraram outros, noutra dimensão, e, acho que ao perceberem que no Clube se fazem coisas que não abordam só esta parte mais intra, e nós temos pensado muito sobre a possibilidade de eles terem também saídas e coisas também atrativas, não é?”</p> <p><b>Edu I</b> – “Estão mais família, não é? É um bocado difícil agora vir outra pessoa que entra ali e tipo.”</p>
		<p>Imagem do Clube na Escola</p>	<p><b>Edu I</b> – “Os professores ficaram um pouco renitentes porque os alunos iriam ficar sem uma semana de aulas ou o que é que iria ser isto, Ubuntu, etc, etc. Mas entretanto, também começaram a perceber a ... os resultados, mais ou menos efetivos em cada turma e também começaram a entender um pouco que era isto. O clube Ubuntu também veio reforçar um pouco esta ideia do Ubuntu, do que é Ubuntu (...).”</p> <p><b>Edu I</b> – “O Clube Ubuntu aqui (escola) é visto como o Clube que, pronto, trabalha mais a empatia pelos outros, o</p>

cuidado... a ética do cuidado, etc. Portanto, somos mais solicitados nesse aspeto.”

**Edu II** – “Isto tem a ver com o que fomos trabalhando nas semanas e a questão da identidade deles, não é? Que será alguém que é mais cuidadoso com o outro, que será alguém mais atento ao outro, não só próprio umbigo, não é? Na consequência que o seu próprio comportamento tem no outro e ter aqui... lá está. É a ética do cuidado, não é? Que isto congrega estas coisas todas, mas é alguém que está, que... que tem de ser um exemplo para os outros, em termos de conduta, de integridade, enfim. E eles percebem.”

**Edu II** – “(...) Primeiro, a da confiança no adulto e na relação com os adultos, porque eles vivenciam aqui, portanto levam isto; depois, o seu papel ativo na comunidade, que coisas pequenas se calhar podem ter este papel, no seu dia-a-dia, nas ações no seu todo; e, depois, que sejam mais conscientes, responsáveis, empáticos e que se lembrem que passaram por uma determinada experiência e por umas sessões em que falavam sobre estas coisas, que estejam mais sensíveis.”

**Edu II** – “Agora pensando, basicamente é isso. Serem melhores cidadãos.”

**Edu I** – “(...) Porque eu acho que eles estão muito vinculados agora a tudo que é digital e fogem um pouco daquilo que é humano. E, para mim, parece fundamental

			<p>que o Clube Ubuntu traga o lado humano para a escola. (...) É promover este lado mais humanizado da educação, mais humanista, digamos assim, da educação. Que acima de tudo, é a missão da escola e do perfil do aluno à saída da escolaridade obrigatória é mesmo este lado humanista, este perfil humanista da educação (...).”</p>
	<p>Mudanças ocorridas nos jovens</p>		<p><b>Edu II</b> – “(...) vão desenvolvendo competências de uma forma muito sequenciada, mas estas coisas vão acontecendo, pelas experiências que eles têm no Clube. E vão tendo algumas atitudes, ou verbalizando algumas coisas que nos permitem perceber que eles estão em evolução. Se pensarmos neles há um ano atrás, eles não diriam a mesma coisa na mesma forma, estão em desenvolvimento. (...)”</p> <p><b>Edu II</b> – “(...) E portanto, vão, depois, aparecendo evidências que isto tem um impacto. E que eles, realmente, são capazes, depois, de liderar alguns processos que sejam ao seu nível, no seu âmbito, quer seja no grupo de turma, quer seja em mobilizar os colegas para outras coisas, quer seja em apresentar uma ideia e ser capaz de comunicar, ultrapassar uma dificuldade, de ter cuidado com outro aluno, ou de uma situação em que achar que alguém está a ser prejudicado, também terem a coragem de se expor e de falar.”</p> <p><b>Edu I</b> – “(...) Às vezes, nós sentimos uma certa diferença mesmo ao nível da personalidade. Por exemplo, a J I, no ano passado, não foi capaz, sentiu-se bastante mal, nervosa e com muitos problemas, quando foi apresentar lá, no...</p>

			<p>(...) Ubuntu Fest. Este ano, nós tivemos uma participação, na semana passada, não foi? (...) E ela partilhou com toda a gente, adultos e etc, responsáveis, o que é que nós precisávamos para o Clube. Apresentou as atividades que nós fizemos, apresentou na maior das calmas, e muito assertivamente.</p> <p><b>Edu II</b> – “E, por exemplo, eu que estive com eles, depois, na orientação, na turma deles, eles foram motores de outros para participarem no processo para decidirem o que iam fazer da vida, digamos assim. Portanto, eles próprios adotaram na turma, tanto o J IV, como a J I, este papel, de convencer os outros, num determinado momento em que eles acharam que não estavam a pensar tanto nisso, em convencer alunos que, se calhar, estariam numa situação mais frágil, a estar e a ir. E foram eles que o fizeram. Se calhar, não sei se não tivessem passado pelo Clube, ou pelo processo se iriam ser iguais. Se calhar, iam eles e pronto. Portanto, acho que este olhar para o outro depois reflete quase... eles transferem o que aprendem...”</p>
<p><b>Clube Ubuntu enquanto espaço de participação</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Estão todos ativamente comprometidos com o Clube?</li> <li>○ Qual o nível de participação dos jovens no planeamento e execução das atividades?</li> </ul>	<p>Assiduidade</p>	<p><b>Edu II</b> – “Nem acham que sejam merecedores, depois, os outros que entram (...).Têm um direito, porque investiram, participaram, estiveram e eles já próprios conseguem, tentam fazer... não é tentam. Acho que são atentos, não é?”</p> <p>Edu II – “Mas, acho que de uma forma geral, comprometidos, eu sinto que estão, porque eles, as presenças indicam isto, não é? E a regularidade. (...) Comprometidos no sentido de pertença, da regularidade,</p>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>Quais os critérios de seleção e desenho da intervenção do Clube?</li> </ul>		<p>se calhar temos 2 elementos que (...) são mais instáveis, mas, que são instáveis no seu dia-a-dia, portanto, aqui também, a frequência é mais instável. Ahmm... Ao nível da participação, acho que temos os que estão motivados intrinsecamente mais pelas atividades, tarefas, e teremos outros que têm uma coisa mais social, digamos assim, por quem vem, por quem está, e isso é motor, e... Por exemplo, estávamos, agora, a falar de uma aluna, que não vindo as outras duas alunas, ou não estando uma das amigas, porque estão com covid, a participação já é completamente diferente.”</p> <p>Referência de situações em que os jovens emitem opinião, são escutados, informados e incidem nas decisões.</p> <p><b>Edu I</b> – “Nós, no Clube, somos sempre solicitados para fazermos estas campanhas e para montarmos as coisas e para pintarmos e para fazer isto e para fazer as recolhas (...). Mas, também, nós... eles... normalmente, todos aceitam aquilo que nós... que há para fazer, não é? Sentimos que todos se empenham na, nesse caso. Ainda no outro dia, tiveram aqui, estivemos a trabalhar num... nas flores e não sei quê, e estivemos a explicar, porquê que estávamos a fazer, porque o girassol é a flor da... flor símbolo da Ucrânia e na na na. E vamos conversando com eles e eles vão todos participando nas atividades.”</p> <p><b>Edu I</b> – “Portanto, nós temos que ter sempre este cuidado de, ok, vamos fazer isto, e agora vamos fazer aquilo, que é para todos sentirem que têm o seu espaço e que têm os seus interesses correspondidos.”</p> <p><b>Edu I</b> – “Mas, também, pela motivação que nos foi dada inicialmente, pelos nossos alunos do Clube, não é?”</p>
--	--	--	---



Quando fizeram aquela primeira revisão do espaço físico da escola... (...) do World Café. Nós também partimos desse trabalho, portanto, sentimos que eles não têm... têm mais vontade de atuar junto da escola, não é?”

**Edu I** – “Então, naquela atividade do espaço físico da escola, no World Café, eles comentaram que precisavam de um espaço mais intimista, digamos assim, para partilharem assuntos que não queriam partilhar, aqui, num gabinete com 5 ou 6 técnicos, ou às vezes mais. E, então foi pensado e agilizado um espaço que pudesse ser... que pudesse comportar, digamos assim, estas características (...).”

**Edu I** – “Eles, ainda hoje, se gabam disso. (Risos) - Um espaço que fomos nós que fizemos!-”

**Edu I** – “Várias coisas são do World Café, mas, depois, outras tantas, são... Por exemplo, a saída também é organizada em função daquilo que eles também necessitam ou gostariam de fazer, não é? Daquilo que eles gostariam de fazer... (...) E outras coisas também vão surgindo... pronto, da nossa parte, da nossa planificação semanal, daquilo que nós gostávamos, o que é que é importante, por exemplo, imagina que esta semana houve muitos problemas de comportamento, etc, etc, então, se calhar, agora, tínhamos uma atividade planeada de construção dos bancos para o recreio exterior, mas temos que resolver problemas internos.”

**Edu II** – “ (...)Até porque, às vezes, eles, também, não conhecem o que é que existe também... (...) Temos de ter às vezes, porque eles não têm este nível de conhecimento das coisas que existem e que possam também fazer, e nós temos também esse papel.”

**Edu I** – “Ainda hoje negociamos uma atividade, por exemplo, a ida ao cinema. Nós reunimos no bazar de natal X dinheiro, não é? Se vamos gastá-lo agora, portanto, não vamos ter tempo para angariar mais dinheiro, em nenhuma atividade. Logo, eles próprios também se sentiram autónomos, digamos assim, e responsáveis por tomar decisões do próprio Clube. Portanto, não somos nós, os adultos, que vamos tomar decisões por eles. E é esta questão... E eu acho que isto também é muito importante para eles, dar-lhes autonomia e dar-lhes responsabilidade, não é? Portanto, há esta responsabilização um bocado democrática, digamos assim, do Clube, do próprio Clube, de tomarem decisões.”

**Edu I** – “É interessante também nós colocamos sempre, eu e a Edu II, colocamos sempre nas mãos deles, eles decidirem as coisas. Porque, também, achamos interessante eles saberem decidir, às vezes ficam a discutir, por acaso hoje foi por unanimidade, às vezes ficam a discutir os prós e os contras, e nós como, também, a observar como é que eles gerem as coisas, não é? Como é que gerem as decisões e eu acho interessante. E, nem sempre, por exemplo, são aqueles elementos mais responsáveis que nós temos no Clube, que até tomam as

			<p>decisões mais acertadas, às vezes até são aqueles que são mais mal comportados que pensam noutras coisas, que... (...) E que contribuem muito para a decisão final, não é?”</p> <p><b>Edu II</b> – “(...) É ir, pronto, um nível mais básico de participação. Depois, um nível mais ativo será eles próprios tomarem decisões sobre o que ali acontece, sobre... Por um lado, esta coisa que nós vamos treinando com eles, do treinarem a participação para a escolha das coisas e para decidirem coisas. E, depois, eventualmente, tomarem decisões, participando já a um nível mais exigente, que é, por exemplo, o que eles fazem quando escolhem ou direcionam as suas atividades, ou para o que, se são para coisas que valem a pena, ou não. (...) nós partilhamos esta visão da participação que não é só o vir, o estar, é representar, é também decidir, tomar decisões, neste sentido, é representar perante os outros alunos, é terem um papel. Pronto, nós vamos reforçando sempre isto.”</p>
<p><b>Construção de Pontes</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Na opinião de cada uma, qual foi a atividade que vocês mais gostaram de ver desenvolvida? Que vos mexeu mais. Com o impacto ou com aquilo que realizaram.</li> </ul>	<p>Atividades que demonstrem empatia e ligação ao outro</p>	<p><b>Edu I</b> - “Quando os... o pessoal não docente recebeu as cartas, ficaram emocionados, os miúdos tiveram aquele gesto, ect. E eles já começam a sentir - Ah, isto aqui é que é ser ubuntu! É pensar no outro. - E os mais pequeninos também já começam a perceber, porque vai um elemento do Clube Ubuntu, um jovem, uma jovem, falar sobre a atividade às escolas primárias, ect, escolas básicas de 1º ciclo.”</p>

<p><b>Liderança Servidora</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Na semana ubuntu costuma-se referir que a ALU é uma escola de líderes servidores e construtores de pontes, inspirados para cuidar. Como é que sentem que os jovens têm evoluído enquanto líderes?</li> <li>○ Na opinião de cada uma, qual foi a atividade que vocês mais gostaram de ver desenvolvida? Que vos mexeu mais. Com o impacto ou com aquilo que realizaram.</li> </ul>	<p>Atividades que jovens lideraram ao serviço do bem-comum da sua comunidade</p>	<p><b>Edu I</b> – “E, pronto, conseguimos conquistar esse espaço para o SPO que, com alguns patrocínios e com muito esforço dos próprios alunos do Clube, foi reformulado para um espaço de atendimento, que é utilizado diariamente, por vários técnicos, não é? (...) Para atendimentos, dos pais, dos encarregados de educação, dos próprios alunos. Portanto, é um espaço multidisciplinar, multifuncional, digamos assim, que é utilizado e que foi obra do Clube.”</p>
<p><b>Ética do Cuidado</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Como é que o Clube, na vossa perspetiva, cuida da comunidade? E dos jovens participantes?</li> <li>○ Na opinião de cada uma, qual foi a atividade que vocês mais</li> </ul>	<p>Atividades que demonstrem cuidado ao outro</p>	<p><b>Edu II</b> – “Porque também sentimos, a uma certa altura, que este, pronto, é um meio pequeno, mais isolado, e, se calhar, até será um dos poucos agrupamentos que não teve intervenção no espaço físico, e pronto. E seria importante, também, este olhar para dentro e valorizar quem somos, o que fazemos enquanto comunidade educativa, e temos sensibilizado um bocado para isto, não é? (...) Portanto, temos cuidado mais da comunidade educativa, do que da comunidade em termos local...”</p>

gostaram de ver desenvolvida?  
Que vos mexeu mais. Com o  
impacto ou com aquilo que  
realizaram.

**Edu II** – “Acho que é pela relação, pela consistência, pela... regularidade, sobretudo. Das figuras de segurança e de referência. Pronto, e isso é o cuidar, não é? É saberem que estão ali, ou que temos uma resposta, ou que... eles... como também estamos associados ao Nasce e que, por sua vez, à psicologia, e esta parte, eles usam isto como um canal, já o fizeram.”

**Edu I** – “(...) Uma atividade que também acho que... que, para mim, foi muito importante, foi as cartas de agradecimento. Acho que colocá-los, não só os nossos, alunos do Clube, mas outros miúdos pequenos, a pensarem a importância que o pessoal não-docente tem para uma escola, para uma comunidade educativa... acho que foi uma atividade, assim, bastante importante para... porque, de repente, a escola percebeu - Ah, espera aí, estão aqui pessoas.-“

## **Anexo 10 – Consentimento de Participação no Estudo**

O Projeto de Investigação intitulado *Clube Ubuntu enquanto mecanismo de participação comunitária de jovens* pretende perceber em que medida os três eixos estruturantes do conceito Ubuntu – ética do cuidado, liderança servidora e construção de pontes- podem promover um estilo particular de participação dos jovens na comunidade, através do Clube Ubuntu, com a intenção de desenvolver uma análise qualitativa de um Clube Ubuntu, adotando, como estratégia de investigação, um Estudo de Caso, com os objetivos de descrever o fenómeno dentro do seu contexto, aferir as motivações dos jovens estudantes Ubuntu, as suas perceções, procurando identificar ações que materializam a liderança servidora na participação comunitária. Este projeto está a ser desenvolvido por uma mestranda do curso de Intervenção Comunitária, na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, em colaboração com a Academia de Líderes Ubuntu, Instituto Padre António Vieira e o Agrupamento de Escolas Júlio Dinis. Um dos procedimentos metodológicos do referido projeto centrar-se-á no desenvolvimento de entrevistas individuais e grupais, com vista a avaliar a influência da formação UBUNTU na capacitação dos jovens para competências e disposições atitudinais favoráveis à participação na comunidade. Para este efeito, vimos solicitar a participação do seu educando nas entrevistas que decorrerão nos próximos meses. A participação do seu educando será anónima, voluntária e consentida. Não existem respostas certas ou erradas, sendo apenas importante que o seu educando responda de acordo com a sua experiência.

Eu, <sup>Yael</sup> Jaminda Maria Martins dos Neves, encarregado/a de educação do/a aluno/a Daniel Damado Neves, abaixo assinado/a, autorizo, de livre e espontânea vontade, que o/a meu/minha educando/educanda participe no Projeto de Investigação *Clube Ubuntu enquanto mecanismo de participação comunitária de jovens*.

Declaro ter sido informado/a dos objetivos do referido projeto de investigação e autorizo a recolha e utilização dos dados obtidos para efeitos análise e estudo, salvaguardando a identidade e a confidencialidade de todos os dados do meu educando.

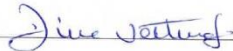
Jaminda Maria Martins dos Neves  
O/A E.E.

Vila Nova de Gaia, 16 de 3 de 2022

O Projeto de Investigação intitulado *Clube Ubuntu enquanto mecanismo de participação comunitária de jovens* pretende perceber em que medida os três eixos estruturantes do conceito Ubuntu – ética do cuidado, liderança servidora e construção de pontes- podem promover um estilo particular de participação dos jovens na comunidade, através do Clube Ubuntu, com a intenção de desenvolver uma análise qualitativa de um Clube Ubuntu, adotando, como estratégia de investigação, um Estudo de Caso, com os objetivos de descrever o fenómeno dentro do seu contexto, aferir as motivações dos jovens estudantes Ubuntu, as suas perceções, procurando identificar ações que materializam a liderança servidora na participação comunitária. Este projeto está a ser desenvolvido por uma mestranda do curso de Intervenção Comunitária, na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, em colaboração com a Academia de Líderes Ubuntu, Instituto Padre António Vieira e o Agrupamento de Escolas Júlio Dinis. Um dos procedimentos metodológicos do referido projeto centrar-se-á no desenvolvimento de entrevistas individuais e grupais, com vista a avaliar a influência da formação UBUNTU na capacitação dos jovens para competências e disposições atitudinais favoráveis à participação na comunidade. Para este efeito, vimos solicitar a participação do seu educando nas entrevistas que decorrerão nos próximos meses. A participação do seu educando será anónima, voluntária e consentida. Não existem respostas certas ou erradas, sendo apenas importante que o seu educando responda de acordo com a sua experiência.

Eu, DINA VENTURA encarregado/a de educação do/a aluno/a LEONOR VENTURA SAUTOS, abaixo assinado/a, autorizo, de livre e espontânea vontade, que o/a meu/minha educando/educanda participe no Projeto de Investigação *Clube Ubuntu enquanto mecanismo de participação comunitária de jovens*.

Declaro ter sido informado/a dos objetivos do referido projeto de investigação e autorizo a recolha e utilização dos dados obtidos para efeitos análise e estudo, salvaguardando a identidade e a confidencialidade de todos os dados do meu educando.

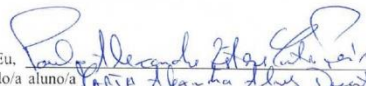


O/A E.E.

Vila Nova de Gaia, 17 de Março de 2022



O Projeto de Investigação intitulado *Clube Ubuntu enquanto mecanismo de participação comunitária de jovens* pretende perceber em que medida os três eixos estruturantes do conceito Ubuntu – ética do cuidado, liderança servidora e construção de pontes- podem promover um estilo particular de participação dos jovens na comunidade, através do Clube Ubuntu, com a intenção de desenvolver uma análise qualitativa de um Clube Ubuntu, adotando, como estratégia de investigação, um Estudo de Caso, com os objetivos de descrever o fenómeno dentro do seu contexto, aferir as motivações dos jovens estudantes Ubuntu, as suas perceções, procurando identificar ações que materializam a liderança servidora na participação comunitária. Este projeto está a ser desenvolvido por uma mestranda do curso de Intervenção Comunitária, na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, em colaboração com a Academia de Líderes Ubuntu, Instituto Padre António Vieira e o Agrupamento de Escolas Júlio Dinis. Um dos procedimentos metodológicos do referido projeto centrar-se-á no desenvolvimento de entrevistas individuais e grupais, com vista a avaliar a influência da formação UBUNTU na capacitação dos jovens para competências e disposições atitudinais favoráveis à participação na comunidade. Para este efeito, vimos solicitar a participação do seu educando nas entrevistas que decorrerão nos próximos meses. A participação do seu educando será anónima, voluntária e consentida. Não existem respostas certas ou erradas, sendo apenas importante que o seu educando responda de acordo com a sua experiência.

Eu,  encarregado/a de educação do/a aluno/a Carla Alexandra Alves Duarte abaixo assinado/a, autorizo, de livre e espontânea vontade, que o/a meu/minha educando/educanda participe no Projeto de Investigação *Clube Ubuntu enquanto mecanismo de participação comunitária de jovens*. Declaro ter sido informado/a dos objetivos do referido projeto de investigação e autorizo a recolha e utilização dos dados obtidos para efeitos análise e estudo, salvaguardando a identidade e a confidencialidade de todos os dados do meu educando.

O/A E.E.

Vila Nova de Gaia, 18 de Junho de 2022

O Projeto de Investigação intitulado *Clube Ubuntu enquanto mecanismo de participação comunitária de jovens* pretende perceber em que medida os três eixos estruturantes do conceito Ubuntu – ética do cuidado, liderança servidora e construção de pontes- podem promover um estilo particular de participação dos jovens na comunidade, através do Clube Ubuntu, com a intenção de desenvolver uma análise qualitativa de um Clube Ubuntu, adotando, como estratégia de investigação, um Estudo de Caso, com os objetivos de descrever o fenómeno dentro do seu contexto, aferir as motivações dos jovens estudantes Ubuntu, as suas perceções, procurando identificar ações que materializam a liderança servidora na participação comunitária. Este projeto está a ser desenvolvido por uma mestranda do curso de Intervenção Comunitária, na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, em colaboração com a Academia de Líderes Ubuntu, Instituto Padre António Vieira e o Agrupamento de Escolas Júlio Dinis. Um dos procedimentos metodológicos do referido projeto centrar-se-á no desenvolvimento de entrevistas individuais e grupais, com vista a avaliar a influência da formação UBUNTU na capacitação dos jovens para competências e disposições atitudinais favoráveis à participação na comunidade. Para este efeito, vimos solicitar a participação do seu educando nas entrevistas que decorrerão nos próximos meses. A participação do seu educando será anónima, voluntária e consentida. Não existem respostas certas ou erradas, sendo apenas importante que o seu educando responda de acordo com a sua experiência.

Eu, João António Alves da Silva encarregado/a de educação do/a aluno/a Carina Moreira da Silva, abaixo assinado/a, autorizo, de livre e espontânea vontade, que o/a meu/minha educando/educanda participe no Projeto de Investigação *Clube Ubuntu enquanto mecanismo de participação comunitária de jovens*.

Declaro ter sido informado/a dos objetivos do referido projeto de investigação e autorizo a recolha e utilização dos dados obtidos para efeitos análise e estudo, salvaguardando a identidade e a confidencialidade de todos os dados do meu educando.

João Silva

O/A E.E.

Vila Nova de Gaia 23 de Março de 2022

O Projeto de Investigação intitulado *Clube Ubuntu enquanto mecanismo de participação comunitária de jovens* pretende perceber em que medida os três eixos estruturantes do conceito Ubuntu – ética do cuidado, liderança servidora e construção de pontes- podem promover um estilo particular de participação dos jovens na comunidade, através do Clube Ubuntu, com a intenção de desenvolver uma análise qualitativa de um Clube Ubuntu, adotando, como estratégia de investigação, um Estudo de Caso, com os objetivos de descrever o fenómeno dentro do seu contexto, aferir as motivações dos jovens estudantes Ubuntu, as suas perceções, procurando identificar ações que materializam a liderança servidora na participação comunitária. Este projeto está a ser desenvolvido por uma mestranda do curso de Intervenção Comunitária, na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, em colaboração com a Academia de Líderes Ubuntu, Instituto Padre António Vieira e o Agrupamento de Escolas Júlio Dinis.

Um dos procedimentos metodológicos do referido projeto centrar-se-á no desenvolvimento de entrevistas individuais e grupais, com vista a avaliar a influência da formação UBUNTU na capacitação dos jovens para competências e disposições atitudinais favoráveis à participação na comunidade. Para este efeito, vimos solicitar a participação do seu educando nas entrevistas que decorrerão nos próximos meses. A participação do seu educando será anónima, voluntária e consentida. Não existem respostas certas ou erradas, sendo apenas importante que o seu educando responda de acordo com a sua experiência.

Eu, Rob. Rangel Lopes Reis encarregado/a de educação do/a aluno/a Bernardo Santos, abaixo assinado/a, autorizo, de livre e espontânea vontade, que o/a meu/a educando/educanda participe no Projeto de Investigação *Clube Ubuntu enquanto mecanismo de participação comunitária de jovens*.

Declaro ter sido informado/a dos objetivos do referido projeto de investigação e autorizo a recolha e utilização dos dados obtidos para efeitos análise e estudo, salvaguardando a identidade e a confidencialidade de todos os dados do meu educando.



O/A E.E.

Vila Nova de Gaia, 22 de 8 3 de 2022

## Anexo 11 – Diário de Bordo

### Diário de Bordo | Registos da Observação-participante

#### I. 23 de março de 2022, entre as 14h30 e as 16h00

- Por volta das 14h30 ingressei na sessão do Clube Ubuntu, onde os jovens já se encontravam sentados ao redor de cerca de 3 mesas juntas, de madeira maciça, de uma sala de educação visual e tecnológica. O grupo composto por 9 jovens – 6 do sexo feminino e 3 do sexo masculino – encontrava-se agitado por causa das gomas que alguns dos jovens possuíam e as 2 educadoras presentes demonstraram alguma dificuldade em iniciar a sessão. De salientar que o jovem J VIII e a jovem J VII demonstram ser mais desestabilizadores, a procurar sempre comunicar com alguma inquietação e sempre em movimento, sendo que durante a sessão foi sendo salientado o comportamento do jovem J VIII, ao que o mesmo refere “Não sou malcomportado. Sou agitado e extrovertido.”
- O Clube conta com o apoio de duas educadoras, com idades entre os 35 e os 45 anos. A Edu I é animadora sociocultural e a Edu II é psicóloga escolar e ambas estão a meio tempo na escola.
- O grupo é constituído por jovens entre os 13 e os 15 anos, sendo que 2 se encontram no 9ºano – os jovens J IV e J I - e os restantes no 8º. Não obstante, as educadoras salientaram ter 3 membros em falta e procuraram perceber com os jovens onde é que estes se encontravam e como estavam. Segundo os jovens do Clube, o jovem J XI está “desaparecido”, a jovem J XII dado que foi repreendida pelas educadoras optou por não estar presente e a jovem J VI teve uma consulta.
- Após o grupo começar a acalmar-se, falando menos e guardando as gomas, as educadoras começaram a sessão a informar sobre os projetos de investigação que o projeto Ubuntu na escola aderiu, nomeadamente o presente estudo e a investigação a ser desenvolvido pelo Instituto Superior de Serviço Social do Porto (ISSSP). Posteriormente, o grupo salientou que durante a semana celebrou-se o aniversário de 2 jovens do clube – a jovem J I e o jovem J IV fizeram 15 anos – e, deste modo, cantou-se os parabéns a cada um e a sessão finalizou com um lanche partilhado ao ar livre.
- O jovem J VIII pediu para expor ao grupo um conflito que viveu com a jovem J IX (jovens pertencentes à mesma turma). O jovem J VIII procurou tentar copiar

pela jovem J IX num teste, e a jovem demonstrou não gostar da situação e expôs à professora e o jovem J VIII sentiu-se, segundo ele, magoado e segundo o mesmo, a jovem J IX “Não é um ser Ubuntu!” As educadoras foram levantando algumas questões, de modo a mediar o conflito e a desconstruir o que é um “ser ubuntu”.

- De salientar que a jovem J IX, de 13 anos e estatura alta para a sua idade, demonstrou ser mais introvertida e, aparentemente, sem fortes vínculos com os restantes membros do grupo.
- De seguida, as educadoras partilharam com o grupo que, devido a um bazar de natal que o clube desenvolveu, possuíam orçamento para ir ao cinema ver um filme que espelha os 5 pilares do Ubuntu – autoconhecimento, autoconfiança, empatia, resiliência, serviço-. O grupo demonstrou-se bastante entusiasmado com a ideia e logo com muitas questões, como “quando?” “onde?” “vamos conseguir comer pipocas?” e houve partilhas de jovens que não tiveram ainda a oportunidade de ir ao cinema. Contudo, as educadoras revisitaram o regulamento do Clube Ubuntu, onde constam indicadores de seleção de participação dos jovens nestas atividades e seguiu-se uma ronda de auto e heteroavaliação, tendo com base a participação nas restantes sessões e atividades, assiduidade, comportamento, mudanças de atitudes.
- Durante a referida ronda, foi referido que dois jovens – J III e J V - realizam mentoria com os jovens J VIII e J VII, de modo a apoiá-los a ter uma participação mais oportuna nas aulas e melhoria do aproveitamento escolar. O grupo quando questionado se o jovem J VIII deveria participar na ida ao cinema, o J III salientou “Ele pode ir. Ele comigo porta-se bem.”
- Após todos os jovens escutados, concluíram que todos vão participar na ida ao cinema.
- De seguida, o grupo lembrou a missão que tiveram na semana anterior, nomeadamente, de recolha de bens alimentares e essenciais para serem enviados para a Ucrânia. O Clube mobilizou a comunidade, organizou e etiquetou todos as dádivas. Foi salientado, pelo grupo, o jovem J IV como líder desta ação. As Educadoras partilharam com o grupo que o agrupamento receberá 2 crianças ucranianas e foi pedido ao Clube que fornecessem algumas dos bens que possuíam da recolha. Não obstante, as educadoras lembraram da descrição deste pedido, salientando o direito à dignidade.

- Para finalizar a sessão, o Clube debruçou-se sobre o plano de intervenção para o Espaço exterior de recreio, que pretendem cuidar e torná-lo mais colorido, com um mural “Eu sou porque tu és”, que será participativo, toda a comunidade vai ser convidada a contribuir para a pintura, pintado a sua mão. O grupo dividiu tarefas e responsabilidades relativamente ao material, sendo que os nomes dos encarregados de educação também foram referidos nesta nova missão do clube. A Edu I evidenciou que devido à prontidão da execução de outros projetos do clube, foi-lhes solicitado que desenhassem o símbolo da paz à entrada da escola. As jovens J II e J X demonstraram alguma apreensão relativamente à gestão do tempo, contudo o grupo tranquilizou-as, dizendo que será uma missão para irem fazendo ao longo do 3 período.
- De seguida, o Clube mobilizou-se para o exterior para um momento de convívio e celebração dos aniversários.
- As educadoras referiram-me que vão alterando entre sessões de “mão-à-obra” – de ações e projetos para a comunidade – e atividades internas para trabalhar a coesão do grupo.
- **Nota:** O grupo apresentou estar à vontade e recetivo à minha presença, convidando-me a estar presente na sessão de cinema. Dado que já trabalhei com este grupo, existe uma relação de confiança já criada. O grupo demonstrou-se disponível para as entrevistas individuais da parte da tarde.



*Imagem 1 Painel da Sala do Clube Ubuntu*

## II. 6 de abril de 2022, entre as 14h30 e as 16h00

- Pelas 14h30 ingressei na sala descrita anteriormente, onde decorrem as sessões, contudo somente encontrei a Edu I, a vestir um macacão laranja, tendo-me informado que iriam continuar a pintura do símbolo da paz na entrada da escola, o qual tinha iniciado na sessão anterior (sessão do dia 30 de março).
- Não obstante, a presente sessão contou com poucos jovens participantes, pois, dado que era o dia mundial da atividade física, os jovens foram mobilizados para um torneio de andebol a decorrer na escola. Houve uma turma em torneio que se assumiu como turma Ubuntu, usando as t-shirts Ubuntu [466/64] para jogar.
- Importa referir que estava calendarizado que esta sessão seria uma ida ao cinema, contudo, teve de ser adiado para o 3º período escolar, visto que a proposta não foi aprovada pelo Conselho Pedagógico, dado o plano de contingência em vigente.
- Embora o torneio estivesse a decorrer, algumas jovens foram aparecendo para dar apoio nos retoques do símbolo e iniciar a pintura das flores coloridas. Nomeadamente, as jovens J V e J VI e uma outra jovem não pertencente ao Clube, mas que se voluntariou para apoiar na pintura. A jovem J I, embora participante no torneio, referiu que entrava em jogo às 15h30 e que, por isso, até lá ficaria a apoiar o Clube, e assim o fez, pegou num pincel, como as restantes jovens e duas educadoras – Edu I e Edu II – e começou a pintar.
- Dada a instabilidade da participação dos jovens, esta sessão permitiu estar mais em contacto com as educadoras, sendo que optaram por partilhar histórias de casos específicos de jovens que participaram na semana, mas não continuaram no Clube Ubuntu. Nomeadamente, o jovem LU que demonstrou ser bastante participativo e alinhado com o projeto e ainda iniciou a sua passagem pelo Clube Ubuntu, contudo, devido a uma outra atividade extracurricular, fora da escola, coincidente com o horário do Clube, não participa nas sessões, mas procura ajudar no que é necessário.
- O jovem DV ao longo da semana ubuntu demonstrou desagrado por participar no projeto, mais fechado em si e sempre com uma postura de procurar contrariar as dinâmicas propostas, sendo que este foi um comportamento que foi sendo apaziguado ao longo da semana. A Edu II partilhou que o jovem se encontra bastante diferente, muito mais aberto na procura de conhecer e apoiar o outro, o



seu colega, dando o exemplo das sessões de orientação vocacional, em que ele, bastante decidido e organizado, só necessitava de ir às primeiras sessões, optou por ir a todas as sessões, procurando apoiar e orientar os seus colegas na tomada de decisão. Todavia, não participa no Clube Ubuntu.

- A Edu I partilhou que, frequentemente, os jovens procuram expor situações que aconteceram no dia-a-dia da escola referindo que foram comportamentos “não ubuntu”, como na sessão do dia 23 de março o jovem J VIII partilhou e, segundo a educadora, na sessão passada foi exposta uma situação em que a jovem J IX se recusou a sentar junto de uma jovem cigana. Segundo a educadora, os jovens referem que “Ser Ubuntu” é dar o exemplo, é dar oportunidade ao outro, procurando conhecer.
- A sessão terminou pelas 16h, em que a jovem J II, visto que já tinha jogado, juntou-se para apoiar na limpeza dos pinceis a arrumação do espaço.
- Após a limpeza, estive na sala dos técnicos com as educadoras – Edu I e Edu II -, para partilharem comigo alguns documentos, nomeadamente um relatório das atividades realizadas no 2º período, o regulamento interno do Clube Ubuntu, o Plano de Contingência do Clube e as autorizações para os jovens participarem no presente Estudo de Caso, assinadas pelos respetivos Encarregados de Educação. Solicitei a partilha do projeto educativo e do regulamento interno na escola, dado que os documentos que se encontram no site são referentes a 2015 e 2017. A Edu II referiu que estão, de facto, desatualizados, mas que a escola ainda se encontra a formar uma equipa para atualizar os referidos documentos.
- **Nota:** Poderá ser interessante no âmbito do estudo, desconstruir o que os jovens entendem por “Ser Ubuntu” nas entrevistas individuais. A jovem J I demonstrou disponibilidade para realizar a entrevista no dia 21 de abril, quinta-feira, pelas 14h30.



*Imagem 2 Pintura do Símbolo da Paz*



### III. 04 de maio de 2022, entre as 14h30 e as 16h00

- Por volta das 14h30 ingressei na sessão do Clube Ubuntu, onde os jovens já se encontravam sentados ao redor de cerca de 3 mesas juntas, de madeira maciça, de uma sala de educação visual e tecnológica, com as educadoras – Edu I e Edu II. Esta sessão contou com 7 jovens alunos, sendo 3 do sexo masculino – J III; J IV; J VIII – e as restantes do sexo feminino – J I; J II; J VI; J IX -. Os jovens encontravam-se a informar as educadoras que 3 dos membros que estavam a faltar à sessão era por estarem em confinamento e/ou porque contraíram Covid. Os jovens presentes já não estavam a utilizar máscara.
- Após os cumprimentos iniciais, a Edu I informou os jovens que tinham sido convidados a participar na sessão de esclarecimentos sobre como agir numa situação de um ataque epilético com uma enfermeira, referindo que, como “ser Ubuntu” é apoiar, ser cuidadoso e estar atendo ao outro, esta poderia ser uma boa oportunidade para aprenderem a apoiar nestas situações.
- Os jovens rapidamente começaram a querer partilhar experiências ou pessoas que conheciam com epilepsia. O jovem J VIII foi logo um dos primeiros a falar, referindo que viu um professor a fazer um “mata-leão” a uma aluna. O grupo ficou surpreso e a tentar perceber a que o jovem se referia. A jovem J IX veio ao auxílio do jovem J VIII referindo que houve uma aluna que teve um ataque (não conseguiu referir se era de epilepsia ou outra questão) e que o professor de educação física procurou ajudar a jovem a acalmar-se, agarrando, mas não realizando um “mata-leão”.
- O jovem J IV referiu ter conhecimentos práticos da Posição lateral de segurança que pode ser realizada nestas situações e os jovens J II e J III referiram também saber. Surgiu a ideia de um dia poderem participar num curso de socorrismo e foi abordada a postura dos membros do Clube Ubuntu na sessão, sendo que os jovens referiram que seria uma postura atenta e silenciosa. Os jovens J III e J VIII mostraram estar irrequietos, falando e rindo-se bastante um com o outro, sendo que a Edu II foi chamando a atenção com alguma frequência.
- Posto isto, dirigiram-se a outra sala para participar na sessão. A sessão era aberta à comunidade educativa, estando presentes professores e assistentes operacionais. Os únicos jovens presentes eram os jovens do Clube Ubuntu.

- O jovem J VIII manteve-se inquieto durante a sessão, e as educadoras iam intervindo e pedindo silêncio. Quando os adultos presentes na sessão começaram a falar uns com os outros, o jovem J VIII procurou imitar o que os adultos lhe fazem frequentemente e pediu silêncio aos adultos.
- A sessão foi prática, direcionada para o como agir em situação de um ataque epilético, inclusive dando medicação. A Edu I questionou a enfermeira relativamente à ação que os jovens presentes podem assumir, nomeadamente como ajudar caso algo suceda no recreio, sendo que a resposta se centrou na ação de libertar o espaço em torno da criança/jovem e chamar um adulto. A jovem J II questionou se poderiam avançar também com o contacto ao 112, a resposta foi positiva. De um do geral, o grupo de jovens mostrou-se atento, interessado e participativo. De salientar que dado que o jovem J IV partilhou ter conhecimentos sobre a posição lateral de segurança e foi convidado por uma professora presente para exemplificar aos adultos presentes.
- Terminada a sessão, os jovens regressaram à sala e a Edu I questionou “Como Ubuntu – tal como vocês dizem – o que podem fazer nestas situações?”. Os jovens voltaram a referir o libertar o espaço e chamar um adulto, não obstante a jovem J II salientou que toda a situação poderá ser um momento embaraçoso e sensível para a criança/jovem e que seria importante também afastar as pessoas e promover a sua privacidade. O jovem J IV destacou a ideia de uma corrente de segurança. O Clube referiu que estas ações são um reflexo de empatia e da ética do cuidado. A Edu II percebeu ser pertinente abordar os primeiros socorros psicológicos, questionado os jovens de como costumam proceder quando evidenciam que alguém está mais triste, a chorar ou, como os jovens referiram, a ter um ataque de pânico. A jovem J II iniciou a partilha, sendo que todos os jovens participaram ativamente, referindo ações como, procurar a pessoa a ajudar-se a acalmar, levá-la para outro espaço, nomeadamente exterior, não fazer muitas questões, olhar nos olhos.
- A Edu I salientou que uma das jovens do grupo não aparentava estar bem, dado que usualmente é mais faladora e sorridente, referindo “A J VI não costuma ser assim.” De facto, a jovem J VI durante a sessão manteve-se mais isolada, em silêncio e sempre a abanar a perna. A jovem optou por manter-se em silêncio, o grupo respeitou, o jovem J VIII contou uma piada e a jovem J VI esboçou um

sorriso. O jovem J III afirmou que quando se encontra triste o jovem J VIII conta uma piada e é uma forma de cuidar dele. Este momento de partilha concluiu com a Edu I referir que como Clube Ubuntu há a responsabilidade de se dar o exemplo nestas ações de empatia e cuidado.

- A sessão terminou com as educadoras a colocarem um tema ao grupo para debater, nomeadamente o Clube realizou um Bazar de Natal em que angariou cerca de 115 euros que teria sido usado para a ida ao cinema no período anterior, contudo devido às restrições pandémicas impostas no agrupamento escolar, não foi permitido. A questão centrou-se se os jovens gostariam de usar este dinheiro e realizar a ida ao cinema este período escolar ou guardar para o campo de férias que calendarizaram para após o término das aulas. Rapidamente os jovens chegaram ao consenso de guardar o dinheiro para o campo de férias e referiram que era importante começarem a pensar em mais modos de angariar dinheiro, como das semanadas deles e/ou “uma ideia brutal para angariar”.
- A jovem J IX contestou o facto de ainda haver na sala roupas e bens essenciais que tinham angariado para enviar para a Ucrânia, demonstrando estar revoltada. As educadoras referiram que a Junta de Freguesia levou os bens alimentares, contudo encontra-se sem espaço para as restantes coisas angariadas e que estão de momento a agilizar a situação. Às 16h a sessão terminou.
- Após a sessão, segui com as educadoras para a sala de recursos da escola para realizar a entrevista para a presente investigação.

#### **IV. 10 de maio de 2022, entre as 14h30 e as 15h30**

- Às 14h30 entrei pelo portão da Escola Básica Júlio Dinis, onde já se encontrava a jovem J II à minha espera, para realizar a entrevista. No caminho até ao gabinete de SPO (sala disponibilizada pelas educadoras para realizar a entrevista), a jovem foi falando da sua família, nomeadamente da sua avó que se encontra doente e que celebrou o aniversário no dia seguinte a este encontro e sobre o seu irmão que está emigrado em Inglaterra e já sugeriu aos pais receber a jovem J II para estudar lá, a jovem não se mostrou muito cativada com esse convite, alegando que não está confortável a falar inglês.

- No decorrer da entrevista a jovem mostrou estar tensa e mais nervosa, especialmente quando iniciei a gravação. Para o final da entrevista, foi ficando mais calma e libertando os braços que estavam cruzados e, aparentemente, tensos.

#### V. 11 de maio de 2022, entre as 14h30 e as 16h00

- Por volta das 14h30 ingressei na sessão do Clube Ubuntu, onde os jovens já se encontravam sentados ao redor de cerca de 3 mesas juntas, de madeira maciça, de uma sala de educação visual e tecnológica, com as educadoras – Edu I e Edu II -. A sessão só contava com 4 jovens, do sexo feminino – J I; J V; J VII; J IX.
- As educadoras tinham-me informado previamente que na presente sessão iria decorrer o Focus Group de projeto de investigação a ser desenvolvido por uma equipa do ISSSP. Contudo a sessão seria via zoom e, deste modo, o grupo dirigiu-se à sala de TIC. No caminho até à referida sala, os jovens demonstraram algum descontentamento por só terem sido informados naquele momento da sessão e referiram não se sentirem à vontade para falar. Entretanto, o jovem J III juntou-se também ao grupo.
- A Edu II dividiu os jovens pelos computadores disponíveis e iniciou a sessão, cumprimentando a professora do ISSSP que já se encontrava na sessão zoom. Dado que nem todos os jovens tinham fones, combinou-se que o som sairia de apenas um computador e ia-se alertando a ligação dos microfones para evitar interferências. A Edu II foi solicitando aos jovens que ligassem as câmaras, os jovens mostraram-se reticentes, mas fizeram-no, exceto a jovem J VII. Após a saída das educadoras da sala (para permitir que os jovens se sentissem confortáveis a dar as suas respostas), a jovem J VII ficou nervosa e começou a chorar. Ausentei-me da sala com a referida jovem, procurando-a acalmar e a jovem partilhou que se sentiu pressionada para ligar a câmara e falar e que não se sente à vontade para o fazer. A jovem J VII acabou por regressar à sala, mas não participando ativamente e a jovem J V partilhou com a professora do estudo a situação, sendo que esta compreendeu.
- Foram decorrendo alguns problemas técnicos, como os microfones não darem, e a jovem J I demonstrou-se muito solicita, procurando ajudar. Contudo ao longo da sessão, os jovens demonstraram estar inibidos, desconfiados e desconfortáveis.

As respostas tornaram-se muito fechadas e apresentaram não se sentirem confortáveis para solicitar a repetição de questões quando necessário.

- Após a recolha de dados socio biográficos dos jovens, as questões do Focus Group centraram-se nos seguintes pontos: Impacto da formação UBUNTU nos estudantes, na turma, na escola; Sobre o CLUBE UBUNTU: impactos das ações desenvolvidas; Sugestões de aperfeiçoamento da formação UBUNTU. De evidenciar as seguintes respostas:
  - A jovem J I referiu que a formação foi “a semana que mudou a minha vida” porque “sou pessimista e melhorei um bocadinho”.
  - A J IX afirmou “Fiquei a dar-me melhor com a minha turma. Tornei-me mais sociável.”
  - Relativamente ao impacto da semana ubuntu, a jovem J V salientou que “Sentiu-se impacto, mas passadas duas semanas voltou ao normal.”
  - Relativamente aos 5 pilares do método Ubuntu e as atividades desenvolvidas no Clube, os jovens referiram que a empatia e o serviço são os mais trabalhados, mas o jovem J III afirmou crer que todos estão presentes.
  - Sobre sugestões de melhorias para o Clube Ubuntu, a jovem J IX referiu que acha que deveriam realizar mais atividades externas, portanto, abertas à comunidade envolvente, e não somente escolar. A jovem J I referiu atividades abertas ao exterior para obtenção de feedback.
  - A professora entrevistadora questionou sobre as atividades desenvolvidas e/ou em desenvolvimento, e os jovens demonstraram-se não se recordar, a jovem J VII começou a ajudar os colegas a lembrarem-se.
  - A sessão terminou passados 30 minutos.
- De salientar que a minha presença na sala, como observadora, foi articulada com uma das professoras do projeto de investigação do ISSSP.
- Após o término da sessão de focus group, o grupo voltou a dirigir-se à sala do Clube. Com as educadoras Edu I e Edu II novamente presentes, o grupo abordou um conflito decorrido no sábado, no grupo de Whatsapp do Clube, que envolveu o jovem J VIII, a jovem J VI (não presentes na sessão) e a jovem J V que referiu “Eu vou explicar o ocorrido.” Foi salientada uma discussão entre a jovem J V e o jovem J VIII, em que o jovem J III referiu “Eu disse para criarem outro grupo e falarem entre vós.” É importante evidenciar que o jovem J III se mostrou mais

silencioso e apático, mantendo-se afastado do grupo. Relativamente ao conflito, a jovem J I e o jovem J III demonstraram-se descontentes com a atitude dos colegas e as educadoras referiram que, embora os jovens tenham pedido desculpa, optaram por, para já, manter a conversa de grupo fechada.

- As educadoras, antes do término de sessão, ainda abordaram os seguintes temas:
  - Foi enviado email para o hotel que demonstrou interesse em apoiar no Campo de Férias do Clube. – No dia 19 de abril de 2022, promovido pelo projeto Ubuntu no Bairro, decorreu uma sessão, em Vila Nova de Gaia, entre empresas gaienses e os Clubes Ubuntu, criando possibilidades de colaboração. A jovem J I, como representante, partilhou os desenvolvimentos do Clube e as atividades que gostariam ainda de desenvolver e foi neste momento que o hotel demonstrou interesse em apoiar. O Clube tinha-se comprometido com o envio do email, para abordar possível colaboração.
  - O Clube foi convidado pelo IPAV para a atividade “12h Ubuntu pela paz” e as educadoras sugeriram que atividade fosse colorir os lápis de madeira grandes que se encontram na entrada da escola, em que cada lápis representa uma escola do agrupamento, e pintá-los (dado que já é visível o seu desgaste) com as cores do arco-íris, com o apoio dos alunos do 5º e 6º anos. Os jovens Ubuntu mostraram-se interessados, começaram a planear e comprometeram-se em apoiar as educadoras na segunda-feira, durante os intervalos.
  - De salientar que as educadoras se demonstraram desagradas com a pouca antecedência do convite, referindo que é recorrente e que desorganiza o planeamento do Clube.
- Às 16h30 terminou a sessão do Clube e iniciei a entrevista para a presente investigação com o jovem J III, que se manteve distante e muito fechado nas respostas.

## VI. 18 de maio de 2022, entre as 14h30 e as 16h00

- A sessão iniciou-se às 14h30, na sala de EVT habitual, considerada pelo grupo como a sala Ubuntu. O grupo contava com 5 jovens – J I; J VIII; J III; J V; J IX. Inicialmente só estava presente a Edu I, mas passados cerca de 2 minutos juntou-se a Edu II.
- Na sessão anterior tinha ficado em aberto a possibilidade do jovem J VIII se retirar do Clube devido a comportamentos desadequados. Contudo, o mesmo apareceu na sessão e após a Edu I o abordar, ele referiu “Só não fui embora, porque a minha mãe não deixou.” Sendo que a Edu I afirmou ter entrado em contacto com a mãe do jovem e alegar que necessitava do jovem no Clube. Após isto, a educadora abordou o facto de se desistir dos compromissos, após o primeiro percalço.
- A jovem J IX manteve-se mais distante do grupo – sendo que é a jovem que chegue sempre ao clube sozinha, enquanto os restantes, na sua vasta maioria, vêm em pares ou grupo -, e ajudou a Edu I com as folhas de presenças.
- A jovem J V e o jovem J VIII mantiveram-se na brincadeira e com risadas. As jovens J VI e J VII juntaram-se cerca de 7 minutos atrasadas, pois, segundo as mesmas estavam a realizar um trabalho para uma disciplina. E a Edu I reforçou a necessidade que a jovem J VII tem de passar de ano.
- Após o sucedido, as educadoras começaram a abordar temas gerais, nomeadamente, a razão de alguns jovens estarem a faltar:
  - O jovem J IV foi, como na sessão anterior, apoiar a dinamizar uma visita de estudo ao mosteiro de Grijó.
  - A jovem J II teve uma consulta. E a jovem J X não costuma vir quando a jovem J II não comparece.
  - O jovem J XI continua a não comparecer e as educadoras questionaram se alguém sabe do que possa ter acontecido com ele, ao que a jovem J VI referiu que tentou falar com ele e ele a ignorou e a jovem J I diz que ele não lhe respondeu.
  - A jovem J XII continua, igualmente, a não comparecer e o jovem J VIII contou um episódio em que a jovem deixou o seu telemóvel cair propositadamente no chão e este estragou-se; e referiu que a jovem tem tido várias faltas disciplinares. Relativamente ao telemóvel, a jovem J V sublinhou “Vir ao Ubuntu ‘tá quieto, mas comprar iPhones...”

- As educadoras reforçaram que ainda têm muitos desafios no plano e que os 9º ano apenas tem mais duas sessões e que o hotel contactado para o campo de férias respondeu declarando estar a analisar a possibilidade com a direção. A jovem J V mostrou-se pessimista, alegando que não iria acontecer. De salientar que a jovem J I estava com a T-shirt Ubuntu vestida.
- De seguida, as educadoras começaram a organizar o grupo em subequipas devido às várias ideias que ainda possuam por concretizar no plano, dividido o grupo em 2 equipas (os jovens selecionaram o grupo em que pretendiam ficar):
  - 1ª equipa encontra-se responsável pela exposição final Ubuntu (fotografias que estarão expostas no átrio da escola para espelhar o ano letivo do projeto) – sendo a jovem J IX ficou neste grupo [dada que a tarefa seria de rápida execução, este grupo depois funde-se com o outro]
  - 2ª equipa responsabiliza-se por organizar os recreios para o 2º ciclo; a pintura do símbolo da paz que decorrerá no dia mundial da criança e a preparação e gestão das alterações que pretendem realizar ao espaço de recreio exterior. Neste grupo ficaram todos os restantes jovens presentes.
- O grupo mostrou-se agitado, a brincarem uns com os outros e as educadoras demonstraram dificuldade em conseguir a atenção do grupo, sendo que a Edu I referiu que “Somos um Clube e decidimos as coisas juntos. Senão eu e a Edu II teríamos já fechado isto.”
- Com os grupos divididos, o Clube dirigiu-se ao Centro de Recursos, uma sala mais espaçosa e com acesso a internet para iniciar pesquisas. Na chegada à referida sala, foi necessário reestruturar a sala para servir os propósitos dos grupos, sendo que os jovens J I, J IX, J III e J V rapidamente começaram a arrumar as mesas; as jovens J VII e J VI sentaram-se logo na chegada à sala, continuaram a falar entre elas e não apoiaram na arrumação da sala. No caminho até à sala questionei se gostariam de realizar um focus group no âmbito do presente projeto de investigação e as mesmas continuaram a brincar uma com a outra e demonstraram pouco interesse, sendo que a jovem J VII referiu que não iria falar (tal como não participou no focus group da sessão anterior) e que a jovem J VI



não iria sem ela. Voltei a abordar a jovem J VI no final da sessão e a mesma confirmou em participar no focus group da próxima semana.

- A jovem J VII partilhou, alto o suficiente para que todo o grupo ouvisse, que “Sou sempre a excluída”. Sendo que a jovem J I colocou 2 cadeiras para as jovens J VI e J VII, junto da Edu I, mesmo no centro do grupo para que estas se sentissem mais incluídas.
- De salientar o comportamento do jovem J III, sempre numa postura mais calada e inibida, contudo, em termos de ação, muito proactivo e participativo. Sendo que durante a entrevista individual realizada, o mesmo não demonstrou conseguir opinar sobre a sua postura, liderança ou participação.
- Estando a sala organizada, os grupos iniciaram as suas responsabilidades, sendo que o grupo 1 contou com o apoio da Edu II e o grupo 2 com o apoio da Edu I.
- O grupo 2 iniciou o seu trabalho pesquisando ideias para a decoração do espaço exterior do recreio, que consistirá no uso de pneus (a servir de bancos), decorações das árvores com pequenas lonas que terão frases inspiradoras e gambiarras. Os jovens J III, J VIII e J V foram até outra sala contar quantos pneus tinham para usar e as suas medidas, sendo que concluíram ter 42 pneus de tamanhos diversos. Foram surgindo várias ideias, desde usar os pneus como bancos, a decoração de paredes. Surgiu a necessidade de arranjar cordas e a jovem J I recordou que a freguesia tem a empresa Cotesi e que poderiam pedir apoio. O jovem J III prontificou-se a arranjar tinta em spray. Aos poucos, o grupo foi-se tornando mais organizado, focado e participativo, embora os jovens J V e J VIII continuassem a ter algumas brincadeiras, nomeadamente de mexer no telemóvel um do outro. A jovem J VI demonstrou estar um pouco negativa ao futuro da ideia das bandeirinhas com frases inspiradoras, referindo “Vamos fazer isto e vão estragar. Não vai durar uma semana.”
- A Edu I desafiou o grupo a lembrarem-se de frases inspiradoras no âmbito da Academia de Líderes Ubuntu, sendo que os jovens foram referindo frases como “Eu sou porque tu és”; “Eu tenho um sonho”; “Tudo é impossível até que seja feito”. A educadora entregou aos jovens um pequeno livro, A6, intitulado “Declaração Universal dos Direitos Humanos & Manifesto Ubuntu”, que foram distribuídos pelo IPAV no Dia Internacional de Vivemos Juntos em Paz. Os jovens foram folheando e encontrando novas frases inspiradoras. A 10 minutos

do final da sessão, o grupo voltou a ficar mais agitado e brincalhão, usando os livros e canetas para atirarem uns aos outros.

- A Edu I demonstrou estar com dificuldade em ter o foco do grupo, chamando várias vezes a atenção à jovem J VII e ao jovem J VIII. Terminou a sessão com a questão presente nas últimas folhas do livro, “Como posso, a partir da bússola Ubuntu ser agente e promotor/a de Paz?”, sendo que o jovem J III referiu “Ajudar os outros. Dar direções aos outros (bússola Ubuntu).”.
- Após o término da sessão, dirigi-me até ao Gabinete de SPO para realizar uma entrevista coletiva com as jovens J I e J V, que se mostraram participativas, embora um pouco nervosas na fase inicial. Por volta das 18h terminamos a entrevista.

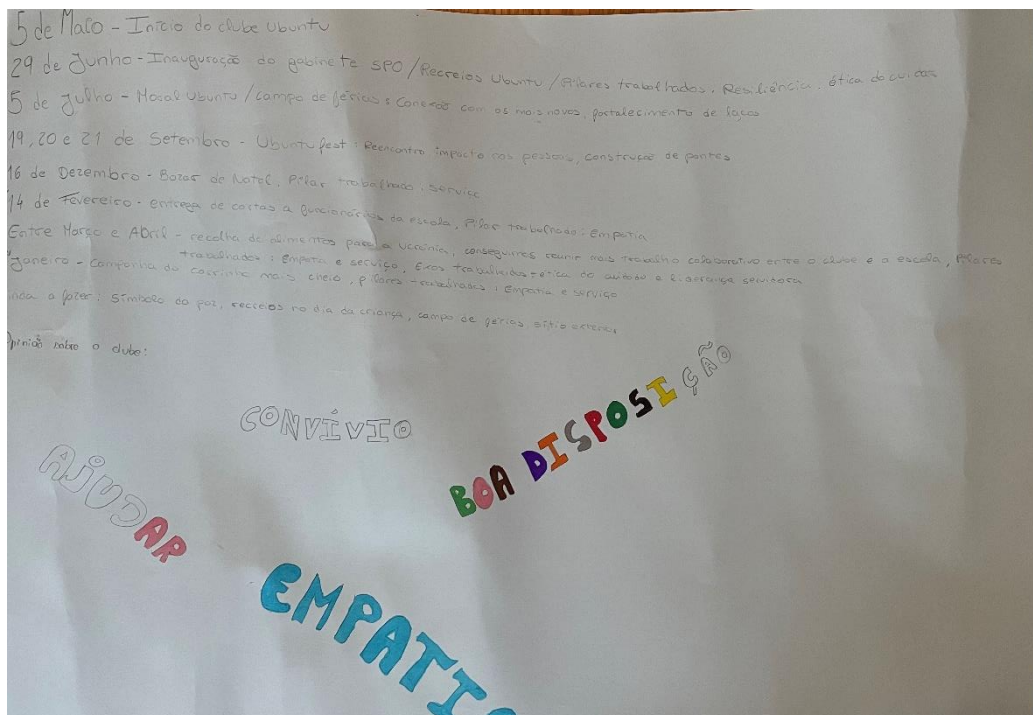


Imagem 3 Resultado do Focus Group 1



*Imagem 4 Dinamização Focus Group 1*

## **VII. 19 de maio de 2022, entre as 16h00 e as 16h30**

- No presente dia tinha agendada a entrevista com o jovem J IV que, embora inicialmente o encarregado de educação não tenha autorizado a sua participação na investigação por o jovem já ter diversas atividades e estar num final de ciclo que obriga a uma maior atenção às notas escolas, após uma conversa com o jovem referindo que só iria requerer uma hora num dia à escolha dele, o jovem e os pais autorizaram a sua participação. Dado que o jovem já se encontra no Clube Ubuntu desde o ano letivo 2020/21 e sempre com uma postura bastante ativa, tanto presencialmente, como nas redes sociais, identifiquei-o como importante na presente recolha empírica.
- Quando faltavam cerca de 10 minutos para a hora agendada (16h15), jovem J IV veio ter comigo ao carro que se encontrava estacionado no parque de estacionamento em frente à Escola Básica Júlio Dinis, solicitando que iniciássemos a entrevista um pouco mais cedo. Rapidamente nos dirigimos para o interior da escola, fazendo uma breve paragem na Sala de Recursos onde se encontrava a Edu II que me entregou a chave do Gabinete de SPO para realizar a entrevista com o jovem. De salientar que sempre que necessito de um espaço para realizar alguma entrevista da presente investigação, a Edu II rapidamente cede um espaço da escola.
- O jovem J IV demonstrou-se inicialmente nervoso, mas falando sempre de um modo transparente e apontando sentir-se muito alinhado com o projeto desde

inicio. O jovem ainda referiu estar maravilhado com o espaço de SPO, orgulhoso por ter contribuído para a concretização daquele projeto do Clube com forte impacto e uso pela comunidade escolar. Pelas 16h30 demos por terminada a entrevista.

### **VIII. 25 de maio de 2022, entre as 14h30 e as 16h00**

- A sessão iniciou-se às 14h30, na sala de EV habitual, considerada pelo grupo como a sala Ubuntu, sendo que já estavam a iniciar a sessão, debatendo os afazeres, nomeadamente pintar os pneus que servirão de decoração no Recreio Exterior, contudo alguns jovens não trouxeram roupa mais confortável e demonstraram estar receosos de a sujar com tinta, visto já o terem feito em atividades anteriores. O grupo contava com 9 jovens – J I; J VIII; J III; J V; J IX; J IV; J VII; J II; J VI – e encontravam-se em silêncio a escutar as educadoras, focados e calmos. Por volta das 15h45 dirigiram-se ao exterior para iniciar a pintura dos pneus, com as orientações da Edu I que referiu “Para render, precisamos de trabalho organizado” e dividiu o grupo em dois com estações de pintura e de secagem. O grupo 1 contou com J VI, J VII, J II, J IX e a Edu I; o grupo 2 contou com J III, J IV, J VIII, J I, J V. Os jovens rapidamente iniciaram a atividade, exceto a jovem J IX que verbalizou não querer pintar a Edu I responsabilizou-a por levar os pneus pintados para a estação de secagem. A jovem J VI opôs-se, referindo que a jovem J IX pode sempre fazer o que quer e a educadora procurou acalmar a situação, abordando a exigência que por vezes colocamos no outro e sobre compreender o outro. A jovem J IX mantém sempre uma postura distanciada do grupo e um pouco nervosa, será necessário averiguar junto das educadoras se existe algum diagnóstico associado ao comportamento da jovem. A Edu I respeitando o tempo e o espaço da jovem J IX, conseguiu que a mesma começasse a pintar os pneus como os restantes colegas.
- O grupo 1 contava com a jovem J II mais ativa na pintura, sendo que esta jovem demonstra ser reservada, mas facilmente, por iniciativa própria, junta-se às conversas do grupo. As jovens J VII e J VI distanciaram-se da tarefa por cerca de 10 minutos com a jovem J V para falarem, a Edu I não se opôs, foi chamando-as para a tarefa cerca de 2 vezes. Passados 15 minutos de regressarem à pintura, pediram para ir lanchar, enquanto o bar ainda se encontrava aberto.

- O grupo 2 mostrou muito ativo na pintura e na colaboração entre eles, sendo que iam falando sobre música e filmes, procurando conhecerem-se melhor e encontrar gostos em comum, sendo que, por exemplo, os jovens J III e J IV descobriram que ambos gostam da banda *Metallica*.
- Por volta das 15h15, alguns jovens questionaram a educadora se poderiam ouvir música, sendo que esta foi buscar a sua coluna e foi colocando músicas ao seu gosto, mas, também, músicas escolhidas pelos jovens.
- O jovem J III mostrou inibido na entrevista individual e referiu não reconhecer em si traços de liderança, contudo, nas sessões tem-se demonstrado bastante solícito e proactivo, abraçando os desafios e atividades rapidamente e com garra. Na presente sessão referiu à Edu I que “Se for preciso roxo, eu tenho e trago.”
- Importa salientar o comportamento do jovem J VIII ao longo da sessão. Geralmente, este jovem é caracterizado pelo seu comportamento disruptivo, todavia, na presente sessão esteve bastante calmo, focado e ativo na atividade; fazendo parceria com a jovem J I na pintura e embora tenham tido algumas pequenas brincadeiras com a tinta, demonstraram perfeccionismo e atenção. A Edu I referiu que o iria parabenizar no final da sessão e é por saber que em atividades mais práticas ele consegue estar focado e em silêncio que ainda não desistiu dele. Não obstante, referiu que a Edu II já desistiu do jovem. A Edu II só esteve presente nos primeiros 10 minutos da sessão e, quando o grupo se dirigiu ao exterior para iniciar a pintura, ausentou-se, desconhecendo-se a razão.
- Por volta das 15h55 o grupo começou a arrumar e limpar o espaço, deixando todos os pneus pintados ao sol. Alguns membros do grupo ficaram ofendidos e zangados quando descobriram que alguém escreveu numa das casas de banho da escola “Fora Ubuntu” e comprometeram-se a procurar saber quem o fez, nomeadamente a jovem J I e o jovem J IV, os mais velhos do grupo. A Edu I desvalorizou a situação.
- Dado que o grupo demonstrou uma certa frustração por não terem conseguido dar vazão à recolha de roupa, mantas e kits de higiene para a Ucrânia (e dado que a Junta de Freguesia não conseguiu avançar com o comprometido), através de um contacto na SEIVA - Associação ao Serviço da Vida, uma associação que trabalha diretamente com população migrante e refugiada, consegui que fossem no final da sessão recolher os bens. Os jovens rapidamente arregaçaram mangas e

começaram a encher a carrinha com os bens recolhidos. De salientar, a liderança e proatividade dos jovens J III, J IV e J II nesta tarefa. A satisfação do grupo a ver uma carrinha cheia de bens que irão apoiar famílias que vieram à procura de melhores condições de vida em Portugal, foi grande.

- Por volta das 16h15 terminou a sessão e iniciei um focus group com as jovens J VI, J VII e J II. As jovens J VI e J VII estavam agitadas e na brincadeira uma com a outra, contudo rapidamente acalmaram, focaram e iniciaram as suas partilhas. Inicialmente, demonstraram estar um pouco inibidas, mas, aos poucos, foram participando e falando cada vez mais. De salientar que a jovem J VII no focus group dinamizado por outro projeto de investigação não falou e neste já se encontrou mais à vontade. Por volta das 17h15 terminamos o focus group.



*Imagem 5 Pintura dos Pneus Decorativos*



*Imagem 6 Entrega dos Bens Recolhidos para os Ucrrianos*





Imagem 7 Dinamização do Focus Group 2

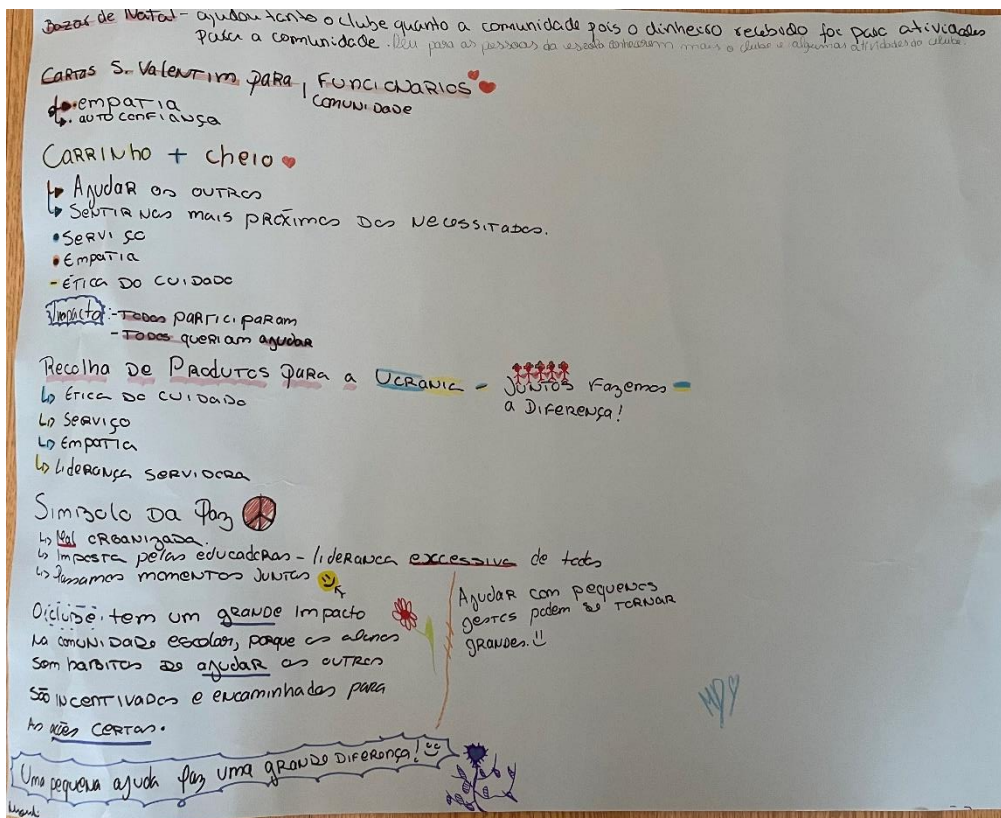


Imagem 8 Resultado Focus Group 2

## **IX. 8 de junho de 2022, entre as 14h30 e as 16h00**

- Por volta das 14h25 ingressei na Escola Básica Júlio Dinis, esta encontrava-se bastante mais agitada que nas quartas-feiras habituais – dado que não há aulas, geralmente tem muito menos movimento -. A Jovem J V interessou-me e deu-me a conhecer que iria decorrer um torneio de voleibol e que ela não iria ao Clube, para apoiar a sua turma que iria jogar.
- Indo ao encontro da sala do Clube Ubuntu, encontrei as jovens J II e J I, que demonstraram ao longo da sessão estar mais próximas e conversadoras uma com a outra. Por volta das 14h30 os jovens começaram-se a juntar na sala com as educadoras – Edu I e Edu II. Contudo, o grupo demonstrou estar bastante agitado, atropelando-se em diferentes diálogos. Rapidamente os jovens intercetaram as educadoras e partilharam que às 15h00 gostariam de sair para assistir ao torneio. Dado que a grande maioria pretendia o mesmo, as educadoras aceitaram e após acertarem alguns pontos do Clube, a Edu II foi com os jovens J VII, J VI, J VIII, J V para o exterior e a Edu I ficou com as jovens J I, J II e J IX a finalizar uma tarefa.
- Até as 15h, a Edu II pediu a atenção do grupo para tratar de alguns pontos importantes, nomeadamente para informar que o Clube necessitaria de prolongar as suas sessões até julho por duas razões: primeiramente, para terminarem os projetos com que se comprometeram, sendo que a educadora A referiu “Vamos abandonar o barco a meio? (...) Foram vocês que pediram a intervenção no espaço exterior.” A jovem J V confirmou a intenção deles avançarem com o espaço exterior. A Edu II interpelou o jovem J VIII com uma questão que tinha, nomeadamente “O que é que aconteceu aos pneus?” Os pneus que os jovens têm andado a decorar nas últimas duas sessões para servir de adereço na intervenção do espaço exterior. O jovem J VIII afirmou que viu outros jovens da escola a “mandar os pneus uns aos outros” e que se riu e nada fez. A jovem J II disse que viu situações do género, mas como tinha medo de interpelar os jovens, foi pedir ajudar a auxiliares ou professores.
- De seguida, a Edu II referiu que já obtiveram resposta do hotel que tinham pensado para o campo de férias, mas o mesmo disse que só poderiam passar lá um dia, logo, decidiram começar a contactar pousadas da juventude. Não obstante, as educadoras trouxeram outra proposta o grupo, proveniente do IPAV, que o grupo



aceitou. Dias 15,16 e 17 de julho decorrerá o Ubuntu Fest em Tomar, e a organização, com as suas parcerias, fornecem transporte, alojamento e alimentação. Avançando com esta proposta para o campo de férias, as educadoras referiram necessitar de realizar uma reunião com os encarregados de educação, na próxima terça-feira, dia 14 de junho, às 19h, online. O grupo demonstrou-se reativo, atropelando-se com várias questões e referindo falta de disponibilidade pela parte dos pais, o jovem J VIII referiu que mãe será operada e não sabe o tempo de recuperação. As educadoras afirmaram que entrarão em contacto direto com os encarregados de educação e se necessário terão reuniões individuais. O grupo demonstrou alguma resistência por ter de ir apanhar o transporte no Porto para Tomar, dado que há poucos transportes públicos na zona. As educadoras referiram ainda estar a analisar essa situação e a jovem J V disponibilizou lugares no carro dos pais para levar alguns colegas.

- Importa referir que ao longo desta primeira meia hora, as educadoras demonstraram ter dificuldade em falar e manter o grupo atento. As educadoras ainda salientaram que na próxima quarta haverá outra sessão, em que os quintos e sextos anos escolares continuarão a pintar o símbolo da paz e o Clube continuará a estruturar a intervenção do recreio exterior. Sendo que a Edu II sublinhou que “em julho há Ubuntu, até irmos a Tomar”, alguns membros do grupo demonstraram-se desagradados por quererem ir de férias, a jovem J I salientou que já estava de férias, por ser do 9º ano, e que continua presente nas sessões. Relativamente a continuarem em atividades que exige pintura a jovem J VI reivindicou que a jovem J IX não pinta, questionado “Vão todos pintar?” e começou a discursar sobre o caso da jovem J IX. A Edu II elevou ligeiramente o tom de voz e referiu “vais deixar de ser assim que tu até és uma boa rapariga”, enunciando as sessões em que a jovem J IX pintou e participou, e as jovens J VII e J VI estavam na brincadeira. A jovem J VI aceitou, virou costas e saiu para assistir ao torneio como os restantes jovens mencionados e a Edu II.
- Na sala permaneceu a Edu I com as jovens J IX, J I e J II que continuaram o trabalho de decorar as bandeirinhas com as frases inspiradoras que já tinham selecionado. A educadora procurou conhecer melhor a jovem J IX, perguntando como se tem sentido em turma, como se sente em ir a Tomar. Em grande grupo, abordou-se o tema da escolha de cursos e saídas profissionais.

- No início da sessão questionei a jovem J II sobre os recreios Ubuntu que aconteceram no dia 1 de junho, dia da criança e referiu que as educadoras estiveram com os jovens do 2º ciclo a pintar o símbolo da paz. Não obstante, a Edu I afirmou que estiveram a dinamizá-los com os jovens de etnia cigana da escola, colocando músicas ciganas ao gosto deles e que no intervalo juntaram-se membros do Clube – apontando para a jovem J I - e os jovens do 2º ciclo. A educadora referiu que correu bem, mas às 13h começou a chover e não foi possível terminar a pintura.
- Por volta das 15h40, acompanhada pelas jovens J I e J II, fui até ao átrio da escola conhecer a exposição que o Clube tinha preparado com as fotos das atividades do Clube e semanas Ubuntu que decorreram no presente ano letivo. As jovens demonstraram-se entusiasmadas à procura delas mesmas e dos colegas nas fotos. A exposição dá visibilidade ao projeto.
- Às 16h as jovens presentes na sala ajudaram a Edu I a arrumar os materiais e deram por terminada a sessão.



Imagem 9 Exposição do Projeto na Escola



Imagem 10 Preparativos para o Recreio Exterior

## **Anexo 12 – Relatório de Atividades do Projeto na Escola 2020/2021**

**Relatório: Academia de Líderes Ubuntu**  
**Agrupamento de Escolas Júlio Dinis - 2020/ 2021**

**Introdução**

Este documento pretende fazer uma síntese das ações desenvolvidas no âmbito da implementação da medida **Academia Ubuntu** no âmbito do Plano Nacional de Promoção do Sucesso Escolar (PNPSE). Pretende complementar-se assim a informação enviada para este programa que deu conta da monitorização dos resultados no âmbito da implementação do Plano de Desenvolvimento Social e Comunitário desta medida.

No âmbito da implementação da Academia Ubuntu no Agrupamento de Escolas Júlio Dinis (Grijó – Vila Nova de Gaia), definiram-se os seguintes objetivos e metas a atingir:

**Objetivos a atingir**

- Geração de sentido e propósito de vida para maior investimento dos estudantes no seu percurso escolar;
- Reforço de uma ética do cuidado (cuidar de si, cuidar dos outros e cuidado do planeta);
- Reforço de competências socio-emocionais associadas aos pilares Ubuntu (Autoconhecimento, autoconfiança, resiliência, empatia e serviço);
- Desenvolvimento de competências de liderança servidora dos estudantes tendo em vista o serviço à comunidade educativa e local.

**Metas a atingir**

- Melhoria do sucesso educativo, quer nos resultados evidenciados, quer em indicadores correlacionados (autoavaliação qualitativa dos participantes, avaliação qualitativa dos docentes e diretores de turma);
- Os participantes na medida Academia Ubuntu reduzirem as ocorrências disciplinares e aumentarem a assiduidade. Empenharem-se em ações de serviço à comunidade educativa, nomeadamente de voluntariado e de mentoria dos estudantes mais novos.

Para a prossecução dos objetivos e metas descritas, desenvolveram-se as seguintes atividades:

**1. Atividade: A formação dos quadros a contratar, bem como de outros educadores do Agrupamento, na metodologia Ubuntu, com a participação numa Oficina de 50h de formação.**

- **Indicadores de resultado:** Formação de 5 formadores na Academia de Líderes - metodologia Ubuntu: **11 participantes na Formação de Educadores Ubuntu;**
- **Indicador de realização/ execução:** Formação de educadores na metodologia Ubuntu;
- **Indicador de participação:** Nº de educadores que obtiveram a formação na metodologia Ubuntu: **10 participantes com certificado de Formação de Educadores Ubuntu;**
- **Indicador de impacto:** Níveis médios de satisfação com a participação na Formação de Educadores Ubuntu, **superiores a 7 (numa escola de 1-10);**
- **Instrumento de avaliação:** Questionário utilizados pelo IPAV

**2. Atividade: Desenvolvimento de 6 Semanas Ubuntu, com a participação de 120 estudantes do Agrupamento (uma por mês)**

- **Indicador de Resultado:** **Realização de 6 Semanas Ubuntu com 120 estudantes participantes;**
- **Indicadores de realização/ execução:** **Semanas executadas no 3º período;**
- **Indicadores de impacto:** **Níveis médios de satisfação com a participação na semana Ubuntu superiores a 7 (numa escala de 1-10);**
- **Instrumento de avaliação:** Questionário realizado pelo IPAV (pré e pós teste - antes e depois das semanas)

**3. Atividade: Criação do Clube Ubuntu, com o desenvolvimento de um plano de atividades centradas nos objetivos definidos, que envolvam diretamente os estudantes que participaram nas Semanas e, sempre que possível, possam interagir com os restantes estudantes.**

- **Indicador de resultado:** Constituição do Clube Ubuntu. Participantes dedicam, no mínimo, 1 hora por semana, dentro do horário curricular, às atividades do Clube – **Clube em funcionamento desde 5 de maio de 2021**
- **Indicadores de realização/ execução:** **Desde o seu início realizaram-se 7 sessões do Clube.**
- **Indicador de participação:** Nº de participantes: **12 participantes**
- **Indicador de impacto:** Regista-se um elevado nível de colaboração da Academia Ubuntu com outras iniciativas / programas em curso no agrupamento.
- **Instrumentos de avaliação:** Registo de presença; Registo de sessões; Nº de articulações com outras iniciativas do Agrupamento.

**4. Atividade: Atividades dirigidas à comunidade educativa, integradas no projeto educativo da escola**

- **Indicador de realização/ execução:** Atividades: **1."O Carrinho + cheio"; 2."Mega-Evento Ubuntu"; 3."Abraço numa carta" Exposição Semanas Ubuntu; 4. Pintura do Mural; 5. Animação de Recreios Ubuntu, 6. Criação do gabinete de apoio e informação ao aluno;**
- **Indicador de participação:** Atividade 1: todos os alunos e professores das turmas do 2º e 3º ciclo; Atividade 2: todos os alunos e diretores de turma do 3ºciclo; Atividade 3: cartas escritas pelos alunos participantes num total de 63 cartas; Atividade 4: Alunos do Clube Ubuntu e outros participantes; 5: Alunos do Clube Ubuntu; 6. Alunos do Clube Ubuntu, familiar e empresas
- **Indicador de impacto:** Incremento médio de 20% nos indicadores utilizados na metodologia Ubuntu: 5 pilares, através de hetero-avaliação dos participantes, comparando o início e o final da intervenção;
- **Instrumento de avaliação:** Nº de participantes nas atividades desenvolvidas. Registos fotográficos



## 5. Atividade: Atividades criadas no âmbito do E@D – período de confinamento

- **Indicador de realização/ execução: "Mega-Evento Ubuntu", Recreios AEJD 2ºciclo, Museu Virtual do Auto-conhecimento**
- **Indicador de participação:** Participantes do Mega-evento Ubuntu: todos os alunos do 3º ciclo, DT´s, IPAV, Direção, Educadores Ubuntu; Participantes com trabalhos anexados no Classroom - Atividades Museu virtual/Emblema Humano, total: 114. Participantes nos recreios AEJD 2ºciclo / UBUNTU 3ºciclo, total: 35 alunos.
- **Indicador de impacto:** Incremento médio de 20% nos indicadores utilizados na metodologia Ubuntu, através de hetero-avaliação dos participantes, comparando o início e o final da intervenção.
- **Instrumento de avaliação:** Nº de participantes nas atividades desenvolvidas

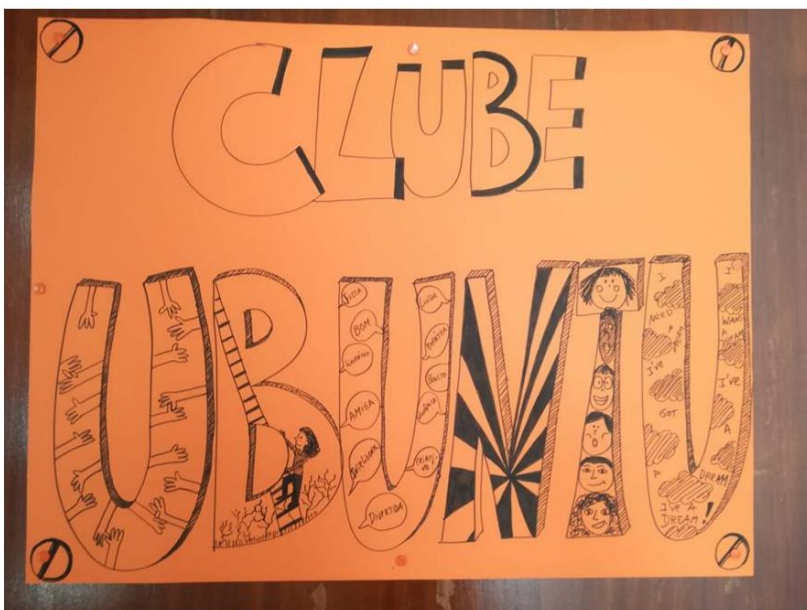
Para além destas atividades a equipa de trabalho também participou em ações de formação, workshop (exemplo: "Contos Ubuntu", Dinamização de atividades, etc) e outros momentos de acompanhamento da Academia, focus group de investigação sobre a implementação do projeto, todas ações promovidas pelo IPAV.

**... Tudo parece impossível até que seja feito  
Nelson Mandela**

... depois de 6 semanas UBUNTU... 6 grupos. 6 turmas.



... nasce o Clube Ubuntu Júlio Dinis





## Atividades desenvolvidas no âmbito do Clube Ubuntu Júlio Dinis

### 1. Atividade: "O Carrinho Mais Cheio"



### 2. Atividade: Exposição Semanas Ubuntu



### Os 5 Pilares Ubuntu



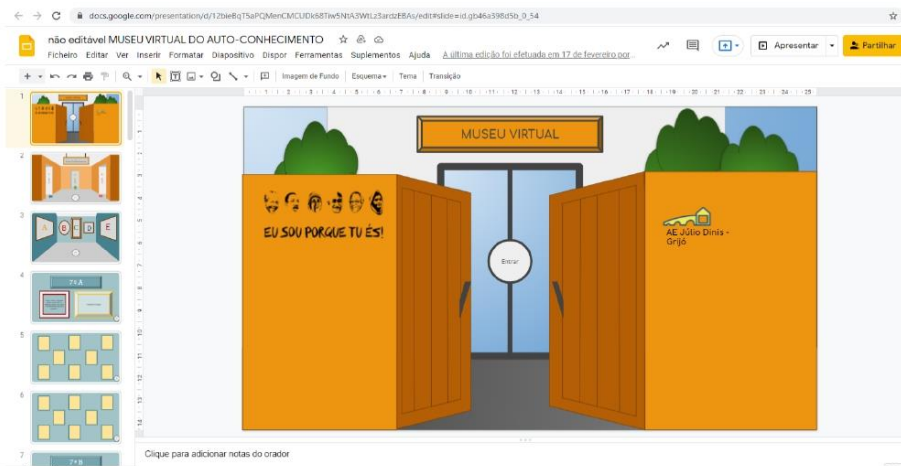
### 3. Atividade: Criação do Gabinete de Apoio e Informação ao Aluno



#### 4. E@D: Mega Evento Ubuntu



#### 5. E@D: Museu Virtual do Auto Conhecimento



**6. Campo de Férias Ubuntu: 5 a 9 de julho – 10h/ 13h – férias letivas**  
**Nº de participantes: 12**

**1º dia: Autoconhecimento**

Organizar página de Facebook do Clube e Mural do Auto Conhecimento



**2º dia: Auto – Confiança**

Início da Pintura do Mural do Ubuntu, a partir de desenho realizado por aluno nas semanas Ubuntu





### 3º dia: Resiliência

Animação de Recreios para o 2º ciclo – equipa de Animadores



### 4º dia: Empatia:

Entrevista a professor Mário da Escola Básica Júlio Dinis



### 5º dia: Celebração

Finalização do Mural Ubuntu e Piquenique



### Mural Ubuntu

